

A row of books by Malba Tahan on a wooden shelf. The books are of various colors and sizes, with some titles visible on the spines. The background is a light-colored wood grain.

BOLETIM DO CENTRO DE MEMÓRIA DA EDUCAÇÃO

Edição Especial

Cinquentenário da Faculdade de Educação
(1972-2022)

Editora FE - Unicamp

BOLETIM DO CENTRO DE MEMÓRIA DA EDUCAÇÃO

Edição Especial

Cinquentenário da Faculdade de Educação
(1972-2022)



Editora FE - Unicamp
Campinas, 2023

EXPEDIENTE

Este Boletim é uma publicação do **Centro de Memória da Educação da Faculdade de Educação da Unicamp** – CME/FE

Organizadoras

Maria Alice Giannoni
Sonia Ap. Ferraz de Campos

Colaboradores

André Luiz Paulilo
Inês Ferreira de Souza Bragança
Adriana Varani

CENTRO DE MEMÓRIA DA EDUCAÇÃO DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UNICAMP – CME/FE

Diretor **Prof. Dr. Renê José Trentin Silveira**
Diretor Associado **Prof. Dr. Alexandro Henrique Paixão**

COORDENAÇÃO DO CME/FE
Coordenadora **Profa. Dra. Inês Ferreira de Souza Bragança**
Coordenadora Associada **Profa. Dra. Adriana Varani**

Conselho Científico CME/FE e representações

Profa. Dra. Inês Ferreira de Souza Bragança (coordenadora - CME)
Profa. Dra. Adriana Varani (coordenadora associada - CME)
Prof. Dr. André Luiz Paulilo (FE - Unicamp)
Ana Cláudia Cermaria Berto (Centro de Memória da Unicamp - CMU)
Telma Maria Murari (Sistema de Arquivos da Unicamp - SIARQ)
Renata Oriole (Biblioteca Prof. Joel Martins)
Maria Alice Giannoni (conservação e restauro - CME)

Endereço

Rua Bertrand Russell, 801 - Cidade Universitária, Campinas - SP, 13083-865
Fone: 35215692 | E-MAIL: cmefe@unicamp.br
<https://www.fe.unicamp.br/a-fe/institucional/centro-de-memoria-da-educacao>
<https://cmefeunicamp.wordpress.com/>

FICHA TÉCNICA

Creative Commons CC-BY

TIRAGEM: e-Book

Normalização Bibliográfica:

Simone Lucas Gonçalves de Oliveira

PUBLICAÇÕES | Biblioteca | Faculdade de Educação – Unicamp

Supervisão: Roberta Pozzuto

Preparação: Raffaella Pellini

Diagramação Final (miolo e capa): Paloma V. Solha

Capa: fotografia Estante Malba Tahan, por Paloma V. Solha

EDITORA FE – UNICAMP

Série Editorial: *Outros Olhares*

Conselho Editorial

Prof. Dr. Alexandro Henrique Paixão

Profa. Dra. Helena Sampaio

Profa. Dra. Maria Inês F. Petrucci Rosa

Prof. Dr. Nelson Schapochnik

Roberta R. Fiolo Pozzuto

Prof. Dr. Roberto Nardi

Prof. Dr. Silvio D. O. Gallo

Simone Lucas G. de Oliveira

Prof. Dr. Walter Omar Kohan

FICHA CATALOGRÁFICA

Catálogo na Publicação (CIP) elaborada por
Rosemary Passos – CRB-8^o/5751

B637 Boletim do Centro de Memória da Educação: edição especial
cinquentenário da Faculdade de Educação (1972-2022) /
Organizadoras: Maria Alice Giannoni, Sonia Ap. Ferraz de Campos;
Colaboradores: André Luiz Paulilo, Inês Ferreira de Souza Bragança,
Adriana Varani. - Campinas, SP: FE/UNICAMP, 2023.

325 p.: il.

ISBN: 978-65-87175-33-1

1. Memória. 2. Educação. I. Giannoni, Maria Alice (org.). II. Campos,
Sonia Ap. Ferraz de (org.). III. Paulilo, André Luiz (colab.). IV. Bragança,
Inês Ferreira de Souza (colab.). V. Varani, Adriana (colab.). VI. Título.

20^a CDD – 370



agosto - 2023
ISBN: 978-65-87175-33-1

“...um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que um acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo que veio antes e depois...”

WALTER BENJAMIN

NESTA EDIÇÃO

APRESENTAÇÃO	9
<i>Boletim do Centro de Memória da Educação: cinquentenário da Faculdade de Educação</i>	10
Apresentação	10
Inês Ferreira de Souza Bragança	
Adriana Varani	
FACULDADE DE EDUCAÇÃO 50 ANOS	14
<i>Educadores (as): entre memórias e histórias da Faculdade de Educação</i>	16
Cerimônia de abertura dos 50 anos da FE	16
Renê José Trentin Silveira	
Entrevista referente ao educador Paulo Freire e à Faculdade de Educação da Unicamp	24
Antônio Muniz de Rezende	
O COLE nos 50 anos da Faculdade de Educação da Unicamp	28
Ezequiel Theodoro da Silva	
Notas esparsas sobre uma gestão	33
Dirce Djanira Pacheco e Zan	
Débora Mazza	
Biblioteca Prof. Joel Martins da FE/UNICAMP: vanguarda no provimento de informações e leitura e contribuições com a constituição da memória em educação	37
Simone Lucas Gonçalves de Oliveira	

<i>Faculdade de Educação, fundação e destaques históricos</i>	44
O alicerce da Faculdade de Educação	46
Sérgio Aparecido Lorenzato	
Alguns fatos e acontecimentos na trajetória da Faculdade de Educação	48
Maria Alice Giannoni	
Sonia Ap. Ferraz de Campos	
<i>O educador Paulo Freire</i>	182
Cem anos de Paulo Freire - FE/UNICAMP	182
Antônio Muniz de Rezende	
CENTRO DE MEMÓRIA DA EDUCAÇÃO	185
<i>Sobre o CME</i>	186
Centro de Memória da Educação, um depoimento	186
Águeda Bernardete Bittencourt	
O Centro de Memória da Educação da Faculdade de Educação – Unicamp: um projeto, muitos desafios	189
Maria do Carmo Martins	
O Centro de Memória da Educação entre 2012 e 2016	200
André Luiz Paulilo	
Centro de Memória da Educação (gestão 2018-2021)	203
Arnaldo Pinto Junior	

<i>Acervo do CME</i>	207
Malba Tahan (MT): Importância do acervo Malba Tahan para a pesquisa em educação matemática	209
Sérgio Aparecido Lorenzato	
Revista Brasileira de História da Educação (RBHE): Organização do acervo da Revista Brasileira de História da Educação	220
André Luiz Paulilo	
Congresso de Leitura do Brasil (COLE): O acervo do Congresso de Leitura do Brasil no Centro de Memória da Educação	222
Lilian Lopes Martin da Silva	
<i>Guia do Acervo CME</i>	224
<i>Colaboradoras</i>	239
O acervo Malba Tahan – minhas memórias	239
Marli Marcondes	
O Centro de Memória da Educação nos 50 anos da FE	246
Maria Alice Giannoni	
Sonia Ap. Ferraz de Campos	
GALERIA DE IMAGENS	254
<i>Fotografias</i>	255
Para além da câmera escura	255
Marli Marcondes	
Faculdade de Educação no Ciclo Básico	257
Vista da entrada e lateral do prédio da Faculdade de Educação (1999)	260

Exposição 30 anos Faculdade de Educação (2002) 261
Recuperando as obras de Malba Tahan (2022) 264
Equipe de trabalho do Centro de Memória da Educação (2023) 267

HOMENAGEM (*in memoriam*)..... 269
Autobiografia de Antonio Muniz de Rezende (1928-2023)

AUTORES 311

BOA LEITURA!

APRESENTAÇÃO

1

Boletim do Centro de Memória da Educação: cinquentenário da Faculdade de Educação

APRESENTAÇÃO

Profa. Dra. Inês Ferreira de Souza Bragança
Docente do DEPRAC/FE¹ e
Coordenadora do Centro de Memória da Educação

Profa. Dra. Adriana Varani
Docente do DEPRAC/FE e
Coordenadora Associada do Centro de Memória da Educação

Com entusiasmo, chegamos, em junho de 2022, para compor a coordenação do Centro de Memória da Educação (CME) da Faculdade de Educação (FE/UNICAMP). Ao longo de nossas histórias de trabalho, admirávamos e víamos a importância do CME, mas conhecíamos ainda muito pouco. O tempo de engajamento chegou, pouco a pouco vamos nos aproximando e só confirmando suas potencialidades.

¹ DEPRAC – Departamento de Práticas Culturais

O Centro de Memória da Faculdade de Educação se localiza no prédio da biblioteca da FE/UNICAMP, o que reafirma a sua relevância como instância de pesquisa, acessível à comunidade acadêmica, espaço vivo, repleto de construção de vínculos com a produção acadêmica, um lugar de circulação de ideias, memórias e histórias.

Logo nos primeiros encontros de nossa gestão, fomos apresentadas a um especial projeto em andamento: o Boletim comemorativo do cinquentenário da FE! O convite da Direção encontrou acolhida fértil - Maria Alice Giannoni, Sonia Aparecida Ferraz de Campos e o Prof. André Paulilo organizaram a proposta que, aqui, apresentamos. O que encontramos no Boletim? Uma polifonia de vozes, memórias e histórias que nele se enredam, agregando elementos importantes em uma composição que nos dá a conhecer e sentir movimentos de uma história viva, tecida com muitas e muitos que nos antecederam, outras/os que estão conosco e se abre em desejo às/aos que virão.

O Boletim está organizado em três partes. Em **Faculdade**

de Educação – 50 anos encontramos as primeiras palavras entre memórias e histórias da FE, juntamente com fontes documentais que nos ajudam a retomar alguns fatos e acontecimentos por meio de imagens, reportagens de jornais, dentre outros. A segunda parte é dedicada ao **Centro de Memória da Educação**. Nas palavras de professora e professores que coordenaram o CME e de colaboradoras, como a profa. Marli Marcondes, somos conduzidos aos movimentos de constituição, desenvolvimento, bem como das múltiplas dimensões do trabalho realizado ao longo dos seus 21 anos. Seguimos com a apresentação de cada um dos fundos e de um guia do acervo. A terceira parte é constituída por uma **Galeria de imagens**.

Estão presentes no Boletim vozes de professoras e professores que colaboraram com a construção da FE e do CME, ocupando diferentes *temposespaços* de diálogo. Dentre eles, a voz do diretor da instituição, prof. Dr. Renê, do ex-diretor prof. Antônio Muniz de Rezende, bem como do prof. Dr. Ezequiel Theodoro da Silva que apresenta o enredamento

do COLE nos 50 anos da FE. Ainda escrevem alguns ex-coordenadores do CME – Profa. Dra. Maria do Carmo Martins, Prof. Dr. André Luiz Paulilo e Prof. Dr. Arnaldo Pinto Junior.

Estão presentes também referências sobre Paulo Freire, pela voz do professor Antonio Muniz de Rezende, que tão bem retrata parte de sua experiência nesta instituição, relevante pelo seu caráter político, por se dar na volta de seu exílio e por ter colaborado com a construção de uma educação libertadora por onde passou no interior desta universidade.

Dentre as várias atividades acadêmicas do CME, damos lugar especial para os acervos documentais Malba Tahan, Congresso de Leitura do Brasil (COLE) e Revista Brasileira de História da Educação, bem como às iniciativas de ser espaço agregador, apoiador e promotor de pesquisa e extensão, por meio de cursos de difusão científico-cultural e eventos acadêmicos. O Boletim traz registros destes acervos documentais através das vozes de seus responsáveis. O acervo de Malba Tahan é enredado nas vozes do professor Dr. Sérgio Lorenzatto que conta sobre a importância deste fundo para a

pesquisa em educação matemática. O professor Dr. André Paulilo traz dados sobre a obra da Revista Brasileira de História da Educação e a professora Dra. Lilian Lopes M. Silva enreda o lugar do COLE no CME.

Para além de um Boletim, podemos afirmar que este documento congrega um trabalho de pesquisa que foi realizado com muito cuidado por **Maria Alice Giannoni** e **Sônia Aparecida Ferraz de Campos**, responsáveis pelo trabalho cotidiano no CME. Elas recuperaram fotos, materiais diversos, além de realizarem pesquisa de fontes no Correio Popular, e estabelecerem o diálogo com vários protagonistas da história. O resultado é um rico material memorialístico, que reflete e refrata o papel de um Centro de Memória.

A escuta sensível das vozes que circulam nos materiais para o boletim, fez com que a composição que se apresenta fosse cuidadosamente tecida. Em **Alguns fatos e acontecimentos na trajetória da Faculdade de Educação** temos, assim, os documentos organizados por elas e apresentados em ordem cronológica. Fazemos um convite para

que cada documento seja visitado livremente, em idas e voltas que favoreçam muitas versões da história a serem contadas por cada um de nós.

No contexto da Universidade, destacamos a importância de assumir, nas ações do CME, o seu papel de indissociabilidade do ensino, pesquisa e extensão - tripé que contribui para o diálogo entre FE/Unicamp e a comunidade educacional externa, especialmente, escolas das redes públicas de ensino e a formação inicial e continuada de professores. Parte dos registros que este boletim compartilha, dão a ver este diálogo. E esta se configura como nossa intenção: ser um espaço que não se fecha, pelo contrário, se abre para a comunidade externa e também para a comunidade interna da FE, a medida que pretende reconhecer as diferentes concepções de trabalho com a memória no interior da FE. Lembramos que tanto a UNICAMP, quanto a região em que a universidade está localizada, agrega diferentes espaços voltados à memória também do campo educacional. O Centro de Memória da UNICAMP (CME), o Núcleo de Memória e Pesquisa em

Educação, o Centro de memória da educação de Campinas, dentre outros. A interface com estes espaços consiste em objeto de reflexão e planejamento de ações futuras.

O espaço do CME está de portas abertas para dar a ver o que realizamos. E dar a ver o realizado e em realização implica em reconhecer que este trabalho é fruto de muitos diálogos com a comunidade interna e externa à universidade. Neste sentido, convidamos a todas e todos para ampliarmos laços e a produção de conhecimentos históricos. Convidamos para juntos reconhecer que somos autoras.es de nossa história e coletivizarmos ainda mais a universidade.

Que a leitura do Boletim aqui apresentado favoreça abertura para reflexões compartilhadas e construções conjuntas da comunidade da FE, envolvendo nossas práticas indissociáveis de formação humana, pesquisa e extensão.

**FACULDADE DE
EDUCAÇÃO
50 ANOS**



FACULDADE DE EDUCAÇÃO JUBILEU DE OURO

Vista externa da Faculdade de Educação



Foto: Luciano Coutinho

Vista aérea do prédio da Faculdade de Educação



Foto: Antoninho Perri

Educadores (as): entre memórias e histórias da Faculdade de Educação

CERIMÔNIA DE ABERTURA DOS 50 ANOS DA FE¹

Prof. Dr. Renê José Trentin Silveira
Diretor da Faculdade de Educação da Unicamp
(Gestão 2021 – 2024)

Sejam muito bem-vindas e muito bem-vindos. É um grande prazer e uma honra partilhar com vocês nossa alegria nessa festa de comemoração dos 50 anos da Faculdade de Educação que hoje se inicia.

A essa altura, todos já devem ter feito as contas e percebido que, se em 2022 estamos complementando 50 anos, então a Faculdade de Educação nasceu oficialmente em 1972, em plena vigência da ditadura militar. Era o governo Médici, um dos mais repressores daquele período.

¹ Discurso proferido pelo Prof. Renê José Trentin Silveira, Diretor da Faculdade de Educação, no dia 14 de outubro de 2022, na cerimônia de abertura das comemorações dos 50 anos da instituição.

A Unicamp foi oficialmente fundada em 1966, quando foi lançada sua pedra fundamental. Já em 1967 – isso quem nos conta é o prof. Sérgio Lorenzatto que, aliás, presenciou toda essa história, em um vídeo em que homenageia o Prof. Alúzio Aragão, do qual falarei mais adiante –, um grupo de professores e estudantes de uma escola de ensino médio de Campinas pediu ao Reitor, então o Prof. Zeferino Vaz, a instalação, na nova Universidade, de uma faculdade para formar professores. O reitor aparentemente concordou com essa solicitação porque, em 1969, quando foram publicados os Estatutos da Unicamp, a estrutura da universidade já previa a presença da Faculdade de Educação, embora ela ainda não tivesse sido criada.

Então, podemos dizer que, de certa forma, a Faculdade de Educação tem raízes no chão da escola, isto é, ela nasce também da reivindicação de professores que sentiam, no dia a dia de sua prática pedagógica, a necessidade de uma instituição de ensino superior especificamente voltada para a sua formação.

A própria universidade, recém-criada, em pouco tempo também percebeu que era preciso cuidar da formação pedagógica dos estudantes dos cursos de licenciatura que já existiam.

Então, em 1970, o Prof. Zeferino Vaz convidou o Prof. José Aloísio Aragão para elaborar o projeto de criação da Faculdade de Educação. E fez a ele uma exigência: a de que essa faculdade tivesse o mesmo nível de excelência dos demais cursos da universidade.

O Prof. Aragão, juntamente com outros docentes, passou a trabalhar na elaboração desse projeto, mas, infelizmente, faleceu no início de 1972 e não pôde vê-lo concretizado. Coube, então, ao Prof. Marconi Freire Montezuma dar sequência ao trabalho de fundação da Faculdade de Educação, que inicialmente funcionou, em caráter provisório, no prédio do Ciclo Básico, tendo o Professor Montezuma como seu primeiro diretor. Pouco tempo depois, em 1974, foi criado o curso de Pedagogia; em 1975, o Mestrado em Educação; em 1980, o Doutorado em Educação.

De lá para cá, a Faculdade de Educação cresceu, ganhou sede própria e se consolidou como uma das mais importantes faculdades de educação do país. Hoje, somos 74 docentes na ativa, 44 colaboradores, 58 servidores técnico-administrativos e atendemos a cerca de 1900 estudantes de graduação – incluindo aqueles das demais licenciaturas da Unicamp em que atuamos –, e outros 700 estudantes de pós-graduação.

Temos, na graduação: dois cursos de Pedagogia, o integral e o noturno, e a Licenciatura Integrada em Química e Física, que funciona no período noturno. E ainda ministramos aulas em outras vinte licenciaturas.

Na pós-graduação, contamos com um dos maiores Programas de Pós-Graduação em Educação da América Latina, que oferece mestrado e doutorado acadêmicos, em nove linhas de pesquisa e mais de trinta grupos de pesquisa, e cuja produção é referência nacional e internacional no campo da educação. Temos, ainda, o programa de Mestrado Profissional em Educação Escolar – com duas linhas de pesquisa –, e ainda participamos, em regime de cogestão, do Programa de Pós-

Graduação Multiunidades em Ensino de Ciências e Matemática – PECIM, que abriga três linhas de pesquisa.

Nossa Biblioteca, que recebe o nome de “Prof. Joel Martins”, possui um acervo com mais de 47 mil volumes, entre livros, teses e periódicos, incluindo obras raras.

Vimos ampliando nossa internacionalização, construindo parcerias com universidades da Inglaterra, do País de Gales, da Itália, da França, da Alemanha e de diversos países da América Latina. Mais recentemente, temos incentivado também a internacionalização dos servidores técnico-administrativos.

Em suma, passados 50 anos daqueles passos iniciais que deram origem à Faculdade de Educação, e olhando retrospectivamente todo o caminho percorrido de lá até aqui, creio que podemos dizer que a expectativa do Prof. Montezuma e do Prof. Aragão se cumpriu plenamente. De fato, ao longo de todos esses anos, a FE não apenas vem desempenhando com excelência seu papel essencial na formação de professores e pesquisadores da área da educação, como também vem

contribuindo na construção da própria Unicamp, atuando fortemente, por meio de suas representações, nas instâncias de formulação e deliberação das políticas adotadas pela universidade.

Foi assim, por exemplo, quando da implantação dos cursos noturnos, iniciativa da qual a Faculdade de Educação foi pioneira na Unicamp, por entender que essa era uma medida necessária para garantir aos estudantes da classe trabalhadora o acesso à educação superior.

Mais recentemente, ajudamos a construir, inclusive pela participação direta de nossos docentes e estudantes: a política de cotas no vestibular na pós graduação; o vestibular indígena; o percurso formativo indígena; a política de direitos humanos e respeito à diversidade étnico-racial e de gênero; a articulação dos cursos de licenciatura, por meio da Comissão Permanente de Formação e Professores, cuja presidência compete à Faculdade de Educação; as ações formativas desenvolvidas no âmbito do Espaço de Apoio ao Ensino e à Aprendizagem – EA2, também coordenado por nossos docentes em diversas gestões;

as iniciativas desenvolvidas pelas comissões da Diretoria Executiva de Direitos Humanos, no âmbito da Comissão de Gênero e Sexualidade, da Comissão de Diversidade Étnico-Racial (CADER), da Comissão para Inclusão e Participação dos Povos Indígenas (CAIAPI), entre várias outras ações.

Fora da Universidade, a Faculdade de Educação também construiu uma identidade institucional marcada por seu compromisso com a democracia, a liberdade, a justiça social, os direitos humanos, o ensino público, universal, gratuito e de qualidade em todos os níveis e com a luta por condições dignas de trabalho para os educadores.

Com base nesses princípios, diversos de nossos docentes tiveram atuação destacada em momentos decisivos da vida nacional, como na elaboração da LDB, na construção de propostas curriculares para estados e municípios e nos debates em torno da política nacional de formação de professores, para citar apenas alguns exemplos. Também temos atuado nas agências de fomento, como Capes, CNPq e Fapesp, e, ainda, em entidades nacionais representativas do campo da educação,

como Anped, Anfope, Anpof, ABEP, Forumdir, Forpibid entre outras.

Toda essa história, aqui palidamente resumida, sem dúvida nos enche de orgulho e alegria. Mas celebrar os 50 anos da Faculdade de Educação não é olhar apenas para o passado. Temos que pensar também no presente e no futuro, ainda mais nos tempos atuais, que impõem enormes desafios aos educadores e, por conseguinte, também aos cursos que formam educadores. Desafios que estão relacionados ao tipo de sociedade e de civilização que queremos construir. Isso porque vivemos, hoje, um momento dramático na vida nacional, que nos chama a uma tarefa histórica: combater a ascensão do fascismo em nosso país.

Uma das características do fascismo é se constituir como um movimento de massa e, para tanto, ele precisa produzir um consenso em torno de seus ideais. E é exatamente isso o que temos observado, nos últimos anos. Está em curso no Brasil uma grande estratégia de construção de consenso em torno de princípios ultraconservadores, reacionários, de características

fascistas, que põem em risco conquistas históricas da sociedade brasileira, no campo da democracia, dos direitos humanos, dos costumes e dos direitos sociais.

Essas princípios reacionários incluem: o racismo, o machismo, a misoginia, a homofobia, a aporofobia (que é a aversão aos pobres), o ódio, a violência, o armamentismo, a intolerância religiosa; a mentira como meio de manipulação para a conquista e a manutenção do poder; o patriotismo vazio, abstrato e acrítico, que inclusive sequestra os símbolos nacionais imprimindo neles o significado desses princípios; um pseudocristianismo, fundamentalista, superficial, alienante e explorador da fé das pessoas simples; a família tradicional como única forma legítima de constituição familiar; o lucro acima de tudo, mesmo que isso custe o sacrifício de centenas de milhares de vidas humanas em meio a uma pandemia.

Esses e outros valores reacionários estão sendo sistematicamente difundidos na sociedade brasileira, por diversos meios, sobretudo pelas redes sociais, mas também pelo Estado e pelas instituições, com a função de preparar

culturalmente a sociedade para a instauração de um governo autocrático, pondo em risco o Estado Democrático de Direito.

E a construção desse consenso fascista passa também pelas escolas, o que pode ser observado em diversas iniciativas do atual governo: na defesa das teses fraudulentas do movimento Escola Sem Partido, que busca intimidar os professores para impedir a formação da consciência crítica dos estudantes; na nomeação de ministros da educação alinhados ideologicamente com esse projeto reacionário e sem nenhum compromisso com o direito à educação para todos; no corte de verbas para as universidades, que visa mitigar o seu potencial formador de pessoas com mentalidade científica e crítica; na mudança na política de formação de professores, por meio da Resolução CNE 02/2019, que representa um grande retrocesso na organização das licenciaturas e contra a qual temos que reagir fortemente; no projeto das escolas cívico-militares e das escolas paramilitares, espalhadas pelo país inteiro, e que visa a incutir esses princípios nas crianças e nos jovens e convertê-los em “cidadãos” passivos, alienados, dóceis, incapazes de pensar

com autonomia e espírito crítico.

E se olharmos os resultados das eleições do último dia 2 de outubro, perceberemos que esse projeto reacionário vem obtendo resultados.

Que país é esse em que 700 mil pessoas morrem de Covid, sendo que pelo menos a metade dessas mortes poderia ter sido evitada, se o Ministério da Saúde não tivesse atrasado intencionalmente a compra das vacinas e, mesmo assim, o ex-ministro da saúde, responsável, junto com o Presidente da República, por essa omissão criminoso, consegue ser eleito deputado federal, sendo o segundo mais votado no estado do Rio de Janeiro?

Que país é esse em que a ex-Ministra da Mulher da Família e dos Direitos Humanos, que diz ter visto Jesus em uma goiabeira e conversado com ele pessoalmente; que em pleno século XXI defende que menino vista azul e menina, rosa; e que tenta impedir a interrupção da gravidez de uma criança de 10 anos, vítima de estupro, é eleita Senadora da República?

Que país é esse em que o ex-Ministro do meio ambiente,

responsável pelo desmonte dos órgãos de controle do desmatamento no país e que assume explicitamente deixar “passar a boiada” dos interesses do agronegócio e do garimpo ilegal sobre a Amazônia, mesmo que isso custe a vida de indígenas e ambientalistas, é eleito deputado federal, tendo sido o 4º. mais votado no estado de S. Paulo?

Que país é esse em que escândalos como o das “rachadinhas”; da propina na compra de vacinas; dos desvios de recursos no Ministério da Educação; das obras superfaturadas denunciadas pelo TCU; dos mais de 100 imóveis adquiridos pela família do Presidente, sendo 51 em dinheiro vivo; e do orçamento secreto que rouba recursos da educação, da saúde e da habitação, não incomodam e não são vistos como casos de corrupção por mais de 50 milhões de eleitores?

Todo esse quadro nos mostra que o desafio que temos hoje é nos perguntarmos sobre que projeto civilizatório queremos para nosso país. E a construção de um outro modelo de civilização, pautado nos princípios humanistas e nos valores

da verdade, da ciência, do direito, da justiça social e da solidariedade, passa necessariamente por uma ação educativa, praticada dentro e fora das escolas, e que se contraponha ao projeto fascista ora em curso.

Por isso, a formação dos professores, que são os principais agentes dessa ação educativa, assume importância estratégica ainda maior, na conjuntura atual, como forma de luta contra o fascismo.

Isso impõe à Faculdade de Educação, mas não apenas a ela, também às demais licenciaturas da Unicamp, e à própria universidade como um todo, uma enorme responsabilidade. Temos 24 cursos que formam professores, o que significa que, todos os anos, preparamos um contingente expressivo de profissionais da educação para atuar nas escolas, o que representa um potencial de intervenção nessas instituições que não pode ser subestimado.

Além disso, precisamos canalizar nossas pesquisas também para a busca de caminhos e propostas que favoreçam uma elevação cultural e intelectual de massa, de modo a

instrumentalizar cientificamente a população para que não seja manipulada e alienada.

Por isso, temos que fortalecer nossas licenciaturas para que elas preparem, de fato, os licenciandos como educadoras e educadores comprometidos com uma escola crítica, de qualidade, democrática, laica, inclusiva, humanista e sobretudo antirracista.

Educadoras e educadores imbuídos de um ideal civilizatório que represente o oposto da barbárie em que querem nos jogar. É isso que está em jogo nesse momento: o modelo de civilização, de sociedade e de país que queremos construir.

Cumpra então traduzir para os dias atuais os objetivos que levaram os educadores do ensino médio de Campinas, em 1967, assim como Zeferino Vaz, José Aloísio Aragão, Marconi Montezuma e tantos outros que vieram depois deles, a defender a formação excelente de professores. Agora, mais do que nunca, essa é uma tarefa urgente, necessária e que precisa ser assumida coletivamente por todas as licenciaturas e pela

Universidade em seu conjunto. E, mais ainda, pela Faculdade de Educação, por sua natureza e especificidade. Nosso ensino, nossa pesquisa e nossa extensão precisam se colocar, também, a serviço dessa luta contra- hegemônica.

Esse é o principal desafio que se coloca para a Faculdade de Educação e para a Unicamp neste momento. Espero que tenhamos a sabedoria e a disposição necessárias para identificar nossos verdadeiros inimigos e nossas prioridades, somar nossas forças e avançar juntos na construção de uma escola e de uma sociedade em que a mentira, o ódio e a violência deem lugar à verdade, ao amor e à paz que brota da justiça.

ENTREVISTA REFERENTE AO EDUCADOR PAULO FREIRE E À FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UNICAMP

Prof. Dr. Antônio Muniz de Rezende
Ex-Diretor da Faculdade de Educação da Unicamp
(Gestão 1976 – 1980)

Clique <aqui> para
visualizar a
autobiografia do
Prof. Rezende

Em sua trajetória de vida o Prof. Dr. Rezende (como era assim que o chamavam), viajou por vários países, sempre buscando novos aprendizados no campo das ciências humanas. Sabiamente e dentro do que lhe era peculiar, iniciou seus estudos universitários em Teologia, Filosofia e Psicanálise. Oficialmente, foi o primeiro Diretor desta Faculdade no período de 1976 a 1980, quando esta ganhou este estatuto.

... Minha escolha levou em conta o fato de ter dois doutorados (um em teologia, pela Universidade Angelicum de Roma, e outro pela Universidade Católica de Louvain na Bélgica). Para ser Diretor era indispensável o título de doutor ...

Com 94 anos de idade, atuava em suas atividades especificamente voltadas para a área da Psicologia, vindo a falecer em maio de 2023.

Falando sobre a Faculdade de Educação, elaboramos uma breve entrevista, realizada em abril de 2022 com o Prof. Dr. Antonio Muniz de Rezende, da qual tivemos o prazer de conhecer suas opiniões a respeito dos assuntos em questão: direção na FE, Paulo Freire, Educação Brasileira e Cinquentenário FE. A seguir, a apresentamos.

**Maria Alice Giannoni
Sonia Ap. Ferraz de Campos**

1. Quando e em que situação o senhor conheceu Paulo Freire? Quem o trouxe e quanto tempo permaneceu na Faculdade de Educação e/ou Unicamp?

Conheci Paulo Freire como autor, bem antes de conhecê-lo pessoalmente. Isso se deu nos anos 60, no contexto da crise política que vivemos. Eu mesmo era professor universitário e participava do movimento sociopolítico junto a professores e alunos. Os livros de Paulo Freire eram lidos e comentados com muito entusiasmo. Ele veio trabalhar na Unicamp, a convite de vários professores. Não me lembro exatamente a data de sua vinda nem de sua partida.

2. No que a Educação Brasileira se beneficiou com as contribuições de Paulo Freire?

*A Faculdade de Educação se beneficiou com a ajuda de Paulo Freire, principalmente em relação à "cultura popular e à "educação de adultos", a começar pela alfabetização. Posso dizer que foi inspirado em Paulo Freire que eu mesmo escrevi um volume intitulado *CRISE CULTURAL E SUBDESENVOLVIMENTO BRASILEIRO*. Um livro que tenho o prazer de oferecer a vocês.*

3. Depois de tantos anos, devemos continuar nesta mesma linha de ensino?

Depois de tantos anos, tenho certeza de que o Paulo Freire nos recomendaria um melhor conhecimento da realidade atual, com suas inegáveis características em termos culturais e técnicos. Existe uma verdade histórica a ser respeitada e pesquisada. Acho que é isto que Paulo Freire nos aconselharia.

4. Qual ideia e método que mais lhe agradou como educador?

A ideia e o método que mais me agradaram como educador foi o que nos convidava a valorizar o sujeito em situação existencial. Hoje, não é exatamente como ontem. Eu diria que o tema da cultura como "forma histórica da existência", é ao mesmo tempo critério e contexto.

5. O senhor dirigiu a Faculdade de Educação no período de 1976 a 1980, (sucessor do Diretor Prof. Dr. Marconi Freire Montezuma), logo após a fase de criação e implantação desta Unidade. Como foi dar sequência à origem desta Faculdade, cuja sua função era de liderança? Quais foram as maiores dificuldades encontradas? Relate-nos como foi este processo de iniciação da FE, antes e durante de sua gestão.

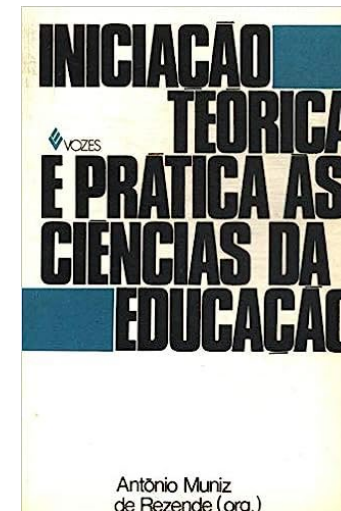
Fui diretor da Faculdade de Educação num período em que o poder político, em Brasília, exercia forte influência. Os militares não hesitaram em impor sua ideologia, inclusive na universidade - a começar pela Universidade de Brasília. E como o Prof. Zeferino Vaz veio de Brasília para Campinas, querendo ou não querendo ele era para nós um sinal do poder militar. E nós tínhamos que agir com muita inteligência e muita prudência, inclusive em diálogo com os outros institutos e faculdades. No meu caso, em diálogo principalmente com o IFCH, onde Rubem Alves era um excelente interlocutor.

6. Ainda no cargo de diretor, das experiências que vivenciou, qual (is) delas considera mais significativa?

No cargo de diretor uma experiência de que me lembro com muito respeito foi a "publicação" de livros e a "participação em congressos", com o tema da revolução-cultural-brasileira. Um exemplo que posso dar com respeito e satisfação é o livro intitulado INICIAÇÃO TEÓRICA E PRÁTICA ÀS CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO, organizado por mim, com a colaboração de vários outros professores. Pessoalmente valorizo muito a publicação de novos livros.

7. Neste ano de 2022, estamos comemorando o "Cinquentenário da Faculdade de Educação da Unicamp" - Jubileu de Ouro -. O senhor poderia deixar uma mensagem para esta Faculdade, considerando sua vasta experiência profissional, especialmente como filósofo e educador?

Neste ano de 2022, comemorando o cinquentenário da FE-UNICAMP gostaria não apenas de cumprimentar professores e alunos, mas lembrar-lhes que, principalmente no contexto da pandemia, não seria importuno evocar o texto de Freud a respeito do MAL-ESTAR NA CIVILIZAÇÃO. Neste contexto, os educadores do mundo todo têm um papel insubstituível na recuperação da saúde mental de povos e cidadãos.





**Entrada do Prédio Paulo Freire
Faculdade de Educação da Unicamp**

Foto: Julia Muniz Moreira

O COLE NOS 50 ANOS DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UNICAMP

Prof. Dr. Ezequiel Theodoro da Silva
Docente Colaborador da Faculdade de Educação e
Mentor dos Congressos de Leitura do Brasil

Trazer o passado para o presente é um dos movimentos mais prazerosos da nossa vida — lembrar, rememorar, ressignificar os fatos à luz daquilo que a mente humana consegue recuperar nos meandros tortuosos e complexos do tempo.

Longe de mim os vícios da presunção ou do egoísmo, sinto-me envaidecido e orgulhoso em ter liderado a organização de um evento que encontrou solo fértil no Brasil e que vem crescendo desde 1978 até os dias de hoje. Falo do Congresso de Leitura do Brasil, COLE, que conseguiu reunir adeptos, estimular grupos de pesquisa, incentivar publicações,

fundar uma associação (ALB - Associação de Leitura do Brasil), etc., amplificando a consciência de uma necessidade por todo o território nacional.

Que consciência era/é essa? A de que no Brasil se lê pouco, se lê mal ou não se lê. O problema existia — e era grave — em 1978, com quase 20 milhões de analfabetos nas diferentes regiões brasileiras. Livros caros (ainda não existia a internet e muito menos as tecnologias digitais) e inacessíveis à grande maioria da população. Pesquisas, obras e referências exíguas na esfera do ensino e da promoção da leitura. Falta de bibliotecas públicas e escolares, com poucos serviços pelas então existentes. O rol de carências é extenso e não cabe citá-las todas aqui; inclusive, vale dizer que essas carências, em maior ou menor grau, ainda permanecem, o que se torna motivo de vergonha para o nosso país.

No fundo, a ideia de organização de um evento brasileiro na área da leitura surgiu para mim quando eu fiz o mestrado na Universidade de Miami (Coral Gables, Florida, USA), de 1969 a 1972. Participei de dois congressos

internacionais, promovidos pela International Reading Association (IRA), além de ter presenciado vários seminários e simpósios sobre o estudo e a promoção da leitura naquela universidade. Pude perceber a importância desses eventos para a transmissão de descobertas científicas, aproximação de especialistas, estímulo ao espírito associativo, debate de políticas, delineamento de políticas e assim por diante.

Em Campinas, nos idos de 1978, encontrei as condições para colocar em prática o sonho de um congresso que eu já trazia comigo. O Departamento de Metodologia de Ensino da Faculdade de Educação, então coordenado pelo Professor Hilário Fracalanza, o Departamento de Cultura da Prefeitura Municipal (neste setor, o então funcionário Carlos Brággio¹ foi o grande interlocutor/apoiador), jornais (Correio Popular e Diário do Povo), escritores e livreiros locais, Câmara Brasileira

do Livro, professores estudantes do Curso de Pedagogia, bancos existentes no campus todos demonstraram interesse e se esforçaram para que o 1º COLE viesse a ser concretizado.

Acredito que a melhor condição para a realização do COLE se relacionava com contexto político da época. O ciclo de ditaduras chegava ao seu final e os profissionais da educação buscavam por novos horizontes para o ensino. Era um tempo de busca e de redefinições, com a presença de um desejo de novas interlocuções, definições e de outros horizontes para a educação e a cultura brasileira. E dentro dessa atmosfera, foi fundada em 1972 a ALB-Associação de Leitura do Brasil, que por estatuto, se encarregaria da organização do 3º COLE em diante.

O projeto do 1º COLE foi ambicioso. Ocupando todos os espaços do Centro de Convivência Cultural de Campinas,

¹O rol de pessoas envolvidas com a realização dos COLEs é extenso e posso pecar por esquecer um ou outro nome. Estou citando apenas duas porque Hilário Fracalanza e Carlos Brággio foram cruciais no avanço e consolidação da parceria em

prol da realização do 1º COLE em 1978, inclusive em muito facilitando os eventos que ocorreram posteriormente.

foram realizadas várias atividades paralelas: feira do livro, mostra de cinema a partir de obras da literatura brasileira, banca de troca de livros, varal de poesia e, logicamente, o congresso de leitura (este, à época, reuniu não mais que 300 inscitos). A reverberação foi tão positiva que o evento teve de ser repetido em 1979, sendo retomado em esquema bianual a partir de 1981; em 2021 foi realizada a 22ª edição do COLE, numa viva demonstração do seu vigor e importância, além de enraizamento sólido no cenário socioeducacional brasileiro. “O COLE colou”, como eu costumo repetir...

Não há espaço neste texto para dimensionar as múltiplas produções decorrentes da parceria entre a ALB e a Faculdade de Educação desde o seu início. Para além das conquistas propriamente acadêmicas e científicas, creio que o mérito maior dessa união diz respeito ao desenvolvimento e consolidação de uma área específica de estudos (a leitura) que reverberou e se projetou nacionalmente, gerando novos adeptos e grupos de estudo/pesquisa por todo o Brasil. Dessa forma, o 1º COLE realizado em 1978 pode ser considerado como um divisor de

águas, como um marco aglutinador e facilitador para o avanço de um interesse focado e centrado no estudo das práticas de leitura no Brasil. Quer dizer, o evento abriu caminho para a produção de uma “ciência da leitura em bases nacionais,” o que não tínhamos até então.

Ao costurar este depoimento, confesso que tentei me despojar de qualquer enaltecimento barato, tentando fazer uma apologia à leitura. Não considero que a leitura seja “tudo na vida” ou uma garantia exclusiva à felicidade dos homens. Sempre considerei a leitura como um “meio” – um meio importante – para acesso aos bens que constituem a cultura letrada, para qualificação de decisões e ações, para fruição de obras artísticas e para situar as pessoas no mundo e no tempo em que vivem. Por esse motivo, a leitura constitui um direito e pode se colocar como uma arma importante na luta pela igualdade e justiça social, merecendo ser estudada e promovida nas sociedades.

Finalizando, ao brevemente traçar e mostrar a união entre a Faculdade de Educação (esta, no aniversário dos seus 50

anos) e ALB para a realização dos COLEs, hoje com mais de 20 edições, sublinho, com todas as cores, a sua grandiosidade para a produção de conhecimentos específicos e, quiçá, para colaborar com o delineamento de políticas, programas e ações tão necessários ao nosso país.

1º COLE - 1978



5º COLE - 1985



7º COLE - 1989



8º COLE - 1991





Escritor **Mia Couto** durante Conferência no 16º COLE (10 a 13 de julho de 2007), no Ginásio de Esportes da Unicamp.



“**COLE, 30, celebra a leitura e sua história.** Maior e mais importante congresso de leitura do país tem 2,2 mil trabalhos inscritos” (20 a 24 de julho de 2009, o 17º COLE, uma edição retrospectiva). Na foto, Norma Ferreira de Almeida, professora da FE e presidente da ALB: “Objetivo principal é divulgar a produção sobre leitura e sobre a formação de leitor no país” (clique <aqui> para saber mais).



Prof. Dr. Ezequiel Theodoro da Silva, presidente de honra da ALB na mesa redonda que reuniu presidentes da ALB em comemoração aos 30 anos da entidade, durante o 18º COLE (16 a 20 de julho de 2012). Na foto à direita, detalhe da **Feira de Leitura e Arte**, montada em tenda de lona, próxima ao Centro de Convenções da Unicamp, durante o 18º COLE (16 a 20 de julho de 2012).



Profs. Drs. Lilian Lopes Martin da Silva, João Wanderley Geraldí, Maria do Rosário Longo Mortatti e Norma Sandra de Almeida Ferreira na Sessão Comemorativa aos 30 anos do livro “O Texto na Sala de Aula: leitura e produção” realizada no 19º COLE (22 a 25 de julho de 2014), em Campinas-SP.



Sessão Especial de Comemoração da 20ª edição dos Congressos de Leitura do Brasil, realizada durante o 20º COLE, no dia 21 de julho de 2016 na sala multiuso da Casa do Lago, Unicamp. Com a participação do **Prof. Dr. Ezequiel Theodoro da Silva** e da **Profa. Dra. Regina Zilberman**.

Fontes: <https://pesquisaalbmatoria.wixsite.com/cartografiasmemoria-imagens-1>
<https://pesquisaalbmatoria.wixsite.com/cartografiasmemoria>

NOTAS ESPARSAS SOBRE UMA GESTÃO

Dirce Zan¹

Docente do Decise² e ex-diretora da FE/UNICAMP

Débora Mazza³

Docente do Decise e ex-diretora Associada da FE/UNICAMP

Nossa gestão se deu no período de maio de 2016 a abril de 2020 e foi marcada por um contexto nacional e internacional complexo e tenso. Vivíamos naquele momento o agravamento da crise econômica mundial e, aqui no Brasil, a intensificação das ações políticas de grupos de direita que levaram à retirada da presidenta Dilma Rousseff do governo e, posteriormente, à prisão de Luiz Inácio Lula da Silva.

Políticas austeras de cortes nos gastos públicos e ações

¹ Docente do Decise e Diretora da FE/UNICAMP (gestão maio/2016- abril/2020). Pesquisadora CNPq.

² Decise - Departamento de Ciências Sociais na Educação

difamatórias das instituições, em especial das universidades públicas, eram confrontadas por diferentes movimentos de resistência presentes também no interior da Universidade. Foi desta forma que nos deparamos, logo no início do mandato, com a organização estudantil que vibrava sob o efeito das pautas e das estratégias de luta das ocupações secundaristas que se espalharam pelo território nacional. A gratuidade da educação como direito, a reformulação dos currículos e das jornadas escolares, o passe escolar unificado, o direito à cidade, a ampliação da proteção e da previdência à sociedade, a ocupação das ruas e das instituições públicas com pautas democráticas que demandavam um lugar para todo(a)s na dinâmica econômica, política e social.

A ação estudantil na FE resultou na ocupação do prédio hoje nomeado *Professor Paulo Freire* e depois se adensou e se

³ Docente do Decise e Diretora Associada da FE/UNICAMP (gestão maio/2016- abril/2020). Pesquisadora CNPq.

expandiu para a ocupação da reitoria. Naquele momento se fortalecia a pauta reivindicatória da adoção de cotas étnico raciais na Unicamp. As várias reuniões da administração da universidade envolvendo diretores, pró-reitores e reitoria, foram momentos de grandes aprendizados e nos colocaram em lugares de mediação e diálogo com os estudantes da Unicamp e os movimentos sociais.

Na sequência, nos inserimos no movimento nacional em defesa de uma política de formação de professores que estivesse comprometida com os princípios expressos na Resolução CNE/CP nº 2, de 1º de julho de 2015 - Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a **formação** inicial em nível superior (cursos de licenciatura, cursos de **formação** pedagógica para graduados e cursos de segunda licenciatura) e para a **formação** continuada. Dentre esses princípios se afirmava o compromisso com a escola pública e a necessária articulação entre ensino, pesquisa e extensão na formação docente. Além disso, reafirmava-se ali o compromisso do

Estado na formação de professores para a educação básica como forma de garantir os direitos básicos dos educandos no que se refere à educação, ao acesso à cultura, à igualdade a bens e equipamentos públicos e à justiça social.

Ao mesmo tempo, vimos também ascender no cenário nacional, políticas e programas de cunho conservador e reacionário visando controlar e cercear a liberdade e autonomia dos professores e das escolas. Diante deste quadro, não nos furtamos em explicitar nosso repúdio institucional ao projeto *Escola sem Partido*. Participamos institucionalmente na promoção de debates e estivemos presentes em audiências públicas municipais reafirmando de forma contundente a posição contrária à censura e ao controle do trabalho do professor presente neste projeto.

Internamente, nos deparávamos com os cortes orçamentários e uma lógica administrativa que se pautou por um raciocínio econômico comprometido com os ajustes econômicos que levaram a uma condição restritiva para a

contratação ou reposição de funcionários e docentes na instituição. Arrocho salarial e perdas salariais acompanharam os quatro anos de nossa gestão, gerando um clima de desânimo e de frustração em muitas frentes de trabalho docentes e não docentes.

Em dezembro de 2016, o Congresso Nacional aprovou a Emenda Constitucional no. 95 que instituiu um novo regime fiscal no âmbito do orçamento congelando por 20 anos os recursos destinados à seguridade social no país. Esta emenda enfraqueceu as instituições públicas, o servidor público e os investimentos em serviços públicos voltados à proteção da sociedade e fortaleceu a presença de grupos de interesse privados e financistas se incrustando no Estado e fazendo uso do orçamento da união segundo a lógica do mercado industrial, comercial, do agronegócio e do capital financeiro nacional e internacional.

Em 2019, Jair Bolsonaro assumiu a presidência do país contando com o apoio da grande mídia, do agronegócio, das

milícias, das forças armadas, da indústria armamentista, dos evangélicos da teologia da prosperidade, da Fiesp e de muitos movimentos sociais de direita e extrema direita que de modo orquestrado encheram as ruas com manifestações em verde e amarelo envoltas em uma agenda de costumes que apregoava o fim da corrupção mas ambicionava implementar um “moinho satânico” (POLANYI, 1980) de aniquilamento da substância humana e do meio ambiente em favor da acumulação riqueza nas mãos de poucos. Para isto, muito medo, ódio e violência foram semeados no tecido social. Os pobres foram postos à margem do orçamento do Estado e as interpretações bíblico-evangélicas de seitas norte-americanas da teologia da prosperidade oriunda do marketing empresarial, da literatura de autoajuda e da doutrinação pseudocientífica relativa à aquisição de riquezas como princípio organizador da vida pessoal, se disseminaram na sociedade promovendo um totalitarismo soft (SODRÉ, 2022).

A educação básica e as universidades públicas foram

duramente atingidas por esta onda neoliberal que varreu continentes retirando direitos e promovendo retrocessos nas políticas públicas promotoras de bem-estar. No caso da formação de professores, que nos afeta diretamente, a **Resolução CNE/CP nº 2, de 20 de dezembro de 2019** — redefiniu as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial de Professores para a Educação Básica e instituiu a Base Nacional Comum para a Formação Inicial de Professores da Educação Básica (BNC-Formação) em consonância com a BNCC e incidiu no aligeiramento do currículo do ensino médio e no acoplamento da formação das crianças e dos jovens a uma abordagem empreendedorista, individualista e competitiva ancorada na pedagogia das competências e das habilidades que objetivam o conhecimento, a prática e o engajamento profissional das massas coisificadas e transformadas em meros agentes monetarizados.

Neste caos ideológico do credo neoliberal do mercado autorregulável, Lula é preso e condenado, liberto e inocentado

e a democracia agoniza em absoluta vertigem. A pandemia nos atinge neste cenário distópico de desgoverno, de projetos demolidores da educação pública como Escola Sem Partido, Escolas Cívico Militares, *Homeschooling*, Notório Saber, Ensino à Distância, fim da demarcação das terras indígenas, devastação das florestas amazônicas... Assim terminamos a gestão em 2020 certas de que “eles não passarão”, pois, a luta continua! Durante esses anos, contamos com o apoio de muitas e muitos colegas que se engajaram nas utopias de fortalecimento da esfera pública, das instituições democráticas e da escola para todo(a)s. Nosso profundo agradecimento!

Referências Bibliográficas

POLANYI, Karl. **A grande transformação**: as origens da nossa época. Rio de Janeiro: Campus, 1980.

SODRÉ, Muniz. Astúcias para novos golpes. **Folha de S. Paulo**, 05 jun. 2022. p. A2.

BIBLIOTECA PROF. JOEL MARTINS DA FE/UNICAMP: VANGUARDA NO PROVIMENTO DE INFORMAÇÕES E LEITURA E CONTRIBUIÇÕES COM A CONSTITUIÇÃO DA MEMÓRIA EM EDUCAÇÃO

Simone Lucas Gonçalves de Oliveira
Coordenadora de Serviços da Biblioteca Prof. Joel Martins - FE/Unicamp

Apresentação

As bibliotecas universitárias têm como finalidade a oferta de apoio ao ensino, pesquisa, extensão e inovação das Instituições de Ensino Superior (IES) e das Universidades. Assim sendo, no ambiente acadêmico, estas instituições têm exercido grande protagonismo nos processos de aquisição, tratamento, difusão e preservação da informação e do conhecimento, bem como têm contribuído para a excelência na produção do conhecimento e na formação educacional de

estudantes universitários.

Nesse contexto, a Biblioteca da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (FE/Unicamp), que no auge dos seus 50 anos atua como uma fonte propulsora em termos de informação e de conhecimento, tem promovido as suas ações, contribuindo com a Educação Superior (ES) e o fazer científico em Pedagogia e demais Licenciaturas.

Bibliotecas universitárias brasileiras: uma breve história

No Brasil, essas bibliotecas têm como marco a expansão da criação de cursos de Ensino Superior (ES) e de universidades, a partir dos anos de 1950, tendo sido impulsionadas com o surgimento da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) na mesma década.

Até o início dos anos de 1990 as bibliotecas universitárias eram, em grande parte, formadas por coleções impressas, como livros, revistas científicas, trabalhos acadêmicos etc.; de

pesquisa manual em catálogos Kardex¹; e de acesso restrito.

A partir da segunda metade da década de 1990 essas instituições tornavam-se de livre acesso e intensificavam os investimentos na aquisição de coleções eletrônicas, como bases de dados em CD-ROM, no desenvolvimento de catálogos online para pesquisa de coleções impressas e de bibliotecas digitais, a exemplo das Bibliotecas Temáticas Virtuais do IBICT (Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia), em 1995.

A primeira década do ano 2000 foi um período revolucionário, pois, com a migração de formatos, do impresso para o eletrônico e do eletrônico para o digital, e com as conexões em rede devido aos avanços da Internet, as bibliotecas rompiam as barreiras de acesso à informação, expandindo as condições de uso do conhecimento registrado e dando origem às coleções híbridas, em que há uma disponibilidade simultânea de multiplicidade de formatos, quer sejam

¹ Sistema de arquivos com gavetas e fichas. Cada ficha contém informações de uma obra específica, como autor, título, edição, editora, ano, número de chamada, etc.

impressos, eletrônicos, digitais, online, etc.

Aproximadamente no ano de 2010, em atendimento às demandas das universidades e das agências brasileiras de fomento, as bibliotecas universitárias começaram um movimento de criação de repositórios institucionais digitais para o arquivamento, preservação e disseminação do conhecimento produzido pelas instituições de ensino e pesquisa. Com isso, projetos de preservação da memória do conhecimento científico foram implementados.

Atualmente, com foco nas boas práticas em pesquisa, essas bibliotecas têm investido na formação da comunidade, capacitando quanto à publicação de livre acesso, prevenção do plágio, combate das informações falsas, pesquisas em bases de dados, citações, referências bibliográficas etc. com interação em diferentes interfaces de comunicação.

Para fazer frente aos desafios da sociedade do conhecimento, em que há a prevalência e a evolução constante

Cada gaveta indica a organização das fichas no interior dela, como autores – assuntos – título – número de chamada, etc.

das tecnologias de informação e comunicação no uso de interfaces de acesso, temos que as bibliotecas universitárias precisam estar atentas às atualizações tecnológicas, que precisam implementar, e às competências e técnicas, que necessitam aprender e desenvolver, bem como às necessidades de informação e leitura da sua comunidade, que também evoluem e se transformam diante das variáveis dos diferentes tempos e espaços.

Perante isso, as bibliotecas universitárias buscar ser vanguardistas, inovativas e interativas com os seus usuários, ao mesmo tempo em que é preciso que contribuam com a preservação da memória dos suportes de informação, dos gestos dos usuários, e da cultura das instituições, com foco no ensino, aprendizagem, pesquisa, extensão e inovação, constituindo-se, por natureza, também em história e memória.

Biblioteca Prof. Joel Martins - FE/Unicamp

Conforme levantamento realizado por Oliveira (2022), a Biblioteca da FE/Unicamp iniciou as suas atividades em 1972,

um ano antes do ofício - OF. DE. N. 147/1973, de 05 de outubro de 1973, em que o professor Marconi Freire Montezuma, então responsável pelo Departamento de Educação da Unicamp, solicitou ao professor Doutor Zeferino Vaz, magnífico reitor, a autorização para a instalação e o funcionamento do Curso de Pedagogia.

Oliveira (2022) coloca que a Biblioteca da FE funcionou na Biblioteca Central da Unicamp, hoje denominada Biblioteca Central César Lattes, até o ano de 1984, numa área reservada para o “Setor de Educação” com um espaço físico de 150m² destinado aos acervos, que incluíam livros, periódicos, microfichas, microfilmes e filmes-Loop; atendimento ao usuário; pesquisa e estudos dos estudantes do Curso de Pedagogia. Em 1985, quando foram concluídas as primeiras construções da Faculdade de Educação, é que a Biblioteca passou a ter espaço próprio.

Segundo Amaral (2014) apud Oliveira (2022) as aquisições de livros em torno do apoio ao ensino na FE/Unicamp tiveram início entre os anos de 1969 e 1971,

anteriores ao início das atividades da Faculdade, sendo que em 1972, no ano de organização do Departamento de Educação da Unicamp, foi realizada uma compra de 124 livros com prevalência do idioma francês nas bibliografias das disciplinas lecionadas.

Esses dados mostram que desde o início a FE tinha como propósito a formação de acervos bibliográficos em que o ensino pudesse se apoiar, pois, a quantidade de livros comprados, muitas vezes tendo sido adquiridos 1 exemplar por aluno a cada disciplina lecionada, evidenciava a perspectiva de um projeto de biblioteca da parte dos gestores fundadores da Faculdade, o que foi determinante para um engajamento da Faculdade na construção com solidez de um ambiente informacional para a sua práxis universitária.

Desde o ano de 1994 a Biblioteca da FE/Unicamp é denominada “Biblioteca Prof. Joel Martins” em homenagem póstuma ao ilustre e intelectual Joel Martins, que na condição de professor e pesquisador da FE/Unicamp exerceu grande protagonismo na implementação do Programa de Pós-

Graduação em Educação.

A Biblioteca Prof. Joel Martins integra o SBU (Sistema de Bibliotecas da Unicamp).

O SBU consiste num órgão central que padroniza o funcionamento das bibliotecas da Unicamp e distribui proporcionalmente os recursos de informação entre elas.

Embora tenha como foco a padronização e a unificação das bibliotecas, o Sistema de Bibliotecas da Unicamp tem como parâmetros norteadores as particularidades de cada biblioteca e do seu público no contexto de cada unidade de ensino ou de área de pesquisa. Tendo sido criado em 15 de dezembro de 1983, hoje funciona de acordo com a deliberação CONSU A-15, de 6 de agosto de 2013, que define o papel das bibliotecas universitárias e a disponibilidade delas nas unidades acadêmicas:

Artigo 18 - As bibliotecas do SBU, dirigidas por profissional bibliotecário, têm como finalidade principal atender necessidades de professores, pesquisadores e estudantes da Unicamp; para tanto, devem assegurar a difusão de informações culturais e científicas e o desenvolvimento das

políticas do SBU. Às Bibliotecas do Sistema compete: I. Integrar-se aos padrões e normas de serviços e atividades do Sistema; II. Identificar os perfis de seus usuários e assegurar o atendimento de suas necessidades de informação; III. Propor projetos de interesse a serem desenvolvidos pelo SBU (CONSU, 2013, apud OLIVEIRA, 2022).

Na Faculdade de Educação a Biblioteca Prof. Joel Martins atua como uma infraestrutura de recursos de informação que apoia as atividades de ensino, pesquisa e extensão, sendo um núcleo de formação que fomenta as boas práticas de apoio ao ensino e à pesquisa; preservando e disseminando o conhecimento; disponibilizando acervos bibliográficos impressos e online; ofertando espaços para estudos e pesquisas individuais ou em grupos, vivências e experiências que contribuem com a aprendizagem, como exposições de livros, exibição de filmes, rodas de leituras e de conversas, saraus, oficinas, etc.

Diante disso, a Biblioteca tem buscado ser ativa e dialógica em suas interações com a Faculdade e a sua comunidade, protagonizando ações que promovem e

consolidam parcerias em torno de um projeto que seja sempre agregador de valor à missão da Faculdade de Educação.

Contribuições da Biblioteca Prof. Joel Martins com a Memória em Educação

Em tempos de mudanças, toca para as bibliotecas universitárias o papel de também serem guardiãs do conhecimento e executoras dos processos que garantem a sua integridade, perenidade e acesso, contribuindo, portanto, com a disseminação, preservação e constituição da memória do conhecimento científico.

Assim sendo, como ferramenta de apoio à formação de pessoal de Nível Superior (NS), as bibliotecas universitárias têm atuado na esfera das instituições acadêmicas, sendo vanguardistas no provimento de informações e leitura e testemunhas da evolução do conhecimento científico nas mais diversas áreas, com protagonismo na construção da memória que ajuda a compreender o percurso, a cultura e as produções das IES do país.

Na FE/Unicamp, a Biblioteca Prof. Joel Martins tem contribuído com a constituição da memória em Educação, devido à sua história e ao seu protagonismo ao longo do tempo, e também com a preservação dessa memória, pois, com a implementação de um projeto no ano de 2015 foi consolidada uma parceria entre a Biblioteca e o Centro de Memória em Educação (CME) da Faculdade.

O Centro, que foi criado em 2001, está situado no prédio da Biblioteca, sendo composto por três fundos: **Malba Tahan-MT** (Júlio César de Mello e Souza), **COLE** (Congresso de Leitura do Brasil) e **RBHE** (Revista Brasileira de História da Educação).

Convergindo conjuntos de publicações e documentos que consistem em memória em Educação e fontes de pesquisa para estudos sobre a história da educação nas diversas áreas do conhecimento, a parceria com o CME consiste em reunir em áreas físicas aproximadas a Coleção Especial Maurício

Tragtenberg, que pertence à Biblioteca; os Fundos Documentais do CME; as publicações didáticas que datam do período histórico da FE (1972-1984); e os materiais didáticos dos centros de estudos e pesquisa da FE/Unicamp², com a ênfase no compartilhamento de recursos materiais e de conhecimentos especializados.

Considerações finais

Por fim, a Biblioteca Prof. Joel Martins contribui com a preservação da memória da produção científica em Educação, do mesmo modo que se renova e se adapta permanentemente, monitorando as novidades, adquirindo fontes de informação, tratando e disseminando a informação, com foco nas necessidades da sua comunidade, bem como nas condições do seu usuário em acessar e usar a informação.

² CEDOC – Centro de Documentação em Ensino de Ciências da FE/Unicamp
CEMPEM – Centro de Estudos Memória e Pesquisa em Educação Matemática

Referências Bibliográficas

AMARAL, Franciela Fernanda. **Livros para ensinar**: a formação do acervo da biblioteca da Faculdade de Educação da Unicamp. 2014. 1 recurso online (180 p.). Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP. Disponível em <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1624795>. Acesso em: 23 maio 2023.

CENTRO DE MEMÓRIA DA EDUCAÇÃO – FE/UNICAMP. Disponível em <https://malbatahan.com.br/centro-de-memoria-da-educacao-feunicamp/>. Acesso em: 23 maio 2023.

CONSELHO UNIVERSITÁRIO (Campinas). **Deliberação n. A-015/2013, de 6 de agosto de 2013**. Dispõe sobre o Regimento Interno do Sistema de Bibliotecas da UNICAMP. Secretaria Geral da Unicamp, Campinas, 06 ago. 2013. Disponível em <https://www.pg.unicamp.br/norma/3425/0>. Acesso em: 23 maio 2023.

MONTEZUMA, Marconi Freire. Relatório de atividades. **Boletim Eletrônico do ASFE – Gestão Documental e os Arquivos Universitários**. n. 2, jan. 2016. P. 18. Disponível em <https://www.fe.unicamp.br/drupal/pf-fe/pf/subportais/institucional/arquivo-setorial/arquiset02boletim-v2.pdf>. Acesso em: 23 maio 2023.

OLIVEIRA, Simone Lucas Gonçalves de Oliveira. **Biblioteca Professor Joel Martins**: um breve relato da sua história e da sua contribuição na preservação da memória da Faculdade de Educação da Unicamp. In: FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UNICAMP. Livro 50 anos FE. Campinas: Editora da FE, 2023. No prelo.

Faculdade de Educação, fundação e destaques históricos



Fachada da Faculdade de Educação

Foto: Luciano Coutinho

No trabalho de pesquisa do CME não foi encontrado nenhuma data precisa para a criação e/ou fundação da Faculdade de Educação, muito embora venha sendo comemorada no mês de outubro de 1972. Entretanto, em

dados de documentos oficiais (contatos telefônicos, relatórios, principalmente os de autoria do Prof. Marconi Montezuma, ofícios, Diários Oficiais da União e do Estado, pesquisa no Jornal Correio Popular, sites como o da Associação Legislativa do Estado de São Paulo (Alesp), do Sistema de Arquivos da Unicamp (Siarq), entre outros), pudemos constatar que a FE, identificada na época como Departamento de Educação e já com um projeto alicerce desde 1970, além de ações de diferentes procedências já na década de 60, no ano de 1972 foi iniciado um movimento mais efetivo, cujo objetivo era o de implantar esta Faculdade na Unicamp e iniciar suas atividades.

Além de abertura de processos (não somente da Unicamp, mas também de órgão competente externo a esta Universidade, o Conselho Estadual de Educação – CEE), que puderam registrar e acompanhar o trâmite de todas as etapas até sua finalização, várias outras atividades se fizeram necessárias onde pudemos observar muito esforço para que sua estrutura inicial, física e acadêmica, se tornasse uma realidade.

Diante de seus 50 anos de existência, há muito o que se contar sobre a Faculdade de Educação. Destacamos abaixo alguns dados históricos, dispostos em ordem cronológica, para conhecimento da formação e da história da Faculdade de Educação desta Universidade.

Maria Alice Giannoni
Sonia Ap. Ferraz de Campos

O ALICERCE DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Prof. Dr. Sergio Aparecido Lorenzato
Docente da Faculdade de Educação da Unicamp

Alicerce é fase importante da construção de qualquer obra ou sonho. No entanto, devido à sua própria finalidade, o alicerce não aparece, não é valorizado, e é esquecido por nós.

Onde estão os alicerces da nossa Faculdade de Educação?

Nossa história, da qual participei, começou assim:

O Prof. José Aloísio Aragão (na foto) e o Prof. Zeferino Vaz se conheceram na Universidade de Brasília – UnB,



enquanto o segundo era reitor da Instituição e, o primeiro, diretor do **Centro Integrado de Ensino Médio (CIEM)** da própria Universidade.

Ao ser incumbido de implantar a Unicamp, o Prof. Zeferino convidou o Prof. Aragão, em 1970, com a missão de elaborar um projeto de instalação de uma Faculdade de Educação “sobre a qual não fosse possível colocar defeitos”, segundo dizia o Prof. Zeferino, e que atendesse todas as exigências dos Conselhos Federal e Estadual de Educação; que tivesse uma estrutura departamental funcional e inovadora; e um corpo docente que fosse competente, dinâmico, realista, mas que mirasse o futuro. E, com o Prof. Aragão vieram as ideias e ideais de seus ex-colegas “brasilienses” Anísio Teixeira, Darcy Ribeiro, Paulo Freire e Lauro de Oliveira Lima.

Em janeiro de 1972, com tudo pronto para receber a 1ª turma de alunos, o Prof. Aragão faleceu em decorrência de um desastre de automóvel, a serviço da Educação Brasileira. Mas ele nos legou pronto o alicerce da Faculdade de Educação: um corpo docente constituído por cerca de 20 docentes contratados

em regime de dedicação exclusiva, e toda a tramitação documental aprovada pelos órgãos oficiais internos e externos à Unicamp.

Clique <aqui>¹
e <aqui>²
para saber mais



Prof. José Aloísio Aragão

Fotos enviadas pelo Prof. Sérgio Aparecido Lorenzato

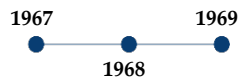
¹ Vídeo (Youtube) apresentado em 26/10/2016 do Prof. Dr. Sérgio Aparecido Lorenzato em cerimônia de homenagens a docentes e funcionários da FE “Uma Parte não contada na História da Faculdade de Educação da Unicamp” (Equipe da Educação a Distância da FE).

² Homenagem a José Aloísio Aragão – Faculdade de Educação.

ALGUNS FATOS E ACONTECIMENTOS NA TRAJETÓRIA DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Maria Alice Giannoni
Sonia Ap. Ferraz de Campos
Pesquisa CME/FE

Década de 1960



23 de agosto de 1967 Reportagem do Jornal Diário do Povo sobre a criação da Faculdade de Educação. **Faculdade de Educação poderá funcionar desde 1969.**

Fonte: Acervo Histórico do Arquivo Central da Unicamp – SIARQ

Faculdade de Educação poderá funcionar a partir

de 1.969



À comissão de professoras e alunas, o reitor Zeferino Vaz disse, que provavelmente em 1969 a Faculdade de Educação estará funcionando.

Recebendo ontem em seu gabinete uma comissão de professores e alunas do Curso de Administradores Escolares, do Instituto de Educação Carlos Gomes, o sr. Zeferino Vaz, reitor da Universidade de Campinas, disse que provavelmente em 1969 esteja funcionando, em Campinas, a Faculdade de Educação.

As professoras e alunas, que se fazem acompanhar o sr. Júlio Ridolfo, diretor do IE Carlos Gomes, e vereador Lindemberg da Silva Pereira, foram reindicar do reitor a criação daquela Faculdade, que seria

a pioneira em todo o Estado e a segundo do país. A comissão era integrada pelas professoras Alzira Teixeira Mendes e Benedita Monteiro da Silva Ferraz, aluna Inacy Gomes Paiva, presidente do Centro de Estudos dos Administradores Escolares e mais um grupo de alunas.

FACULDADE
A Faculdade de Educação destina-se à complementação do ensino a professores do primário. Sua finalidade é aperfeiçoar verdadeiros técnicos para que o ensino primário ganhe novas perspectivas no

seu setor pedagógico. Atualmente, os que se formam nas escolas normais não encontram mais campo para o aperfeiçoamento, não contando aquele ramo de ensino com um estabelecimento de nível superior.

O prof. Zeferino Vaz demonstrou boa vontade e manifestou seu propósito de criar a Faculdade de Educação "hoje bastante requisitada ante os novos métodos de ensino". O reitor da Universidade de Campinas informou ter solicitado estudos a respeito e que dentro do seu programa,

ma, que prevê a criação de Faculdade que ainda não existem no Município, pos-

sivelmente em 1969 tenhamos a de Educação em funcionamento.

(C Ó P I A)

Campinas, 20 de setembro de 1967

Ilmo. Sr.
Lindenberg da Silva Pereira
DD. Vereador da Câmara Municipal de
CAMPINAS

Os alunos do Curso de Administradores Escolares do Instituto de Educação Estadual "Carlos Gomes", de Campinas, abaixo assinados, vêm à presença de V. Sa. solicitar a inestimável - colaboração e o decidido apêio para o que a seguir expõem:

Como sabe V. Sa., a formação de professor - primário deve ser completada não só com os chamados "cursos de post-graduação", como são o de Aperfeiçoamento ou o de Administradores Escolares, entre outros, mas principalmente, a corôá-los, com o curso - de pedagogia. Tais estudos, propiciados nesses cursos conferem ao pro- fessor primário aquêle grau de conhecimentos que o habilitam ao pleno desempenho das altas funções que lhe são próprias.

Em Campinas, referidos cursos de post gradua- ção existem no Instituto de Educação Estadual "Carlos Gomes", mas não há o de Pedagogia, que vem a ser o de maior significação, já se enten- dendo no escalão de ensino superior.

Por essa razão, as que êste subscrevem obje- tivam obter a criação, junto à Universidade de Campinas, de uma Facu- ldade de Educação, da qual, esta cidade se faz merecedora por todos os títulos. E é para essa campanha que vêm solicitar apêio do nobre edil, no encaminhamento da aspiração ao Magnífico Reitor, Dr. Zeferino Vaz, na certeza de que depositam em mãos indicadas o trato de matéria que se reveste de mais alto interêsse e importância.

Aproveitamos o ensejo para apresentar a V.Sa. os mais altos protestos de elevada estima e distinta consideração.

aa.) INAYÊ DE OLIVEIRA GOMES PAIVA E OUTRAS.




20 de setembro de 1967 Solicitação dos alunos do Instituto de Educação Estadual - IEE "Carlos Gomes" de Campinas ao Vereador Lindenberg da Silva Pereira. Apoio ao abaixo-assinado, solicitando a criação da Faculdade de Educação da Unicamp.

Fonte: Acervo Histórico do Arquivo Central da Unicamp - SIARQ

17 de outubro de 1967 Requerimento Nº 1.301/67 - apresentado à Câmara Municipal de Campinas em 25.09.67 pelo vereador Lindenberg da Silva Pereira solicitando a criação de uma Faculdade de Educação, de acordo com o abaixo-assinado de 20.09.67 que recebeu dos alunos do Curso de Administração Escolar do Instituto de Educação Estadual "Carlos Gomes". Enviado a Zeferino Vaz em 17.10.67 pelo Dr. Romeu Santini.

Fonte: Acervo Histórico do Arquivo Central da Unicamp - SIARQ



Câmara Municipal de Campinas
Estado de São Paulo

Req. nº. 1.301/67 Em 17 de outubro de 1967. *Ampl. 17/10/67*

Exmo. Sr.
PROP. ZEFERINO VAZ
MD. Magnífico Reitor da Universidade de
CAMPINAS

UNIVERSIDADE DE CAMPINAS
18 OUT 1967
GABINETE DO REITOR

Tenho a honra de transmitir a V. Excia. em seu inteiro teor, o Requerimento nº.1.301/67, apresentado a este Legislativo pelo Sr. Vereador LINDENBERG DA SILVA PEREIRA, e aprovado em a 65ª. Sessão Ordinária:


"Considerando o abaixo-assinado que recebemos das Professôras de nossa cidade, e que a este anexamos, em que é reivindicada a criação de uma Faculdade de Educação, o que reputamos de inteira justiça, pois vivemos a época da especialização, e nada mais justo que existam os cursos de "post-graduação", e os de nível Universitário, principalmente o de Pedagogia, o que vale dizer, é o aperfeiçoamento no campo da Educação.

O abaixo-assinado retrata bem o solicitado, e como entendemos que tudo deva ser feito, em favor da cultura, endossamos a justa reivindicação e,


REQUEREMOS seja oficiado ao Sr. Magnífico Reitor Dr. Prof. Zeferino Vaz, encaminhando o abaixo-assinado, e solicitando de S. Exª. a devida atenção para o solicitado e seu atendimento, por ser a nosso ver de inteira justiça e porque não afirmar, até mesmo uma necessidade, a bem da cultura.

Sala das sessões, 25 de setembro de 1967.
a.) LINDENBERG DA SILVA PEREIRA".

Ao ensejo, reitero a V. Excia. os protestos de minha elevada estima e distinta consideração.


 DR. ROMEU SANTINI
Presidente.

jcs.

 **Câmara Municipal de Campinas**
Estado de São Paulo

Em 27 de maio de 1.968.

REQ. nº 476/68
Exmo. Sr.
Profº. Zeferino Vaz
DD. Reitor da Universidade de Campinas

UNIVERSIDADE DE CAMPINAS
30 MAI 1968
GABINETE DO REITOR

NESTA.

Tenho a honra de transmitir a V. Excia., o teor do REQUERIMENTO Nº 476/68, apresentado a este Legislativo pelo Sr. Vereador LINDENBERG DA SILVA PEREIRA e aprovado em a 33ª Sessão Ordinária:

"Considerando a publicação feita no "Diário do Povo" de 1/11/1967, cujo recorte a este anexamos, em que o - ilustre Reitor da Universidade de Campinas, PROF. ZEFERINO VAZ, disse que provavelmente em 1969 esteja funcionando, em Campinas, a Faculdade de Educação;

Considerando que o objetivo é o mais pobre possível, pois visa aperfeiçoar Técnicos para o ensino primário, engrandecendo assim seu setor pedagógico;

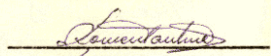
Considerando que honrosamente, participamos da Comissão que se entrevistou com o Sr. Magnífico Reitor;

Considerando que na qualidade de representante do povo, somos continuamente procurados por interessados que desejam se inteirar do que realmente existe a respeito da - matéria,

REQUEREMOS seja oficiado ao Exmo. Sr. Magnífico Reitor da Universidade de Campinas, PROF. ZEFERINO VAZ, solicitando de S. Excia. a especial gentileza de informar a esta Casa, em que situação se encontra o assunto, e se de fato existem possibilidades para que em 1969, Campinas tenha a sua Faculdade de Educação.

Sala das Sessões, 24 de maio de 1968.
a.) LINDENBERG DA SILVA PEREIRA".

Ao ensejo, reitero a V. Excia., os protestos de elevada estima e consideração.


DR. ROMEU SANTINI
Presidente.

MD/11

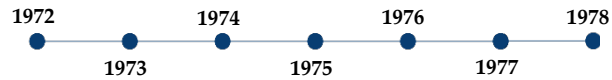
27 de maio de 1968 Requerimento Nº 476-68 de 27.05.1968 da Câmara Municipal de Campinas do vereador Lindenberg da Silva Pereira, assinado pelo Presidente da Câmara Municipal de Campinas, Sr. Dr. Romeu Santini, ao Reitor da Unicamp, Sr. Prof. Dr. Zeferino Vaz. Análise da possibilidade de criação da Faculdade de Educação em 1969.

Fonte: Faculdade de Educação CME/FE

30 de julho de 1969 A Faculdade de Educação foi legalmente estatuída pelo Decreto Estadual Nº 52.255, do CEE – CONSELHO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO, diploma que baixou os Estatutos da Unicamp (arts. 6º, item 6 e 7º, item 14).

Fonte: Faculdade de Educação CME/FE

Década de 1970




24 de janeiro de 1972 O Magnífico Reitor Zeferino Vaz faz um convite, à frente, o Prof. Marconi Freire Montezuma, para a relevante tarefa de definições de propósitos de implantação e estrutura da FE, entre outras recomendações sabiamente efetivas e de ordem administrativa. Elaboração de Plano Diretor. **Foto e currículo** do Prof. Marconi, estruturador da FE de 1972 a 1976.



Marconi Montezuma

Fontes: Faculdade de Educação CME/FE
Acervo Histórico do Arquivo Central da Unicamp – SIARQ

Fls. N.º 106
Proc. N.º 429/68
Rub. *Alu.*




UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Prof. Dr. Marconi Freire Montezuma

CURRICULUM VITAE
A D E N D O

Proc. 686/69
Fls. 78 a 93b

19. Designado estruturador da Faculdade de Educação da UNICAMP, pelo Magnífico Reitor a 21 de fevereiro de 1972, respondendo pela Chefia do então "Departamento de Educação". Nesta função elaborou o Plano Diretor e implantou as Licenciaturas (1972-1974) - Vide ampla enumeração de atividades no Relatório juntado ao Processo.
20. Croquis para o prédio da Faculdade de Educação a ser plotado no Campus da UNICAMP - sugestões e esboços de "unidades de produção" (arquitetura funcional para atividades didático-pedagógicas).
21. Trabalho de pesquisa concluído: "Mais uma Faculdade - para que?" - aguardando o reconhecimento da Faculdade de Educação para publicação tipográfica.
22. Membro da Câmara Curricular da UNICAMP - 1972-1974.
23. Indicado pelo Magnífico Reitor para compor a Comissão de Ensino da UNICAMP, delegou competência à Profa. Ophelina Rabello, que assumiu as funções a 11/12/73.
24. Implantação do Curso de Pedagogia da UNICAMP (1973-1974) - Autor de todo o planejamento.
25. Supervisão do 1º Concurso Vestibular de Pedagogia na UNICAMP - Elaboração e aplicação dos critérios de classificação (provas), em modalidade original, utilizada pela primeira vez no Brasil.



Endereço Telefônico: UNICAMP - Telex: 025808 - Endereçamento Postal 13100 - Caixa Postal 1170
Fones: PABX - 2-1001 - 2-1002 - 2-1003 - 2-1004 - 2-1005 - Cidade Universitária - Barão Geraldo - Campinas - S. P.

Fevereiro a junho de 1972 A Faculdade não dispunha de local de trabalho, uma localização própria, sendo todas as atividades realizadas em residências particulares. Em junho foi indicado um salão com duas salas no prédio dos **Cursos Básicos** para **INSTALAÇÃO DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO** (até então, Departamento de Educação), acomodando a Biblioteca, a Direção e Secretaria, além dos doze docentes contratados (implantadores da FE), num único salão. A FE começa a exercer suas funções didáticas e de pesquisa.

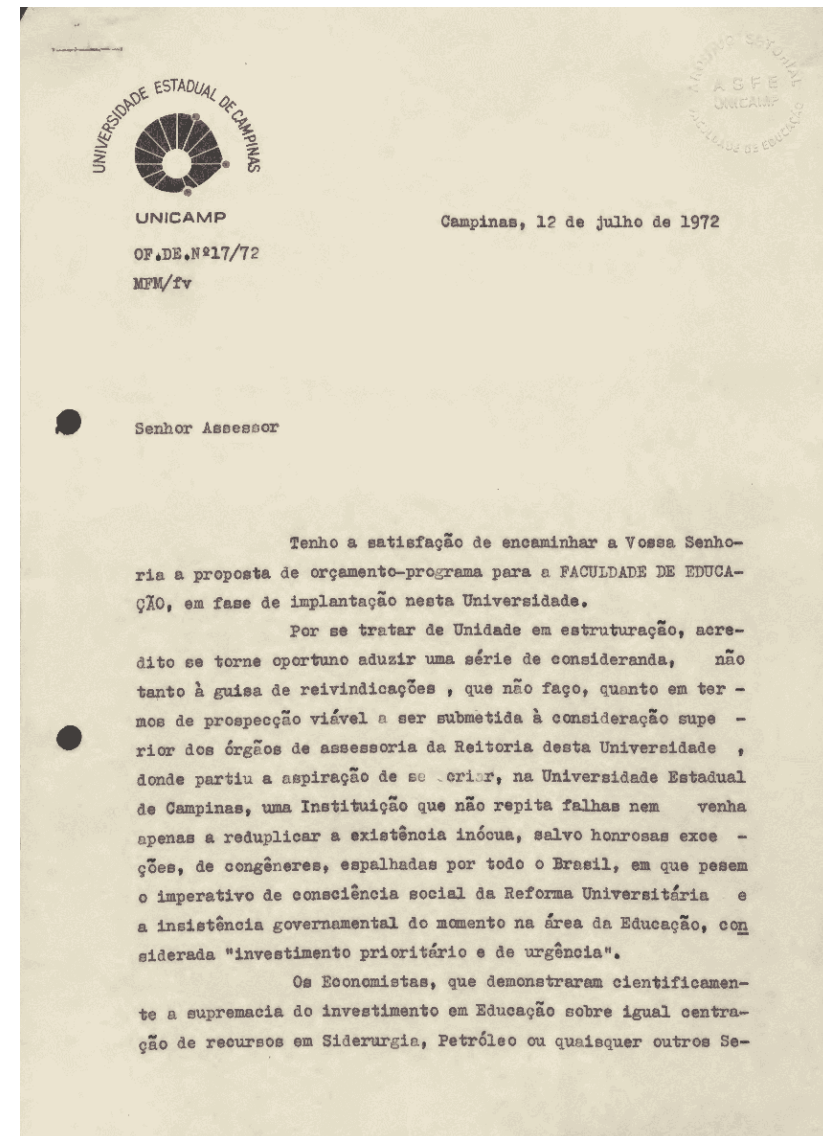
Fontes: Faculdade de Educação CME/FE
Acervo Histórico do Arquivo Central da Unicamp – SIARQ



Interior do Ciclo Básico. Área do 2º andar destinada à Faculdade:
Diretoria, Secretaria e docentes, 1972.

12 de julho de 1972 Dá-se a proposta do 1º orçamento programa OF. DE. Nº 17/72, com muitas considerações e justificativas, para a Faculdade de Educação em fase de implantação, nesta Universidade.

Fonte: Faculdade de Educação CME/FE





UNICAMP

tores da Produção, foram, eles mesmos, os primeiros a demonstrar também que essa "prioridade" se compromete com a dispersão e, mais ainda, com a ineficácia da aplicação. Tal ineficácia salta aos olhos principalmente quando analisam o custo do "Produto final acabado" (o educando-diplomado) e o custo da especialização da "mão-de-obra qualificada" (o professor-educador), feitas as transposições semânticas para estabelecer uma sugestiva analogia entre a Universidade como Empresa e os demais Setores de Produção .

Segundo o Doutor Arlindo Corrêa, Secretário Executivo do Centro Nacional de Recursos Humanos do Ministério do Planejamento do Brasil, o ponto de estrangulamento de todas as atividades-meio de uma administração universitária e, por conseguinte, o comprometimento do dinheiro público investido na Universidade como Setor de Produção, está, precisamente, na possibilidade da atinção ou não-atinção daquele "beam", "goal" ou "alvo comum", colimado por Institutos, Faculdades e Serviços , isto é, a qualidade do processo ENSINO-APRENDIZAGEM. É esta "qualidade" que caracteriza e efetiva as atividades-fim da interação educador-educando e é, também, para estas atividades-fim que convergem os vetores operacionais das atividades-meio da administração universitária. No caso em pauta: a racional e estratégica elaboração de um orçamento-programa com vista à eficácia de um investimento no embrião de uma Faculdade que nasce com o encargo específico de estudar a "qualidade do processo ensino-aprendizagem".

É claro que tais aspectos "qualitativos" não



UNICAMP

são apropriações exclusivas da Faculdade de Educação. Eles estão vinculados na consciência profissional e no cerne das atividades didático-pedagógicas dos Institutos e das Faculdades da UNICAMP, tendo sido isso justamente o que deu eficácia e projeção nacional à Universidade Estadual de Campinas, como pioneira e inovadora no País.

Em contrapartida, se os aspectos "qualitativos" não são apropriações exclusivas da Faculdade de Educação, os estudos específicos da fundamentação científica de tais aspectos qualitativos para a eficácia do investimento em educação são características básicas da existência de uma Faculdade de Educação numa Universidade.

A preocupação com a reciclagem permanente para atualização metodológica e com as possibilidades de tecnologias avançadas no processo ensino-aprendizagem é, precisamente, sua razão-de-ser.

Elaborou-se o orçamento-programa em apenso, exatamente para que a incipiente Faculdade de Educação da UNICAMP não venha a ser apenas mais um nome novo para as estruturas obsoletas das Faculdades de Filosofia que falharam em seus propósitos educacionais de formar pesquisadores e educadores para o País, sem haver conseguido nem uma coisa nem a outra.

Para brevidade, arrolo aqui apenas algumas justificativas em amparo do montante solicitado:

1) A Faculdade de Educação da UNICAMP, mais do que as demais no Brasil, já nasce hipertrofiada, pelo menos em termos de matrícula. Não se origina de um embrião propriamente



dito, como aconteceu com os Institutos e Faculdades que aqui começaram com a matrícula legalmente permitida para uma primeira série. Além dessa matrícula na primeira série ou nas disciplinas do Curso Superior de Pedagogia em 1973, antes de ter seu funcionamento autorizado pelo Conselho Estadual de Educação, agora no semestre em curso ela já recebeu mais de 700 (setecentas) inscrições para Licenciaturas. O contingente estudantil da Faculdade de Educação para 1973 será constituído de alunos de Pedagogia mais a grande maioria dos alunos concluintes ou das duas últimas séries de todos os Institutos e Faculdades implantados na UNICAMP. Esse simples dado em um quadro de referência em termos de matrículas e professores para seu atendimento, já fala por si do realismo de uma programação orçamentária racional e equitativa.

2) A necessidade de se dar início na Faculdade ao preparo de especialistas para a eficácia do investimento em educação, especialistas versáteis tanto em diagnoses quanto em prognoses da e para a realidade educacional da região de inserção da UNICAMP, bem como especialistas para assessorar as Reformas, o Planejamento e a implantação de tecnologias avançadas DENTRO e FORA do Campus.

3) A viabilidade de se instalar uma Escola para Diretores, Delegados de Ensino, Inspetores etc., com os próprios membros da Faculdade, em nível de extensão, aperfeiçoamento, reciclagem, especialização e pós-graduação e, eventualmente, como Cursos de Pós-Graduação, visando vincular taticamente todos esses líderes ao "feed-back" de influência que a UNICAMP deve ter por função na região em que se inseriu com o compromisso de uma estratégia de desenvolvimento.



4. A Faculdade de Educação, a exemplo do que ocorre nos cursos básicos, terá em seu corpo docente elementos positivamente híbridos: os chamados professores de PRÁTICA DE ENSINO, igualmente versáteis no domínio das disciplinas específicas ministradas em cada Instituto ou Faculdade e na posse de princípios e vivências para a ação educativa. Isso lhes dará a possibilidade de se comportarem como indutores de um processo de renovação e permanente atualização em tecnologias avançadas para ensino-aprendizagem, tanto dentro dos Institutos e Faculdades quanto na região de influência, através dos alunos licenciados em clima de "action-research" regional.

5. As Licenciaturas, que constituem uma forma prazerosamente de contribuição para a política nacional do Ministério e das Secretarias da Fazenda, Planejamento e Educação do Governo paulista, no sentido do aprimoramento da "mão-de-obra" qualificada para o magistério, correrão o risco de serem, também na UNICAMP, mais uma das inúmeras máquinas de diplomação em série com ranço de "clichê". Como as que existem no Brasil, sem culpa de seus promotores, mas em virtude de uma ótica estranha e desconcertante que se evidencia nos percentis das dotações orçamentárias para as Faculdades de Educação, institucionalizando uma contradição com o princípio de prioridade de investimento. O pretexto alegado é sempre apoiado na falsa suposição de ser esta área "acadêmica" ou "pseudo-acadêmica", onde giz, quadro-negro e carteiras criariam condições suficientes de desempenho... O que gera uma petição de princípio, mantendo um círculo vicioso que aparece muito bem na área não dinamizada da metodologia de ensino.



no-aprendizagem, tanto para pesquisa (bacharelato) como para o magistério (licenciatura). Trata-se da área nevrálgica das PRÁTICAS DE ENSINO. Ou daquilo que Arlindo Corrêa chamou de manutenção de um "artesanato do século XII" no trabalho formativo da Universidade, em contraposição ao esforço que as empresas modernas já fizeram para aprimorar sua mão-de-obra".

6. Como conclusão desta última linha de reflexão, o pretense "academicismo" das Faculdade de Educação é, em parte, culpa de seu corpo docente acomodado, e, por outro lado, sua supressão na UNICAMP dependerá da inversão de recursos para implantação de tecnologias avançadas, para criação de um eficiente CENTRO DE RECURSOS AUDIO VISUAIS que abasteça não apenas a si mesma mas se transforme num Serviço à altura das necessidades didático pedagógicas e do prestígio de seus Institutos e Faculdades que bem o mereceriam.

Pedindo excusas pela prolixidade das considerações, sirvo-me da oportunidade para externar a Vossa Senhoria meus agradecimentos pela colaboração de seus eficientes funcionários na elaboração de nosso primeiro orçamento-programa, ao campo em que lhe reitero a expressão de minha estima e respeito.

Prof. Dr. Marconi Freire Montezuma

A Sua Senhoria, o Senhor
ANTÔNIO JOSÉ ROMÃO NETO
Assessoria Econômica e Financeira da
Universidade Estadual de Campinas

11 de setembro de 1972 Início das aulas de **Licenciaturas** sob a responsabilidade do Departamento de Educação.

Fonte: Faculdade de Educação CME/FE

Setembro de 1972 Plano de Curso de Didática para as **Licenciaturas** do Prof. Dr. José Dias Sobrinho e Profa. Dra. Rosália Maria Ribeiro de Aragão.

Fonte: Faculdade de Educação CME/FE



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS - FACULDADE DE EDUCAÇÃO

PROGRAMA DO CURSO DE DIDÁTICA
PARA AS LICENCIATURAS

Objetivo Geral: - Dotar o educador de uma certa autonomia intelectual, moral, ética e pedagógica para assunção da responsabilidade solidária de educar e para uma afetiva e efetiva organização de sua motivação com vista à própria realização profissional no magistério.

Professores: Rosália Maria Ribeiro de Aragão
José Dias Sobrinho

LICENCIATURAS - CURSO DE DIDÁTICA - CAMPINAS, SETEMBRO/1972

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS - FACULDADE DE EDUCAÇÃO

APRESENTAÇÃO DO PROGRAMA

O programa do Curso de Didática elaborado para os licenciandos da Faculdade de Educação da UNICAMP, representa uma tentativa de atinção do que acreditamos constituir, na verdade, o objetivo geral, não só de um curso dessa natureza, mas de todo e qualquer curso que vise a formação de professores para qualquer nível ou grau do trabalho em educação: dotar o educador de uma certa autonomia intelectual, moral, ética e pedagógica para assunção espontânea da responsabilidade solidária de educar e para uma afetiva e efetiva organização de sua motivação com vista à própria realização profissional no magistério.

Poderíamos emprestar-lhe dimensões bem mais amplas mas, pelas limitações ainda existentes, deixamos de fazê-lo para evitarmos sobrecarregar o licenciando, apresentando idéias e conceitos ou discutindo problemas e soluções considerados de menor interesse para a necessária e URGENTE tomada de posição e conseqüente correta atitude do educador face à realidade educacional dos nossos dias, em tão curto espaço de tempo.

Não nos propomos expor e defender uma posição apriorística, adotada sem fundamento nos fatos. O estudo que ora apresentamos é fruto da observação e ação de professores do ensino médio brasileiro bem como de suas carências, necessidades e aspirações consubstanciadas numa programação cujo ousado propósito e preocupação maior é bem formar informando também.

Há reflexos, na elaboração deste Curso de Didática, da humildade e da angústia de quem sentiu, viu, sofreu e enfrentou os mesmos tipos de problemas comuns a todos os professores de educação média neste país, desde a improvisação generalizada, a falta de fundamentação, de orientação, de esclarecimentos, de dimensão do processo educativo até a completa in adequação de métodos e processos didáticos, o alhienamento das nossas escolas em face das múltiplas realidades que as cercam e a realização de atividades educativas sem posição definida, sem

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS - FACULDADE DE EDUCAÇÃO

-3-

Dividimos em quatro partes o curso que ora apresentamos. A primeira se destina ao suporte e sustentação científicos necessários para a compreensão do fenômeno educacional e para obtenção de uma mentalidade aberta a inovações, o lastro antro-po-filosófico, sociológico e educacional, indispensável ao trabalho em educação e que deve constituir a MUNDIVIDÊNCIA DO EDUCADOR. Na segunda, apresentamos e colocamos problemas fundamentais, para aquisição de coerência nas atitudes e obtenção de corretos enfoques, decisivos para a atuação do educador na prática do PROCESSO EDUCATIVO. A terceira parte reenfoca o processo educativo numa tarefa de humanização do contexto e de um relacionamento ideal aluno x professor. Finalmente, na quarta parte, coordenamos a teoria e a praxis da Didática com vistas a um redimensionamento global, através da introdução de eficientes processos, métodos e técnicas didático-pedagógicas para efetiva mudança comportamental dos educadores: uma nova dimensão da atividade didática como coincidente com a própria realização pessoal e profissional do educador.

M E T O D O L O G I A

Um curso que pretende ser uma competentização e uma abertura para a assunção espontânea e definitiva do processo educativo como fator de desenvolvimento pessoal e social há de ter uma metodologia adequada a esse desenvolvimento. Não lhe será própria, portanto, uma metodologia que cerceie ao estudante a capacidade e a possibilidade de refletir sobre educação, como hoje se impõe, definir-se criativamente e assumir as responsabilidades da posição que deverá tomar. Vale isso dizer que se minimizará o quanto possível os métodos meramente receptivos, em seu lugar colocando o processo ensino-aprendizagem em termos de atividade pessoal, tendo como pontos de partida textos de diversos autores, para estudo individual e posterior discussão em grupo.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS - FACULDADE DE EDUCAÇÃO

-4-

O estudo individual se caracterizará por uma abordagem reflexiva dos textos, mediante situações-problema especialmente elaboradas para eles, como orientação do pensamento e fonte de reflexão. As situações-problema serão as cunhas que permitirão ao aluno aprofundar-se nas passagens mais significativas, ora percorrendo os passos da elaboração do autor, ora elucidando pontos suscetíveis de dificuldades, aqui expandendo um juízo crítico, ali buscando fundamentações ou aplicações práticas, situando-se na realidade apresentada, discordando ou concordando, retirando ilações e implicações, recriando e criando.

Os estudos individuais serão a base das discussões em grupo, onde a reflexão individual será exteriorizada, comprovada e enriquecida, ao mesmo tempo que se vão processando diversas técnicas de dinâmicas de grupo que se vão apresentando à experimentação, assimilação e valoração do aluno.

Em suma, a metodologia deverá atender a critérios crítico-reflexivos, através da constante atividade pessoal do aluno.

CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM E

VERIFICAÇÃO DO RENDIMENTO ESCOLAR

A avaliação da aprendizagem e verificação do rendimento do professor-licenciando será procedida de forma global e contínua, considerando-se desde os estudos (individual e/ou em grupo) desenvolvidos, até a observação, a mais completa quanto possível, do desempenho do licenciando, principalmente em sala de aula. Destacam-se, dado ao caráter do curso, alguns aspectos:

- frequência
- esforço
- interesse
- participação
- atitudes e habilidades profissionais

PRIMEIRA PARTE

MUNDIVIDÊNCIA DO EDUCADOR

Embasamento científico necessário para a colocação e compreensão do fenômeno educacional que provoque uma tomada de consciência e crie condições para obtenção de uma mentalidade aberta a inovações, com vistas a uma mudança comportamental decisiva em face dos problemas educacionais.

1. Elementos de Antropologia Filosófica.

Subsídios para um embasamento científico de uma moderna concepção do HOMEM, como suporte de configuração da atividade humana.

2. Elementos de Filosofia da Educação

Em decorrência de um moderno enfoque antropológico, caracterização do Homem como diretriz de um vetor na intencionalidade de propósitos da ação educativa. Posse consciente de uma Filosofia da Educação: assimilação efetiva de princípios para a ação educativa em decorrência dessa Filosofia. Congruência entre pensamento e ação.

2.1 - Teleologia: Fins e objetivos da Educação

2.1.1 - Fixação precisa de objetivos: intrínsecos, imediatos, abertos, flexíveis da Educação.

2.2 - Intencionalidade da Ação Educativa.

2.3 - posição behaviorista quanto ao fim.

2.4. A teoria de campo de Kurt Lewin.

2.5. Pierre Furter

3. Elementos de Sociologia Educacional

Com base nos subsídios de apreensão da realidade conjuntural, oportunizar a análise de conceitos relativos à organização social de uma comunidade escolar, para constatação prospectiva, ajustamento e influência interativos.

3.1. Visão sociológica de um educador

3.2. Conceito de sociedade, comunidade e escola

3.2.1. Unidade de propósitos dos corpos docente, discente e administrativo

3.2.2. Influência dos meios de comunicação de massa na organização social.

4. Educação para uma civilização em mudança

Em decorrência de uma posição sociológica, abertura para constatação das mudanças relevantes do mundo atual e, conseqüentemente, preparação para sintetizar a educação com o ritmo da civilização, dentro de uma perspectiva histórica, para que sejam evitados os desníveis de evolução.

4.1. Em que consiste a mudança

4.2. Conceito de desafio e resposta

4.3. O que é educar

4.4. O artesanato em educação

4.5. O investimento em educação.

5. <u>Política Educacional Brasileira para a Escola Média (1º e 2º graus)</u>	Análise das macro-decisões da educação nacional em face do nosso contexto histórico. Tentativa de caracterização das conotações típicas da realidade de brasileira e suas implicações no plano educacional. Objetivos da educação brasileira.
5.1. Fixação audaciosa de objetivos para uma educação nacional	
5.2. Somatório de características da escola brasileira.	
6. <u>Axiologia: a Educação e os valores</u>	Em decorrência do embasamento científico, acima proposto, reorganização dos valores que abra perspectivas para a educação e implique uma nova dimensão para o papel do educador.
6.1. Redimensionamento do papel do educador.	

SEGUNDA PARTE

O PROCESSO EDUCATIVO

	Em decorrência de uma fundamentação científica, acima proposta, colocação de problemas fundamentais visando à aquisição da coerência e do instrumental necessário, eliminação de falsos pressupostos e obtenção de corretos enfoques para a posterior prática do processo educativo, na contextura do binômio educador x educando
1. <u>Conceito de Educação: localização do problema</u>	Em consequência da retomada conceitual da Educação, caracterização de seus planos gerais e específicos, deflagrando a necessidade da incessável
1.1. A Educação em geral e a Educação específica na escola.	

1.2. <u>Conceito de educação permanente</u>	continuidade e constante aperfeiçoamento como exigência natural da evolução do mundo moderno.
2. <u>A "revolução copernicana" da Educação</u>	Caracterização compreensiva do educando como sujeito da educação, enfoque responsável pela revolução nos métodos de aprendizagem escolar e pelas modificações do comportamento didático-pedagógico do educador. Perspectiva de uma nova escola advinda da moderna concepção de autoridade, em decorrência da competência, submissão à verdade, liderança por conquista e não apenas por investidura.
2.1. A nova escola: escola ativa	
2.2. Criticismo, Modernismo e Futurismo	
2.3. Autoridade e Educação.	
3. <u>O processo educativo: definição e conceitos operacionais.</u>	Proposição do processo educativo como a dinâmica para criação de condições para o harmônico desenvolvimento das potencialidades do indivíduo. Compreensão clara do problema como condição para a eficácia do processo educativo, auto-realização profissional, pela adesão a colocações adequadas e exclusão de conceitos imprecisos e princípios incorretos, como as clássicas aporias conteúdo x método, quantidade x qualidade, informar x formar...
3.1. Distinções, analogias, contextos e antinomias no processo educativo.	
3.2. Vantagens da adesão a uma adequada metodologia.	
3.2.1. Opção vocacional: realização pessoal	
3.2.2. Otimização da ação educativa.	
3.3. Modelos de situações didáticas.	

TERCEIRA PARTE

<u>O EDUCANDO</u>	Humanização do processo educativo. Compreensão do educando como sujeito da educação com vistas a um relacionamento ideal no binômio educador x educando.
1. <u>O educando: sujeito da educação.</u>	Síntese integradora do embasamento científico para conhecimento efetivo da estrutura do educando como agente da educação.
1.1. Caracterização antropológica do educando: tomada conceitual.	
1.2. Conceito operacional de desenvolvimento: caracterização do adolescente na faixa etária.	
2. <u>Problemática do auto-conceito e sua influência na organização da motivação.</u>	A partir da análise das diversas conotações de disciplina, redimensionamento do problema disciplinar com base na teoria e técnica do aconselhamento não-diretivo visando a uma compreensão e reorganização do auto-conceito como sustentáculo da verdadeira disciplina.
2.1. Nova concepção de disciplina escolar.	
3. <u>Pontos pacíficos em modernas teorias da aprendizagem e a respeito do comportamento do aprendiz.</u>	Estudo da estrutura e do dinamismo da psicologia do educando objetivando uma modificação coerente do comportamento didático-pedagógico do educador.
3.1. Como funciona a inteligência.	
3.2. Como o aluno se comporta.	

QUARTA PARTE

<u>REDEFINIÇÃO E REDIMENSIONAMENTO DA DIDÁTICA: TEORIA E PRÁTICA</u>	Criar condições para efetividade na mudança comportamental dos educadores em decorrência da principiologia acima expandida. Dar ao educador uma nova dimensão da atividade didática como coincidente com sua própria forma de realizar-se e levar os educandos a se realizarem também e, pessoalmente, dentro do processo da educação.
1. <u>Educação, Educador e Educando: revisão dos conceitos operacionais</u>	Síntese integradora a título de uma tomada de posição.
2. <u>Educação, Pedagogia e Didática: delimitações, objeto, objetivos.</u>	Mediante estudo que elucide conotações implícitas aos campos propostos e que lhes estabeleça as respectivas fronteiras, através de suas implicações históricas e de suas relações com o processo civilizatório, a proposição da Didática como ciência e arte do trabalho educativo, formativo, e sua conformação coletiva, e da aquisição de formação, como esforço pessoal do educando.
2.1. Panorama histórico da Didática como trabalho formativo: estruturação, evolução ou inovações decorrentes do processo civilizatório.	
2.2. Moderna concepção de Didática: suas implicações como ciência e como arte.	
2.3. Conceitos operacionais: educar - formar	

- ensinar - treinar -
informar - instruir -
aprender.

3. A motivação: suportes psicológicos.

- 3.1. Orientação, motivos, interesse, necessidades, afetividade.
- 3.2. A motivação no processo educativo.
- 3.3. Organização da motivação.
- 3.4. Outros conceitos operacionais necessários.

Conceituação, consistência e conhecimento dos mecanismos psicológicos da motivação e seu verdadeiro papel no processo ensino-aprendizagem. Elucidação de falsos pressupostos e inconsistentes conceitos quanto à motivação, responsáveis por algumas anomalias na prática pedagógica.

4. Conceito de método.

- 4.1. Contribuições da moderna psicologia para a fundamentação científica dos métodos.
- 4.2. O lógico e o psicológico.
- 4.3. Técnica, recurso, procedimento: conceitos operacionais.
- 4.4. Implicações da tecnologia da educação no processo ensino-aprendizagem.
- 4.5. Caracterização, Análise e Distinção dos diversos métodos.

Análise crítica dos mais diferentes métodos, técnicas, recursos e procedimentos, bem como das respectivas fundamentações científicas, com ênfase nas mais relevantes linhas modernas de colocação dos problemas, visando a uma conscientização afetiva e efetiva e a uma significativa tomada de posição ante o problema metodológico, na perspectiva atual, como razão da eficácia educacional e auto-realização.

4.5.1. Fundamentação piagetiana.

4.5.2. Fundamentação skinneriana.

4.5.3. Nossa tomada de posição.

5. Dinâmica do trabalho educativo: processo e ação educativos.

- 5.1. O processo ensino-aprendizagem.
- 5.2. Metodologia do trabalho individual: arte de ler e de aprender.
- 5.3. Auto-aprendizagem. Auto-disciplina.
- 5.4. Técnicas do trabalho individual
- 5.4.1. Estudo de textos
- 5.4.2. Estudo dirigido
- 5.4.3. Instrução programada
- 5.4.4. Instrução personalizada
- 5.4.5. A situação problema
- 5.4.6. Outras técnicas
- 5.5. O trabalho coletivo: educação para a comunidade

Estudo e proposições de métodos e técnicas da dinâmica do trabalho intelectual, objetivando a sistematização da atividade do educando, como fator de economia e rentabilidade, e socialização para o desenvolvimento intelectual e inserção social.

5.6. Conceito de Equipe. Categorias de Equipe.	
5.7. Fundamentação psicológica do trabalho em grupo.	
5.8. Técnicas da dinâmica de grupo:	
5.8.1. Discussão nos grupos pequenos	
5.8.2. Grupo de "cochicho"	
5.8.3. Simpósio	
5.8.4. Seminário	
5.8.5. Discussão em painel	
5.8.6. Painel com interrogadores	
5.8.7. Audiência de comissão	
5.8.8. O diálogo	
5.8.9. A entrevista	
5.8.10. A preleção	
5.8.11. Discussão livre	
5.8.12. Outras técnicas.	
5.9. O sociograma: vantagens e/ou riscos.	
6. Métodos e técnicas da pesquisa em geral e, particularmente, em Didática	Em decorrência da aquisição de sistemática do trabalho intelectual, fundamentação do conhecimento da metodologia da pesquisa científica, responsável pela atitude permanente de reflexão e racionalização do trabalho educativo.


7. As disciplinas curriculares: conteúdos programáticos.	Considerações a respeito dos conteúdos programáticos das disciplinas curriculares e suas relações interativas com a Didática, visando estabelecer as funções gerais e específicas no adequado mecanismo de formação do educando.
7.1. Critérios para seleção de conteúdos	
7.2. O livro-texto.	
8. O processo da Avaliação da Aprendizagem e Verificação do Rendimento Escolar.	Conceituação e análise crítica das diferentes técnicas da avaliação e verificação do rendimento levando-se em conta, sobretudo, as posições do educador e do educando nesta sistemática para melhor atinção dos objetivos colimados.
8.1. A função do educador neste processo.	
8.2. Técnicas e procedimentos	
8.3. A auto-avaliação	
8.4. Critérios de promoção.	
9. Indiosincrasias frequentes nas escolas tradicionais.	Levantamento e comentários críticos de posicionamentos errôneos, distorcidos enfoques e atitudes incorretas comumente verificáveis no processo escolar, decorrentes de grágeis ou imprecisos princípios ou inexistentes fundamentações científicas.
10. Implicações didático-pedagógicas de diversas reformas do ensino brasileiro.	Consideração dos aspectos didático-pedagógicos contidos na legislação maior da Educação na legislação maior da Educação nacional para análise crítica em termos de estratifica-

	ção ou <u>evolução</u> e das suas im- plicações com a conjuntura atual.
11. <u>O planejamento didático- pedagógico.</u>	Considerações gerais buscando atingir a conscientização pa- ra a necessidade de planejar em educação, para isso forne- cendo noções gerais, como um meio de eficiência, economia, justeza e valorização dos re- cursos materiais e humanos, a curto, médio e a longo prazo, tanto em planos amplos como em cada momento concreto e defini- do do processo educativo.
11.1. A necessidade de planejar	
11.2. Critérios de plane- jamento	
11.3. Estrutura e elabora- ção de	
11.3.1. Planos de Curso, Pla- nos de Uni- dade e Pla- nos de Aula	
11.3.2. Planos de Pesquisa.	
12. <u>Problemas educacionais da vida moderna</u>	Prospecções sobre uma viável sistemática operacional de tra- balho dentro do processo educa- tivo e na Universidade, decor- rente da imperiosa necessidade de constante atualização, reno- vação e aperfeiçoamento. Educa- ção permanente. Reciclagem.
12.1. Pesquisa operacio- nal ou ativa: "Action- -research".	

sb.

17 de outubro de 1972 Encaminhamento da documentação exigida, obedecendo às normas dos órgãos competentes, para autorizar-se o **RECONHECIMENTO DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO da Unicamp**. Esta documentação gerou 2 volumes do **Processo Nº 4690/1972, fls. 8 e 9**.

Fonte: Faculdade de Educação CME/FE



UNICAMP

Fls. N.º 8
 Proc. N.º 4690/72
 Pub. [assinatura]

003

Of. DE. 82/72

Campinas, 17 de outubro de 1972

Magnífico Reitor

Tenho a honra de me dirigir a Vossa Magnificência a fim de submeter à sua superior consideração, em atendimento ao disposto na Lei Federal nº 5.540, de 28 de novembro de 1968, Artigo 47, com a redação dada pelo Decreto-Lei Federal nº 842, de 9 de setembro de 1969; a documentação exigida para autorizar-se o reconhecimento da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, em obediência às normas especificadas na Resolução nº 20, de 2 de agosto de 1965 e baixadas pelo egrégio Conselho Estadual de Educação do Estado de São Paulo.

A referida documentação que forma dois volumes em três vias idênticas de cada um, vem acompanhada de uma exposição, talvez longa, mas que reputamos significativa para uma fundamentação de propósitos e para melhor especificação de objetivos.

Desde 1966, vem o egrégio Conselho autorizando e reconhecendo, sucessivamente, o funcionamento dos Institutos que nesta Universidade se encarregam da formação científica, básica e profissionalizante, nas respectivas áreas de conhecimentos específicos, ou sejam, as "matérias de conteúdo" dos cursos de licenciatura em Ciências Biológicas, Ciências Sociais, Física, Matemática e Química, estando estes três últimos Institutos já em fase de diplomação de suas terceiras turmas.

No corrente ano letivo, a Faculdade de Edu-



cação complementou a formação pedagógica que habilita ao exercício profissional do magistério em escolas de 2º grau, ministrando as "matérias pedagógicas" para os alunos dos Institutos supramencionados e de outras Faculdades desta Universidade, ensejando as Práticas de Ensino sob a forma de Estágios Supervisionados para alunos dos cursos de Física, Matemática e Química, concludentes ou não, no corrente ano letivo.

Os "currículos plenos", para todas as licenciaturas, estão em consonância, salvo melhor juízo, com o empenho do egrégio Conselho Estadual de Educação, que suprimiu a viabilidade de licenciaturas "curtas", na área de sua competência, superando, de longe, os mínimos de conteúdo e duração fixados pelo Conselho Federal de Educação. Aliás, este egrégio Conselho, respondendo à consulta feita pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo sobre a suficiência e insuficiência dos mínimos de conteúdo e duração (PAR.CFE.Nº26/70), definiu o mínimo como "suficiente apenas onde e quando não haja como enriquecê-lo; e este não é positivamente, o caso da Universidade de São Paulo". Como esta Universidade, também a Estadual de Campinas se esforça para que a licenciatura plena habilitate ao "exercício plenamente responsável e fecundo do magistério", levando em conta as "peculiaridades locais, tipos de estudantes e padrões, estilos e possibilidades de estabelecimento", consentâneos com o desenvolvimento do Estado de São Paulo, que exige e merece se otimize, ao máximo, o aprimoramento de um dos mais estratégicos promotores de seu autêntico progresso, o Educador realmente qualificado.

Ao ensejo, tenho a grata satisfação de expressar a Vossa Magnificência o testemunho de minha alta estima e do mais profundo respeito.

Marconi Freire Montezuma
Prof. Marconi Freire Montezuma

A Sua Magnificência, o Senhor
Professor Doutor ZEFERINO VAZ
Magnífico Reitor da
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

21 de novembro de 1972 Informação SG Nº 967/72 – A, cujo Conselho Diretor da Unicamp aprova o encaminhamento ao CEE do pedido de reconhecimento das Licenciaturas em Ciências Sociais, Ciências Biológicas, Química, Física e Matemática ministradas pela FE, bem como aprovou o funcionamento do Curso de Licenciatura em Pedagogia. Processo de Reconhecimento da FE de n 4690/72, fl. 566, v.1.

Fonte: Acervo Histórico do Arquivo Central da Unicamp – SIARQ

Novembro de 1972 Havia um único departamento, o **Departamento de Educação, e sete disciplinas:**

- Psicologia Educacional – aprendizagem;
- Psicologia Educacional – adolescência;
- Didática;
- Estrutura e Funcionamento no Ensino do 2º grau;
- Prática de Ensino da Física – estágio supervisionado;
- Prática de Ensino da Química – estágio supervisionado
- Prática de Ensino da Matemática – estágio supervisionado.

Lista do corpo docente do Departamento de Educação, em fase de estruturação: Rosália Maria Ribeiro de Aragão; José Dias Sobrinho; Maria Lúcia Rocha D. Carvalho; Maria Meliane Furtado Montezuma; Maria Inês Fini; Idalina Oliveira Cavalcanti; Glória Ferreira Lens; Rodolpho Caniato; Sérgio Goldenberg; Orly Zucatto Mantovani de Assis; Ophelina Rabello; Marconi Freire Montezuma e Eda Coutinho Barbosa.

Fonte: Faculdade de Educação CME/FE

1973 Foi um ano caracterizado principalmente pelos aspectos financeiros e orçamentários para implantação do Curso de Pedagogia e para o início da Pós-Graduação na FE, além da estruturação de currículos Pleno de Licenciatura e subdivisão do salão com aumento de salas no Ciclo Básico.

Fonte: Faculdade de Educação CME/FE

25 de janeiro de 1973 Solicitação, OF. DE. Nº 10/73 e Protocolo para autorizar o início da estruturação dos Programas de Pós-Graduação da FE.

Fonte: Faculdade de Educação CME/FE

Reitoria da Universidade Estadual de Campinas

PROTOCOLO

OF. N.º	PAPEL N.º 2030
MEM. N.º 010/73	PROC. N.º 230/73

NOME: DE a Reitoria

NOTA: - As informações serão dadas mediante apresentação deste cartão.

Campinas, 25 de Janeiro de 1973

OF. DE. Nº 10/73
EM/ab

Magnífico Reitor

Tenho a honra e satisfação de me dirigir a Vossa Magnificência, com o propósito de solicitar se digne de autorizar o início da estruturação dos Programas de Pós-Graduação da Faculdade de Educação em fase de implantação nesta Universidade.

O que aqui se solicita, pelo óbvio, é apenas a autorização para iniciar a elaboração dos programas, verificar, para propor, sua viabilidade de execução, distribuição de tarefas específicas do curso, critérios de admissão, destinação, dimensão e objetivos. Tudo ficará na dependência do reconhecimento prévio da Faculdade, pelo egrégio Conselho Estadual de Educação, do credenciamento e, principalmente, de seu enquadramento dentro das normas Estatutárias e Regimentais da UNICAMP, para, e então posteriormente se deflagrar o processo de execução dos mesmos.

Ao ensejo, reafirmo a Vossa Magnificência meu profundo respeito e a mais alta estima.

Prof. Marconi Freire Montezuma
Departamento de Educação

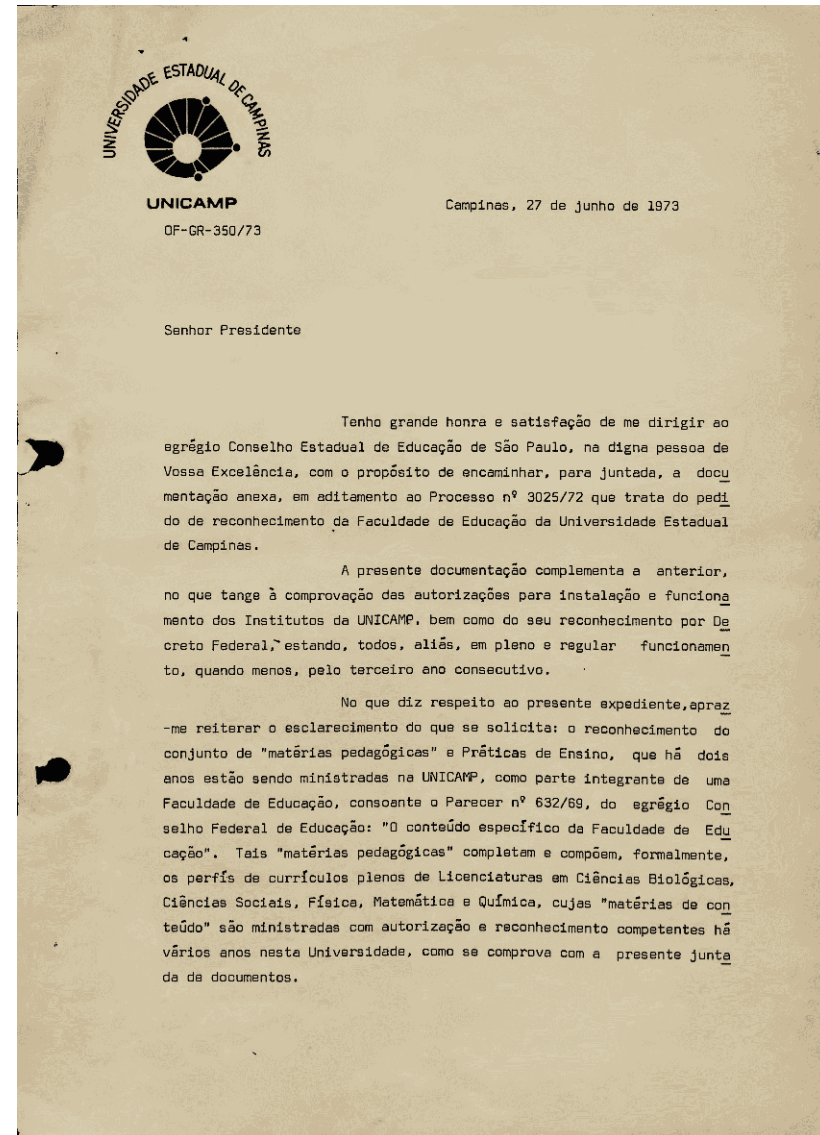
A Sua Magnificência, o Senhor
Professor Doutor ZEFERINO VAZ
Magnífico Reitor da
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

8 de junho de 1973 Pedido de projeção orçamentária objetivando as prováveis atividades da FE de implantação de abertura de vestibular do curso de Pedagogia e estruturação dos Cursos de Pós-Graduação para 1974.

Fonte: Faculdade de Educação CME/FE

27 de junho de 1973 Encaminhado a documentação complementar ao Conselho Estadual de Educação em aditamento ao Processo Nº 3025/72, para o reconhecimento da Faculdade de Educação.

Fonte: Faculdade de Educação CME/FE



Ofício GR 350/73 - Da UNICAMP, Reitor Zeferino Vaz ao
 Presidente do CEE, Prof. Dr. Alpinolo Lopes Casali



O próprio conjunto de "matérias pedagógicas" está sendo ministrado, juntamente com as Práticas, dentro do cronograma de necessidades, consoante o quadro de matrículas e os exemplares de Planos de Curso e programas juntados ao presente por cópias e exemplares.

Ao ensejo da gentileza que solicito e agradeço, cumpre-me afixar a Vossa Excelência o testemunho de meu elevado apreço e a expressão sincera de minha alta estima para com a pessoa de Vossa Excelência, extensivos aos dignos e competentes membros deste Egrégio Conselho.

ZEFERINO VAZ
Reitor

A Sua Excelência, o Senhor
Professor Doutor ALPINOLO LOPES CASALI
DD, Presidente do Conselho Estadual de Educação
São Paulo, SP.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Proc. CEE. nº 3025/72: reconhecimento da Faculdade de Educação.

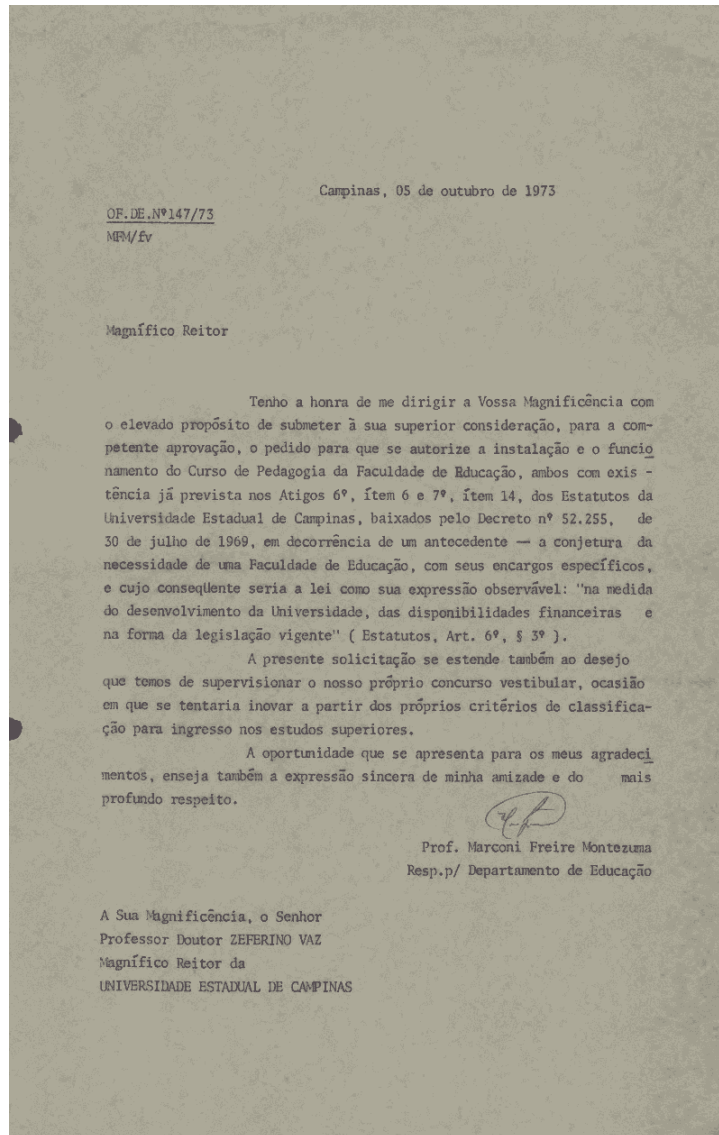
RELAÇÃO DE DOCUMENTOS, anexos ao Ofício GR-350/73:

1. Relação sumária das Resoluções e dos Pareceres do CEE, e Decretos Federais autorizando a instalação, o funcionamento e o reconhecimento dos diversos Institutos da UNICAMP - fls. 3 e 4.
2. Fotocópias dos respectivos documentos sumarizados sob o item nº 1, referentes a cada Instituto, em número de 47 reproduções.
3. Catálogo dos Cursos de Graduação da UNICAMP para 1973.
4. Quadro de matrículas nos Cursos de Licenciatura em Ciências Biológicas, Ciências Sociais, Física, Matemática e Química, nos anos de 1972 e 1973.
5. Planos de Curso para Licenciaturas: matérias pedagógicas; 4 exemplares do ano de 1972 e 4 do ano de 1973.

Campinas, 27 de junho de 1973

Prof. Marconi Freire Montezuma
Resp. p/ DE.

Anexo do Ofício GR 350/73 - Relação de Documentos enviados ao CEE

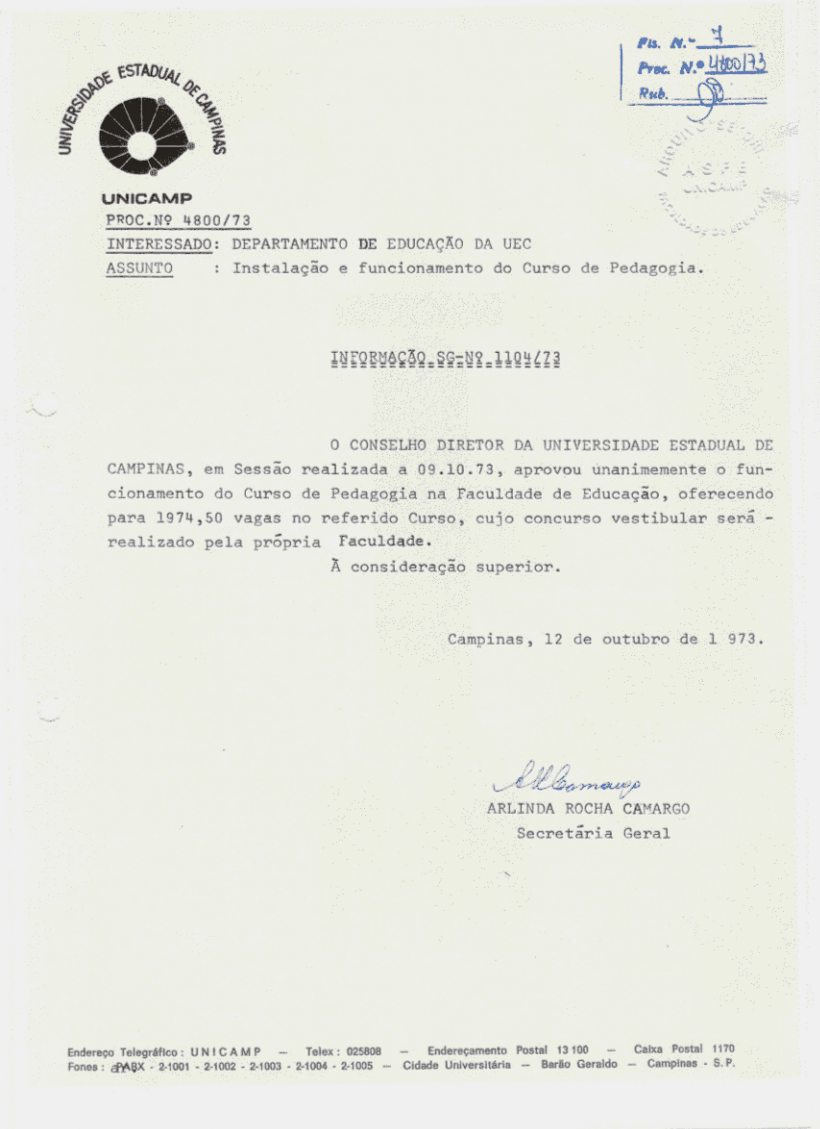


05 de outubro de 1973 Solicitação OF. DE. Nº 147/73 de pedido para autorização da instalação e funcionamento do Curso de Pedagogia da FE, cujo desejo era o de supervisionar o próprio concurso vestibular e salientando a importância do referido curso para formação do especialista da Educação.

Fonte: Faculdade de Educação CME/FE

12 de outubro de 1973 Informação SG Nº 1.104/73, 12.10.73 - o Conselho Diretor aprova o funcionamento do Curso de Pedagogia para 1974 oferecendo 50 vagas, com vestibular realizado pela própria FE. É criado então, o Curso de Pedagogia, que oferece habilitações em Administração Escolar, Supervisão Escolar, Educação Pré-Escolar e Educação Especial, além de Magistério do Primeiro Grau.

Fontes: Faculdade de Educação CME/FE
Acervo Histórico do Arquivo Central da Unicamp – SIARQ



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

UNICAMP
PROC. Nº 4800/73
INTERESSADO: DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO DA UEC
ASSUNTO : Instalação e funcionamento do Curso de Pedagogia.

INFORMAÇÃO SG-Nº.1104/73

O CONSELHO DIRETOR DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS, em Sessão realizada a 09.10.73, aprovou unanimemente o funcionamento do Curso de Pedagogia na Faculdade de Educação, oferecendo para 1974, 50 vagas no referido Curso, cujo concurso vestibular será - realizado pela própria Faculdade.

À consideração superior.

Campinas, 12 de outubro de 1973.

Arlandina Rocha Camargo
ARLINDA ROCHA CAMARGO
Secretária Geral

Endereço Telegráfico: UNICAMP - Telex: 025808 - Endereçamento Postal 13 100 - Caixa Postal 1170
Fones: FAX - 2-1001 - 2-1002 - 2-1003 - 2-1004 - 2-1005 - Cidade Universitária - Barão Geraldo - Campinas - S.P.

24 de outubro de 1973 Designação do Prof. Dr. Marconi Freire Montezuma, para responder pelo expediente da Faculdade de Educação, em sua fase de implantação. Publicado em Diário Oficial do Estado, página 36.

Fontes: Faculdade de Educação CME/FE Diário Oficial do Estado de São Paulo - DOE/SP

Universidade Estadual de Campinas

Reitor: ZEFERINO VAZ

Reitoria

Portaria CR 1647 - Zeferino Vaz, Reitor da Universidade Estadual de Campinas...

Art. 1.º - Designa o Sr. Romeu Marconelli Ribeiro de Castro, Regente do Curso de Física...

Art. 2.º - Designa o Sr. João Galvão de Almeida, Coordenador do Departamento de Física...

Art. 3.º - Designa o Sr. Francisco de Paula, Coordenador do Departamento de Física...

Art. 4.º - Designa o Sr. Antônio de Almeida, Coordenador do Departamento de Física...

Art. 5.º - Designa o Sr. Antônio de Almeida, Coordenador do Departamento de Física...

Art. 6.º - Designa o Sr. Antônio de Almeida, Coordenador do Departamento de Física...

Art. 7.º - Designa o Sr. Antônio de Almeida, Coordenador do Departamento de Física...

Art. 8.º - Designa o Sr. Antônio de Almeida, Coordenador do Departamento de Física...

Art. 9.º - Designa o Sr. Antônio de Almeida, Coordenador do Departamento de Física...

Art. 10.º - Designa o Sr. Antônio de Almeida, Coordenador do Departamento de Física...

Art. 11.º - Designa o Sr. Antônio de Almeida, Coordenador do Departamento de Física...

Art. 12.º - Designa o Sr. Antônio de Almeida, Coordenador do Departamento de Física...

Art. 13.º - Designa o Sr. Antônio de Almeida, Coordenador do Departamento de Física...

Art. 14.º - Designa o Sr. Antônio de Almeida, Coordenador do Departamento de Física...

Art. 15.º - Designa o Sr. Antônio de Almeida, Coordenador do Departamento de Física...

Art. 16.º - Designa o Sr. Antônio de Almeida, Coordenador do Departamento de Física...

Art. 17.º - Designa o Sr. Antônio de Almeida, Coordenador do Departamento de Física...

Art. 18.º - Designa o Sr. Antônio de Almeida, Coordenador do Departamento de Física...

Art. 19.º - Designa o Sr. Antônio de Almeida, Coordenador do Departamento de Física...

Art. 20.º - Designa o Sr. Antônio de Almeida, Coordenador do Departamento de Física...

Art. 21.º - Designa o Sr. Antônio de Almeida, Coordenador do Departamento de Física...

Art. 22.º - Designa o Sr. Antônio de Almeida, Coordenador do Departamento de Física...

Art. 23.º - Designa o Sr. Antônio de Almeida, Coordenador do Departamento de Física...

Art. 24.º - Designa o Sr. Antônio de Almeida, Coordenador do Departamento de Física...

Art. 25.º - Designa o Sr. Antônio de Almeida, Coordenador do Departamento de Física...

Art. 26.º - Designa o Sr. Antônio de Almeida, Coordenador do Departamento de Física...

Art. 27.º - Designa o Sr. Antônio de Almeida, Coordenador do Departamento de Física...

Art. 28.º - Designa o Sr. Antônio de Almeida, Coordenador do Departamento de Física...

Art. 29.º - Designa o Sr. Antônio de Almeida, Coordenador do Departamento de Física...

Art. 30.º - Designa o Sr. Antônio de Almeida, Coordenador do Departamento de Física...

Dr. Yoshitaka Guabizem - Professor Assistente Dr. NERY, em RENTUP da Faculdade de Educação...

Relatório de D. O. de 14-10-73. Na Portaria CR-nº 147-73, onde se lê: Artigo 1.º do Decreto...

Relatório de D. O. de 14-10-73. Na Portaria CR-nº 147-73, onde se lê: Artigo 1.º do Decreto...

Relatório de D. O. de 14-10-73. Na Portaria CR-nº 147-73, onde se lê: Artigo 1.º do Decreto...

Relatório de D. O. de 14-10-73. Na Portaria CR-nº 147-73, onde se lê: Artigo 1.º do Decreto...

Relatório de D. O. de 14-10-73. Na Portaria CR-nº 147-73, onde se lê: Artigo 1.º do Decreto...

Relatório de D. O. de 14-10-73. Na Portaria CR-nº 147-73, onde se lê: Artigo 1.º do Decreto...

Relatório de D. O. de 14-10-73. Na Portaria CR-nº 147-73, onde se lê: Artigo 1.º do Decreto...

Relatório de D. O. de 14-10-73. Na Portaria CR-nº 147-73, onde se lê: Artigo 1.º do Decreto...

Relatório de D. O. de 14-10-73. Na Portaria CR-nº 147-73, onde se lê: Artigo 1.º do Decreto...

Relatório de D. O. de 14-10-73. Na Portaria CR-nº 147-73, onde se lê: Artigo 1.º do Decreto...

Relatório de D. O. de 14-10-73. Na Portaria CR-nº 147-73, onde se lê: Artigo 1.º do Decreto...

Relatório de D. O. de 14-10-73. Na Portaria CR-nº 147-73, onde se lê: Artigo 1.º do Decreto...

Relatório de D. O. de 14-10-73. Na Portaria CR-nº 147-73, onde se lê: Artigo 1.º do Decreto...

Relatório de D. O. de 14-10-73. Na Portaria CR-nº 147-73, onde se lê: Artigo 1.º do Decreto...

Relatório de D. O. de 14-10-73. Na Portaria CR-nº 147-73, onde se lê: Artigo 1.º do Decreto...

TRIBUNAL DE CONTAS

Presidente: JOAQUIM FERNANDO PAES DE BARROS NETTO

A DIRETORIA ADMINISTRATIVA

Atos nos 606 e 607-73, do Presidente em 23-10-73

Atos nos 608 e 609-73, do Presidente em 23-10-73

Atos nos 610 e 611-73, do Presidente em 23-10-73

Atos nos 612 e 613-73, do Presidente em 23-10-73

Atos nos 614 e 615-73, do Presidente em 23-10-73

Atos nos 616 e 617-73, do Presidente em 23-10-73

Atos nos 618 e 619-73, do Presidente em 23-10-73

Atos nos 620 e 621-73, do Presidente em 23-10-73

Atos nos 622 e 623-73, do Presidente em 23-10-73

Atos nos 624 e 625-73, do Presidente em 23-10-73

Atos nos 626 e 627-73, do Presidente em 23-10-73

Atos nos 628 e 629-73, do Presidente em 23-10-73

Atos nos 630 e 631-73, do Presidente em 23-10-73

Atos nos 632 e 633-73, do Presidente em 23-10-73

Atos nos 634 e 635-73, do Presidente em 23-10-73

Atos nos 636 e 637-73, do Presidente em 23-10-73

Atos nos 638 e 639-73, do Presidente em 23-10-73

Atos nos 640 e 641-73, do Presidente em 23-10-73

Atos nos 642 e 643-73, do Presidente em 23-10-73

Atos nos 644 e 645-73, do Presidente em 23-10-73

Atos nos 646 e 647-73, do Presidente em 23-10-73

Atos nos 648 e 649-73, do Presidente em 23-10-73

Atos nos 650 e 651-73, do Presidente em 23-10-73

Atos nos 652 e 653-73, do Presidente em 23-10-73

Atos nos 654 e 655-73, do Presidente em 23-10-73

Atos nos 656 e 657-73, do Presidente em 23-10-73

Atos nos 658 e 659-73, do Presidente em 23-10-73

Atos nos 660 e 661-73, do Presidente em 23-10-73

Atos nos 662 e 663-73, do Presidente em 23-10-73

Atos nos 664 e 665-73, do Presidente em 23-10-73

Atos nos 666 e 667-73, do Presidente em 23-10-73

Atos nos 668 e 669-73, do Presidente em 23-10-73

Atos nos 670 e 671-73, do Presidente em 23-10-73

Atos nos 672 e 673-73, do Presidente em 23-10-73

Atos nos 674 e 675-73, do Presidente em 23-10-73

Atos nos 676 e 677-73, do Presidente em 23-10-73

Atos nos 678 e 679-73, do Presidente em 23-10-73

Atos nos 680 e 681-73, do Presidente em 23-10-73

Atos nos 682 e 683-73, do Presidente em 23-10-73

Atos nos 684 e 685-73, do Presidente em 23-10-73

Atos nos 686 e 687-73, do Presidente em 23-10-73

Atos nos 688 e 689-73, do Presidente em 23-10-73

Atos nos 690 e 691-73, do Presidente em 23-10-73

Atos nos 692 e 693-73, do Presidente em 23-10-73

Atos nos 694 e 695-73, do Presidente em 23-10-73

Atos nos 696 e 697-73, do Presidente em 23-10-73

Atos nos 698 e 699-73, do Presidente em 23-10-73

Atos nos 700 e 701-73, do Presidente em 23-10-73

Atos nos 702 e 703-73, do Presidente em 23-10-73

Atos nos 704 e 705-73, do Presidente em 23-10-73

Atos nos 706 e 707-73, do Presidente em 23-10-73

Atos nos 708 e 709-73, do Presidente em 23-10-73

Atos nos 710 e 711-73, do Presidente em 23-10-73

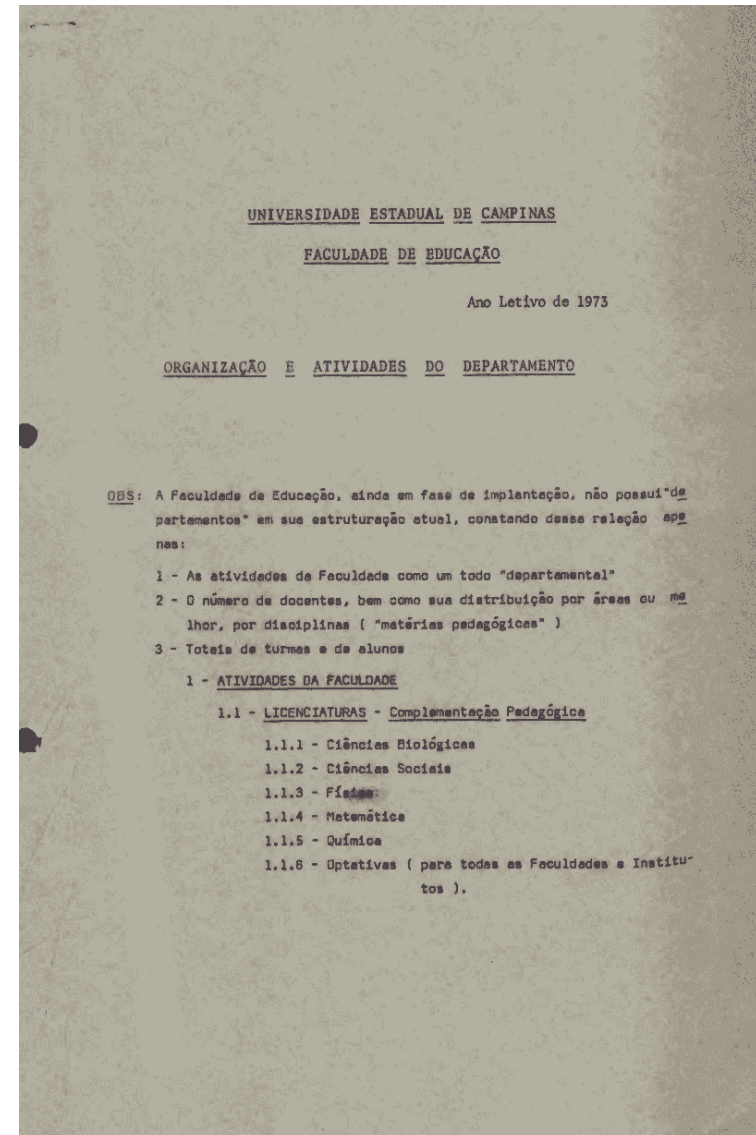
Atos nos 712 e 713-73, do Presidente em 23-10-73

Atos nos 714 e 715-73, do Presidente em 23-10-73

Atos nos 716 e 717-73, do Presidente em 23-10-73

13 de novembro de 1973 Trecho do documento: **Organização e Atividades do Departamento** do ano letivo de 1973. “A Faculdade de Educação, ainda em fase de implantação, não possui “departamentos” em sua estruturação atual, constando dessa relação apenas as atividades da Faculdade como um todo “departamental”; o número de docentes, bem como sua distribuição por área ou melhor, por disciplina (“matérias pedagógicas”) e totais de turmas e alunos”.

Fonte: Faculdade de Educação CME/FE



1.2 - "MATÉRIAS PEDAGÓGICAS" OFERECIDAS

FE-901 - Psicologia Educacional - Adolescência
 FE-401 - Psicologia Educacional : Aprendizagem
 FE-511 - Didática I
 FE-611 - Didática II
 FE-721 - Estrutura e Funcionamento do Ensino de 2º Grau
 FE-711 - Prática de Ensino de Física I
 FE-811 - Prática de Ensino de Física II
 FE-712 - Prática de Ensino de Matemática I
 FE-812 - Prática de Ensino de Matemática II
 FE-713 - Prática de Ensino de Química I
 FE-813 - Prática de Ensino de Química II

2 - NÚMERO DE DOCENTES - DISTRIBUIÇÃO

2.1 - Psicologia Educacional : Adolescência

2.1.1 - Maria Meliana Furtado Montezuma
 2.1.2 - Maria Inês Fini
 2.1.3 - Marthá Rosa Pisani Destro
 2.1.4 - Cecília Azevedo Lima Collares

2.2 - Psicologia Educacional : Aprendizagem

2.2.1 - Sérgio Goldenberg
 2.2.2 - Orly Zucatto Mantovani de Assis
 2.2.3 - Miguel José de la Puente Samaniego
 2.2.4 - Maria Teresa M. Penteado

2.3 - Estrutura e Funcionamento do Ensino de 2º Grau

2.3.1 - Maria Lúcia Rocha Duarte Carvalho
 2.3.2 - Charles Richard Lyndecker

2.3.3 - Mício Corrêa de Assis

2.4 - Didática - I e II

2.4.1 - Rosália Maria Ribeiro de Aragão
 2.4.2 - José Dias Sobrinho
 2.4.3 - Iaci Mota Cebal Goldenberg

2.5 - Prática de Ensino de Física I e II

(Estágios Supervisionados)

2.5.1 - Rodolpho Canieto

2.6 - Prática de Ensino de Química I e II

(Estágios Supervisionados)

2.6.1 - Pedro Onofrio Volpe

2.7 - Prática de Ensino de Matemática I e II

(Estágios Supervisionados)

2.7.1 - Ayda Iguez Arruda (IMECC)

2.8 - Prática de Ensino de Língua

(Estágios Supervisionados)

2.8.1 - Iaci Mota Cebal Goldenberg
 (em estruturação - nº. 2.4.3, supra)

2.9 - Prática de Ensino de Ciências Sociais

(Estágios Supervisionados)

2.9.1 - Falta propositura contratual

2.10 - Prática de Ensino de Ciências Biológicas

(Estágios Supervisionados)

2.10.1 - José Francisco Hoffmang
 (em fase de contratação por transferência do IB)

3 - TOTAIS DE TURMAS E ALUNOS

CARGA DOCENTE

3.1 - Psicologia Educacional: Adolescência

15 Turmas	-	493 alunos	-	900 hs/aula
5 Turmas	-	98 alunos	-	300 hs/aula
				<u>1200 hs/aula</u>

3.2 - Psicologia Educacional: Aprendizagem

8 Turmas	-	258 alunos	-	480 hs/aula
6 Turmas	-	141 alunos	-	360 hs/aula
				<u>840 hs/aula</u>

3.3 - Estrutura e Funcionamento do Ensino de 2ª Graus

4 Turmas	-	83 alunos	-	240 hs/aula
3 Turmas	-	115 alunos	-	180 hs/aula
				<u>420 hs/aula</u>

3.4 - Didática I e II

4 Turmas	-	115 alunos	-	240 hs/aula
4 Turmas	-	77 alunos	-	240 hs/aula
2 Turmas	-	26 alunos	-	120 hs/aula
				<u>600 hs/aula</u>

3.5 - Prática de Ensino de Física I e II

1 Turma	-	20 alunos	-	60 hs/aula
1 Turma	-	5 alunos	-	60 hs/aula
1 Turma	-	18 alunos	-	65 hs/aula
				<u>185 hs/aula</u>

3.6 - Prática de Ensino de Química I e II

2 Turmas - 14 alunos - 125 hs/aula

3.7 - Prática de Ensino de Matemática I e II

3 Turmas - 28 alunos - 195 hs/aula

3.8 - Prática de Ensino de Biologia I e II

- Provisão para 1974: 2 Turmas 125 hs/aula

3.9 - Professora EDA COUTINHO BARBOSA - estagiando nos EE.UU

3.10 - Prof. Marconi Freire Montezuma

- Responsável pelo expediente de Faculdade de Educação
- Atividade docente: 12 hs/aula/semana
- Orientação doutoramento: 8 candidatos
- Orientação Planejamentos de todos os Cursos
- Câmara Curricular - etc.

IMPORTANTE: Na distribuição de carga horária acima mencionada para todos os professores, são indicadas apenas as cargas docentes efetivas, deixando de ser computadas as horas:

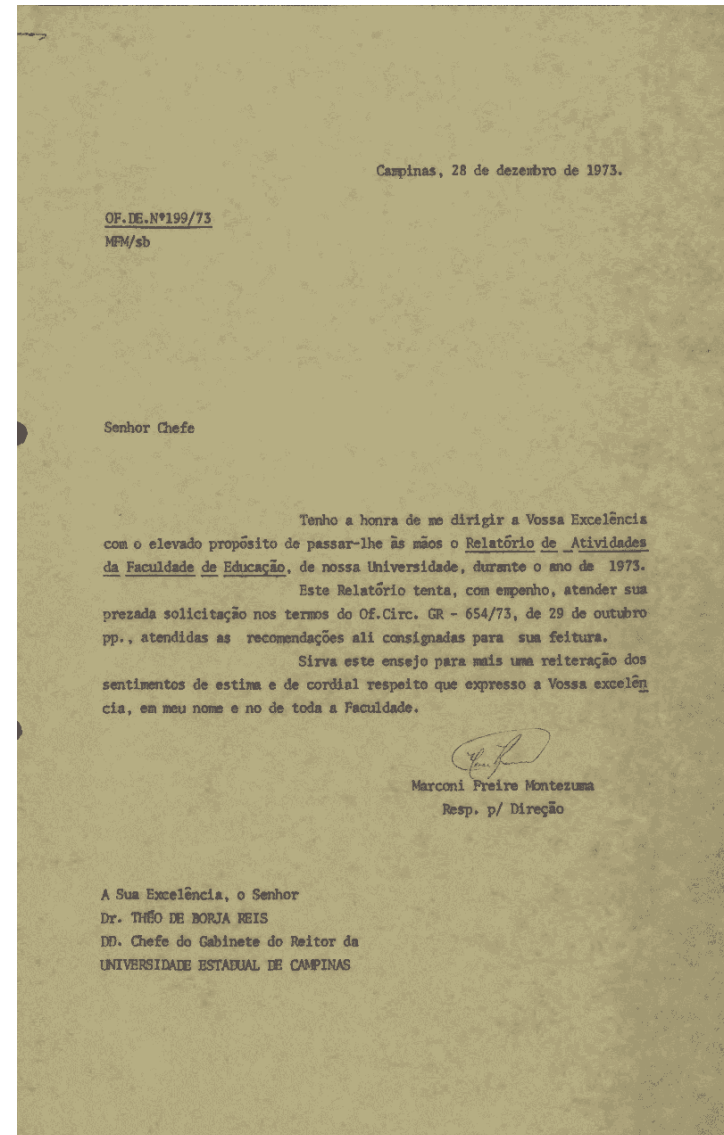
- a) preparação de aulas
- b) correção de trabalhos
- c) cursos de pós-graduação que frequentam em São Paulo (USP PUCC e Pirecicaba)
- d) aula semanal de 4 horas dentro do Departamento, em nível de pós-graduação
- e) atividades de pesquisa

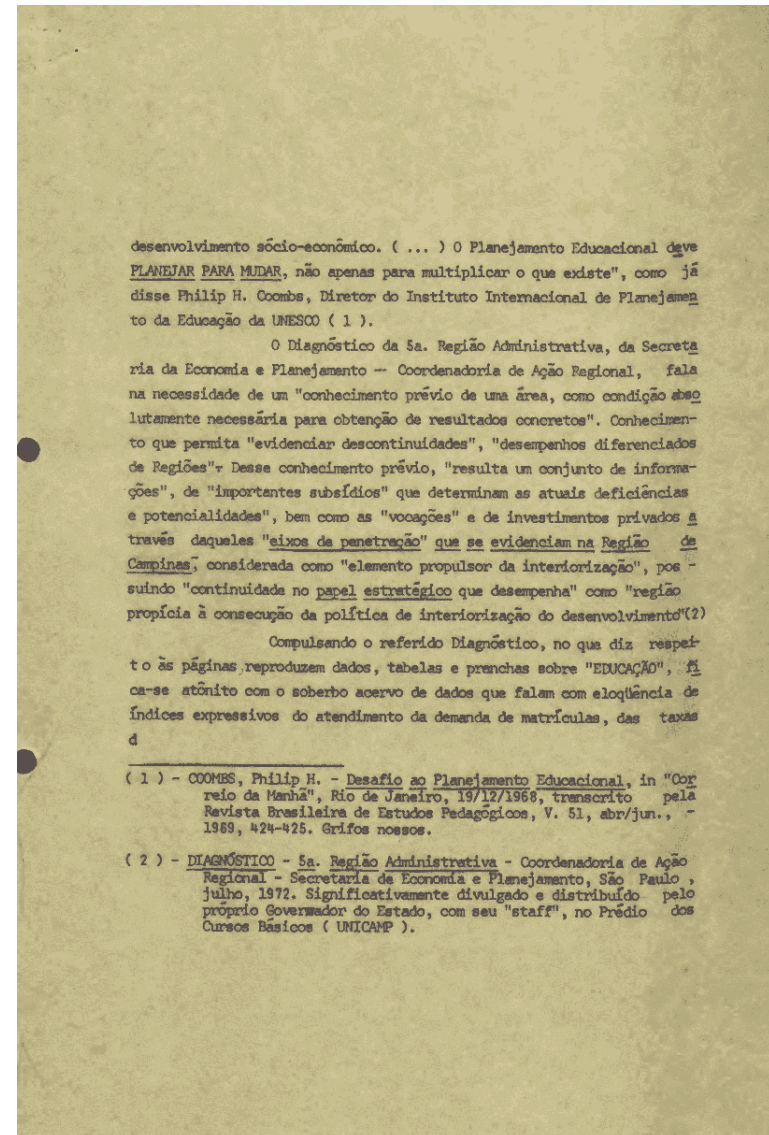
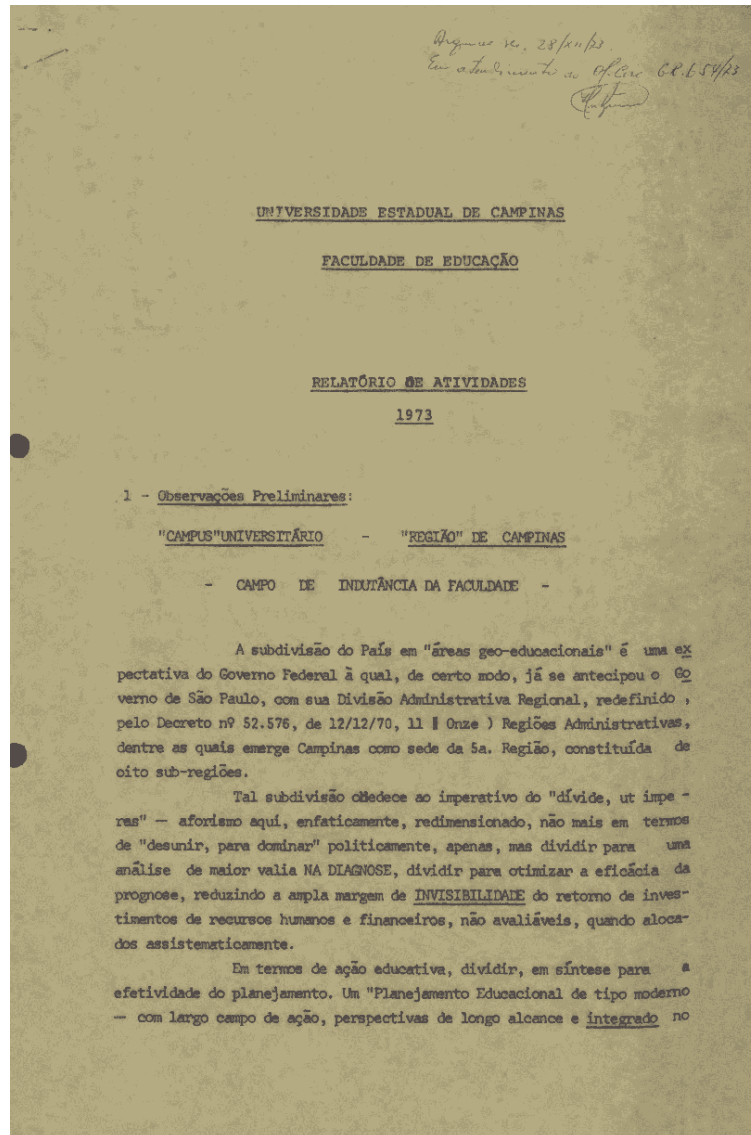
Campinas, 13 de novembro de 1973

Prof. Marconi Freire Montezuma
Resp/ pelo Expediente

28 de dezembro de 1973 Encaminhado, através de OF. DE. Nº 199/73, o **Relatório de Atividades da FE durante o ano de 1973**, atendendo o OF. Circ. GR 654/73 de 29 de outubro do mesmo ano. Consta do relatório: “Com a criação da Faculdade de Educação, a Reitoria da Unicamp instaurou, de maneira estrutural e apropriativa, a reflexão sobre as diversas dimensões do ato pedagógico, confiando a uma UNIDADE o conteúdo específico das ciências da Educação. Assim sendo, aprovou esta Reitoria, o cronograma de implantação, prefixando suas atividades-fim”.

Fonte: Faculdade de Educação CME/FE





de crescimento, das relações "salas/estabelecimentos", classes/salas", "alunos/professor", da participação e do crescimento por "ramos de ensino", das matrículas "iniciais", dos "déficits", da "evasão escolar", das "entidades mantenedoras", etc.

Há, entretanto, um silêncio inquietante em torno da QUALIDADE do processo educativo, dos resultados obtidos como "retorno" de um investimento financeiro, tido como de absoluta prioridade para o desenvolvimento integral do indivíduo e, pelo indivíduo, da Região, através da eficiência de um Sistema Educacional.

Tal lacuna, aliás, diga-se para justiça, é sublinhada pelos próprios diagnosticadores. Longe de constituir uma crítica à elaboração do "Diagnóstico", vai nisso, salvo melhor juízo, precisamente, seu maior mérito: dimensionar, com esta AUSÊNCIA, talvez, a magnitude do desafio proposto a uma Universidade. E mais ainda: é a própria caracterização e o redimensionamento da TAREFA ESPECÍFICA e dinamizadora de uma Faculdade de Educação, qual seja a de PENSAR A EDUCAÇÃO e planejar o processo educativo, principalmente em seus aspectos qualitativos para a eficiência do investimento.

Com sua inserção na Região de Campinas, a Universidade Estadual de Campinas altera a dinâmica de um campo de forças, cujo perfil de linhas se modifica, necessariamente, com sua presença.

A relevância disso jamais se esgotará com o número de UNIDADES, nem com os índices expressivos de matrículas e promoções que apresentar. Mas, na medida em que assumir, em co-responsabilização solidária com as demais Instituições congêneres, as implicações decorrentes dessa nova configuração de forças e interações, modificada com sua presença. Esta sim, seria a sua própria RAZÃO-DE-SER como Instituição de Educação e de Pesquisa.

Por existir simplesmente numa determinada Região, isso poderá parecer irrelevante. Mas, se a Universidade existe numa Região, e porfia em tomar consciência de sua problemática, planejando a eficiência das soluções e avaliando, criteriosamente, os resultados de

seu trabalho para instaurar uma permanente revisão, então, poder-se-á dizer que ela passa a estruturar, com essa Região e nela, o seu legítimo "ESPAÇO VITAL", para tomar de empréstimo a topologia de Kurt Lewin:

$$C = f (EV) \text{ ou } C = f (PA).$$

Com a criação da Faculdade de Educação, a Reitoria da UNICAMP instaurou, de maneira estrutural e apropriativa, a reflexão sobre as diversas dimensões do ato pedagógico, confiando a uma UNIDADE o conteúdo específico das ciências da Educação. Assim sendo, aprovou esta Reitoria, o cronograma de implantação, prefixando suas atividades-fim.

2 - Atividades-fim da Faculdade de Educação

A Faculdade de Educação, prevista nos Estatutos da Universidade Estadual de Campinas (Artg. 6º, item 6) nos termos do Artigo 30º da Lei Federal nº 5.540, e, contribuindo para a implementação da Lei nº 5.692, observadas as disposições do Regulamento Geral da Universidade, propõe-se as seguintes atividades-fim:

2.1 - No Campo do Processo Ensino-Aprendizagem:

2.1.1 - Licenciaturas:

Preparar Educadores para o trabalho formativo através do exercício do Magistério de 1º e 2º graus, encarregando-se dos cursos de Licenciatura. Esta atividade-fim está sendo plenamente atingida, pelo 3º semestre consecutivo. O total de matrícula já ascendeu a 2.073 alunos em dois anos a Faculdade de Educação da UNICAMP passará a integrar ao mercado de trabalho da 5ª. Região, cerca de 300 a 320 licenciados por ano, em Matemática, Física, Química, Ciências Biológicas e Ciências Sociais, afora o número de alunos da própria UNICAMP, para cujos cursos não há previsão legal de licenciatura nas que, mesmo assim, são-lhes oferecidas as "matérias pedagógicas" com vista à aquisição da dimensão pedagógica, necessária também a bacharelados pesquisadores. Já no primeiro ano de sua existência, a Faculdade registrou 2.073 matrículas, das quais,

cerca de 400 foram de alunos que não pretendem licenciar-se, constituindo-se este fato um fenômeno novo e auspicioso para uma Faculdade que en- saia seus primeiros passos na UNICAMP.

2.1.2 - Pedagogia

Formar Educadores em curso de graduação em Pedago- gia, e preparar especialistas e técnicos nos diversos campos da ciência pedagógica para o desempenho de funções necessárias à administração, ins- peção, orientação, planejamento, supervisão, bem como à renovação e am- pliiação da estrutura administrativa do sistema educacional. A Faculda- de não pretende ampliar o nível de "formados" em Pedagogia — deseja pre- parar "sob encomenda", cientistas pesquisadores de soluções para os pro- blemas educacionais de São Paulo, pré-capacitando-os, com a autonomia da eficiência para atuar em áreas onde se torne estratégico o trabalho efetivo de especialistas. Será aberta a inscrição para o concurso ves- tibular para 50 vagas que se iniciará durante o mes de janeiro, com ves- tibular próprio para um curso de Pedagogia em moldes inteiramente origi- nais a partir de 1º de março vindouro.

2.1.3 - Promover o aperfeiçoamento da metodologia do Ensi- no Superior, através de cursos especiais destinados à formação pedagógi- ca e ao treinamento para mudança e renovação da tecnologia educacional- no rprocesso ensino-aprendizagem em nível universitário.

2.1.4 - Promover a permanente renovação e aprimoramento dos métodos e técnicas do processo ensino-aprendizagem de seu próprio Corpo Docente, através da realização de programas de aperfeiçoamento e treina- mento, inclusive para os técnicos que atuarão na pró-ria Faculdade de Educação.

2.1.5 - Organizar e ministrar cursos permanentes, regula- res, intensivos, periódicos ou de férias, como extensão, aperfeiçoaman- to e especialização, de acordo com as exigências do planejamento de suas atividades docentes e de pesquisa, no âmbito da Faculdade, dentro

da Universidade e na medida das necessidades do "campo vital" de trabalho que se atribuir na Região de Campinas.

2.2 - No Campo da Pesquisa e Experimentação Pedagógica:

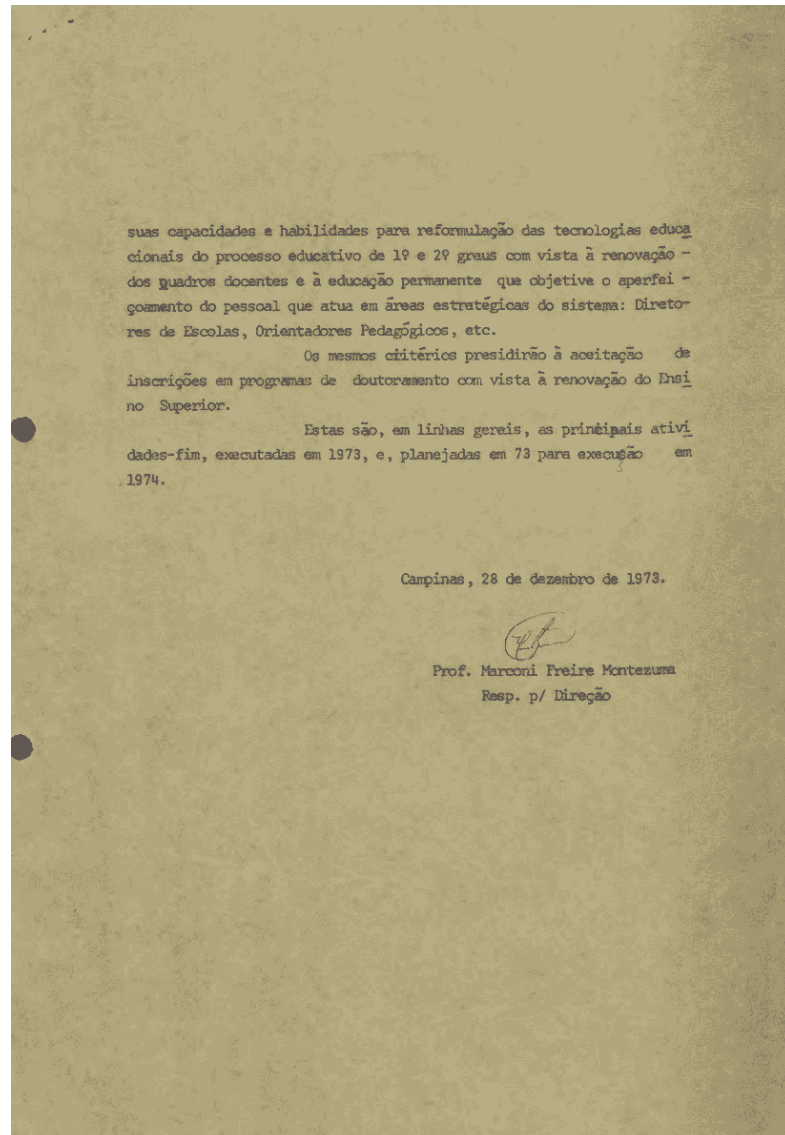
2.2.1 - Instaurar em seus Departamentos a realização permanen- te de pesquisas e experimentação pedagógica, com vista ao desenvolvimento de uma teoria científica da Educação para informar a ação educativa den- tro do sistema escolar brasileiro.

2.2.2 - Realizar pesquisas para diagnose e prognose da proble- mática educacional com vista a fornecer subsídios válidos como colabra- ção para uma Política Nacional da Educação, partindo de seu "campo vital" na Região de Campinas e para a atinção dos seus objetivos e o aprinora- mento dos serviços educacionais.

2.2.3 - Instaurar e institucionalizar, através de seus Depar- tamentos, as atividades de pesquisa aplicada ao longo dos cursos de gra- duação em seu âmbito, no da Universidade e no campo de sua atuação re- gional, sob a modalidade de pesquisa operacional permanente, com ênfase especial nas áreas de Prática de Ensino e Estágios, para adoção de tecnolo- gias educacionais renovadas em todos os graus do processo ensino-apren- dizagem.

2.3 - No Campo da Pós-Graduação:

2.3.1 - Organizar e ministrar cursos de pós-graduação, cumpri- das as exigências legais e as normas do Regimento Geral da Universidade, com vista ao preparo de Docentes e Educadores para o ensino superior, de pesquisadores e técnicos especializados para prover as próprias ativida- des no "campo vital" de sua atuação regional e ir ao encontro das exigênci- as do mercado de trabalho para profissionais especializados em Educação. Na programação dos cursos de Mestrado será dada preferência a estudos e pesquisas que levem a ampliar o alcance da mundividência do Educador

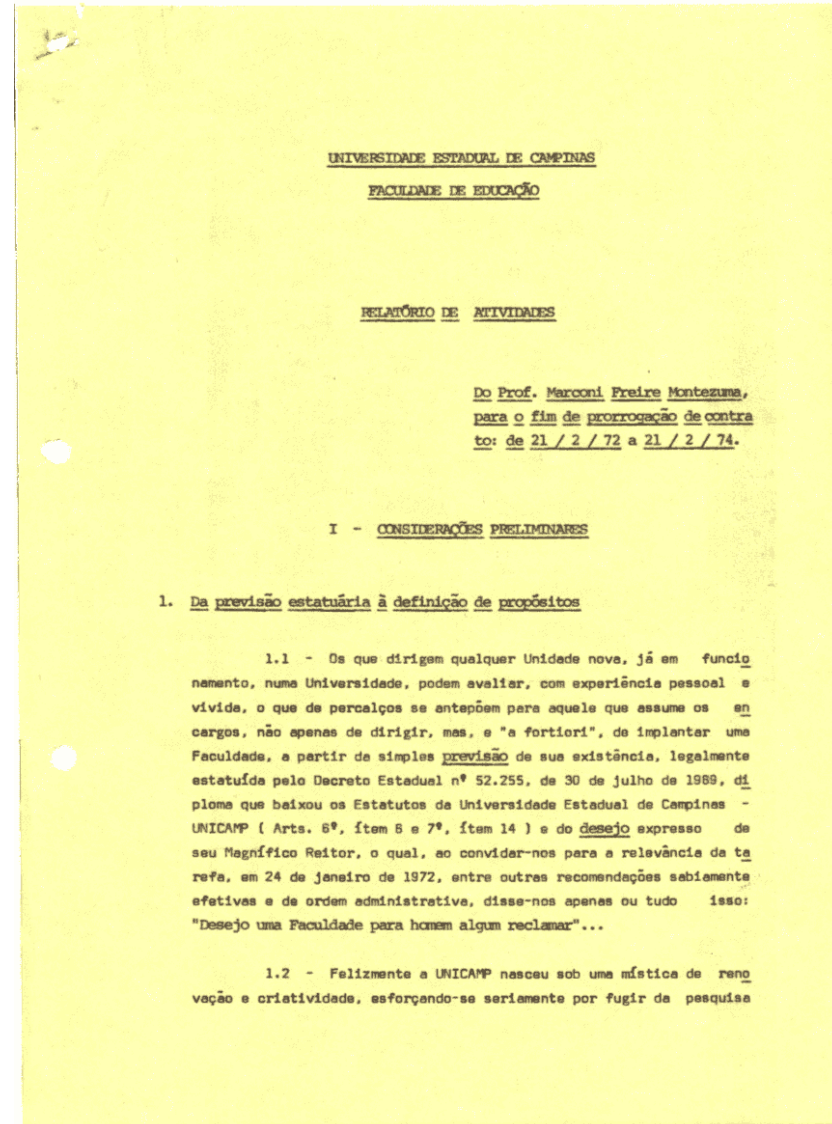


1974 Foi um ano assinalado pela **Implantação do Curso de Pedagogia** buscando formar técnicos, especialistas e pesquisadores em Educação; contratação de novos docentes e ampliação do espaço físico com a instalação da secretaria da Faculdade no Ciclo Básico.

Fonte: Faculdade de Educação CME/FE

02 de janeiro de 1974 Relatórios de Atividades da FE do período de 21/02/1972 a 21/02/1974, feito pelo Prof. Marconi Freire Montezuma.

Fonte: Faculdade de Educação CME/FE



2.

amadorística e da terrível rotina das máquinas de quantificar diplomas. Seu estruturador experimentado, com a perspicácia com que delega competência e abre um crédito de confiança, deixa transparecer também aquela efetiva e efetiva responsabilização de seus colaboradores em "planejar para MUDAR e não apenas para multiplicar o que já existe", segundo a expressão precisa de Philip H. Coombs. E como a economia externa e interna da alocação de recursos financeiros e humanos exige, para racionalização de um empreendimento educacional efetivo e eficaz, o planejamento com ênfase em seus aspectos qualitativos, a primeira atitude consequente era a definição de propósitos, consubstanciados num "Plano Diretor". Este, uma vez elaborado, foi submetido à consideração superior do Magnífico Reitor, do colendo Conselho Diretor da UNICAMP e do egrégio Conselho Estadual de Educação. Para estímulo nossa, não sofreu reparos de espécie alguma. Na impossibilidade de sintetizá-lo, anexamos um extrato do mesmo, por cópias mimeografadas, mais adiante.

2. Desfazer, refazer e propor uma imagem

2.1 - Os que dirigem Unidades já estruturadas, que recapitulam modelos de fisionomia definível, de eficácia anteriormente comprovada, com especificidade de áreas de saber, cuja afinidade tão bem caracteriza sua estruturação departamental e seu funcionamento, em campos de pesquisa e docência já sobejamente prestigiadas, não podem facilmente imaginar o que significa a montagem de uma "nova" Unidade. "Nova" em sua estrutura e funcionamento e "nova" em seus propósitos, dentro de "nova" estrutura preconizada pela Reforma Universitária brasileira. Deste Reforma a "Faculdade de Educação" já emerge sob dupla injunção: desfazer e refazer uma imagem. "Desfazer" uma imagem, pois, já nasce com um imperativo de sobrevivência com dignidade, qual seja

3.

o de não repetir as distorções de muitas das Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras, para evitar os riscos de ser apenas um "nome novo" para um rótulo desatualizado e já no rol dos desacertos da experiência universitária brasileira. As Faculdades de Filosofia também tinham objetivos válidos e ambiciosos: "formar" docentes e pesquisadores para a arrancada do desenvolvimento nacional. Por falta de clima humanizante e de ambiência científica que só se instauram por reflexão autêntica, com diálogo sincero, e maciço investimento financeiro, vegetam, muitas delas, disruptivamente, ecoïnadas de "máquinas de diplomar" para "status" social, em que pese a boa dose de injustiça que, o mais das vezes, vai nessa acusação superficial.

2.2 - "Refazer" uma imagem que bem poderia ser a recapitulação, redimensionada, não da realidade, que também partilhamos, mas do modelo original da Universidade de Brasília, que inspirou a Reforma: uma Unidade da mais alta pesquisa científica sobre o processo educacional, visando o preparo de cientistas, dotados com autonomia da eficiência, para a diagnose e prognose da problemática educativa, com soluções realistas para a eficácia de todo o sistema. Uma Unidade que reinstaura a reflexão axiológica sobre as repercussões significativas do ato pedagógico, partilhado como o é, solidariamente, por todos os Institutos e Faculdades, já que constitui o cerne de estrutura em funcionamento da Universidade em sua "posição subjetiva" como Escola que é, para FORMAR docentes e pesquisadores.

2.3 - "E propor uma imagem", desejável e acreditada, através de uma liderança por conquista e não pela investidura, oriunda de disposições regimentais, estatutárias e nem mesmo pelos remédios organizacionais dos Decretos e das Leis de Reforma. Tal tarefa ninguém

4.

lha outorgará: terá que ser exercida como liderança por conquista, na condição de a Faculdade de Educação competenciar-se e submeter-se aos valores que PREGA, VIVENDO-OS, em sua própria dinâmica departamental. Só assim terá Autoridade, — aquela que emana da "competência" e da "submissão aos valores", — à VERDADE. Afinal de contas, Educação nunca se impõe, PROPÕE-SE. Esta "mística" é essencial e, portanto, invisível aos olhos; ele já nos trouxe muita alegria, mas é filha de um sofrimento; a Faculdade de Educação, antes mesmo de ser fecundada, na matriz de sua gestação, o útero complexo do Campus universitário, sofre injunções, não justificáveis, cientificamente, mas bem compreensíveis, num dado contexto. Antes mesmo de começar a existir, institucionalmente, ela é quase forçada a demonstrar, primeiro, a NECESSIDADE DE SUA EXISTÊNCIA. Por isso, seus estruturadores têm que reformular o seu problema, onde o antecedente jamais poderia ser o fato simples e irrelevante de sua previsão estatutária, mas sim a CONJUNTURA DE SUA NECESSIDADE, cujo conseqüente é que seria a Lei ou os Estatutos como sua expressão observável. Também não faria sentido criar "mais uma Faculdade" só para repetir uma estruturação padronizada em organogramas sugestivos. Há que subsistir sempre as suas verdadeiras "razões - de - ser", mesmo que não precedidas daquela tomada de consciência, coletiva e desejável, de suas reais justificativas num campo universitário. Disso é que resulta uma imagem refeita, que não se impõe, mas propõe-se. Imagem que deve ser julgada pelos seus resultados. E, entre os muitos juízos de valia, há um que também se impõe, o dos alunos, já que ninguém pode enganar a muitos por muito tempo.

3. A imagem proposta à UNICAMP

- Uma Faculdade de Educação para pensar e pesquisar a DIMENSÃO SIGNIFICATIVA DO NÚO PEDAGÓGICO; portanto, para pensar e pesquisar a Universidade, como organismo vivo, como um CORPO, que

só se desenvolve, desenvolvendo a Região em que se acha inserida como num campo de indutância. Uma Faculdade, portanto, para pensar e pesquisar a Universidade, em sua dupla "posição", consoante a sábia distinção de Valdir Chagas:

3.1 - A Universidade em sua "posição subjetiva", como ESCOLA;

3.2 - A Universidade em sua "posição objetiva", como matéria de estudo.

3.1 - A Universidade, considerada em sua "posição subjetiva", é uma Escola, e, como Escola, dentro do espírito da Lei, tem que se organizar:

- "com estrutura e métodos de funcionamento que preservem a unidade de suas funções de ENSINO E PESQUISA" (Decreto-Lei nº53, Art. 1º);
- "o Departamento congregará professores e pesquisadores para objetivos comuns de ENSINO e PESQUISA" (Decreto-Lei nº252 , Art. 2º, § 2º);
- "o ENSINO superior indissociável da PESQUISA... será ministrado em Universidades etc";
- "Entendem-se como atividades do Magistério Superior, para efeito desta Lei: a) as que, pertinentes ao sistema indissociável de ENSINO e PESQUISA se exerçam nas Universidades etc.";
- "Haverá APENAS UMA CARREIRA DOCENTE, obedecendo ao princípio da INTEGRAÇÃO DE ENSINO E PESQUISA" (Lei nº 5.540, Arts. 2º, 3º, e § 1º).

3.2 - A Universidade, considerada em sua "posição objetiva", isto é, aquela em que a escola, incluindo a própria Universidade, se torna, ela própria, MATÉRIA DE ESTUDO, o "conteúdo específico" de uma Faculdade de Educação, consoante o Parecer do egrégio Conselho Federal de Educação, nº 632/69, que magistralmente define as áreas de saber, não exclusivo, mas específico, de uma Faculdade de Educação, formando, no

encontro dessas duas posições, a reprodutividade do organismo educacional, para oferecer, por assim dizer, os "mecanismos endógenos" de sua preservação e de seu desenvolvimento com dignidade e eficácia.

3.3 - Destas posições e dos diplomas legais, acima citados e que, praticamente, ditaram a substância da Reforma Universitária brasileira, infere-se a insistência sobre a indissociabilidade do sistema ENSINO e PESQUISA na estrutura de uma Universidade. Por isso, a Faculdade de Educação insiste também, em sua programática, pelo redimensionamento das duas atividades para que não se comprometa a qualidade do processo ensino-aprendizagem que resume a VIDA de Universidade-Escola e a própria VIDA no Universo. Antes de se diplomar um "bacharel" ou um "licenciado", há que instaurar uma reflexão axiológica sobre o HOMEM que antecede a estas modalidades acidentais de exercício profissional. Acrescentamos que esta reflexão generalizada em todos os "planos de curso" um dos fatores determinantes de aceitação surpreendente do trabalho formativo da Faculdade em nossa UNICAMP. A sofisticação de um equipamento induz no homem de nossos dias uma espécie de respeito reverencial de eloquência muda mas muito maior do que a expectativa de um educador diante das mudanças comportamentais desejadas no educando. Manipular um equipamento, exibir sua versatilidade, demonstrar sua automação e performances, são modos de conduta mágica, com alto valor prático de empatia infalível. Quanto mais sofisticado o equipamento, maior o respeito e o cuidado com as "Instruções para uso", o que sempre ocorre com outro "equipamento" infinitamente mais sofisticado, resultante de uma evolução complexificadora e plenitudinizadora de milhões de anos, o cérebro humano do educando, onde se aloja a tomada de consciência de sua dignidade e de suas possibilidades. Nossa maior insistência está justamente nisso; há necessidade de um conhecimento de antropologia filosófica profunda, para que se evite a "manipulação" das pessoas humanas. Temos que viver sob o susto permanente da responsabilidade solidária pelas consequências de nossas atitudes que são de mais alta relevância: em todo encontro de Universidade, subsiste uma

implicação ética ineluctável: ou se FORMA ou se DEFORMA, não existe outra alternativa dentro do processo de ENSINO e de PESQUISA. Esta vem sendo a tônica dos trabalhos e o nosso maior desafio na montagem de uma Faculdade: são aspectos que transcendam o "Relatório das Atividades" que abaixo registramos.

II - RELATÓRIO DAS ATIVIDADES

1. Seleção do corpo docente. Contratação de professores

1.1 - Foram entrevistados cerca de 186 candidatos, do início de implantação até à presente data. Entrevistas feitas pessoalmente pelo responsável, implicando um contato pessoal de três horas, em média. Parte deles, a convite da Direção. Outros indicados por terceiros, e uma grande maioria por espontânea vontade, demonstrando alto índice de aspiração pelo ingresso na UNICAMP. Esta Direção, tendo recebido total liberdade por parte da Reitoria, escolheu aqueles que julgou convenientes. Não foi levada em consideração a quantidade de papéis juntados aos "currículos". As limitações de ordem financeira (não fora feita a previsão orçamentária para 1972), vieram ao encontro do desejo da Direção de iniciar a experiência com gente "nova", mais permeável, mais acessível aos alunos e com melhores chances de humanização do processo ensino - aprendizagem, preocupação prioritária.

No primeiro semestre de 1973, em abril, já havia um grupo de seis, acrescido de mais seis, em julho e agosto. Estes 12 foram os implantadores da Faculdade, iniciando suas atividades com a oferta das matérias da complementação pedagógica, a partir de setembro.

1.2 - Em janeiro de 1973 foi contratado outro grupo de seis, sendo dois docentes em substituição a dois dispensados, totalizam dezesseis docentes, que atenderam a 1.033 matrículas.

Durante o segundo semestre, este número passou a dez, sendo contratados, agora em janeiro, mais seis docentes, para o acréscimo de matérias da complementação pedagógica que ascenderão ao total de vinte e quatro, em 1974, ficando, assim, completado o quadro docente para as Licenciaturas, restando a contratação de docentes para o início do 1º ano de Pedagogia, pela

Neste atividade, as tarefas da Direção não se limitaram à simples propositura contratual, mas a uma ampla assistência ao novo docente, desde a doutrinação sobre a estrutura e o funcionamento da Faculdade, sondagem de aspirações, opções vocacionais em termos de especificidade de disciplinas, sistemática didático-pedagógica, espírito da equipe, assistência em termos de orientação para o contrato, aquisição ou locação de residência e soluções bancárias para os primeiros problemas de ordem financeira, bem como à iniciação social do docente na vida comunitária que aqui se implantou, reuniões, festas etc. O tempo perdido nesta "iniciação de neófitos" é impossível de computação precisa.

2. Contratação de funcionários técnico-administrativos

2.1 - Partindo de uma filosofia de trabalho e de vida, a Direção entendeu ser também de suma importância a seleção do corpo de funcionários, uma vez que, a Faculdade de Educação, não se adota discriminação de espécie alguma, levando-se em conta a dignidade da pessoa humana, consoante o "slogan" de Charles Peguy, adotado como norma: "Não há seres nem funções inferiores, inferior é o que cumpre mal sua função". Neste sentido, e tratando-se de Unidades em fase inicial de implantação, convinha se imprimisse a esta seleção, não apenas o critério de habilidade mas, e também, o de idoneidade.

2.2 - Foi escolhido, inicialmente, apenas o Secretário, um Professor de Universidade de Brasília, Advogado, Diretor qualificado pelo MEC, Licenciado em Organização Social e Política, com longa experiência de Secretária de Escolas, pois, nela entrou como simples auxiliar, até conseguir o "status" atual. Logo depois, uma "secretária" partiu - lar e datilógrafa da Faculdade. Com estes dois funcionários, trabalhamos durante o primeiro semestre de fase inicial de implantação, até que sobreviesse a contratação precária de mais cinco datilógrafas, duas das

quais com nível universitário de Psicóloga e e outra Licenciada em Filosofia. Dues, estudantes de Economia e Administração e outra com nível médio completo. Esse número foi acrescido de um operador de máquinas e uma servente, ao final do ano de 1972. Estes funcionários participavam de toda a vida de equipe, inclusive das festas que são realizadas como parte de vida departamental permanente. Tratando-se de uma Faculdade de Educação, onde inicialmente, prevalecem as atividades acadêmicas e teóricas de docência, e, não havendo biblioteca, tais funcionários tinham sua carga horária totalmente absorvida pela confecção dos Planos de Cursos, Apostilas, Correspondência Oficial etc. A Direção os iniciava no espírito do trabalho comunitário da Faculdade, atendendo-os, em parte, suas necessidades assistenciais, no início de não-homologação contratual. As deficiências técnicas iniciais, a necessidade de iniciação para as atividades burocráticas de Secretaria, modalidades de contrato, documentação, tramitação de processos etc. tinham que ser ensinadas pela própria Direção, uma vez que não havia docentes em disponibilidade, implicando dispêndio de energias, muita paciência, até que os suportes administrativos começassem a garantir o correto funcionamento da vida administrativa da Faculdade.

3. Localização da Faculdade no Campus Universitário

3.1 - De fevereiro a junho, a Faculdade não dispunha de local para trabalho, sendo toda a atividade realizada pessoalmente pelos primeiros docentes, depois de reuniões de grupo, realizadas em residências particulares, na do próprio responsável pela Direção, mais freqüentemente. As tarefas de planejamento eram distribuídas e depois confrontadas para integração e elaboração definitiva dos "Planos de Cursos" e de todas as aulas, sob a forma de apostilagem. Graças a uma missão de desportividade que impregnou o grupo a partir dos primeiros encontros, pudemos superar esta situação, realmente dispersiva.

3.2 - Em junho foi indicado um salão, com duas salas no prédio dos Cursos Básicos, sobre a Biblioteca, onde, então, foram localizadas a Diretoria, a Secretaria e os doze docentes num único salão. Conquanto não houvesse condições para um clima de tranquilidade, de silêncio e de relativo conforto, pudemos redigir todos os planos e preparar todas as aulas, até que estivemos em condições de atender ao primeiro contingente estufantil, em seis matérias pedagógicas, com um total de matrículas da ordem de 570 alunos. As atividades de pesquisa estavam seriamente comprometidas, por falta de material, dificuldades de ordem administrativa, carência de máquinas e de material de consumo, até que foi liberada uma verba de Cr\$ 10.000,00, com a qual se conseguiu o milagre de atender a 570 alunos, fornecendo-lhes apostilas em todas as aulas, para todos os cursos. A falta de telefone, de transporte próprio e do equipamento burocrático mínimo e elementar, não impediu se conseguir o funcionamento regular das atividades de manutenção em nível razoável para o atendimento de docentes e alunos. Mesmo assim, quase todos os docentes ainda puderam dar desenvolvimento a seus planos de pesquisa, apesar da carga horária média de 24 horas-aula (incluído o preparo de aulas e a correção de trabalhos domésticos e de classe, solicitados dos alunos, semanalmente).

3.3 - Em janeiro de 1973, conseguiu-se uma subdivisão do salão, originando-se, com ela, a possibilidade de distribuição das tarefas administrativas, seção gráfica e dos docentes, em oito salas, permanecendo essa situação precária até o presente. Estamos com as salas superlotadas (cinco docentes por salas pequenas), não havendo mais lugar para localização dos novos contratados, caso não sobrevenha a concessão de mais espaço. Esta limitação de espaço se reflete seriamente na falta de clima para estudo individual, pesquisa, dificultando a concentração dos docentes, impossibilitando o atendimento individual aos alunos e às partes visitantes de docentes, para assuntos relativos

às próprias pesquisas. Com uma matrícula que em 1973 totalizou 1.733 alunos, a sistemática de atendimentos dos alunos, individualmente, em grupo, para entrevistas e para os trabalhos de recuperação de aulas, já que exigimos frequência integral, através do sistema de reposição de aulas, tornava-se sumariamente penosa para todos os docentes, apesar de haver sido realizada a contento para os alunos. Um quarto do espaço disponível foi solicitado para a Biblioteca, complicando ainda mais a situação. É fácil imaginar o que significa esse tipo de localização de uma Unidade, quando o responsável dispunha apenas do Secretário para enviar as providências necessárias a uma acomodação razoável.

4. Atividades burocráticas. Administração

4.1 - Elaboração de prospecções orçamentárias:

- 4.1.1 - Orçamentos-programa de 1972, 1973 e 1974
- 4.1.2 - Prospecções para expansão da Faculdade
- 4.1.3 - Tredobro para 1974: Licenciaturas, Pedagogia e Pós-Graduação

4.2 - "PLANO DIRETOR" DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Volume de documentação apresentada ao colégio Conselho Diretor e ao egrégio Conselho Estadual de Educação para o reconhecimento da Faculdade de Educação da UNICAMP.

4.3 - "Plano de Cursos" - colocações em termos de Administração Escolar - 5 planos, inicialmente (1972) posteriormente (72 e 73), elaboração dos aspectos administrativos dos planos.

4.4 - Despachos, pareceres, relatórios

Toda tramitação burocrática esteve acumulada nas funções de Direção, por falta de docentes disponíveis ou com conhecimento da problemática. Em 1973, a rápida competenziação do Sr. Secretário, fez-lo assumir os encargos globais da Secretaria, no que tange à execução orçamen

tária e demais atividades pertinentes ao cargo. Quanto à vida escolar, que é uma atividade bastante complexa na Faculdade, esteve toda concentrada nas mãos da Direção, até que nos foi designado um funcionário, como auxiliar, e um docente, que se dispôs a assumir os trabalhos referentes à área da Câmara Curricular (Providência da Comissão Curricular).

4.5 - Correspondência Oficial

4.5.1 - Redação pessoal de mais de 500 ofícios, além de memorandos e outros tipos de comunicação.

4.5.2 - Estatísticas, informes ou dados gerais sobre os trabalhos de UNIDADE, solicitados freqüentemente pela Secretaria Geral em nome de Instituições Oficiais do Estado ou de todo o País.

4.5.3 - Parecer para a Câmara Curricular, Comissões de Ensino e de Dedicção Integral.

5. Atividades didático-pedagógicas

5.1 - "Plano de Curso" - Elaboração pessoal ou co-redação e supervisão de todos os "Planos de Curso" das matérias pedagógicas ministradas pela UNIDADE, no que tange às colocações didático-pedagógicas e de filosofia do trabalho formativo da Faculdade de Educação. Tais planos constituem autênticos "instrumentos de trabalho", fornecidos aos alunos, e não apenas tópicos de um "programa", como se costuma fazer. Neles constam: aspectos antropológicos, educacionais, tomadas de posição face à problemática educacional, sistemática do trabalho formativo e tópicos dos programas com remessa e ampla bibliografia.

5.2 - "Instrumento de Trabalho" - Apostilas

Enquanto não houver ampla bibliografia disponível, em número e qualidade, há que lançar-se mão de "apostilas", mal necessário, mas que tem a vantagem do baixo custo, seletividade de temáticas, colocando em mão, o conteúdo estratégico de cada aula. É a atividade que absorve maior volume de energias da Faculdade. A função da Direção, além de

aspecto complexo das providências quanto ao Setor de Mecanografia, consiste na supervisão destes instrumentos ou nas sugestões para sua utilização metódica.

5.3 - Orientação Pedagógica do Corpo docente

5.3.1 - Pessoalmente, quando do ingresso de novos docentes.

5.3.2 - Coletivamente, através de reuniões, de 4 horas, às quartas-feiras. Nestas reuniões, carne de vida departamental, são discutidos em comum, todos os aspectos administrativos e didático-pedagógicos do funcionamento de todos os cursos.

5.4 - Atividades docentes

Além de 12 horas-aula semanais, o responsável desenvolveu atividade docente ampla demais, na orientação didático-pedagógica dos cursos, devendo ser reduzida em co-responsabilização com outros docentes. Docência de docentes, dentro do sistema que adotamos, é tarefa que absorveria toda a carga horária de um diretor. Já estamos providenciando auxiliares para tiragem de funções, já que estamos saindo da fase mais complexa de implantação.

5.5 - Orientação para Pós-Graduação

Vamos ter que transferir parte das responsabilidades pela Orientação de doutorandos sem curso, da Educação, que estão pesando demais e urgindo melhor atendimento. Há seis inscrites em programa de doutoramento sem curso, pela Faculdade e sob nossa responsabilidade, direta ou indireta.

5.6 - Orientação para execução das pesquisas

Exame minucioso, co-redação e orientação, para elaboração e execução dos Planos de Pesquisa, coincidentes ou não com programas de doutoramento e submetidos à douta CPDIEC.

6. Atividades de Pesquisa Pessoal

6.1 - Foi executado, praticamente, o Plano de Pesquisa proposto à douta CPDIEC, "Direção de Escola - Liderança por investidura ou por conquista"? Anexamos os extratos publicados e estudados em grupo pelo Corpo Docente de UNIDADE, no que tange à Faculdade de Educação, área principal da pesquisa de campo -- e sua estrutura e o seu funcionamento.

6.2 - Outra área em que foi aplicada nosso plano, foi a das Licenciaturas: planejamento comprovada a tese de que, para eficiência e para eficácia do trabalho de liderança do educador, não são suficientes apenas os salários, os recursos materiais de prédios e instalações, mas nos ainda os equipamentos sofisticados que têm em aparecer como expressão da autêntica "Tecnologia do Ensino" -- há que se instaurar a reflexão auto-filosófica sobre as dimensões do ato pedagógico, da ação educativa e da pessoa do educador em sua realização humana e profissional. Os resultados, na UNICAMP, de um trabalho com 2.078 alunos foram tão surpreendentes, a ponto de sobrevir uma variável intrigante: -- será que o impacto resultou apenas destas colocações auto-filosóficas? Sabemos e estamos prevenidos para isso, que toda mudança, no sistema educacional, leva, de início, vantagem da "novidade" ou se beneficia das falhas dos outros, intencionais ou não.

6.3 - Publicações

Foram feitas, para divulgação interna. O "departamento" não dispõe ainda de verba para publicações em tipografia, nem seu responsável chegou a solicitar o que talvez lhe seria generosamente concedido pela Reitoria. É que estamos ainda vinculados ao problema do reconhecimento da Faculdade, em cujo processo foi inserida parte substancial das conclusões de pesquisa, o que, preza a Deus, esperamos se libere o mais cedo possível.

6.4 - Curso em nível de Pós-Graduação (para uso interno das nossas docentes) sobre "Tecnologia e eficácia do processo ensino - aprendizagem", planejado, executado e apostilado pelo responsável pela

UNIDADE, sob dupla estratégia: ensinar a "unidade de propósitos" entre os nossos docentes e ampliar os conhecimentos sobre a intencionalidade da ação educativa em geral, para "economia interna" do processo de ensino, dentro da Faculdade, principalmente. Vamos solicitar à d^{ta} Comissão de Ensino, a autorização para inserir a continuação deste Curso em nosso plano de Pós-Graduação para 1974 em diante.

7. Planejamento do Curso de Pedagogia

7.1 - Elaborado o Plano Geral do Curso, pelo responsável. Elenco de disciplinas. Dimensões do Curso.

7.2 - Vestibular próprio

Elaboradas as normas para nosso Concurso Vestibular, com novos critérios. Exatidão da própria Faculdade agora em janeiro e fevereiro.

8. Projetos dos Cursos de Pós-Graduação

8.1 - Plano para o Mestrado

8.2 - Plano para os programas de doutoramento

Ambos em fase de redação final para submetê-los à apreciação da d^{ta} Comissão de Ensino.

9. OBSERVAÇÕES FINAIS

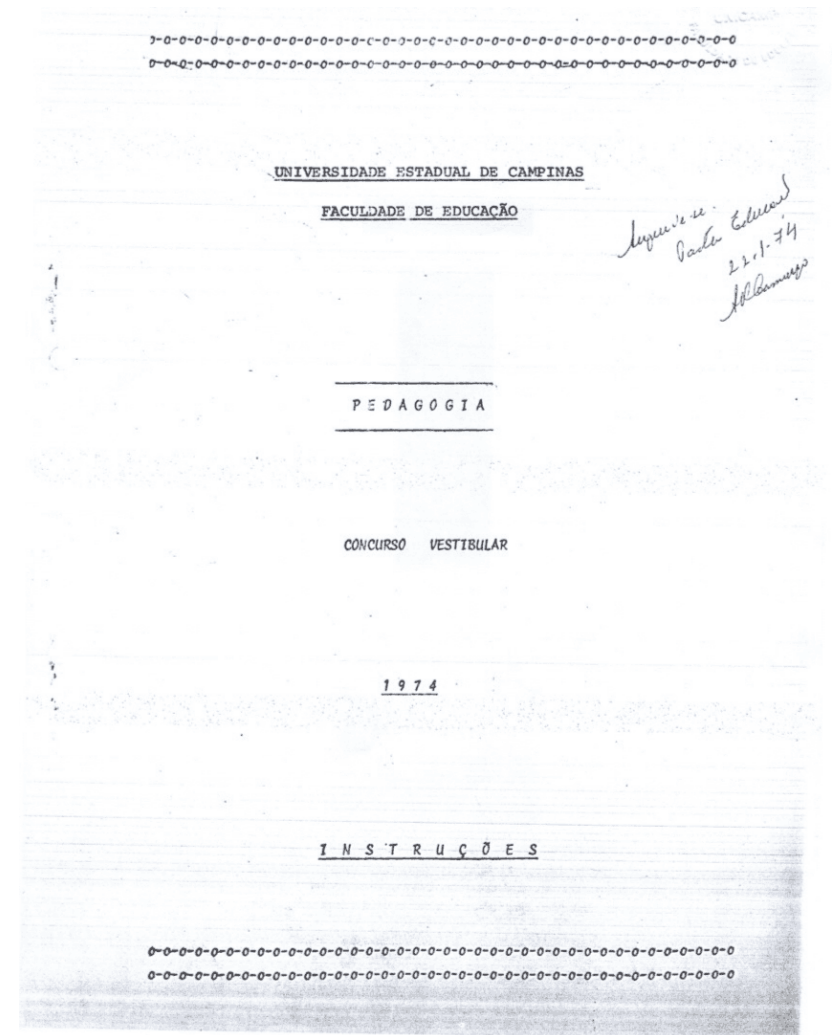
Concluindo, temos apenas a dizer que, não fora a ampla assistência dada pelo Magnífico Reitor da UNICAMP, seu estimulante encorajamento, bem como a lenta, mas, gradativa e progressiva criação de suportes administrativos para o nosso trabalho, não teríamos chegado com saúde e vida ao final de 1973. A direção que implanta uma Faculdade, administre seu funcionamento, exerce atividades docentes e de orientação, além das inúmeras solicitações deste tipo de trabalho, ultrapasse todos os limites dos horários oficiais do concreto de trabalho.

Foi graças a centenas de noites e inúmeros fins de semana, bem como à supressão das férias em 72 e 73, que conseguimos chegar a bom termo. As perspectivas no data de hoje são excelentes: vamos dispor de colegas aos quais já podemos transferir grande parte dos encargos que pesavam sobre os ombros de uma só pessoa: Comissão de Ensino (representante oficial), CPDIEC (Assessor Técnico), Câmara Curricular (reuniões quase semanais de 4 a 5 horas) e Conselho Diretor. Essa concentração de funções não foi propriamente aceita. Foi uma decorrência de múltiplas injunções, começando pela falta de pessoal, passando depois pela sobrecarga de todos os auxiliares e indo à necessidade de pré-capacitação dos mesmos que, aliado dos pelos novos contratados, começa agora a poder desempenhar suas funções pessoais ao tempo em que poderão co-participar tarefas da Direção, que também deseja vivamente dar aulas e pesquisar com a tranquilidade conveniente, sem prejuízo das funções administrativas, já por si mesmas, dispersíveis, mas racionalizáveis. A Faculdade hoje poderá contar com o número de docentes e funcionários suficientes para equalizar, distributivamente, as grates funções de docência, pesquisa e atividades administrativas existentes em seu campo de ação.

Campinas, 2 de janeiro de 1974

Prof. Marconi Freire Montezuma
Resp. p/ Direção

Instruções do Vestibular de Pedagogia



11, 12 e 13 de fevereiro de 1974 A FE realiza seu primeiro processo seletivo (**Concurso Vestibular**) do **Curso de Pedagogia**. Foram oferecidas 50 vagas, período diurno em tempo integral. O curso era organizado em 3 habilitações: Orientação Educacional, Administração Escolar e Supervisão Escolar.

Fonte: Faculdade de Educação CME/FE

=====

UNICAMP - FACULDADE DE EDUCAÇÃO - CONCURSO VESTIBULAR PARA PEDAGOGIA - 2 -

=====

1 - "MAIS UM CURSO DE PEDAGOGIA? - PARA QUE?"

Meu caro Candidato,

Este é o nosso primeiro contato com Você, dentro de um esquema em que, infelizmente, não podemos adotar ainda, aquela modalidade de diálogo pessoal, efetivo e afetivo, na forma desejável do encontro humano. Por enquanto, Você poderá estar se sentindo apenas um, entre centenas ou milhares de candidatos, concorrendo, às portas da Universidade, a uma "vaga" no Curso de Pedagogia que aqui se oferece. Onde a expressão "Concurso", que, por ser feito às portas de uma Instituição, chama-se "Vestibular", para o preenchimento de 50 oportunidades, de profissionalização, das quais Você disputa uma, que lhe poderá rasgar perspectivas ou ser motivo para temporária frustração. Esta segunda hipótese é que nos deixa, a nós e a Você, um tanto apreensivos, não acha? Mas, vamos conversar sob o clima da primeira viabilidade positiva, qual seja, a de Você vir a tornar-se membro da grande família que é a UNICAMP!

Como o diálogo é unilateral, - Você não fala, apenas lê - vamos imaginá-lo em nosso ambiente, recapitulando aquelas indagações que foram mais comuns a quantos de seus colegas que por aqui passaram, pessoalmente, para pedir informações.

Nossa primeira preocupação é deixá-lo à vontade. Ao participar do Concurso Vestibular, sinta-se em casa, durante os três dias que poderão prolongar-se por quatro, ou mais anos, de feliz conagração universitário. Mesmo durante o Concurso, vamos tentar não transformá-lo em um número apenas, num anonimato de orfandade espiritual que, o mais das vezes, involuntariamente, pode parecer resultar da complexidade estrutural e funcional de uma grande Universidade. Você receberá um número para o computador, que pode parecer impassível e draconiano, como o deus Cronos, da mitologia grega, que devorava seus próprios filhos. Mas o computador é operado por pessoas bem humanas, ex-vestibulandos, como Você, que usam-no como um meio para emprestar maior versatilidade na manipulação de dados fornecidos com calor humano para uma programação mais objetiva. Seu nome lá estará também em sua memória. E, conosco, na memória e no coração. A Faculdade de Educação da UNICAMP vem se esforçando, desde sua fundação, em 1972, por gravar na memória e no coração, o nome e a pessoa humana que ele expressa, com todas as

=====

UNICAMP - FACULDADE DE EDUCAÇÃO - CONCURSO VESTIBULAR PARA PEDAGOGIA - 3 -

=====

ressonâncias. Nossos docentes conhecem, pessoalmente, cada aluno... e já tivemos 2.073 matrículas! Conhecem todos os alunos pelo nome, e, quando se faz questão de conhecê-los pelo nome, vêm junto com ele, a dimensão humana de corpo inteiro: suas aspirações, suas frustrações, seus problemas ou pseudo - problemas, suas inquietações, idiosincrasias comportamentais, traumas pessoais, e, por que não dizê-lo, suas "quebradeiras" e a desportividade das ginásticas que fazem para equilibrar o "orçamento" das "repúblicas", sem empregada, o mais das vezes, e com cozinheiro improvisado (como é o caso da quele que, de tanto jogar o macarrão na parede, esvaziou a panela - haviam dito: "jogue na parede, se cola, está cozido..."), Conhecer pelo nome, traz profundas alegrias, mas faz também a gente sofrer, "sofrer com" (do grego "syn" = com e "pathein" = sofrer, sensibilizar-se), donde veio a "simpatia" em português, que é mais, muito mais do que um simples "sorriso Colgate" ocasional: é envolver-se e compromissar-se com o outro, numa adoção espiritual ou numa fraternidade que ecoa lá dentro e traz implicações de "paternidade" ou "maternidade" e também de "fraternidade", às vezes mais significativas do que ser pai e ser mãe ou irmão pela ontogênese das leis biológicas. E não há nada que substitua as alegrias de conhecer e ajudar os outros, apossar-se por espontânea convivência de sua auto-imagem, revelada no "jeitão" de cada um, que é aquilo que é, (o eu que eu sou) em luta permanente com "aquilo que eu deveria ser" (o que eu pretenderia ser). Meter-se, com amor de simpatia, no meio dessa dinâmica, é ser educador, qualquer que seja a matéria que se "ensine"... E é para isso que Você vai fazer um "vestibular". E vestibular para cursar "Pedagogia". O que é um curso de Pedagogia? Sente-se aí, e vamos conversar um pouco, apesar das limitações deste papel. Por enquanto, um cordial aperto de mão e um abraço.

Cordialmente seus,

Nós, da Faculdade de Educação

UNICAMP - FACULDADE DE EDUCAÇÃO - CONCURSO VESTIBULAR PARA PEDAGOGIA -4-

1 - Que é um curso de Pedagogia? Para que a UNICAMP criou "mais um" ?

1.1 - Um curso intensivo para a formação de cientistas e de artífices, já que a Educação é "ciência" e "arte" ao mesmo tempo, com o significativo propósito de aquecer, enriquecer e diversificar a criatividade seletiva para a inovação, renovação e redimensionamento do ato pedagógico, da ação educativa onde quer que ela se exerça, de modo consciente, responsável e solidário com a comunidade, com a humanidade em permanente anseio de recomeçar

1.1.1 - Formação de "cientistas": procuraremos instaurar, no Campus de Barão Geraldo, o pensamento e a reflexão sobre o processo educativo, na forma de pesquisa, em alto nível, para equacionar a problemática dos desafios, formulando respostas adequadas, realistas e viáveis para o sistema educacional, a partir de dentro da própria UNICAMP, passando pelas fronteiras da 5a. Região Administrativa de Campinas, que vai de Itupeva a Mococa, e de Joanópolis a Brotas, para o Estado de São Paulo e para o resto do País, de acordo com as viabilidades; com este embasamento, desejavelmente sólido, de Ciências do Homem e de Ciências da Educação, pretendemos também:

1.1.2 - A formação de "artistas", ou, em outras palavras, o envolvimento da criatividade, seletiva e perspicaz, realista e econômica (maior qualidade com menor esforço), efetiva e eficaz, no processo educativo da 5a. Região de Campinas, no contexto de São Paulo e do Brasil, sem perder de vistas as inferências da permanente tomada de consciência da marcha humana do processo civilizatório. Em linguagem talvez mais acessível:

1.1.3 - Desejamos, num clima de amizade, ficar ao seu lado, para ajudá-lo, em quatro ou mais anos, a situar seu otimismo no mundo, para remodelá-lo. Criar condições, no melhor clima de confiança, para que Você cultive sua CRIATIVIDADE, pondo-a a serviço do

UNICAMP - FACULDADE DE EDUCAÇÃO - CONCURSO VESTIBULAR PARA PEDAGOGIA -5-

trabalho formativo da Educação. Esperamos dotá-lo com aquela AUTONOMIA DA EFICIÊNCIA, como cientista da Educação, a fim de que seu diploma não seja apenas a aquisição de um "status" universitário, mas seja o sinal verde para sua atuação fecunda, numa Escola, numa Universidade, numa Secretaria de Educação, nos organismos oficiais que planejam os investimentos na área de Educação, na TV-Educativa, nos Centros de Tecnologias Avançadas, aplicadas à Educação, assessoria a qualquer suporte administrativo, didático-pedagógico, criado com vista a tornar o processo educativo humano, humanizante e altamente eficaz. Desejamos ensinar-lhe a oportunidade de replanejar sua vida ("Lebensplan"), através de um novo esquema de vida universitária, em moldes a tomá-lo, em breve, um cientista que sinta no trabalho, uma maneira gostosa de realizar-se, profissional e humanamente. Um cientista que não precise procurar emprego, mas que seja disputado ou "procurado", como acontece sempre com quem sabe trabalhar, já dizia Mayo. Nosso entusiasmo chega ao ponto, não de garantir-lhe emprego, por antecipação, mas de planejar seu futuro quase que "sob encomenda", com destinação de mercado de trabalho previsível, por sondagem antecipada, a fim de que, vendo aonde vai trabalhar, Você lá já chegue em condições de atuar, sem a dispersão de energias de quem tem ainda que adaptar-se, ou, varos ser francos, sem a necessidade de ter que aprender, de novos, ou pela primeira vez, o "métier" que o diploma apenas atesta, como credencial para o exercício legal da profissão. Como Você pode entender não é de bom alvitre, planejar apenas para MULTIPLICAR mas para MUDAR o que existe. Esta é a tônica do Curso de Pedagogia que o Magnífico Reitor e estruturador da UNICAMP, o Professor Doutor ZEFERINO VAZ, imprimiu à estrutura e ao funcionamento das UNIDADES já implantadas em Barão Geraldo. Para que Você tenha uma idéia de "COMO" pensamos obter isso, esboçamos apenas, uma

UNICAMP - FACULDADE DE EDUCAÇÃO - CONCURSO VESTIBULAR PARA PEDAGOGIA - 6 -

amostra do trabalho a ser feito em seu primeiro semestre de Universidade, deixando o resto para depois, quando Você estiver entre nós.

2 - Estrutura e funcionamento do Curso de Pedagogia

2.1 - Será ministrado em tempo integral. Caso Você não disponha, livremente, de dois turnos diários, pela manhã e à tarde, lamentamos dizer-lhe, mas, não concorra, porque, são assim, "full-time", todos os demais cursos de nossa Universidade, de segunda à sexta-feira, pelo menos. Será conveniente que venha Você morar em Campinas, para evitar os contratempos da locomoção, se sua residência situar-se à grande distância do Campus, em Barão Geraldo. Aconselhamos não trabalhar à noite, pois, será inevitável o cansaço, já que, em nosso caso, o trabalho intelectual de reflexão será intenso, contando-se com o período no turno para relaxamento, passeios, cinema, namoro, "papô" e uma boa dose de sono reconfortante.

2.2 - As disciplinas constantes da estrutura didático-pedagógica são as seguintes, no primeiro semestre, com as respectivas justificativas para sua inserção no "currículo pleno", que, em grande parte, complementarã o currículo oficial pronosto com o Parecer CFE, nº 252/69:

2.2.1 - EP - 101 - Sistemática do Trabalho Individual e do Grupo

Disciplina, com denso teor de teoria e prática, que visa corrigir as distorções eventualmente ocorridas em seu processo educativo anterior (do antigo curso primário, passando pelo ginásial, até o colegial, normal ou qualquer outro curso de grau médio). Nossos alunos sentem-se "sós" no ambiente universitário; além disso, dispendem soberbas energias, por falta de uma sistemática de trabalho individual. Não aprenderam a ler, e isso piora dia a dia. Quando dizemos "LER", falamos da leitura compreensiva, reflexiva, produtiva.

Uma leitura feita com espírito cri

UNICAMP - FACULDADE DE EDUCAÇÃO - CONCURSO VESTIBULAR PARA PEDAGOGIA - 7 -

tico, para análise e síntese, induções e deduções, inferências, estabelecimentos de analogias (comparações), cotejos, codificações, posse funcional de seu conteúdo. Há muita dispersão no trabalho intelectual da maioria dos alunos: não sabem resumir, condensar, comentar o conteúdo de uma obra. Ficam embebiados a cada Autor, sem autonomia para concordar-discordar; falta o crivo da seletividade, que filtra o essencial, sem tropeçar no acidental. Falta organicidade no modo de assimilar, operacionalmente, as idéias. Há, o mais das vezes, pura retenção MNÊMICA, ou "decoreba", incorporada ao glossário do desencanto escolar. É preciso aprender a economia da leitura, não tornando-a um pesado esforço que acaba por associar-se, subliminarmente, a estímulos aversivos, mas um agradável lazer, como alimento que nutre e robustece o espírito. Em suma: uma disciplina nova, que leve o aluno à autonomia do estudo individual e de grupo. Há muita experiência rotulada de inovadora, por constar dos trabalhos escolares, o "trabalho em grupo". Quando não há o esforço individual, pessoal e intransferível, o trabalho de grupo serve para socializar mediocridade e treinar para a improvisação. As diversas técnicas de trabalho em equipe, precedidas do trabalho individual, servirão para tornar o processo social mais efetivo e mais eficaz para o desenvolvimento mental do educando. Ensina-remos, portanto, o nosso aluno a ler, compreensivamente, a fichar, a pesquisar bibliografias de maneira inteligente e autônoma, desembocando essa disciplina; do primeiro semestre, numa outra que será, propriamente falando, METODOLOGIA DA PESQUISA CIENTÍFICA, que, no terceiro semestre terá a saliência de Filosofia da Ciência.

UNICAMP - FACULDADE DE EDUCAÇÃO - CONCURSO VESTIBULAR PARA PEDAGOGIA - - 8 -

2.2.2 - EP - 102 Inglês Operacional
EP - 103 Francês Operacional

Cansados de ver os alunos "passar" no vestibular, "provando" que sabem inglês e francês, mas, . . . na realidade, não conseguindo ler qualquer página , em inglês ou francês, da bibliografia científica de sua área de opção, resolvemos adotar uma metodologia que levará nosso aluno ao domínio da Leitura (não da fala) em inglês, e em francês, de qual quer conteúdo científico específico da área de Educação, vertido nestes dois idiomas. A metodologia a ser adotada já foi comprovada, podendo Você dominar cerca de 3.000 palavras que lhe darão fácil acesso a mais duas línguas, além da versatili dade que Você vai adquirir no domínio do vernácu

lo, em decorrência das técnicas de estudo ensinadas na disciplina EP - 101 Sistemática do Trabalho Individual e do Grupo.

2.2.3 - EP - 111 Introdução à História da Educação

Iniciação, em termos de conhecimento da taxinomia e da problemática geral em torno da Educação, a fim de ensejar uma visão de conjunto, uma mundividência incoativa dos desafios que estão a exigir resposta pronta dos responsáveis pela Educação , em geral, e, de modo específico, dentro do processo de escolarização.

2.2.4 - PB - 101 Estudo de Problemas Brasileiros

Elementos para uma mundividência, em cujo contexto se integre o Brasil, com seus principais problemas, dando-se ênfase especial, aos desafios em que a Educação apareça como sendo o investimento prioritário do Governo Brasileiro para superação do sub-desenvolvimento em todas as modalidades de sua manifestação.

UNICAMP - FACULDADE DE EDUCAÇÃO - CONCURSO VESTIBULAR PARA PEDAGOGIA - - 9 -

2.2.5 - EF -101 Educação Física

Como elemento integrante da mundividência do Educador, uma nova Filosofia da Educação Física, sintetizada pelo conceito de "performance", abrangendo a tentativa permanente do equilíbrio fisiológico como fator determinante e significativo do equilíbrio interior da personalidade humana. Redimensionamento do conceito de "desportividade", como resultado ótimo de um trabalho formativo em termos de higiene física e mental, para consecução da maturidade desejável.

3 - II COMO SERÃO AS "PROVAS" DO VESTIBULAR?

3.1 - Bem simples. A Lei n.º 5.540, de 28 de novembro de 1968, que fixa normas para a Reforma Universitária brasileira, em seu Art. 21, diz que o concurso vestibular servirá para "avaliar a formação recebida pelos candidatos e sua aptidão intelectual para estudos superiores". Como não tivemos condições técnicas para nos incorporarmos ao vestibular unificado, vamos realizar o nosso concurso dentro da seguinte modalidade:

3.1.1 - ENTREVISTA: mediante questionário amplo que evidenciará os aspectos mais relevantes da fisionomia moral do estudante, suas aspirações, suas preferências etc. etc., dados com os quais se obterá o "currículo" da vida real do candidato, uma como que "radiografia" inicial ou "mosaico" feito com os fragmentos fornecidos em suas respostas. Como critério de avaliação, observar-se-á, preferencialmente, sua "capacidade de expressão" (não no sentido estritamente ortográfico, gramatical), mas "capacidade de expressar o que pensa", sob a forma adequada de uma linguagem, como instrumento de comunicação, que denotará o grau de desenvolvimento mental e de maturidade - resultados desejáveis como

UNICAMP - FACULDADE DE EDUCAÇÃO - CONCURSO VESTIBULAR PARA PEDAGOGIA - 10 -

expectativa do trabalho educativo da escola m dia, eminentemente formativa.

3.1.2 - DOMÍNIO DA LETURA: durante quatro horas, isto é, de 8 às 12 horas, o aluno será submetido a um estudo de texto, de temática comum, acessível a todos, de cuja densidade retirará, evidenciando em suas respostas, os aspectos mais significativos. O Aluno deverá responder a questões que serão formuladas com o propósito principal de provocar, estimular ou disparar, sua capacidade de ler, com reflexão, manifestando seu vigor mental, através de análise e síntese, deduções e induções, estabelecimento de analogias, discriminações, senso crítico, perspicácia, acuidade mental, senso de observação etc. etc.

3.1.3 - CAPACIDADE DE ESTUDO: o Aluno será submetido a um esforço intensivo, conquanto razoável, para apreensão do conteúdo de um outro texto, de temática educacional, sob a forma de antecipação, para amostragem, de sua futura escolarização em nível universitário na área da Pedagogia: i. é, um daqueles textos que lhe serão ministrados para estudar, logo mais em março, em situação real de aula, lhe será submetido para que assim evidencie, por antecipação, sua capacidade de ESTUDAR. Serão também quatro horas, de 8 às 12 hs., da manhã do terceiro dia do concurso, em que será avaliada sua produção, como estudante universitário em situação concreta. O texto será proposto, também, mediante questionário para estudo dirigido. A qualidade e a quantidade, indissociavelmente, constatadas no maior número de respostas, indicará o candidato no qual o povo paulista deverá investir seus recursos financeiros, enquanto não houver possibilidade de acesso geral à escolarização universitária para todos, indiscriminadamente.

UNICAMP - FACULDADE DE EDUCAÇÃO - CONCURSO VESTIBULAR PARA PEDAGOGIA - 11 -

3.1.4 - AValiação FINAL: será resultante do somatório de pontos obtidos nestas três sondagens, sendo o melhor escore atribuído como 1º lugar e o último, como 50º, dentro do processo classificatório de 1 a 50, total de vagas oferecidas pela UNICAMP. Serão divulgados pela Imprensa, apenas os nomes dos 50 primeiros, aprovados pela ordem de classificação. A primeira sondagem, a ENTREVISTA, será avaliada de 1 a 10 pontos: as demais sondagens, de 1 a 45, respectivamente. Em outras palavras: da avaliação de 1 a 100, 10% serão atribuídos à ENTREVISTA, e 45% a cada uma das duas outras sondagens. Em caso de desistência ou não-matriculação, o candidato classificado perderá o direito adquirido à matrícula na vaga oferecida, em caráter definitivo, caso em que será convocado o candidato classificado em 51º lugar, e, assim, sucessivamente. Em caso de empate, será classificado o candidato que obtiver maior número de pontos na segunda sondagem.

3.1.5 - O QUE É NECESSÁRIO FAZER PARA INSCREVER-SE NO CURSO VESTIBULAR?

- pagar a taxa de inscrição, junto ao SERCA - CURSOS BÁSICOS, UNICAMP;
- de posse dessa taxa, retirar o formulário de inscrição também junto ao SERCA, se for pessoalmente: do contrário
- preencher o formulário para PROCURAÇÃO, junto ao SERCA;
- entregar o formulário de inscrição preenchido, por si ou pelo procurador, juntamente com duas fotografias 3 x 4: e, finalmente,
- receber o cartão de identificação para o curso vestibular, aguardando a divulgação do local em que deverá realizar suas "provas".

UNICAMP - FACULDADE DE EDUCAÇÃO - CONCURSO VESTIBULAR PARA PEDAGOGIA - 12 -

3.1.6 - COMO SE PREPARAR PARA AS "PROVAS" DO CONCURSO?

Aqui vão alguns dos nossos conselhos:

- a) alimentar-se bem (comida leve)
- b) repousar bastante
- c) descontração (um "papo" agradável com a família ou com amigos)
- d) um sono reparador, à noite, e ... pensamentos positivos!

Convença-se de que as lacunas que porventura você possuir, não serão preenchidas num dia e numa noite de estudo intensivo e absurdo. Desta forma, você conseguirá apenas cansar-se mentalmente e tensionar-se, ainda mais, para a "prova" da manhã seguinte. O que desejamos que você nos traga, sua vivência pessoal e humana, seu modo de ver a vida e as pessoas, - que demonstram as "aptidões" para educador - é o resultado de pequenas e grandes experiências individuais, de sofrimentos, de angústias, alegrias, otimismo ou pessimismo em relação ao mundo, realizações, frustrações, aspirações, sonhos, desejos, etc. etc., tudo aquilo que constitui, enfim e praticamente, a vida de cada um, através dos anos de existência que cada qual traz consigo em maior ou menor quantidade.

Siga estes nossos conselhos, pois aqui estamos ... à sua espera.

Até lá!

MODELO DE REQUERIMENTO

(com numeração remissiva)

1 _____
 abaixo assinado, filho de 2 _____
 e 3 _____ nascido na cidade de
 4 _____, Estado de 5 _____ CEP 6 _____,
 no dia 7 _____ de 8 _____ de 9 19____, portador da
 Cédula de Identidade 10 n.º _____ expedida
 pelo (a) 11 _____ cujo endereço
 para correspondência é 12 _____
 13 n.º _____ 14 apto.n.º _____
 15 bairro _____, 16 telefone _____,
 na cidade de 17 _____, Estado de 18 _____,
 vem, mui respeitosamente, requerer sua inscrição no Concurso Vestibular para Pedagogia a ser realizado, em 1974, pela Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas.

Nestes Termos

P. Deferimento

Campinas, 19 ____ de ____ de 197_

20 _____

INSTRUÇÕES PARA PREENCHIMENTO
DO REQUERIMENTO DE INSCRIÇÃO

O candidato encontrará abaixo, um rol de lembretes que o orientarão melhor no preenchimento de seu requerimento.

- 1 Preencha esse 1.º ítem com o seu nome por extenso, exatamente como consta na sua Cédula de Identidade.
- 2 Escreva o nome do seu pai, fazendo coincidir com a sua documentação.
- 3 Considere, ao preencher este ítem, as indicações dos dois primeiros e atente para os casos de abreviações dos nomes, pois devem ser similares aos existentes nos documentos.
- 4 Coloque o nome da cidade, da qual você é natural, mesmo sendo estrangeiro.
- 5 Indique o Estado da Federação, onde está situada sua cidade natal; em caso de candidato estrangeiro junte ao nome de sua cidade natal, o nome de seu país de origem.
- 6 Este ítem refere-se ao Código de Endereçamento Postal. Numere-o.
- 7 8 9 Preencha estes três com atenção e lembre-se que não há nenhuma possibilidade de você ter nascido em 1974.
- 10 Enuncie o número do seu Registro Geral (RG) que é o principal elemento de identificação da sua Cédula de Identidade.
- 11 Quanto ao órgão Expedidor do Documento de Identidade:

11-1 Candidatos brasileiros natos ou naturalizados	SSP
11-2 Candidatos estrangeiros	DPF
11-3 Candidatos Policiais Militares	PMI
11-4 Candidatos Militares do Exército, Marinha e Aeronáutica	
11-4.1 Ministério da Aeronáutica	MAR
11-4.2 Ministério do Exército	MEX
11-4.3 Ministério da Marinha	MMA

12 13 14 15 16 17 18 Todos estes itens devem ser preenchidos cuidadosamente: para facilitação da correspondência. Enuncie o número de um telefone mesmo que for para recados

19 Date com atenção - 74

20 Assine e boa - sorte

MODELO DE PROCURAÇÃO

(com numeração remissiva)

Pelo presente instrumento particular de procuração, eu, 1 _____, de nacionalidade 2 _____, Estado Civil 3 _____, Profissão 4 _____, portador da Cédula de Identidade 5 Nº _____, expedida pelo (a) 6 _____ residente e domiciliado em 7 _____, Estado de 8 _____ CEP 9 _____, nomeio e constituo meu bastante procurador o (a) Senhor (a) 10 _____, de nacionalidade 11 _____, Estado Civil 12 _____, Profissão 13 _____, residente e domiciliado em 14 _____ portador da Cédula de Identidade nº 15 _____, expedida pelo(a) 16 _____, para o fim especial de efetuar minha inscrição no Concurso Vestibular para Pedagogia, a realizar-se, em 1974, na Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, podendo assinar documentos, passar recibos, pagar taxas e praticar os demais atos necessários ao fiel desempenho do presente mandato, inclusive substabelecer.

17 _____ de 197__

18 _____
Assinatura

INSTRUÇÃO PARA INSCRIÇÃO POR PROCURAÇÃO

No caso de impedimento do candidato, a inscrição poderá ser feita por um procurador, legalmente habilitado.



Preenchimento da Procuração

- 1) Escreva seu nome completo como consta nos seus documentos, em letra legível.
- 2) Mencione a sua nacionalidade - brasileira - ou qualquer que seja.
- 3) Coloque neste ítem seu estado civil: solteiro, casado, viúvo, desquitado.
- 4) Indique aqui a sua profissão que pode corresponder à sua situação atual - estudante - ou a qualquer função que você exerça atualmente, ou ainda a alguma habilitação profissional que você possua: técnico de contabilidade, professor normalista, etc.
- 5) Preencha com o número do seu registro geral (RG) que está na sua Cédula de Identidade.
- 6) Quanto ao Órgão Expedidor do Documento de Identidade:

6.1	Candidatos brasileiros natos ou naturalizados	SSP
6.2	Candidatos Estrangeiros	DPF
6.3	Candidatos Policiais Militares	PMI
6.4	Candidatos Militares do Exército, Marinha e Aeronáutica	
6.4.1	Ministério da Aeronáutica	MAR
6.4.2	Ministério do Exército	MEX
6.4.3	Ministério da Marinha	MMA
- 7) 8) Registre aqui, a cidade onde você reside, juntamente com o Estado onde ela está situada.
- 9) Numere o Código de Endereçamento Postal da sua cidade, para facilitar correspondência.
- 10) Escreva o nome do seu procurador por extenso de acordo com a Cédula de Identidade que ele porta.

- 11) Mencione neste ítem a nacionalidade do seu procurador.
- 12) Escreva o estado civil do seu procurador: solteiro, casado, viúvo desquitado.
- 13) Registre o nome da profissão exercida pelo seu procurador.
- 14) Enuncie a cidade onde reside o seu procurador.
- 15) Coloque o Registro Geral (RG) que consta na Cédula de Identidade do seu Procurador.
- 16) O mecanismo deste ítem é igual ao do ítem 6. Reveja-o.
- 17) Date, lembrando que estamos em 1974.
- 18) A assinatura a ser aposta neste documento é a sua, pois é você quem se faz representar por procuração. É bom lembrar que o seu procurador, por sua vez, assinará o requerimento de inscrição no concurso. Assine e ... muito sucesso !

Vestibular da Faculdade de Educação: Provas

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

CURSO DE PEDAGOGIA - CONCURSO VESTIBULAR

PRIMEIRA PROVA
 13/02/74


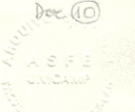
PERFIL DO CANDIDATO - CAPACIDADE DE EXPRESSÃO

Instrumento Nº 1:
 - Questionário com 20 perguntas a 0,5
ESCORES: 4 - 2 - 2 - 2 = 10 pontos
Sondagem em torno das temáticas:

1. AUTO - IMAGEM	- 4
2. AUTO - CONCEITO	- 2
3. MUNDIVIDÊNCIA	- 2
4. DIMENSÃO EDUCACIONA	- 2

RELAÇÃO DOS PONTOS POR ORDEM DE INSCRIÇÃO (Anexos)

Endereço Telegráfico: UNICAMP - Telex: 025808 - Endereçamento Postal 13100 - Caixa Postal 1170
 Fones: PABX - 2-1001 - 2-1002 - 2-1003 - 2-1004 - 2-1005 - Cidade Universitária - Barão Geraldo - Campinas - S. P.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

CURSO DE PEDAGOGIA - CONCURSO VESTIBULAR

Segunda Prova
 12/02/1974

DOMÍNIO DA LEITURA


Instrumento nº 2 (2):

1. TEXTO PROPOSTO EM LIVRO:
 RICHARD, Bach - JONATHAN LIVINGSTON
 SEAGULL - a story
 Trad. Nórdica: A História de Fernão
 Capelo Gaivota
2. Questionário Reflexivo- 10 questões
ESCORE: 10 x 4,5 = 45 pontos.
SONDAGEM de capacidade para leitura
compreensiva.
 - Condutas psicológicas implicadas
 (nível).

RELAÇÃO DE PONTOS POR ORDEM DE INSCRIÇÃO (a seguir)

Endereço Telegráfico: UNICAMP - Telex: 025808 - Endereçamento Postal 13100 - Caixa Postal 1170
 Fones: PABX - 2-1001 - 2-1002 - 2-1003 - 2-1004 - 2-1005 - Cidade Universitária - Barão Geraldo - Campinas - S. P.

Doc. 41


 UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
 UNICAMP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
 FACULDADE DE EDUCAÇÃO

CURSO DE PEDAGOGIA - CONCURSO VESTIBULAR

TERCEIRA PROVA
 11 / 02 / 74

CAPACIDADE DE ESTUDO (POR ANTECIPAÇÃO)


Instrumento nº 3 § 2)

1. GUSDRF, Georges: Pourquoi des Pro-
fesseurs?
Trad. do Capítulo Segundo: A Fun-
ção Docente.
2. Questionário Reflexivo - lo ques-
tões
SCORE: 10 x 4,5 = 45 pontos
Sondagem de índices significativos
de capacidade de estudar (por an-
tecição da situação real de es-
colarização).

RELAÇÃO DE PONTOS POR ORDEM DE INSCRIÇÃO (A SEGUIR)

Endereço Telefônico: UNICAMP - Telex: 025808 - Endereço Postal 13100 - Caixa Postal 1170
 Fones: PABX - 2-1001 - 2-1002 - 2-1003 - 2-1004 - 2-1005 - Cidade Universitária - Barão Geraldo - Campinas - S. P.

Relatório do Vestibular - Curso de Pedagogia


 UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
 UNICAMP



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
 FACULDADE DE EDUCAÇÃO

CURSO DE PEDAGOGIA - CONCURSO VESTIBULAR

RELATÓRIO

Campinas, fevereiro de 1974

Endereço Telefônico: UNICAMP - Telex: 025808 - Endereço Postal 13100 - Caixa Postal 1170
 Fones: PABX - 2-1001 - 2-1002 - 2-1003 - 2-1004 - 2-1005 - Cidade Universitária - Barão Geraldo - Campinas - S. P.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA - CONCURSO VESTIBULAR

RELATÓRIO

Em obediência ao Edital da Universidade Estadual de Campinas, publicado no Diário Oficial do Estado, a 19 de janeiro passado (Doc. nº 1), onde se abrem as inscrições de candidatos ao concurso vestibular do Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação, com parecerem e obtiveram inscrição 56 (cinquenta e seis) candidatos, em forma a relação anexa, fornecida oficialmente pelo SERCA (Doc. nº 2)

Juntamente com o responsável pela Direção da Faculdade, colaboraram na confecção das provas e dos critérios de avaliação, os Professores Rosália Maria Ribeiro de Aragão e José Dias Sobrinho.

As provas se realizaram no Edifício dos Cursos Básicos, anfiteatro CB-2.

O processo de identificação teve início, nos três dias, pontualmente, às 8 hs. Deixaram de comparecer, apenas dois dentre os 56 inscritos:



008 - Thelma Aparecida Bonbonatti; e
036 - Martinho Cairas

Isso ocorreu nos três dias consecutivos, conforme listas de presença anexas (Docs. nºs. 3, 4 e 5).

O processo de identificação foi presidido por mim, pessoalmente, com a ajuda do corpo docente e de funcionários da Faculdade, que examinavam a documentação, exigindo assinatura e con

[Assinatura]

Endereço Telefônico: UNICAMP - Telex: 025808 - Endereçamento Postal 13100 - Caixa Postal 1170
Fones: PABX - 2-1001 - 2-1002 - 2-1003 - 2-1004 - 2-1005 - Cidade Universitária - Barão Geraldo - Campinas - S. P.

(cont. Relatório - pg. 2)

ferência com o RG. de cada candidato.

Os textos das provas, livros e questionários etc. eram todos numerados, evitando-se qualquer identificação.

Houve permissão especial para que a candidata colega 022 - Marilze de Oliveira fizesse a prova com equipamento Braille, dita-certas, gravador e fones, sob a supervisão permanente de um docente com a tradutora de Braille, a Sra. Teresinha de Arruda Serra von Zuben.

Para evitar bloqueios emocionais, liberamos o prazo de encerramento, sem contudo levar em conta, para avaliação, o maior ou menor tempo empregado. A quase totalidade entregou antes de meio dia, chegando-se à evidência de que, alguns dos que mais demoraram, não tiveram melhor rendimento.

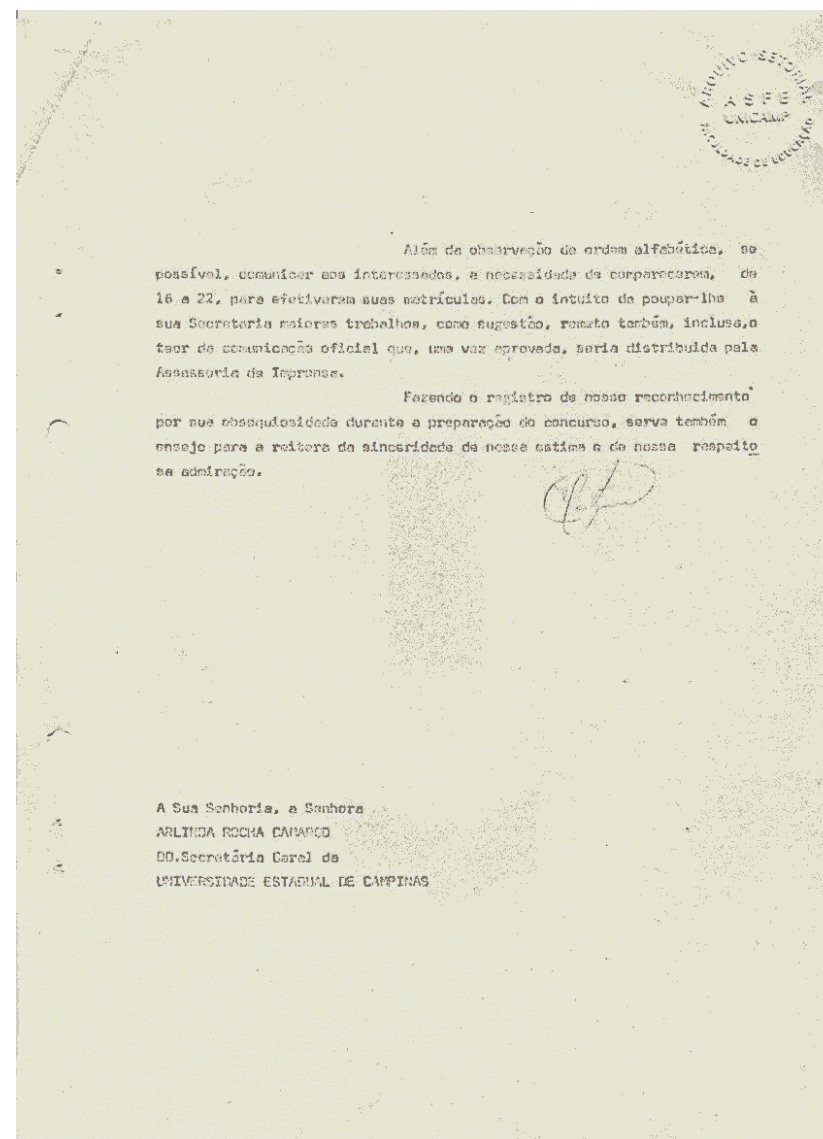
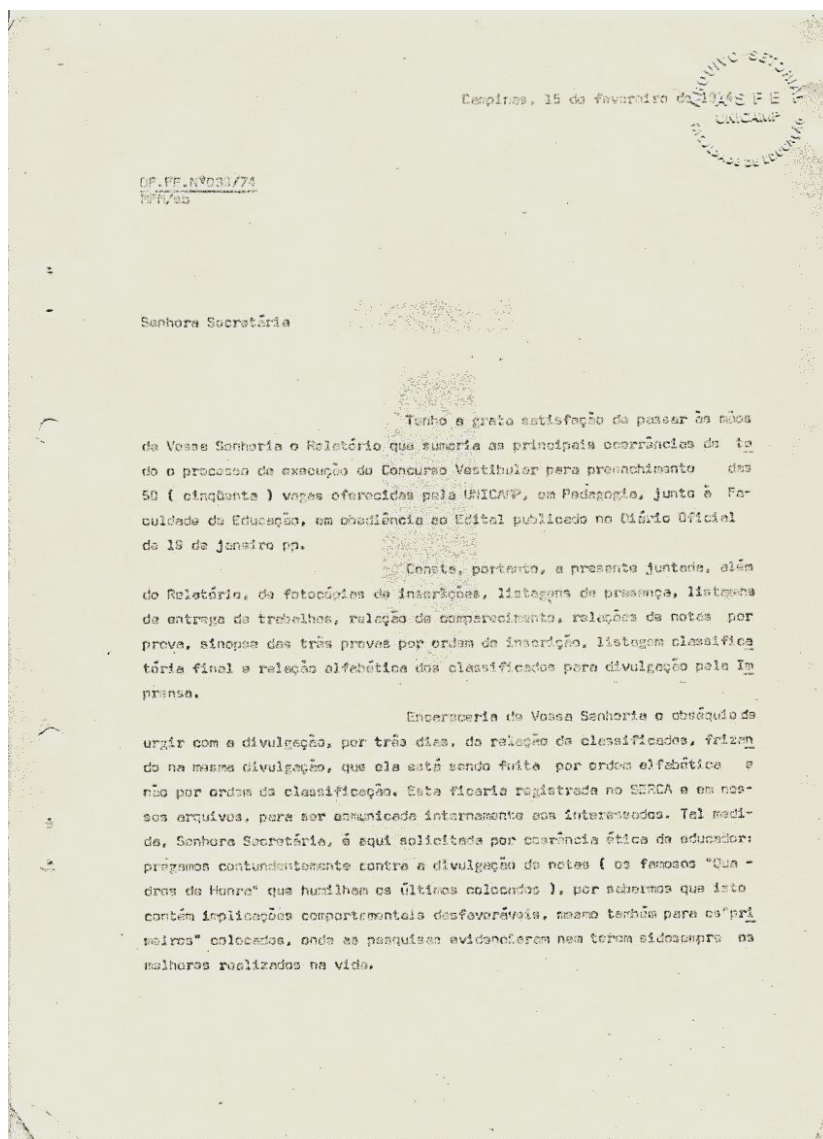
Os resultados superaram nossa expectativa, tendo havido surpreendente unidade nos critérios de avaliação, o que enfatiza e valida a ciência do processo.

Seguem anexas as listas de presenças, de entrega, de avaliação por prova, as sinopses por score decrescente, na ordem de inscrição e na ordem alfabética; desta, tiremos dez cópias xerox para distribuí-las à Imprensa. (documentos nºs. 6 a 13).

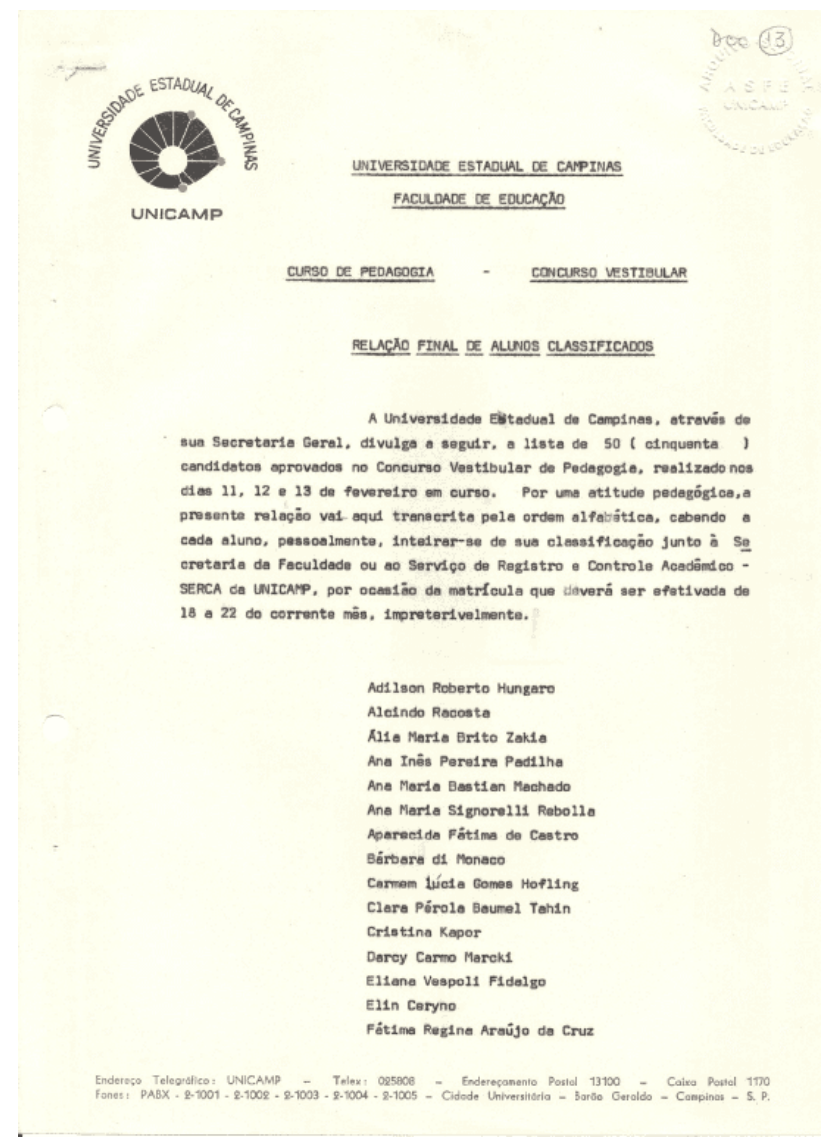
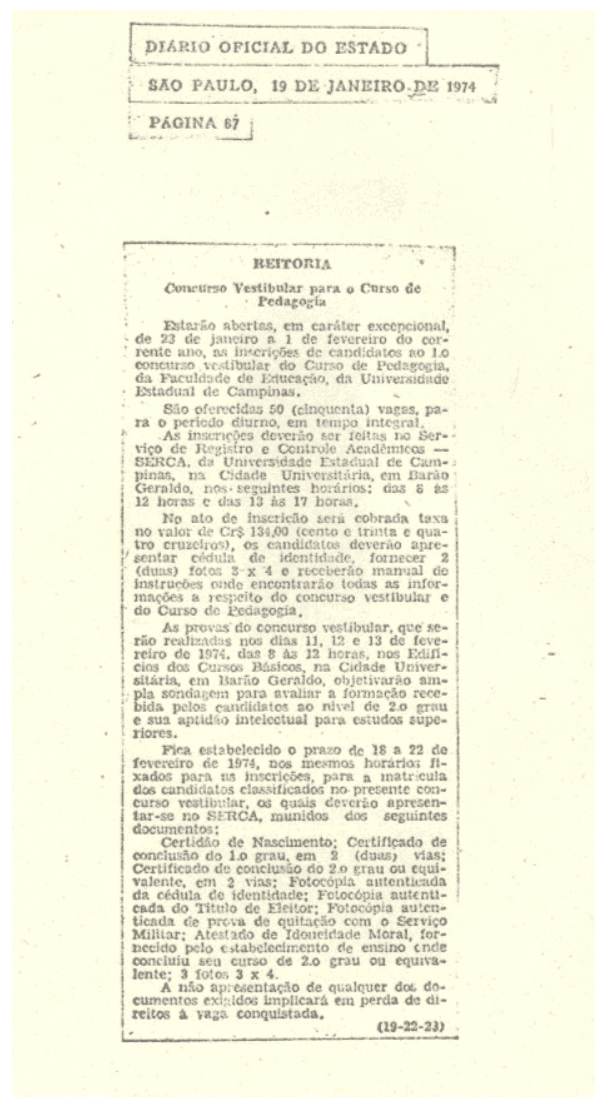
Campinas, 15 de fevereiro de 1974

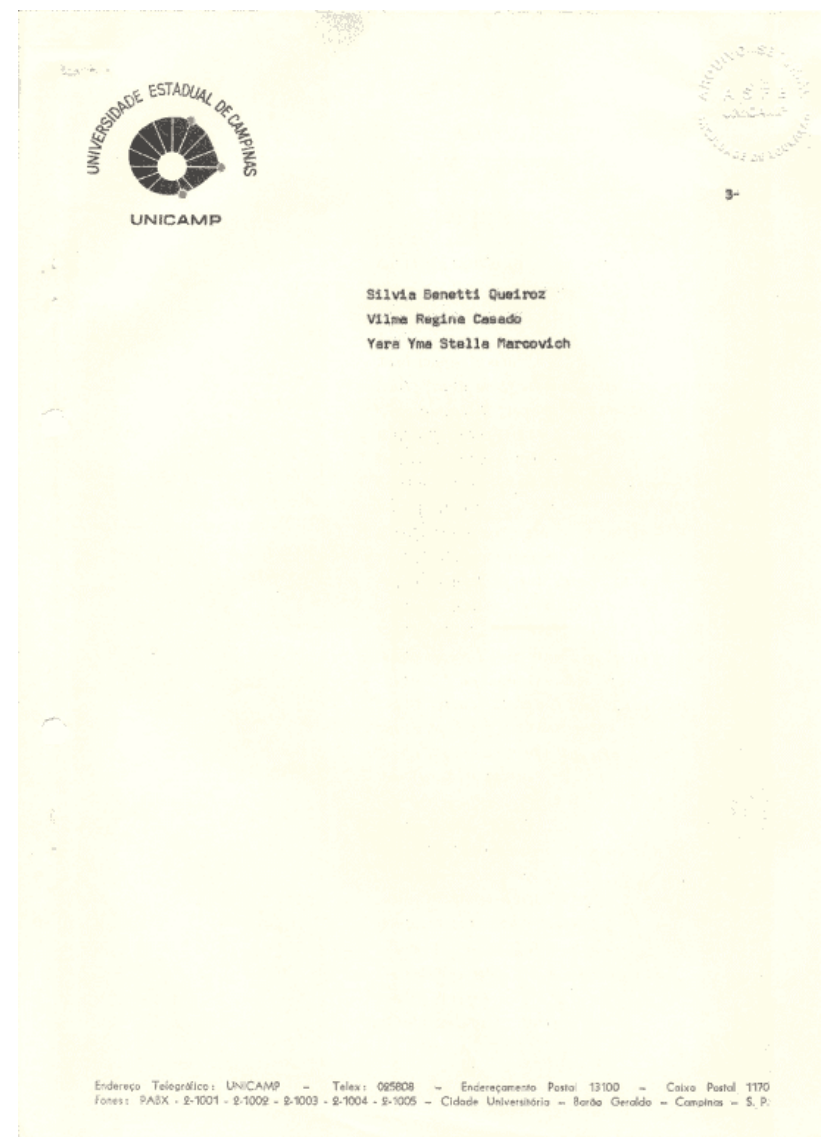
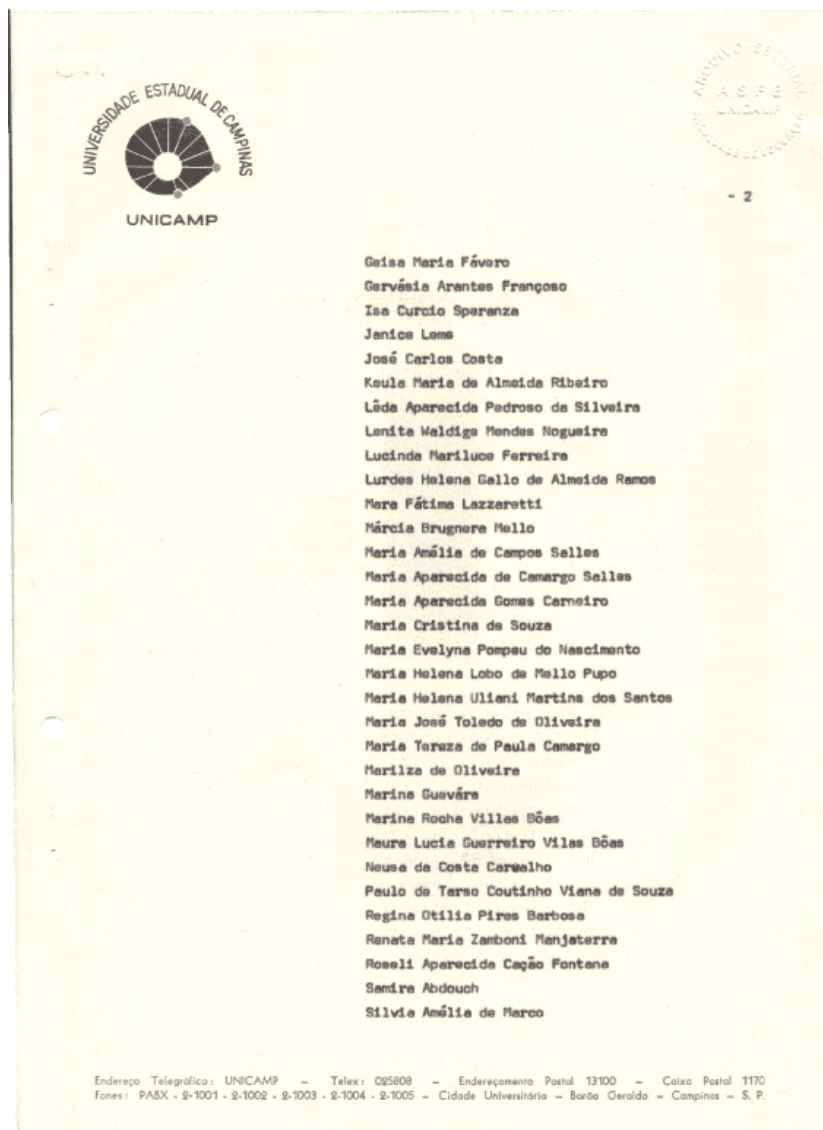
[Assinatura]
Margarita Frazão Montezuma
Dep. de Educação
Biotecnia - UNICAMP

Endereço Telefônico: UNICAMP - Telex: 025808 - Endereçamento Postal 13100 - Caixa Postal 1170
Fones: PABX - 2-1001 - 2-1002 - 2-1003 - 2-1004 - 2-1005 - Cidade Universitária - Barão Geraldo - Campinas - S. P.



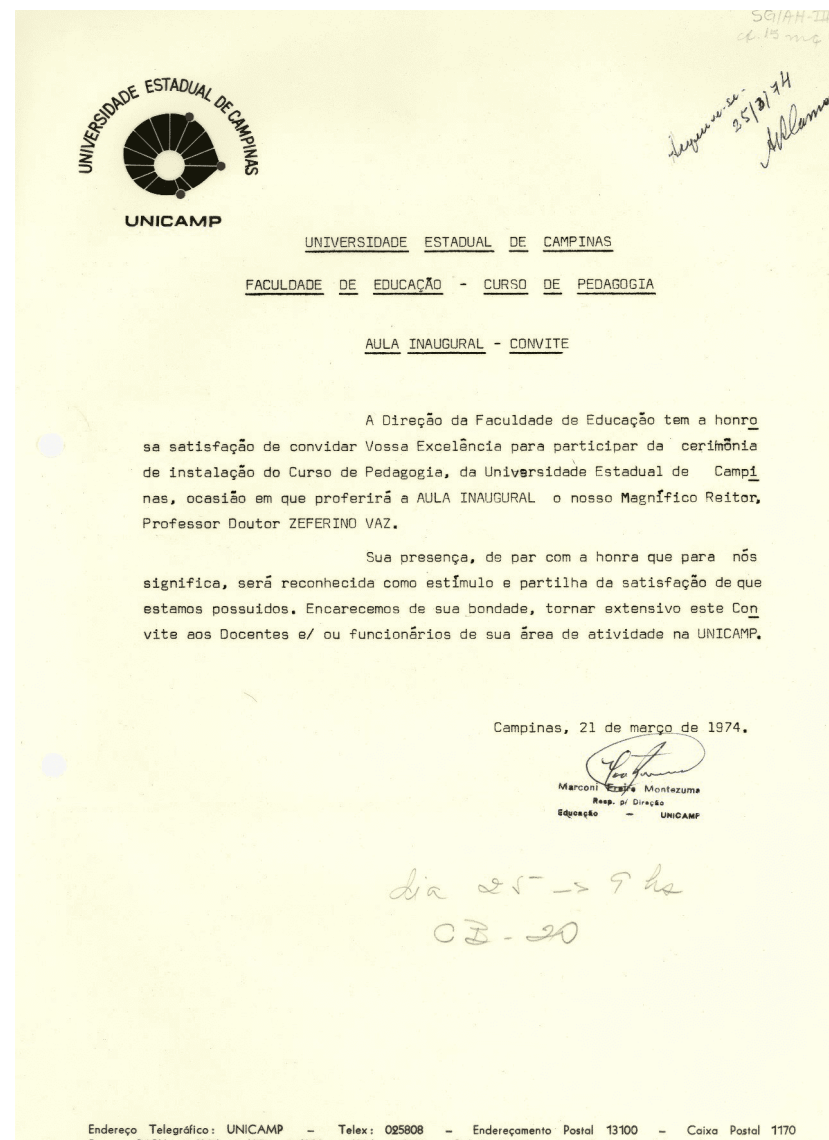
Encaminhamento do Relatório Vestibular 1974 OF. FE Nº 038-74 de 15 de fevereiro de 1974.





21 de março de 1974 Carta Convite para **aula inaugural do Curso de Pedagogia da FE**, assinado pelo Prof. Dr. Marconi Freire Montezuma e proferida pelo Reitor Zeferino Vaz.

Fonte: Acervo Histórico do Arquivo Central da Unicamp - SIARQ



UNICAMP inaugura Curso de Pedagogia



Ao proferir ontem a aula inaugural e instalar oficialmente o mais novo curso da Universidade Estadual de Campinas, o reitor Zeferino Vaz abordou um tema, que segundo ele próprio, é preciso que todos os alunos tenham em mente. Na verdade, o prof. Vaz explicou com detalhes, o que é de fato uma Universidade, o que é um curso de pedagogia, e finalmente, segundo sua própria maneira de entender, o que é, de fato, um professor. Os trabalhos, de cuja mesa absteve participaram além do conferencista e do diretor da Faculdade de Educação, os professores Murilo Marques, presidente da câmara curricular Nelson de Jesus Parada, Coordenador dos Cursos de pós Graduação e o prof. Omar Sales de Figueiredo, foram abertos pelo prof. Montezuma Cruz, diretor da Faculdade de Educação, do Instituto de Ciências Humanas da UNICAMP.

Ao iniciar sua aula, o prof. Zeferino Vaz fez questão de transmitir aos novos cinquenta alunos do curso de Pedagogia, o que é uma Universidade. Depois de definir a palavra Universidade, o reitor explicou que as atividades de uma Universidade, para que alcancem de fato seus objetivos desenvolvem-se de três maneiras: inicialmente o ensino, que consiste na transmissão dos conhecimentos adquiridos, para a formação de artistas, técnicos, cientistas ou filósofos, formando-os cultural e eticamente bem para que

quando voltarem junto à comunidade possam agir acertadamente.

CONHECIMENTOS NOVOS
A segunda natureza de atividades que se desenvolvem em uma Universidade, na opinião do reitor Zeferino Vaz é a promoção e execução da pesquisa original. "Uma universidade — acrescenta — não pode limitar-se a transmitir apenas conhecimentos adquiridos. As que fazem isso, não são Universidades, mas simples agências de informações. As Universidades —

devem ter professores com capacidade de realizar pesquisas, e dar-lhes condições para isto, a fim de que adquiram conhecimentos novos. O simples fato de ministrar apenas conhecimento adquiridos, numa Universidade, nos revela uma triste realidade: estamos regredindo. Isto significa perda de energia, como um automóvel, por exemplo: se seu motor tem 110 HP, a potência máxima chegada à roda do veículo, poderá ser inferior à 110 HP, pois estará perdendo energia na transmissão, etc."

A terceira natureza lembrada pelo reitor, e que uma Universidade não deve esquecer-se, é a comunidade. Lembrou o reitor que a Unicamp, por exemplo, é uma Universidade sem muros. Ela faz parte de uma comunidade, e se preocupa com seus problemas de saúde, economia, etc. pesquisando, analisando e equacionando todos esses problemas para então dar-lhes soluções. A Universidade Estadual de Campinas, segundo Zeferino Vaz, já saiu de seus limites e foi à comunidade.

Outro detalhe lembrado pelo conferencista foi o de que em uma Universidade não deve haver predominância de conhecimentos. As pesquisas devem ser feitas em todos os setores: Filosofia, Arte, Física, Química ou qualquer outro, que é tão importante como a mais avançada das Ciências de Física ou Biologia.

PEDAGOGIA

Mais adiante, abordando o tema Pedagogia disse que tem uma definição toda especial e sua própria, para tal atividade: "A ciência e arte de ensinar a transmitir conhecimentos". Explicou sua definição, relembrando velho ditado chinês: "Se você quer alimentar um homem por um dia, dê-lhe um peixe. Mas se quiser alimentá-lo por um ano, ensine-o a pescar". Na opinião do reitor esse ditado é válido para todos os cursos quaisquer que sejam, e principalmente para o professor, que está incumbido de ensinar."

Enfocar, em sua opinião, é despertar no jovem discípulo o entusiasmo pelo estudo, transformando-o num estudante para toda a vida. E despertar no jovem estudante a alegria de verificar que, através de descobertas, é muito bom aprender, sempre mais, coisas novas.

COMO SER PROFESSOR

Aos futuros técnicos em Pedagogia, o reitor da UNICAMP praticamente dirigiu-lhes uma mensagem de como se comportar, de como levar sua vida e construir bem sua carreira. Para ser professor,

disse, é preciso que se tenha condições. A atitude espiritual do professor é muito importante. Ele deve dar tudo de si para transmitir seus conhecimentos a outros. O verdadeiro professor é aquele que assume uma fé, e transmite essa fé ao aluno, fazendo dele um verdadeiro discípulo que assumirá então essa fé. O egoísta, aquele que de fato não quer transmitir seus conhecimentos, não pode ser um professor.

Mais adiante o reitor enfocou vários itens de qualidades de um professor: não basta a vontade de dar. É preciso ter o que dar, ter sabedoria, e não só ciência. E sabedoria não se compra com dinheiro e nem com talento. Vive-se. Além do mais, o professor deve considerar o exercício da cátedra como uma finalidade de vida e não como meio de vida. O professor a taxímetro, que vem, dá uma hora de aula e depois se desliga do aluno por quase 24 horas não é, de fato um professor.

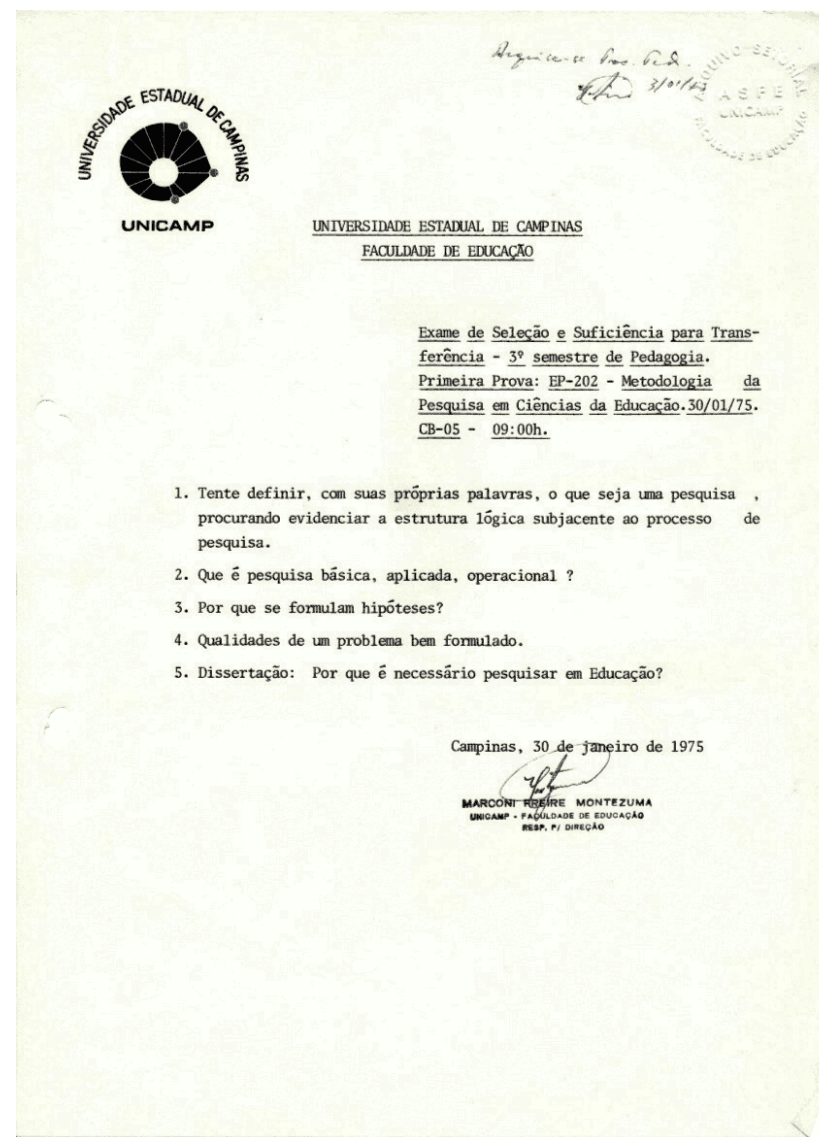
Ao finalizar Zeferino Vaz disse que o professor tem que assumir em sua mente que o aluno não é um cofre que se deve encher de conhecimentos até abarrotá-lo, mas sim uma tocha, que deve sempre ser mantida acesa e acesa. O estudante, na verdade, deve ser parte ativa do fenômeno do aprendizado, no qual sempre o professor também vai ganhando e aprende muito. "Não conheço melhor técnica de aprender, do que ensinar."

26 de março de 1974 Unicamp Inaugura Curso de Pedagogia.
Jornal Correio Popular.

Fontes: Acervo Histórico do Arquivo Central da Unicamp – SIARQ
Jornal Correio Popular, 26/03/1974


1975 – 1977 Provas para Exames de Seleção e Suficiência –
Curso de Pedagogia.

Fonte: Faculdade de Educação CME/FE



Requisição de Livro de
Pedagogia 31/01/75
[Assinatura]

112
ARQUIVO DE DOCUMENTOS
UNICAMP
FACULDADE DE EDUCAÇÃO


UNICAMP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Exame de Seleção e Suficiência para
transferência - 3º semestre de Peda-
gogia. Segunda Prova: EP-221 -
Psicologia da Educação I. 31/01/75.
CB-05 - 9:00h.


1. Qual o papel da Psicologia Educacional na formação do moderno Educador?
2. Quais as principais abordagens (correntes) da Psicologia no mundo atual?

Campinas, 31 de janeiro de 1975

[Assinatura]
MARCONI FREIRE MONTEZUMA
UNICAMP - FACULDADE DE EDUCAÇÃO
RESP. P/ DIREÇÃO

Requisição de Livro de
31/01/75
[Assinatura]

ARQUIVO DE DOCUMENTOS
UNICAMP
FACULDADE DE EDUCAÇÃO


UNICAMP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Exame de Seleção e Suficiência
para Transferência - 3º semes-
tre de Pedagogia. Terceira
Prova: EP-231 - Antropologia
Filosófica. 03/02/75. CB-05.
09:00h.

1. Explique o porque da necessidade de uma concepção de HOMEM para a moderna ação pedagógica.
2. Qual a utilidade de uma filosofia da Educação para formulação de objetivos educacionais?
3. Por que se fala de antagonismo entre humanismo e tecnologia?

Campinas, 03 de fevereiro de 1975

[Assinatura]
MARCONI FREIRE MONTEZUMA
UNICAMP - FACULDADE DE EDUCAÇÃO
RESP. P/ DIREÇÃO



CURSO DE PEDAGOGIA

EXAME DE SELEÇÃO
24/7/75

1a. prova

EP-302 - Metodologia da Pesquisa em Ciências da Educação II

- 1 - Explique o que é um Problema. Quais as principais características de um problema bem formulado.
- 2 - Em que consiste uma pesquisa experimental rigorosamente falando? Poderia dar um exemplo?
- 3 - Explique, com suas palavras, os seguintes conceitos:
 - a) Hipótese
 - b) Randomização
 - c) Quantificação descritiva
 - d) Amostragem
 - e) População
 - f) Grupo de Controle

UNICAMP-Telex: (019) 1150-CEP-13.100-Cx. Postal 1170-Fone: PABX- 2-1001-Ramal 253
Cidade Universitária - Barão Geraldo - Campinas - S. P.



CURSO DE PEDAGOGIA

EXAME DE SELEÇÃO

24/7/75

2a. Prova

EP-231 - Antropologia Filosófica

1. O método científico fragmenta a realidade para melhor conhecê-la. Na sua opinião, esta atitude havida como indispensável ao progresso das ciências da natureza, promovendo uma compartimentação ou dissecação analítica da realidade, é também adequada ao estudo filosófico que visa a compreender o homem? Discorra livremente a respeito do problema, apresentando justificativas, implicações e conseqüências do seu ponto de vista.
2. Na sua opinião, qual o sentido e o alcance da antropologia filosófica para a educação? Não seriam suficientes as abordagens sobre o homem estabelecidas pelas ciências humanas, sobretudo a psicologia, a sociologia e a biologia, especialmente quando aplicadas à educação?
3. O cientista acredita que a ciência e a técnica resolvam os principais problemas da humanidade. A filosofia divide em muitas divindades: será o homem espírito ou matéria? Será livre para construir o seu futuro e o mundo ou será escravo do determinismo da natureza da história? Será submetido a valores superiores ou será sujeito do seu próprio destino?
A este respeito, o que diz a "sua antropologia filosófica"? Reflita, critique e dê a sua posição pessoal, em termos de concepção de homem.

UNICAMP-Telex: (019) 1150-CEP-13.100-Cx. Postal 1170-Fone: PABX- 2-1001-Ramal 253
Cidade Universitária - Barão Geraldo - Campinas - S. P.



UNICAMP
Faculdade de Educação



CURSO DE PEDAGOGIA

EXAME DE SUFICIÊNCIA E SELEÇÃO

28/01/76 - 3a. Prova

EP - 332 - FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO I

1. Qual a utilidade da Filosofia da Educação para a formulação de objetivos educacionais?
2. A concepção de HOMEM de um filósofo condiciona sua concepção dos objetivos da Educação e dos meios de alcançá-los? Explique e exemplifique.
3. Discorra, criticamente, sobre a filosofia da educação de um dos seguintes pensadores:
 - a) John Dewey
 - b) Jacques Maritain
 - c) Theodore Brameld
 - d) Robert Hutchins

UNICAMP - Telex: (019) 1150 - CEP - 13.100 - Cx. Postal 1170 - Fone: PABX- 31-4555 - Ramal 253
Cidade Universitária - Barão Geraldo - Campinas - S.P.



UNICAMP
Faculdade de Educação



EXAME DE SELEÇÃO E SUFICIÊNCIA

EP 241 -- Sociologia Geral

1. É a Sociologia uma ciência? Discuta o que caracteriza uma ciência, e veja se a Sociologia possui estas características.
2. Discuta o movimento chamado "Sociologia do Conhecimento".
3. Defina, compare, e contraste as seguintes noções: "estado", "sociedade", "cultura".
4. Discuta as várias maneiras em que o estudo da Sociologia pode ser relevante para a Educação.

Campinas, 27 de Julho de 1976

UNICAMP - Telex: (019) 1150 - CEP - 13.100 - Cx. Postal 1170 - Fone: PABX- 31-4555 - Ramal 253
Cidade Universitária - Barão Geraldo - Campinas - S.P.



UNICAMP
Faculdade de Educação



CURSO DE PEDAGOGIA

EXAME DE SUFICIÊNCIA E SELEÇÃO

26/01/1976 - 1a. Prova

EP - 211 - HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO I

1. Discorra sobre o tópico "A História da Educação e a Problemática Atual da Educação Brasileira", discutindo a importância ou não do estudo dos seguintes aspectos da História da Educação para uma compreensão da situação atual da Educação no Brasil:
 - a - História da Educação na Época Clássica e Medieval
 - b - História da Educação no período Moderno (1.600 em diante)
 - c - História das Doutrinas Pedagógicas
2. Quais, na sua opinião, os desenvolvimentos de maior importância na História da Educação Brasileira de 1950 em diante?
3. Discuta o pensamento educacional de um dos seguintes autores:
 - a - Rousseau
 - b - Locke
 - c - Platão
 - d - Montessori

UNICAMP - Telex: (019) 1150 - CEP - 13.100 - Cx. Postal 1170 - Fone: PABX- 31-4555 - Ramal 253
Cidade Universitária - Barão Geraldo - Campinas - S.P.



UNICAMP
Faculdade de Educação



CURSO DE PEDAGOGIA

EXAME DE SUFICIÊNCIA E SELEÇÃO

26/01/1976 - 2a. Prova

EP - 121 - PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO I

1. Qual o papel da Psicologia Educacional na formação do Educador Moderno.
2. Quais as principais abordagens (correntes) de Psicologia no mundo atual? Dê as principais características de cada uma delas.
3. É a psicologia Skinneriana humanística ou anti-humanística? Explique.

UNICAMP - Telex: (019) 1150 - CEP - 13.100 - Cx. Postal 1170 - Fone: PABX- 31-4555 - Ramal 253
Cidade Universitária - Barão Geraldo - Campinas - S.P.



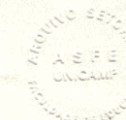
EXAME DE SELEÇÃO E SUFICIÊNCIA

EP 352 - Filosofia da Educação I

1. Descreva as principais características da filosofia da educação de dois dos seguintes filósofos: Platão, Aristóteles, John Locke, J.J. Rousseau, John Dewey.
2. Caracterize o conceito de "educação", comparando-o e contrastando-o (se for o caso) com conceitos afins, como "doutrinação", "instrução", "ensino", "socialização", "treinamento", etc.
3. Na sua opinião, de que maneira pode a filosofia contribuir para a causa da educação no Brasil de hoje?

Campinas, 01 de Agosto de 1977

Endereço Telegráfico: UNICAMP - Telex: (019)1150 - Endereço Postal: 13100 - Caixa Postal 1170 - Fone: PABX - 31-4555 - Cidade Universitária - Barão Geraldo
Campinas - São Paulo
Impressão - DGA-6 - UNICAMP



UNICAMP
Faculdade de Educação

EXAME DE SELEÇÃO E SUFICIÊNCIA

EP 121 -- Psicologia da Educação - I

1. Qual a importância do estudo da Psicologia aplicada à Educação?
2. Caracterize duas escolas psicológicas, escolhendo entre Behaviorismo, Funcionalismo, Gestalt, Psicanálise, com relação aos seguintes aspectos:
 - a. seus principais representantes;
 - b. período em que se desenvolveu;
 - c. métodos utilizados;
 - d. principais contribuições.
3. Caracterize o processo de Aprendizagem através de solução de problemas. Exemplifique.
4. Faça a distinção entre temperamento e caráter. Exemplifique.
5. De que maneira a aquisição de valores está ligada ao processo de socialização da criança? Descreva o processo de aquisição de valores e relacione-o com o processo de socialização na criança.
6. Comente e desenvolva os principais pontos contidos no seguinte parágrafo:

"Dentre uma multiplicidade de sensações, os indivíduos escolhem e atribuem significados a traços que são comuns a certas sensações e percebem-nas como equivalentes. Por exemplo: dentre uma variedade de experiências com um cão a criança atribui significados e o rótulo verbal 'cão' a um animal específico. Subseqüentemente, quando responde por analogia a outros animais com características semelhantes às do animal original presume que seja funcionalmente o mesmo. Dessa maneira, a criança agrupa em classes os objetos com propriedades comuns e reage a todos os membros de uma classe de maneira semelhante. Não há necessidade de aprender nada de novo cada vez que se lhe depara um membro particular de uma classe perceptiva".
(Telford, C.W. e Sawrey, J.M., Psicologia: Uma Introdução dos Princípios Fundamentais do Comportamento; Ed. Cultrix, 3a. ed., 1974, p.180)

RESPONDA A QUATRO DESTAS SEIS QUESTÕES

Campinas, 27 de Julho de 1977

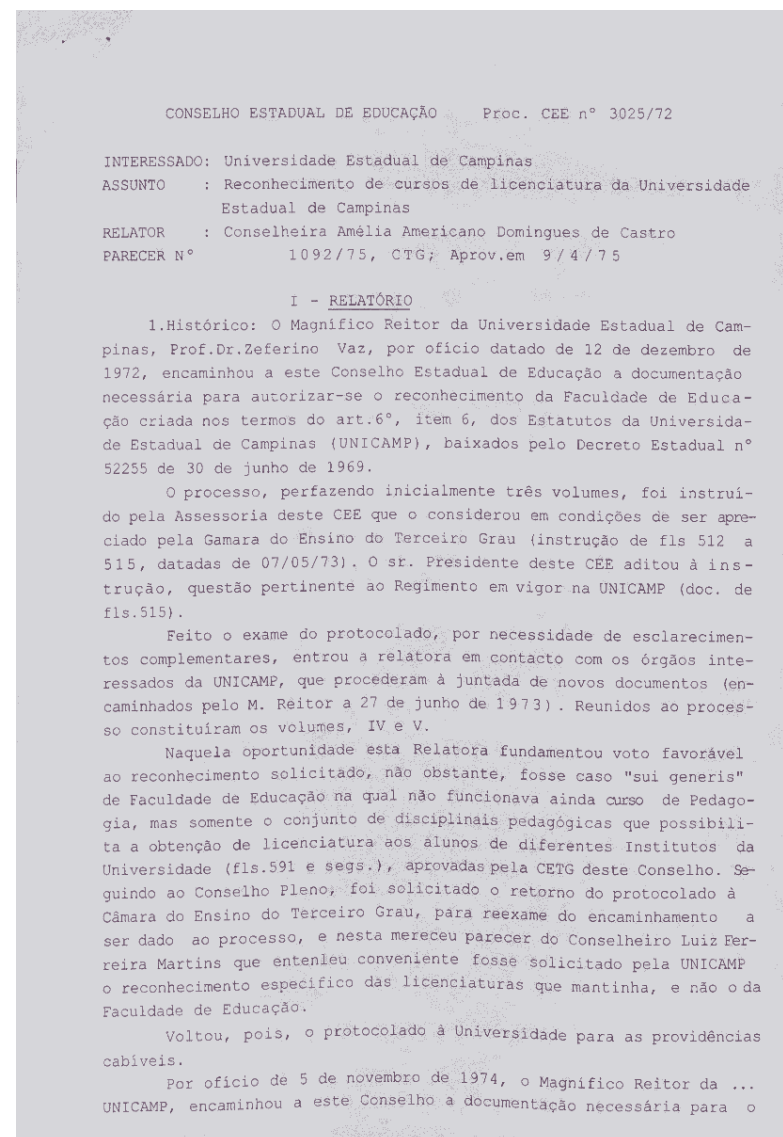
UNICAMP - Telex: (019) 1150 - CEP - 13.100 - Cx. Postal 1170 - Fone: PABX- 31-4555 - Ramal 253
Cidade Universitária - Barão Geraldo - Campinas - S.P.

1975 Ano em que se inicia o **Programa de Pós-Graduação da FE**, com a criação do **Curso de Mestrado em Educação** aberto a graduados de todas as áreas com disciplinas básicas em cinco áreas do conhecimento. A FE dividida em cinco Departamentos e três Coordenadorias de Curso: Cursos de Licenciaturas, Curso de Pedagogia e de Pós-Graduação. Oferecia também de forma periódica, Cursos de Aperfeiçoamento e Especialização para pessoal da região e como exemplo, um Curso de Especialização em Educação Primária em convênio com a Prefeitura Municipal de Campinas (extraído do documento Atividades da FE, de 26 de janeiro de 1976 de autoria do Prof. Dr. Joel Martins, para divulgação durante a semana de calouros).

Fonte: Faculdade de Educação CME/FE

09 de abril de 1975 O Conselho Estadual de Educação, Proc. CEE Nº 3025/72, emite **Parecer Nº 1092/75** do Relator: Conselheira Amélia Americano Domingues de Castro e aprovado por unanimidade, a decisão da CTG – Câmara do Ensino do Terceiro Grau cujo Presidente Conselheiro Moacyr Expedito M Vaz Guimarães, pelo **RECONHECIMENTO DE CURSOS DE LICENCIATURA** em Química, Física, Matemática, Ciências Sociais e Ciências Biológicas, da Universidade Estadual de Campinas, referente as matérias pedagógicas para licenciatura.

Fonte: Faculdade de Educação CME/FE



reconhecimento dos cursos de licenciatura plena em Ciências Biológicas, Ciências Sociais, Física, Matemática e Química. Novos elementos informativos foram acrescentados ao processo inicial, formando os vols. VI e VII do protocolado.

O Magnífico Reitor da UNICAMP encarece o grave e urgente problema existente da área dos Institutos da Universidade, qual seja o da diplomação e da destinação de seu contingente estudantil, através de cursos necessários ao desenvolvimento nacional, cursos que conferem, também, privilégios para o exercício profissional.

O processo foi novamente distribuído a esta Relatora, que o examinou a luz dos elementos contidos nos sete volumes que formou, e de acordo com o novo encaminhamento que ao mesmo foi dado ou seja, como reconhecimento aos cursos de licenciatura em: Ciências Biológicas, Ciências Sociais, Física, Matemática e Química.

1 - Teor da Lei que criou o Estabelecimento: A UNICAMP foi criada pela lei n° 7655 de 28 de dezembro de 1967, alterada pela lei n° 9715 de 30 de janeiro de 1967 e 10214 de 10 de setembro de 1968, com sede e foro na cidade de Campinas, Estado de São Paulo, como entidade autárquica estadual de regime especial (Estatutos, pg.99 e segs. à fls.508 e segs.)

Os Estatutos da Universidade foram aprovados pelo Conselho Estadual de Educação de São Paulo e baixados pelo Decreto Estadual n° 52.255 de 30 de julho de 1969 (fls. 508 e segs.).

II - Cursos Ministrados e Estruturação Curricular:

Foi autorizada a instalação e o funcionamento dos cursos de Química, Física, Matemática e Biologia, na Universidade de Campinas, pela Resolução 46/66 de 19/12/66 deste Conselho Estadual de Educação (fls.534 do processo, vol IV), antes, pois da aprovação, pelo mesmo Colegiado dos Estatutos da Universidade. O curso de Ciências Sociais, teve seu início posterior, em 1970, já na vigência dos estatutos dependendo, pois, de autorização por este Conselho.

É a seguinte a situação atual dos referidos cursos de graduação:

1) QUÍMICA : Reconhecimento pelo CEE - Parecer n° 609/71-aprovado a 27/12/71 (fls 563). Integra o Instituto de Química, reconhecido pelo Decreto Federal n° 70.732 de 13/06/72; DOU de 20/05/72 (fls. 628)

2) FÍSICA : Reconhecimento pelo CEE - Parecer 745/72 - aprovado a 15/05/73 (fls.538). Integra o Instituto de Física, reconhecido pelo Decreto Federal n° 72.264 de 15/05/73; DOU de 17/05/73 (fls.628).

3) MATEMÁTICA: Reconhecimento pelo CEE - Parecer 1149/72 - aprovado a 28/08/72 (fls.535). Integra o Instituto de Matemática, Estatística e Ciência da Computação, com reconhecimento pelo Poder Executivo Federal em tramitação (fls.628).

4) CIÊNCIAS SOCIAIS: Reconhecimento pelo CEE - Parecer n° 1609/72 - aprovado a 30/10/72 (fls.576). Integra o Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, com reconhecimento pelo PEF em tramitação (fls. 627).

5) CIÊNCIAS BIOLÓGICAS: Reconhecimento pelo CEE - Parecer 541/75 de 19/025/75 (processo CEE n° 2143/73). Integra o Instituto de Biologia (fls. 627). O curso médico do Instituto foi objeto de reconhecimento, pelo Decreto Federal n° 88.465 de 20/04/70; DOU de 22/04/70 (fls.627).

Os cursos de graduação dos Institutos acima relacionados integram a UNICAMP, por força do art.7° de seus Estatutos, como cursos de bacharelado e licenciatura (itens 1 a 5 e item 14). O bacharelado, incluindo as disciplinas "de conteúdo" das licenciaturas correspondentes, é ministrado nos diferentes Institutos.

As matérias pedagógicas para licenciatura estão em funcionamento, desde o ano de 1972, na Faculdade de Educação, unidade na qual foi também instalado, em 1974, o curso de Pedagogia.

Os currículos dos referidos cursos seguem o regime das licenciaturas plenas com currículos aprovados pelo Conselho Federal de Educação (ver quadro n° I). Está em elaboração o currículo do curso de Ciências reestruturado pela Resolução CFE n° 30/74 (fls.678 a 690).

Verifica-se que o currículo dos cursos em questão está de acordo com os padrões federais, ampliados quanto ao número de disciplinas e carga horária. Em todos os cursos constam programas de Estudo de Problemas Brasileiros e Educação Física. Quanto às disciplinas pedagógicas é seguido o modelo dos Pareceres CFE 292/62 e 672/69 e Resoluções anexas. São as seguintes as disciplinas e sua carga horária nos cursos da UNICAMP.

1. Psicologia Educacional (Adolescência e Aprendizagem);
3 semestres - 216 horas/aula
 2. Estrutura e Funcionamento do Ensino de 2° Grau:
1 semestre - 72 horas/aula
 3. Didática:
2 semestres - 144 horas/aula
 - 4- Prática de Ensino e Estágios Supervisionados:
1 semestre - 72 horas/aula
- Total de horas/aula das matérias pedagógicas: 504

fls. 4

QUADRO Nº I

Currículo Oficial que segue		Total Créditos	Total Hora/aula	Integralização
1. <u>QUÍMICA</u> fls. 668/676	Parecer CFE 297/62	218	4192	4 a 6 anos
2. <u>FÍSICA</u> fls. 650/658	Parecer CFE 296/62	196	3306	4 a 6 anos
3. <u>MATEMÁTICA</u> fls. 659/667	Parecer CFE 295/62	160	2526	4 a 7 anos
		163	2572	
4. <u>CIÊNCIAS SOCIAIS</u> fls. 640/649	Parecer CFE 293/62 106/66	214	3531	3 a 7 anos
5. <u>BIOLOGIA</u> fls. 631/639	RESOLUÇÃO-CFE Nº 107/69	205	4731	4 a 6 anos

Proc.CEE Nº 3025/72 PARECER Nº 1092/75 fls. 5

III - Edifícios, Instalações e Equipamentos.

Fica amplamente documentado no processo que a UNICAMP dispõe de edifícios e instalações apropriados para seus cursos. Do protocolado constam plantas (fls.510) e fotografias (fls.501 a 506 e anexo II). Acrescentam-se (fls.622) no volume VI, indicações referentes à ampliação da área destinada às matérias pedagógicas (planta de fls.718).

A relação de livros e periódicos especializados em educação acha-se a fls.482 a 500 do protocolado, no qual se encontram também informações referentes a material didático (fls.91 a 103).

A discriminação do equipamento pertencente aos demais Institutos interessados, consta dos processos em que se trata de seu reconhecimento.

IV - Capacidade financeira, orçamento, e remuneração de docentes:

Tratando-se de Universidade Estadual a manutenção de seus cursos é contemplada em orçamento próprio, distribuído conforme os programas que se propõe a realizar. A fls.477 e segs, e a fls.1016, consta a escala de vencimentos do pessoal docente e técnico-administrativo, especificada a legislação que a estipulou.

V-Regimento:

A UNICAMP dispõe de Regimento Geral aprovado pelo Decreto Estadual nº 3467 de 29 de Março de 1974 (fls.618 e segs. Passou, pois, à sua competência a aprovação dos regimentos das unidades que a constituem (conforme o parágrafo único do art.5º da Lei nº 5540/68), ora em elaboração. No caso presente, cumpre se observe que antes da aprovação do referido Regimento Geral, era adotado para os Institutos e Faculdades da UNICAMP o Regimento da Faculdade de medicina de Ribeirão Preto da USP (Decreto nº 57.077 de 8 de agosto de 1960) que consta a fls.52/70 do protocolado. Esse Regimento foi aceito pelo CEE, para fins do reconhecimento dos cursos de bacharelado da UNICAMP.

VI - Corpo Docente:

O Corpo docente dos vários Institutos que ministram as disciplinas de conteúdo dos cursos de licenciatura, ora em fase de reconhecimento, foi trazido à apreciação deste Conselho nos diferentes processos referentes aos cursos de bacharelado respectivos.

A Universidade enviou a este Conselho os curricula vitae circunstanciadas de trinta e três professores que ministrara cursos de disciplinas pedagógicas (de fls. 720-vol VI- a fls.1014 - vol VII). Pelas informações de fls.1025 a 1053 verifica-se que vinte e cinco desses docentes lecionam em cursos de licenciatura, exclusivamente, ou ao lado de outras atribuições. Serão abaixo relacionados, indicando-se ape-

Proc.CEE n° 3025/72 Parecer n° 1092/75 fls.6

nas os títulos referentes a cursos de graduação ou pós-graduação, considerada a impossibilidade de reprodução, mesmo resumida, de todos os elementos informativos que constam do processo.

São os seguintes os docentes das matérias pedagógicas para licenciatura:

Psicologia Educacional:

1. Cecília Azevedo Lima Collares - graduação em Pedagogia. Pós-graduação (PUC - SP) em curso.
2. Gislene de Campos - Graduação em Psicologia. Pós-graduação (PUC-Campinas), em curso.
3. Maria Inês Fini Leite Vicentini - Graduação em Pedagogia. Pós-graduação (PUC - S. Paulo) em fase terminal.
4. Maria Peliani Furtado Pontezuma - Graduação em Pedagogia. Programa de Mestrado (Brasília - 1967).
5. Sérgio Goldenbert - Graduação em Psicologia. Pós-graduação (PUC de Campinas e UNICAMP) em curso.
6. Marcia Regina Ferreira de Brito - Graduação em Psicologia
7. Miguel de la Fuente Samaniego - Graduado em Letras, Filosofia e Teologia. Doutor em Psicologia (Strasbourg-França).
8. Orly Zucatto Mantovani de Assis - Graduação em Pedagogia - Pós-graduação (PUC- S. Paulo) em curso.
9. Carmen Lúcia Lopes - Graduação em Pedagogia
10. Eda Coutinho Barbosa - Curso de Mestrado e Doutorado (Pennsylvania State University - EUA) Créditos completos, faltando defesa de Tese de doutorado. Área maior: currículo e Instrução na Educação Secundária. Área menor: Currículo, e Instrução na Educação Superior. Graduação em Pedagogia.

Didática:

11. José Dias Sobrinho - Graduação em Letras. Programa de Pós-Graduação (Instituto de Educação Piracicabano).
12. Maria Teresa Minervino Penteado - Graduação em Pedagogia. Pós-graduação (PUC- S. Paulo) em curso.
13. Salette Beatriz Freitas Braga - Graduação em Filosofia. Outros cursos
14. Rosália Maria Ribeiro de Aragão - Graduação em Letras. Programa de Mestrado (Brasília - 1966/67). Pós-graduação em Psicologia da Educação (PUC de Campinas) em curso.

Proc.CEE n° 3025/72 Parecer n° 1092/75 fls.7

Estrutura e Funcionamento do Ensino

17. Maria Lúcia Rocha Duarte de Carvalho - Graduação em Pedagogia. Pós-graduação em Orientação Educacional (regime antigo).
18. Charles Richard Lyndaker - Bacharelado (B.A.) e Mestrado (Michigan State University, EUA) em Administração Escolar.
19. Núcio Camargo de Assis - Graduação em Pedagogia. Pós-graduação em curso (FE-USP)

Prática de Ensino de Biologia:

20. José Francisco Hofling - Graduação em Biologia. Cursos de especialização. Pós-graduação (UNICAMP) em curso.

Prática de Ensino de Ciências Sociais

21. Elizabeth de Almeida Silveiras Pompeu de Camargo - Graduação em Ciências Sociais. Pós-graduação em curso (Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo).
22. Eloisa de Mattos Hofling - Graduação em Ciências Sociais. Pós-graduação em curso (Instituto Educacional Piracicabano).

Prática de Ensino de Física

22. Rodolpho Caniato - Graduação em Matemática. Doutor em Ciências (Física) pela FFCL de Rio Claro.
24. Antônio Amaral - Graduação em Física. Pós-graduação em curso (UNICAMP)
25. Sônia Korapas Teixeira - Graduação em Física. Pós-graduação em curso (UNICAMP)

Prática de Ensino de Matemática:

26. Sérgio Aparecido Lorenzato - Graduação em Matemática. Programa de Mestrado (Brasília - 1967/68).

Prática de Ensino de Química

27. Pedro Luiz Onófrio Volpe - Graduação em Química. Curso de Pós-graduação (ITA - S. José dos Campos)

Proc.CEE nº 3025/72

PARECER Nº 1092/75

fls.8

2. Apreciação:

O corpo docente acima relacionado pode ser aceito para as disciplinas indicadas.

VII - Necessidades dos cursos

As matérias pedagógicas constituem o complemento necessário das matérias de conteúdo para fins de licenciatura. A UNICAMP instituiu preliminarmente os cursos de bacharelado, que contêm as disciplinas científicas, passando a oferecer, a partir de 1972, as pedagógicas. Sua necessidade decorre da habilitação ao exercício do magistério que proporcionam, conduzindo ao mercado de trabalho docentes qualificados para o ensino de Física, Química, Ciências Biológicas, Matemática e Ciências Sociais em escolas de 1º e de 2º graus.

Conforme os dados oferecidos no processo os cursos de licenciatura tiveram, de 1972 a 1974, o total de 3.412 matrículas, o que indica o interesse dos bacharelados e bacharéis da UNICAMP, pelo diploma profissional.

VIII - Considerações finais

O encaminhamento do presente processo tornou-o excessivamente sobrecarregado, com sete volumes perfazendo mais de mil folhas. Possível seria delas desentranhar dados agora inúteis, uma vez que se passou a tratar do reconhecimento de cinco cursos de licenciatura e não ainda da Faculdade de Educação em que parte de suas disciplinas fica situada. Fazê-lo, entretanto, tornou-se difícil, pois informações prestadas tendo as vista o primeiro objetivo proposto, são por vezes relevantes para o designio atual. Preferimos, pois, manter a integridade do processo.

Nessas considerações finais cumpre-nos mais um esclarecimento, relativo à situação diferente em que se encontram "as várias licenciaturas consideradas, quanto à parte de disciplinas de conteúdo que as compõem. Já foram efetivamente reconhecidos mediante Decreto do Poder Executivo Federal os cursos de Química e Física. Foram reconhecidos por este Conselho os cursos de Matemática, de Ciências Sociais e Ciências Biológicas, este pelo Parecer 541/75 de 19/02/75.

O reconhecimento deste último, o mais recente de todos, já incluiu bacharelado e licenciatura. Não o retiramos, entretanto da proposta atual uma vez que os dados referentes à licenciatura constam também deste processo, e que a solicitação da Universidade inclui a todos. Permanece, pois, como reiteração, a proposta do reconhecimento da licenciatura em Ciências Biológicas.

Não obstante a especificidade do caso, parece-nos conveniente seja o reconhecimento das licenciaturas feito em bloco para os cinco cursos referidos, considerando-se a necessidade de regularizar a situação dos alunos interessados, e a sua condição de cursos inseridos numa es-

Proc.CEE nº 3025/72

PARECER Nº 1092/75

fls.9

trutura universitária que integra e coordena vários Institutos relacionados.

Propomos que os cursos sejam reconhecidos, uma vez que sua estrutura e funcionamento seguem as normas legais vigentes e porque se trata de cursos que, conforme os elementos de informação que constam deste protocolado, obedecem a elevado padrão de ensino. Propomos, ainda, que, se aprovado este Voto, cópias do Parecer correspondente sejam juntados aos processos em que se trata do reconhecimento dos cinco cursos considerados, para os fins de direito. Os cursos não reconhecidos (como cursos de bacharelado) pelo Poder Executivo Federal deverão obter a extensão dessa medida à licenciatura correspondente. Quanto aqueles que não tiveram o processo terminado, no âmbito federal, possível será, talvez, a obtenção concomitante do reconhecimento de bacharelado e licenciatura.

Na verdade, o processo em tela oferece a peculiaridade de constituir uma complementação de cinco outras, com o aspecto "sui generis" de fazê-lo em bloco. Não havendo obstáculo legal expreso para fazê-lo, procedemos ao seu estudo e fundamentação, concluindo pela conveniência em aprová-lo.

II - CONCLUSÃO

Favorável ao reconhecimento dos cursos de Licenciatura em Química, Física, Matemática, Ciências Sociais e Ciências Biológicas, em funcionamento na universidade Estadual de Campinas, Estado de São Paulo, na parte referente as matérias pedagógicas para licenciatura.

Este Parecer deverá ser anexado aos processos de reconhecimento dos cursos de Bacharelado correspondentes, para que sejam efetivadas as medidas necessárias ao seu reconhecimento como Cursos de Licenciatura.

São Paulo, 17 de janeiro 1975

a) Conselheira Amélia Americano Domingues de Castro- Relatora.

IV - DELIBERAÇÃO DO PLENÁRIO

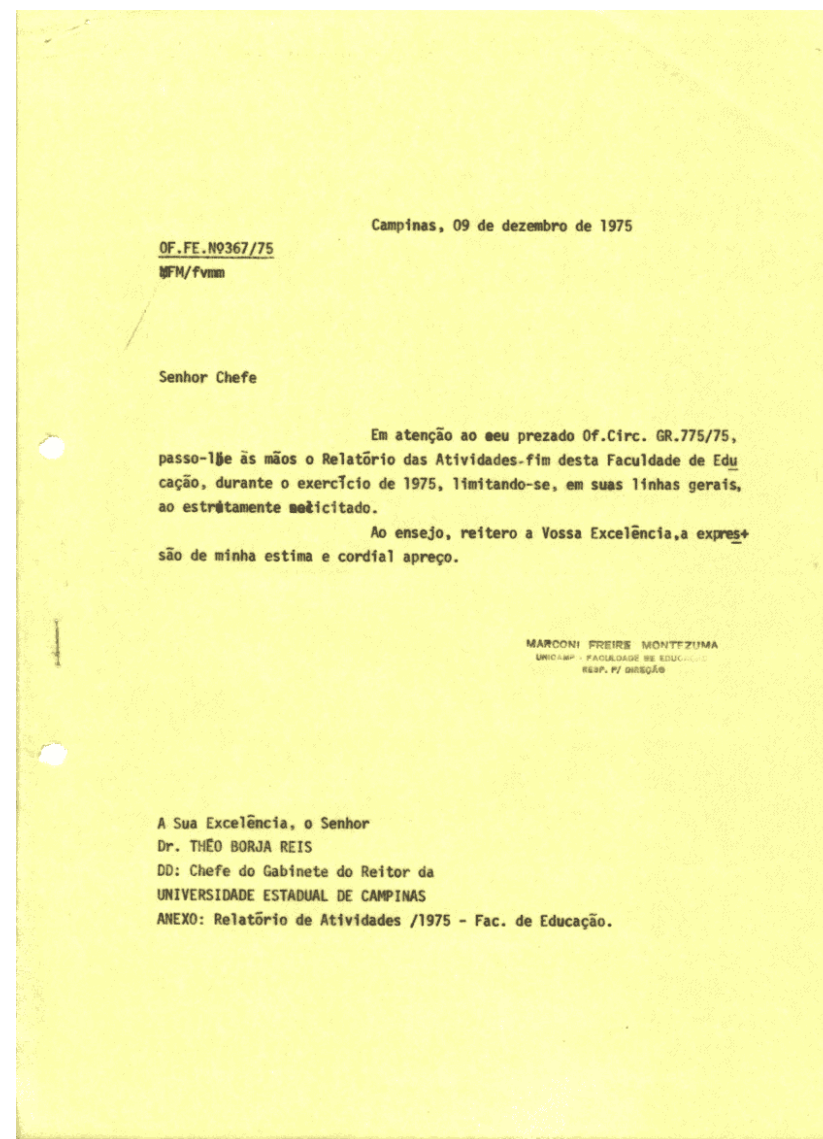
O CEE aprova, por unanimidade, a decisão da Câmara do Ensino do Terceiro Grau, nos termos do Voto do Relator.

Sala "Carlos Pasquale", aos 9 de abril de 1975

a) Cons. Moacyr Expedito M. Vaz Guimarães
Presidente

09 de dezembro de 1975 OF. FE. Nº 367/75 de encaminhamento e Relatório das Atividades-fim da FE, de 1 de janeiro a 15 de dezembro de 1975, de autoria do Prof. Marconi Freire Montezuma.

Fonte: Faculdade de Educação CME/FE



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

RELATÓRIO ATUAL

Sumariando somente as atividades-fim,
relativas ao período de 19 de janeiro
a 15 de dezembro de 1975.

1. Atividades-fim da Faculdade de Educação

A Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas tem os seguintes encargos como atividades-fim que lhe são específicas:

1.1. Nas áreas de Graduação:

1.1.1. Licenciaturas, Estruturação e execução, em co-responsabilidade solidária com os Institutos, das Licenciaturas Plenas em Ciências Biológicas, Ciências Sociais, Física, História, Lingüística (Letras), Matemática e Química. As licenciaturas em Lingüística e, principalmente, História, estão em fase de implantação. As demais já estão formando sua segunda turma (Ciências Biológicas) e a quarta turma nas áreas de Ciências Sociais, Física,

Matemática e Química

1.1.2. Ao total de alunos - matrícula atendidos pela UNIDADE desde 1972, num montante de 3.113, acresce o número de

-2-

matrículas, da ordem de 1.024, no presente exercício, totalizando um atendimento a 4.137, 90% procedentes dos cinco Institutos de UNICAMP e o resto, como optativas, para candidatos de Ciências da Computação, Engenharia, Estatística, Tecnologia de Alimentos e outros.

1.1.3. Com a conclusão do segundo semestre letivo, em levantamento fornecido pelo SERCA, foram licenciados ou completaram os créditos de licenciaturas os seguintes alunos, expressos em números, distribuídos pelos Institutos que identificam as licenciaturas:

- a) licenciandos em Ciências Biológicas: ;
- b) idem em Ciências Sociais: ;
- c) em Física: ;
- d) em Matemática: ;
- e) em Química: .

Total de licenciados em 1975: =

Este total, em que pese não ser ainda um percentual significativo sobre as matrículas iniciais, evidencia uma nítida e promissora queda da evasão, decorrente, em grande parte, entre outros, do fator significativo de fixação do alunado na UNICAMP, isto é, a existência e o reconhecimento federal das licenciaturas. Com esta atividade, a UNICAMP contribui, de maneira saliente, para o amplo esforço dos governos federal e estadual no sentido da ampliação do elemento humano altamente qualificado, para as tarefas do desenvolvimento nas áreas da pesquisa e do exercício de magistério. Os currículos de licenciaturas plenas da UNICAMP estão em situação privilegiada no cotejo com os de outras instituições congêneres no País, dadas os recursos materiais e ao gabarito do pessoal docente envolvido no processo, *trato* nas Instituições quanto na Faculdade de Educação, *podem*

-3-

do-se dizer o mesmo do Curso de Pedagogia, a seguir.

1.1.4. Curso de Pedagogia

Foi dada prossecução à sua implantação, com mais dois se mestres letivos, o "segundo ano" de sua existência. Com a abertura de inscrições para o mais um concurso vestibular, subirá a 180 o número de matrículas oferecidas, implantando-se o quinto e sexto semestre do Curso que ensejará opções em três áreas de Habilitações legais, além da pura e simples Licenciatura em Pedagogia: Administração Escolar, Orientação Educacional e Supervisão Escolar.

-4-

1.2 - Nas áreas de Pós-Graduação

Implantando o programa de Mestrado em Educação, com quatro áreas de concentração e ênfase em Metodologia do Ensino Superior - Matrículas para 50 vagas. Abertas as inscrições para processo seletivo de mais 50 vagas, totalizando 100. Este número, aparentemente elevado, obedece a um segundo imperativo de seleção aprimorada dentro do próprio processo, como já ocorreu com a primeira turma de 1975, correspondendo plenamente às nossas expectativas: fixação em torno de 20 candidatos, através de uma segunda seleção, onde se eliminam, por diversos critérios, os candidatos julgados insuficientes, ao longo de todo um semestre letivo, em avaliação conjunta de toda a equipe de pós-graduação. O Mestrado visa a formação de especialistas de alto nível de pesquisadores com relativa autonomia de eficiência para assessoria em qualquer área do Planejamento ou da ação educativa, em qualquer nível de ensino e de acordo com o Plano Diretor da Faculdade de Educação em seu campo de atuação, o 30º Distrito Geo-Educacional.

1.2.1 - Cursos de Aperfeiçoamento em Metodologia do Ensino Superior - Programa PROCAPIES - MEC - DAU - CAPES - UNICAMP - 1975/1979.

A Faculdade de Educação foi escolhida para executar o programa, em termos de "Grande Polo", no Estado de São Paulo - o que evidenciou sua posição no Estado e no País, onde, em 1974, apenas 10 Faculdades lideraram estes programas, número reduzido para 7, este ano, em todo o País. Considerando-se o fato de estar apenas em seu terceiro ano de funcionamento, e, portanto, em fase ainda de implantação, o fato é bem significativo, se se levar em conta a existência, no Estado, de uma centena de instituições com várias décadas de existência. O Aperfeiçoamento é exigido pela CAPES como pós-graduação "sensu lato".

-5-

de acordo com o Plano Nacional de Pós-Graduação, 70 docentes de Instituições de Ensino Superior de todo o Estado foram atingidos por esta promoção em 1975.

1.2.2 - Curso de Especialização em Práticas de Ensino e Estágios Supervisionados para Ciências. Convênio firmado em 1976, MEC - DAU - CAPES - UNICAMP. Na mesma linha do anterior, para docentes de todo o Estado de São Paulo.

1.2.3 - Cursos de Pós-Graduação (complementação dos Programas de Pós-Graduação na Faculdade de Odontologia de Piracicaba). "Introdução às Ciências da Educação" e "Metodologia do Ensino de Odontologia". Duas turmas, totalizando quase 50 docentes daquela UNIDADE. Implantada uma Assessoria Didático Pedagógica permanente naquela Faculdade, por solicitação do Diretor da FOP e anuência do Magnífico Reitor.

1.2.4 - Curso Nacional de Aconselhamento Universitário
Convênio MEC - DAU - para 30 docentes de 30 Universidades. Natureza: Especialização, com viabilidade de concentração para mais uma linha de opção e diversificação do Mestrado em Educação.

1.2.5 - CONVÊNIO BOWLING GREEN STATE UNIVERSITY - UNICAMP
Foi assinado Convênio com esta Universidade Americana do Estado de Ohio, USA, que conta com uma das melhores Faculdades de Educação dos Estados Unidos. Tal Convênio visa, primordialmente, o intercâmbio de docentes para as áreas de pós-graduação, dispendo a Faculdade de Educação de campo apropriado para aprimoramento, especialização e pós-graduação de seus professores, bem como de elementos altamente qualificados do corpo docente de Bowling Green

-6-

em disponibilidade para o preenchimento de lacunas existentes ainda em algumas áreas de nossa Faculdade. Neste semestre, foi ministrado um curso de pós-graduação sobre Estratégias de Ensino, por intermédio do professor Morris Weinberger, da BGSU.

-7-

1.3. Área de especialização

Curso ministrado através de Convênio com o INEP e Prefeitura Municipal, para 60 professores da pré-escola.

Com este Convênio, a UNICAMP antecipou-se a uma série de ^{medidas} unidas básicas que somente agora estão tomando os Governos Federal e Estadual, assumindo a responsabilidade da reestruturação de toda a rede pré-escolar do Município de Campinas. Posteriormente, a Faculdade assumirá as responsabilidades de reestruturar o 1º e 2º Grau, a partir do Município e em todo o 30º Distrito Geo-Educacional, cumprindo, assim, a função primordial de uma Universidade, qual seja, a de estruturar-se e desenvolver-se para estruturar e desenvolver a Região em que se insere.

1.4. Mestrados e Doutorados

Apesar de estar apenas em seu 3º ano de implantação, a Faculdade de Educação estimulou, ao máximo, os programas externos de pós-graduação para seu corpo docente, na área do Mestrado, conseguindo que, neste exercício, concluíssem todos os créditos de seus Mestrados e três concluíram seu doutorado, dois dos quais defenderam tese em setembro (Universidade de Pennsylvania) e outro, o primeiro doutoramento realizado totalmente dentro da Faculdade de Educação, no dia 15 de dezembro pp..

1.5. No campo da pesquisa

A Faculdade de Educação concluiu ou está concluindo as seguintes pesquisas em seu campo específico de atuação:

1. Universidade e Trabalho (oportunidades ocupacionais para universitários).
2. Mais uma Faculdade - para quê? (conteúdo específico e campo de atuação das Faculdades de Educação na nova estrutura da Universidade Reformada).

-8-

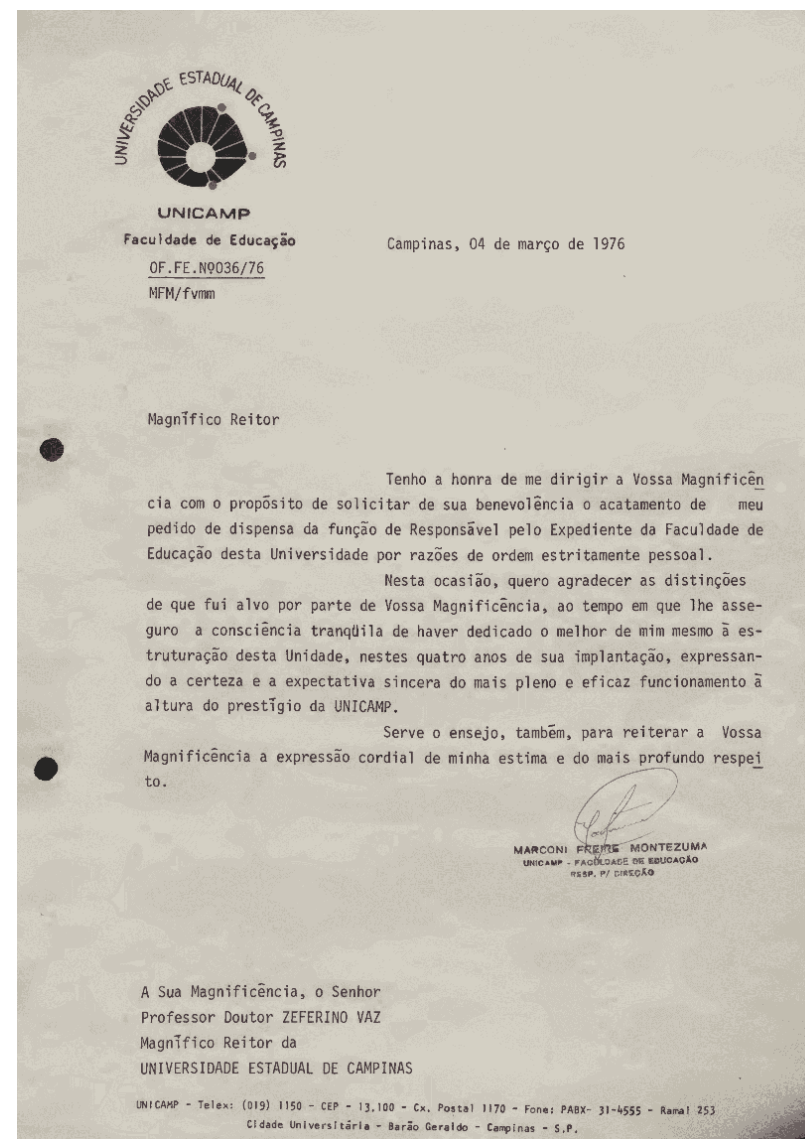
3. Projeto Brasileiro para o Ensino de Física.
4. Metodologia para o Ensino Pré-Escolar.
5. Raízes do Protesto Estudantil em geral (gênese - diagnose).
6. Determinantes do Clima Sócio-Emocional em Salas de Aula (Categorias de Whitall).
7. Educação - Doutrinação e o Ensino da Religião.
8. Diálogo na Universidade.
9. Necessidade de uma Consciência Antropológica para a Educação.
10. Sub-cultura Adolescente.
11. Planejamento Educacional no Brasil.
12. Sistemática do Trabalho Individual e do Grupo na Universidade.
13. Prestação de Contas no Ensino Superior.
14. Formação do Conceito de Áreas na Escola Média.
15. As Tecnologias Educacionais e Antropologia.
16. Nova Pedagogia do Texto Literário.
17. Uma Teoria de Ensino a partir de Ausubel.
18. Burocracia Weberiana na Educação em São Paulo.
19. Técnica do Ensino baseada em Planejamento e Execução por Equipe ("Team Teaching").
20. Contrato Rogeriano de Estudo.
21. Experiência em Aprendizagem Escolar.
22. Arquivo de Documentação Histórica da Educação Brasileira.

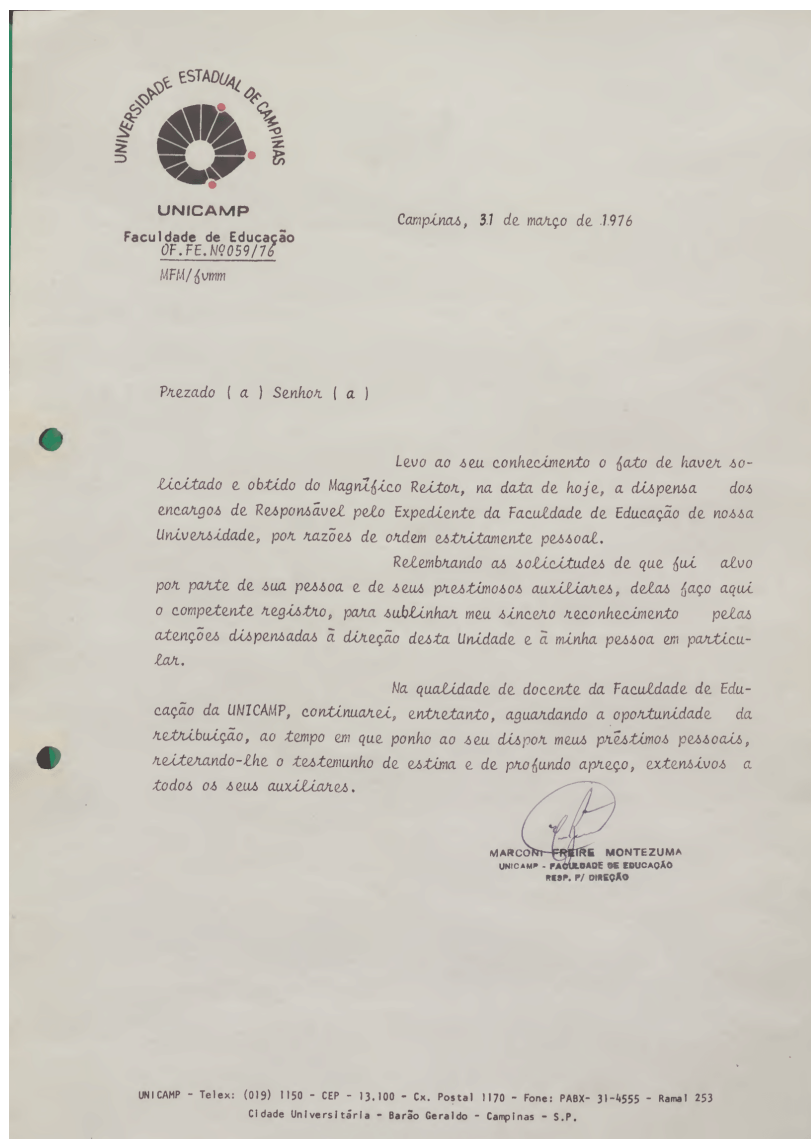
10/10/10




4 de março de 1976 O Prof. Marconi Freire Montezuma, através do **Of. FE n.36/76**, solicita ao Reitor Zeferino Vaz sua dispensa da função de Responsável pelo Expediente da Faculdade de Educação.

Fonte: Faculdade de Educação CME/FE





31 de março de 1976 O Prof. Marconi Freire Montezuma, através do **Of. FE n.59/76** leva a conhecimento de sua dispensa dos encargos da FE e presta reconhecimento pelas atenções dispensadas à direção da FE e à sua pessoa em particular.

Fonte: Faculdade de Educação CME/FE

1976 O Prof. Dr. Antonio Muniz de Rezende (*in memoriam*) assume oficialmente a primeira direção da Faculdade de Educação cuja gestão se deu até o ano de 1980, juntamente com o Diretor Associado Prof. Dr. Eduardo Oscar de Campos Chaves.



Antonio Rezende



Eduardo Chaves



Prof. Rezende em 14 dezembro 2022 no Salão Nobre da FE
Comemoração dos 50 anos da FE

Fonte: Faculdade de Educação – FE

3 de outubro de 1977 Publicação do Diário Oficial da União, Decreto Nº 80.480, que concede o **RECONHECIMENTO AO CURSO DE PEDAGOGIA** da Faculdade de Educação da Universidade de Campinas, com sede na cidade de Campinas, Estado de São Paulo, publicado em 04 de outubro de 1977, Seção 1, p. 13265 - 13266.

Fonte: Faculdade de Educação CME/FE



Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras

Nº - BSB/0301/77

Brasília, 05/10/1977

Senhor Membro deste Conselho:

Com prazer, transmito-lhe matéria do interesse dessa Entidade, publicada na no(s) Diário(s) Oficial(ais) e/ou da Justiça, abaixo relacionado(s):

	DATA(S)	PÁGINA(S)
1. Parte I.....	04/10/77	13.265 - 13.266
2. Parte II.....	/ / 77	
3. D. Justiça.....	/ / 77	

Ateiosamente

Prof. Afonso de Liguori P. Lima
Secretário Executivo

ALPL/nws.

DECRETO Nº 80.480 — DE 3 DE OUTUBRO DE 1977

Concede reconhecimento ao curso de Pedagogia, da Faculdade de Educação da Universidade de Campinas, com sede na cidade de Campinas, Estado de São Paulo.

O Presidente da República,

usando das atribuições que lhe confere o artigo 81, item III, da Constituição, de acordo com o artigo 47 da Lei nº 5.540, de 28 de novembro de 1968, alterado pelo Decreto-lei nº 842, de 9 de setembro de 1969, e tendo em vista o Parecer do Conselho Estadual de Educação nº 315 de 1977, conforme consta do Processo nº 234.616 de 1977 do Ministério da Educação e Cultura,

DECRETA:

Art. 1º É concedido reconhecimento ao curso de Pedagogia, com habilitações em Orientação Educacional, em Administração Escolar, em Supervisão Escolar, e em Magistério das Disciplinas Especializadas do Ensino de 2º Grau, da Faculdade de Educação, da Universidade Estadual de Campinas, com sede na cidade de Campinas, Estado de São Paulo.

Art. 2º Este Decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Brasília, 3 de outubro de 1977; 156º da Independência e 89º da República.

ERNESTO GEISEL

Ney Braga

2 de outubro de 1978 Convite a todos os professores para o lançamento oficial da **Revista da Faculdade de Educação “Educação & Sociedade”** a realizar-se no dia 10 de outubro na Livraria Brasiliense, às 10h30 (registrado na Ata da 60ª Reunião do Conselho Interdepartamental da FE, presidida pelo Prof. Dr. Antonio Muniz de Rezende). A Revista E & S é editada pelo CEDES - Centro de Estudos Educação e Sociedade, criado em março de 1979, cuja ideia de criação surgiu na realização do I Seminário Nacional de Educação Brasileira quando a “preocupação dos professores (principalmente do DECISAE - Departamento de Ciências Sociais na Educação, hoje DECISE), era a de reflexão e ação ligadas às relações da educação com a sociedade” A Revista tem uma relação umbilical com a FE e a Unicamp e sua sede sempre foi a Unicamp, além do apoio recebido desde seu início. Institucionalmente o CEDES mantém a revista E & S e os Cadernos Cedes, este desde os anos 80; participa e organiza as Conferências Brasileiras de Educação desde sua criação. <https://www.cedes.unicamp.br>

Fontes: Faculdade de Educação – FE
 Profa. Dra. Ivany Rodrigues Pino

EDUCAÇÃO & SOCIEDADE

01 V. 01 – O Educador precisa ser Educado

Revisão crítica do papel do pedagogo na atual sociedade brasileira (introdução a uma Pedagogia do Conflito)

Moacir Gadotti

Francisco Ferrer e a Pedagogia Libertária

Maurício Tragtenberg

Educação Brasileira: Problemas

Demerval Saviani

A Alfabetização de Adultos: É ela um Quefazer Neutro?

Paulo Freire

Ideologia e Intelectuais em Gramsci

Carman Sylvia Vidigal Moraes

Poder e Educação

Evaldo Amaro Vieira

Propriedade e Autoridade

Cesar Augusto Ramos

Nossa posição sobre a Educação Pré-escolar

Leo Kessel

Estudo sobre a psicologia da motivação de Carl.

R. Rogers

Miguel de la Puente

Por uma (Re)laboração do conceito de modo de produção

Robert Henry Srour

Fonte da imagem: Educação & Sociedade | Cedes (unicamp.br)



20 a 24 de novembro de 1978 É realizado o **I Seminário Nacional de Educação Brasileira** promovido pela Faculdade de Educação da UNICAMP, no anfiteatro da CATI (Coordenadoria de Assistência Técnica Integral), cujo tema foi **Função e Estrutura da Pedagogia na Educação Brasileira**. Tratando da temática da Formação de Professores, foi realizado em Campinas, no âmbito de uma pesquisa nacional intitulada “Análise de Currículo e conteúdo programático dos Cursos de Pedagogia com vistas a propostas alternativas de reformulação”, financiada pelo Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP) e sob a responsabilidade do Departamento de Sociologia da Educação da Faculdade de Educação da UNICAMP. Com o objetivo inicial de completar a pesquisa em

fase de finalização, foi pensado como um espaço para discussão, entre educadores e professores, sobre o Curso de Pedagogia, considerando sua inserção no contexto brasileiro. Assim seu pólo central foi o exame da problemática da educação brasileira contemporânea, com a finalidade de evidenciar novos enfoques e perspectivas de mudanças do Curso. Com representação da maioria dos estados brasileiros, o I Seminário adquiriu uma dimensão nacional que não se anunciava em sua preparação e organização, contando com a participação de 600 inscritos, quase exclusivamente professores e educadores”. O V Seminário de Educação Brasileira foi realizado no ano de 2015.

Fontes: Faculdade de Educação CME/FE
Boletim Informativo do ASFE – “Gestão documental e os arquivos universitários” jan/2016



No auditório da CATI, mais de seiscentas pessoas participaram do Seminário de Educação. Dermeval Saviani e Maria Nilde Mascellari — os dois falaram, ontem, sobre "quem educa o educador".

Seminário de Educação

"CADA SOCIEDADE TEM O EDUCADOR QUE FABRICA"

O professor Dermeval Saviani, da PUC de São Paulo, abriu ontem, os trabalhos que serão realizados no Seminário Brasileiro de Educação, que está sendo realizado na CATI, devendo se encerrar hoje. O tema abordado, e que foi exposto pelos professores Luís A. Cunha, Maria Nilde Mascellari e Antônio Joaquim Severino, foi "Quem Educa o Educador?". Na opinião dos expo- sitores, "quem educa o educador é o Estado, de forma o que os educadores sirvam aos interesses do sistema, sem tomarem consciência do papel que lhes cabe exercer, que é o de transformação da sociedade".

Luiz Cunha salienta que "há pouco respeito para a situação", mas dois aspectos se destacam: "a nossa prática educacional é uma identificação. É preciso assumir as estruturas típicas da escola. É preciso assumir o pensamento pedagógico, o currículo pedagógico, o planejamento e o trabalho pedagógico, que é resultado direto das condições concretas de ensino que temos que enfrentar. E isto é o maior trabalho que consiste em estabelecer a condição de ensino".

Saviani professor, "é preciso assumir o poder docente, que vem da força do Estado, do sistema, pela autoridade docente, que não é dada pelo Estado, mas pelo sistema, quando reconhecemos a competência dos professores, sua autoridade". Sobre a atuação do professor, Luiz Cunha afirmou que "há pouco espaço pedagógico, porque não significa realmente condições de ensino, é apenas uma política pedagógica, política decorativa, que não leva em consideração os interesses da classe trabalhadora, mas sim a política de Estado".

O professor Antônio Joaquim Severino, da PUC de Campinas, afirmou que o Centro de Educação da PUC de São Paulo, apresenta uma definição do novo pedagogo e sua missão:

... De novo pedagogo, existimos que fomos um educador, um ser, um homem que atuou em condições de existência de sua história, e a de usar o que está disponível, tornando-o ou não está disponível. O educador é aquele que entende sua prática educacional como essencialmente um projeto político, ou seja, aquele que assume a educação como um processo que tem a ver com a situação da classe da sociedade, com a transformação desta sociedade, que exige uma prática política, que trabalha por uma política mais justa, mais ampla e mais humana.

Sobre como formar este educador e quem o educa, Severino afirmou que "não deveria ajudar, não seria uma tarefa, mas sim uma obrigação de todos os educadores, incluindo os professores, que devem assumir a educação como um projeto político, que tem a ver com a situação da classe da sociedade, com a transformação desta sociedade, que exige uma prática política, que trabalha por uma política mais justa, mais ampla e mais humana".

Para o professor Saviani, "há dois eixos entre os quais se debate a educação e o sistema social, passando de um para a outra necessariamente, mas qual os processos mais relevantes. Este eixo conceitual é tão fundamental quanto o eixo histórico. Dentro deste eixo, a educação é o processo de produção que produz a demanda educacional crítica".

Quando um texto da tese III sobre Feuerbach, de Marx, afirma que "a teoria materialista de que se fala, não se trata de uma teoria abstrata de educação e de cultura, mas sim de uma teoria materialista de educação e de cultura, porque, embora materialista, não reconhece as condições diferentes de educação histórica, que são as condições da educação propriamente política, que é a prática educacional política em si mesma. Não, pois, simplesmente, a divisão da sociedade em duas partes, uma das quais se sobrepõe à sociedade (como, por exemplo, no Brasil, Orestes). A compreensão da realidade da educação é a compreensão da atividade humana e do poder transformador". Saviani afirmou que:

... Quem educa o educador? Quem educa o homem é o próprio homem, isto é, a história. Quem educa o educador é a prática histórica. É o homem que transforma em sua prática. Foi o homem educador que se tornou humano. A educação é um instrumento da transformação da sociedade, na medida em que se trata de uma prática, de uma atividade social de classe, para descobrir ou criar as condições de produção e reprodução da atividade humana e do poder transformador. A educação humana e do poder transformador, Saviani afirmou que:

O professor Luiz Cunha afirmou que "há pouco respeito para a situação", mas dois aspectos se destacam: "a nossa prática educacional é uma identificação. É preciso assumir as estruturas típicas da escola. É preciso assumir o pensamento pedagógico, o currículo pedagógico, o planejamento e o trabalho pedagógico, que é resultado direto das condições concretas de ensino que temos que enfrentar. E isto é o maior trabalho que consiste em estabelecer a condição de ensino".

Severino professor, "é preciso assumir o poder docente, que vem da força do Estado, do sistema, pela autoridade docente, que não é dada pelo Estado, mas pelo sistema, quando reconhecemos a competência dos professores, sua autoridade". Sobre a atuação do professor, Luiz Cunha afirmou que "há pouco espaço pedagógico, porque não significa realmente condições de ensino, é apenas uma política pedagógica, política decorativa, que não leva em consideração os interesses da classe trabalhadora, mas sim a política de Estado".

O professor Antônio Joaquim Severino, da PUC de Campinas, afirmou que o Centro de Educação da PUC de São Paulo, apresenta uma definição do novo pedagogo e sua missão:

... De novo pedagogo, existimos que fomos um educador, um ser, um homem que atuou em condições de existência de sua história, e a de usar o que está disponível, tornando-o ou não está disponível. O educador é aquele que entende sua prática educacional como essencialmente um projeto político, ou seja, aquele que assume a educação como um processo que tem a ver com a situação da classe da sociedade, com a transformação desta sociedade, que exige uma prática política, que trabalha por uma política mais justa, mais ampla e mais humana.



O professor Luiz Cunha propôs uma análise de situações concretas para o problema do professor.

"Cada sociedade tem o educador que fabrica"

"[...] - Quem educa o educador? Quem educa o homem é o próprio homem, isto é, a história. Quem educa o educador é a práxis histórica. É o homem que transforma essa práxis. Sai do âmbito ideológico para o âmbito humano. A educação é um instrumento de transformação da sociedade, na medida em que se insere numa prática. E daí, adquire consciência de classe, para descobrir seu lugar no processo de produção e descobrir os elementos de pressão. Passando do nível de consciência em si, para consciência para si. [...]"

"[...] - Do novo pedagogo, exigimos que fosse um educador, ou seja, um homem que assumiu sua condição e se solidarizou de sua tarefa que é a de unir o que está separado, recompor o que está decomposto. O educador é aquele que entende seu projeto educacional como necessariamente um projeto político, ou seja, aquele que assume a educação como um processo que tem a ver com a negação do status que da sociedade e com a transformação desta sociedade, que exige uma prática política, que apela por uma pólis mais digna, mais justa e mais humana. [...]"

"[...] "O Estado faz do professor o elemento mediador de sua ideologia e de uma forma organizada, sem crítica. A competição dentro da categoria é explorada pelo próprio Estado. Os programas pré-fabricados, o falseamento da condição de planejar e de avaliar, a repressão ao nível tipicamente educacional, policial (o professor como dedo-duro, forçando seu aluno a sê-lo também), a repressão institucional - nessas condições, o professor não passa de um serviçal do Estado e do regime, sua posição é de mediador da ideologia do Estado na formação das gerações jovens", afirmou Maria Nilde [...]"

Fonte: Jornal Correio Popular, 22/11/1978

Método Paulo Freire em foco

A realização, no anfiteatro do CATI, do 1º Seminário de Educação Brasileira, reunindo pedagogos, especialistas estudantes e sistemas e debates, relacionados à Educação e ao seu papel na transformação da sociedade brasileira — pôs em foco assuntos de grande atualidade. O Seminário termina hoje, com várias conferências, seguidas de debates e sessões de grupos de estudo.

Sem dúvida, um dos pontos de atração foi a tese de Paulo Freire, com exposição de sua conhecida e discutido Método de Alfabetização. O Autor não pode estar presente, por motivos conhecidos de todos, ele está há 14 anos no exílio, e reside atualmente em Genebra na Suíça. O texto da sua conferência foi "Pedagogia do Oprimido e Educação do Colonizador", reprisando a sua teoria: a alfabetização como um momento da teoria do conhecimento.

O Método Paulo Freire tornou-se popular na década de 60, inspirado o Movimento de Cultura Popular e outras que resultariam no Programa Nacional de Alfabetização, instituído pelo decreto nº 65 de 21-1-64, que o adotou legalmente. Mas o Programa teve curta duração: apenas três meses, até a mudança do regime político. De acordo com o Método, alfabetizando, numa prazo mínimo de 40 horas, domina a leitura e a escrita, e aprende a examinar criticamente a realidade social, política e econômica.

Logo, o Método pretende que educador e educando figurem, como sujeitos do conhecimento, numa relação dinâmica, sem traços paternalistas.

O chamado Método Paulo Freire tem sido alvo de muitas discussões, tendo sido analisado em teses e em livros. Diz, por exemplo, a profª Sílvia M. Manfredi, em "Política: Educação Popular" que "A alfabetização, em si, nunca foi uma de suas metas. A preocupação com o analfabetismo sempre esteve concentrada em dois pontos básicos: a necessidade de maior comunicação entre educador-educando, e a imperativa procura de adequação do conteúdo e método de educação às características socio-culturais das "classes populares". Sílvia Manfredi distingue ainda dois períodos na obra de Paulo Freire: de 1959 a 65, e após 69. No primeiro, há a presença de uma educação para a participação; no segundo, uma educação para a libertação.

As experiências educacionais de Paulo Freire datam de 1955, tendo sido iniciadas em paróquias (trabalha de ação cultural), depois em escolas para adultos numa espécie de pré-alfabetização. Em Recife, ele constatou que podia discutir com operários e lavradores "uma temática que vinha deles", libertando junto a seus clientes as palavras aprendidas que iriam compor o universo temático — base da ação cultural. Ele reunia grupos de analfabetos e descobria pessoas capazes

de manter diálogo com os mesmos sobre temas determinados pelos grupos. Depois, fazia uso de recursos visuais, projetando "alôdas" de equânias, de desenhos, como estímulos.

Na etapa de alfabetização, Paulo Freire acha que é importante estimular a expressividade oral do alfabetizando, evitando o uso de uma linguagem distante daquela que ele usa, e estimulando-o a expressar suas relações com o mundo. Em outras palavras, o desenvolvimento da oralidade, associando-se logo com a escrita, o domínio da palavra; o papel que têm as sílabas, na constituição da palavra e o papel da palavra na estrutura do pensamento". Ele acha que as palavras a serem ensinadas deveriam sugerir situações das participações como "engenho" para as que transformam na zona construtiva; "tijolo" para os prefeitos; "cozinha e rifeia" para os cozinheiros.

Paulo Freire, em 64, sofreu contra si e sua equipe a interdição de um requerimento policial militar, que mais tarde foi arquivado. Ficou preso por 70 dias, depois foi para La Paz, onde não se deslocou ao clima; de lá a El Tránsito, no Chile, assessorando programas de alfabetização. A UNESCO nomeou-o especialista, trabalhando na Universidade de Harvard, durante dez meses. Em 70, já em consultor de vários governos e instituições voltadas à Educação Popular.

do-o apenas no dia 15 de dezembro próximo ao protocolo no Rio de Janeiro materializada sob o nome de Departamento de Assessoramento a documentação, com o relatório de que foi elaborado na Justiça Trabalhista. E, neste relatório, o Relatório expõe os fatos do desenvolvimento da carreira de trabalho no serviço, o que é impossível em virtude do caráter de trabalho nas juntas da Justiça Trabalhista.

É essa dificuldade, de que se revêla a inscrição que não se encontra, e que passaram os diretores de escola e distantes de Brno, o 2º grau afirmando que a formação simultânea de técnicas em nível médio e de altas indústrias, é o que interessa ao país, como um todo. O pedagogo também se questiona, dos mesmos gastos para obter a profissionalização para sites alunos. Ele argumenta que é mais importante manter uma, sólida formação geral até o nível médio, do que promover a formação técnica deficiente.

Baseando-se em dados da UNESCO, o deputado afirmou que quanto mais breve o profissionalizante compulsa no 2º grau afirmando que a formação simultânea de técnicas em nível médio e de altas indústrias, é o que interessa ao país, como um todo. O pedagogo também se questiona, dos mesmos gastos para obter a profissionalização para sites alunos. Ele argumenta que é mais importante manter uma, sólida formação geral até o nível médio, do que promover a formação técnica deficiente.

Basando-se em dados da UNESCO, o deputado afirmou que quanto mais breve o profissionalizante compulsa no 2º grau afirmando que a formação simultânea de técnicas em nível médio e de altas indústrias, é o que interessa ao país, como um todo. O pedagogo também se questiona, dos mesmos gastos para obter a profissionalização para sites alunos. Ele argumenta que é mais importante manter uma, sólida formação geral até o nível médio, do que promover a formação técnica deficiente.

Método Paulo Freire em foco

“A realização, no anfiteatro do CATI, do 1º Seminário de Educação Brasileira, reunindo pedagogos, especialistas e estudantes em temas e debates, relacionados à Educação e ao seu papel na transformação da sociedade brasileira – pôs em foco assuntos de grande atualidade. O Seminário termina hoje, com várias conferências, seguidas de debates e sessões de grupos de estudo.”

“Sem dúvida, um dos pontos de atração foi a tese de Paulo Freire, com exposição de seu conhecido e discutido Método de Alfabetização. O Autor não pode estar presente, por motivos conhecidos de todos, ele está há 14 anos no exílio, e reside atualmente em Genebra na Suíça. O texto de sua conferência foi “Pedagogia do Oprimido e Educação do Colonizador”, reprisando a sua teoria: a alfabetização como um momento da teoria do conhecimento. [...]”

Fonte: Jornal Correio Popular, 22/11/1978

ENSINO NA ZONA RURAL

Os Conselhos Federal e estaduais de educação se reuniram a analisar, no início desta semana, no âmbito da educação no meio rural através de relato de experiências vividas em várias conferências de professores. A reunião foi realizada no Departamento de Ensino Fundamental do MEC sobre a situação atual do ensino nessa área.

Entre as prioridades identificadas encontradas para solucionar o problema, os professores reclamaram a impressão do conceito de área rural, a escassez de dados de pesquisas e a ausência de uma tipificação adequada das comunidades rurais.

Terça-feira, durante a abertura em Brasília, do XV Reunião Conjunta dos Conselhos Federal e Estaduais de Educação, o ministro da Educação, Euro Brandão, fez um apelo enfático aos sistemas estaduais de ensino para que concedam maior atenção aos municípios possibilitando o desenvolvimento do ensino nas áreas rurais.

“Existe um abastecimento muito grande das secretarias de educação e conselhos estaduais com excedentes, mas não nos municípios”, reclamou o ministro, lembrando que por essa razão o Pro-Município — programa desenvolvido pelo MEC para subsidiar o ensino de 1º grau, foi restringido e suspensão de obras abertas. E os problemas do ensino na zona rural localizaram-se na zona municipal.

“É preciso que os Estados se conscientizem do problema e criem um esforço para o desenvolvimento do ensino no município”, acrescentou o ministro.

Euro Brandão observou ainda, que não pretende fazer uma “revolução na educação no meio rural neste fim de governo, mas simplesmente iniciar o planejamento de medidas sérias de educação no bojo do campo. De forma Estatística poderia ocorrer uma entrada em vigor do novo Estatuto Magnífico, que altera as jornadas de trabalho docente”.

Destacando que a Secretaria de Educação sabe melhor pelos dados dos professores e, ao mesmo tempo, pelo próprio trabalho, Raul Schwinden acrescenta:

“Se a Secretaria da Educação, de um lado, adquire aos vencedores na disputa trabalhista a carga horária, através da portaria que disciplina a substituição das aulas excedentes, como já são oferecidos, ao mesmo tempo, aos outros professores que se submeterem a concursos de ingresso? A Secretaria irá pagar em dobro em cada caso? Havirá dois professores para cada aula?”

As consequências de “anormalidade”, segundo o advogado, será inibidora a todos: profissões com direitos garantidos pela CLT, profissões admitidas pelo sistema estatutário e Administração Estadual. “A Secretaria, obedecendo às anormalidades, não poderá pagar pela CLT a professores comunitários, vai de certa forma, prejudicar quem escolhe trabalhar não a promessa de ter jornada completa de trabalho, para depois ter a destituição de salários receber carga horária de trabalho. E o garantido, mesmo incluindo algumas vitórias, as aulas, terá direito a receber por 44; no passo que o conteúdo só terá garantia de vinte aulas”.

SEM TEMPO E NÍVEL

Para Raul Schwinden, educador e Departamento de Cursos Humanas tenha elaborado o plano de apresentação de documentação para inscrição a aulas excedentes, encerra-

do-o apenas no dia 15 de dezembro próximo ao protocolo no Rio de Janeiro materializada sob o nome de Departamento de Assessoramento a documentação, com o relatório de que foi elaborado na Justiça Trabalhista. E, neste relatório, o Relatório expõe os fatos do desenvolvimento da carreira de trabalho no serviço, o que é impossível em virtude do caráter de trabalho nas juntas da Justiça Trabalhista.

É essa dificuldade, de que se revêla a inscrição que não se encontra, e que passaram os diretores de escola e distantes de Brno, o 2º grau afirmando que a formação simultânea de técnicas em nível médio e de altas indústrias, é o que interessa ao país, como um todo. O pedagogo também se questiona, dos mesmos gastos para obter a profissionalização para sites alunos. Ele argumenta que é mais importante manter uma, sólida formação geral até o nível médio, do que promover a formação técnica deficiente.

Basando-se em dados da UNESCO, o deputado afirmou que quanto mais breve o profissionalizante compulsa no 2º grau afirmando que a formação simultânea de técnicas em nível médio e de altas indústrias, é o que interessa ao país, como um todo. O pedagogo também se questiona, dos mesmos gastos para obter a profissionalização para sites alunos. Ele argumenta que é mais importante manter uma, sólida formação geral até o nível médio, do que promover a formação técnica deficiente.

SENAC: CURSO DE RELAÇÕES HUMANAS

Atensas as inscrições para o Curso de Relações Humanas no Trabalho, a sua realização no SENAC, de 27 de novembro a 11 de dezembro, das 19h às 22 horas. O curso trata de aspectos psicológicos envolvidos no relacionamento interpessoal no trabalho. Inscrições à Rua Sacramento n.º 409.

EDUCAÇÃO BRASILEIRA EM DEBATE

Durante o 1.º Seminário de Educação Brasileira, promovido pela UNICAMP, e terminado ontem, dentre outros muitos temas, foi discutido o conceito de “Anti-Pedagogia”, em tese apresentada pelo Diretor da FEBEM, Walter Garcia. Disse este educador que a atividade pedagógica na sociedade de nossos dias requer o desenvolvimento de habilidades, atitudes e conhecimentos que ajudem as pessoas a se realizarem na humanidade, nas suas necessidades básicas. A atividade pedagógica não se realiza no vácuo, mas se exerce num contexto sócio-político determinado, e é nes-

sa situação que devemos compreender suas virtudes e limitações. Ele considera a “anti-pedagogia” como a atividade que deixa de realizar os propósitos da Pedagogia. Existe, afirma, no Brasil de hoje, uma distância muito grande entre o que se propõe e o que de fato ocorre.

Como exemplos deste fato, Garcia cita que de “cada mil alunos matriculados no Primário, em 1950, no Brasil, somente 232 chegaram à 4.ª série; e destes, apenas 88 atingiram a 8.ª série, e somente 48, em 1971, foram aprovados no ensino superior. Portanto, em cada 100 apenas 1,8 superaram todas as barreiras.

Fonte: Jornal Correio Popular, 23/11/1978

Educadores concluem: PROBLEMA DA EDUCAÇÃO É POLÍTICO

“O problema educacional brasileiro é acima de tudo político e o pedagogo deve ser organizador dos que não participam do poder econômico e político, dentro e fora da escola”. Esta postura, definida por um dos relatórios finais dos grupos de estudos do I Seminário de Educação da Universidade Estadual de Campinas, promovido pela Faculdade de Educação, do dia 20 a 22 últimos, foi a conclusão quase unânime a que chegaram os educadores que participaram do debate.

Segundo o Coordenador do Seminário, prof. Márcio Gadotti, da UNICAMP, não adianta discutir técnicas, legislação, metodologias, antes de saber para que e para quem serve a educação. Baseados nessa premissa, os educadores reconheceram a necessidade de mobilização geral da classe, através de uma associação ou sindicato nacional objetivando uma conscientização geral do papel que têm na sociedade.

AUTO-GESTÃO

A auto-gestão da educação brasileira, através da descentralização das decisões e execuções dos projetos educacionais foi colocada como fundamental para uma democratização do ensino. Isto é, acabar com as propostas de leis de reformas educacionais impostas de maneira autoritária e vertical sem consulta e debate amplo pelos interessados: pelos que constroem a educação pelo seu trabalho e pelos estudantes.

Outro aspecto levantado é que a qualidade do curso não pode ser definida no vazio, tornando-se necessário definir-se para o próprio pedagogo qual é o perfil do profissional que ele quer formar, para depois definir como fazê-lo.

A importância de manter os debates acesos dentro de todas as instituições educacionais do país e a realização de um segundo encontro nacional no próximo ano também ficou evidenciado. Além disso, os relatórios finais dos grupos de estudos serão publicados na revista “Educação e Sociedade”, iniciativa e edição da Faculdade de Educação da UNICAMP. Os resultados

da pesquisa sobre os cursos de Pedagogia serão publicados na revista do INER — Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos.

Segundo Gadotti “os educadores estão retomando a suas mãos os problemas da educação porque, além do momento histórico de acirramento das contradições sociais, já estão começando a sentir os reflexos do boicote da educação, do obscurantismo cultural, ao constatar, por exemplo que as pessoas não sabem mais escrever”.

O Coordenador do Seminário disse também que as propostas do Seminário de Educação não serão enviadas às autoridades educacionais do país porque isto seria uma incoerência. “Seria uma incoerência levar as conclusões dos grupos de estudos aos grupos dominantes que estão aí, porque eles não seguiriam nossas propostas. Seria levar um projeto democrático a uma política anti-democrática. Precisamos primeiro lutar pela democratização geral da sociedade, onde estaria inserida a democratização do ensino”.

— Se nossa intenção foi reanimar a audiência em torno dos problemas da educação isso foi plenamente atingido no Seminário — disse Gadotti e a profa. Elizabeth Camargo acrescentou: “No Seminário foi assumido o debate político da democratização da educação, a partir da necessidade de uma democratização da sociedade brasileira”.

A reflexão do pedagogo sobre a importância de sua responsabilidade na sociedade foi outra coisa apontada pelos relatórios finais que frisam: “O pedagogo precisa ser coerente com a realidade e para isso deve estimular o espírito crítico na criança. A criança crítica pode integrar-se na realidade regional e nacional. A criança constrói o homem, pois todo homem surgiu de uma criança. Que se preparem pedagogos voltados para as realidades regionais e locais que vivem, antes de se lançarem à interpretação e crítica casuística de realidades que desconhecem pessoalmente, que não analisaram e que não vivem”.

Fonte: Jornal Correio Popular, 24/11/1978

23 de novembro de 1978 "Seminário da Educação: Conclusões hoje, na UNICAMP" – Jornal Correio Popular.

Fontes: Acervo Histórico do Arquivo Central da Unicamp - SIARQ
Jornal Correio Popular, 23/11/1978

CORREIO POPULAR DE CAMPINAS - 23.11.78 - PAG. 10

Seminário de Educação: Conclusões hoje, na UNICAMP

No último dia do Seminário de Educação, ontem, no auditório da CATI-Coordenadoria de Assistência Técnica Integral, foi discutida a "extinção do curso de Pedagogia e a preparação de especialistas em educação". Os estudantes de pedagogia presentes ao Seminário apresentaram uma moção de protesto contra a negação do passaporte ao educador Paulo Freire. As conclusões do Seminário serão apresentadas hoje, na UNICAMP.

O desprestígio dos cursos de Pedagogia foi alvo das críticas dos expositores. Segundo Juracy C. Marques, professora de Psicologia da Faculdade de Educação Federal do Rio Grande do Sul, "as a Educação não conseguiu um lugar dentro da universidade, nós não temos forças para resolver os problemas educacionais do país. Devemos lutar para dar um status à educação, caso contrário, não conseguiremos por ordem na casa".

ADEQUAÇÃO DO ENSINO

Fra Juracy Marques, "a prioridade da educação brasileira foi e sempre continuará a ser o ensino de primeiro grau. Por isso, os cursos de graduação de pedagogia deveriam estar mais voltados para esse problema — disse a psicóloga que lamentou as forças perdidas para a educação de primeiro grau. "já que a evasão continua sendo muito grande, principalmente devido à explosão demográfica. A explosão demográfica está para a educação como a inflação para a economia".

A proposta de Juracy Marques é uma integração das áreas de trabalho, saúde e educação. "Propõem que saíamos de nossos prédios, principalmente nós, os especialistas que não podemos perder de vista o indivíduo que deve ser entendido como ele é e não como queremos que seja".

Outro aspecto levantado pela psicóloga foi a distância entre teoria e a prática do ensino. "Os alunos não gostam da teoria que lhes é dada porque nada tem a ver com a realidade. A teoria que o sistema educacional utiliza é alienada, fora daquele que temos urgência de dar, seguindo modelos estrangeiros. É preciso que publiquemos mais trabalhos sobre nossa realidade — disse Juracy Marques que foi muito vaiada pela platéia quando



A profa. Juracy C. Marques, professora de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

afirmou que "onde há mulher não há progresso e a Faculdade de Educação começa a melhorar porque homens entraram nela".

O ENSINO PROFISSIONALIZANTE

Valmir Chagas, que durante 15 anos pertenceu ao Conselho Federal de Educação e agora está na Faculdade de Educação de Brasília, relator da Lei de Diretrizes de Bases nº 5.692 que introduziu o ensino profissionalizante no país em 1972 foi também seu grande defensor.

Depois de fazer um histórico da educação no país para explicar a situação dos cursos de pedagogia, Valmir Chagas disse que "o novo humanismo significa acabar com a classe ociosa e fazer com que todo mundo aprenda a trabalhar, como aconteceu em Israel. Os anos 60 aceleraram as contradições com o novo currículo, a reforma universitária, criando condições para que em 80 se mudasse os cursos de pedagogia. A idéia era formar o especialista a partir do professor".

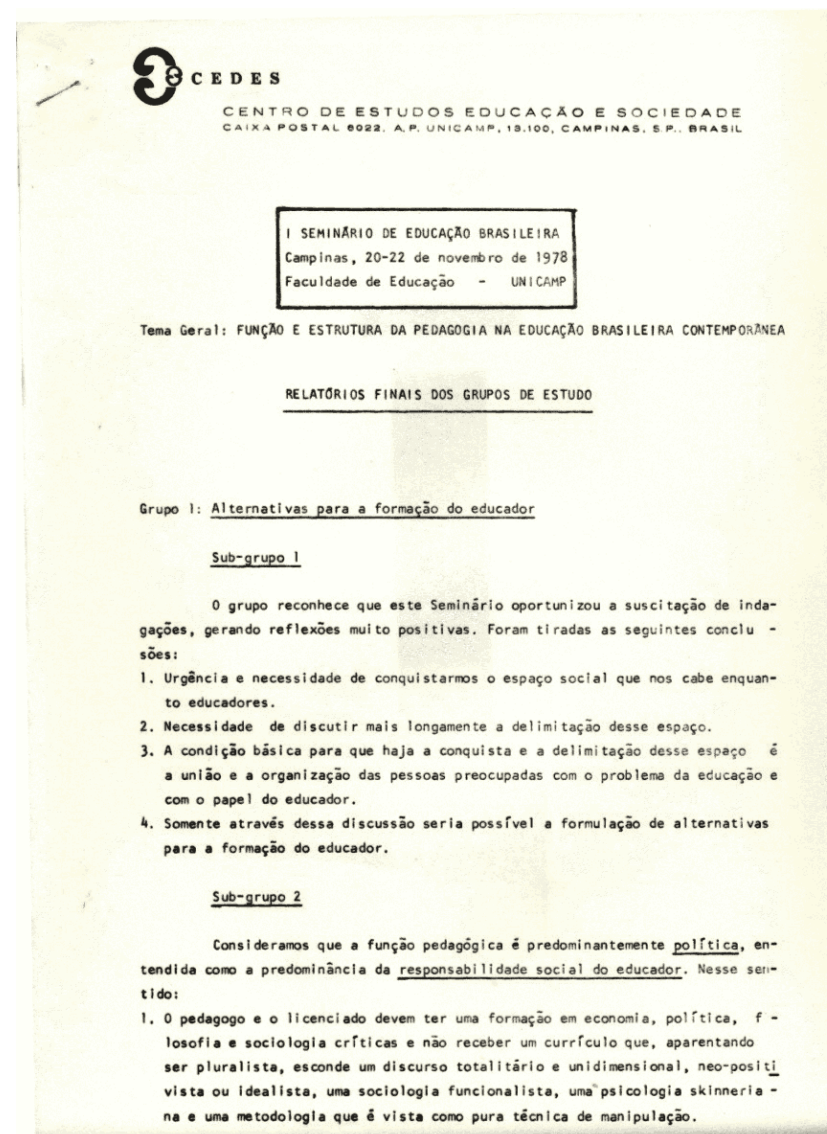
— Para Valmir Chagas, "o grande pecado da edu-

cação brasileira era o dualismo: uma escola profissionalizante para uns e uma escola acadêmica para outros. Mas o mundo inteiro chegou à conclusão que a educação bacharelística estava deformando o homem e tanto isso é verdade que o jovem de hoje não aguenta mais o "blá blá blá" da sala de aula. O homem não sabe como pensar por causa das fórmulas pré-fabricadas que lhe são impostas. Atribuo ao vestibular a maior desgraça da educação brasileira.

Defensor do ensino profissionalizante, embora reconheça que, por falta de verbas ele ainda não foi aplicado amplamente, Valmir Chagas disse que "o ensino profissionalizante é elemento fundamental na educação integrada do indivíduo", exemplificando que a lei da termodinâmica pode ser aprendida na prática facilmente, quando na teoria ela é complicada. "Mas é inútil continuar com o ensino profissionalizante se não mudarmos este vestibular que exige um tipo de conhecimento que o ensino profissionalizante não dá".

[1978] CEDES. Relatórios Finais dos Grupos de Estudo sobre o I Seminário Nacional de Educação Brasileira.

Fonte: Faculdade de Educação CME/FE



2.

2. O pedagogo e o licenciado devem, na sua prática pedagógica, não privilegiar os fatores que conduzem à reprodução, mas, através da prática de uma anti-pedagogia, privilegiar a atitude crítica, a experiência de vida do aluno, desvalorizar o verbalismo e o culto do livro pelo livro, lutar permanentemente pelos que não têm voz dentro e fora da escola.
3. O problema educacional é acima de tudo um problema político. Pedagogo é aquele que organiza os deserdados do poder econômico e político, dentro e fora da escola.
4. O grupo recusa propostas de reformas educacionais impostas de maneira autoritária e vertical, sem consulta e debate amplo pelos interessados, pelos que constroem a educação pelo seu trabalho e sem a participação dos estudantes. Esse tipo de procedimento, que desrespeita e ignora o trabalho da maioria dos interessados, tem como consequência a desestruturação do sistema educacional e do trabalho em educação; é causador de um empobrecimento cultural que facilita a reprodução de um sistema político alheio aos interesses gerais do povo.
5. O que é dito para o pedagogo deve ser estendido aos licenciados. O grupo propõe que o I SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO BRASILEIRA se manifeste contra o artigo 30 da Lei nº 5.692, que cria as licenciaturas curtas em ciências exatas e humanas propondo a formação de professores polivalentes de "ciência integrada", estudos sociais e comunicação e expressão. A proposta desta Lei contém um esvaziamento da profissão em termos de salário e, em termos de reconhecimento, do seu papel de educador - o professor não precisa saber conteúdo: é um reproduzidor de material de ensino, incapaz de qualquer visão da realidade.
6. O grupo sugere que os participantes deste Seminário promovam em suas instituições:
 - atuação nos sindicatos de professores;
 - reuniões para a discussão de práticas de uma anti-pedagogia.
7. O grupo sugere ainda que este Seminário tenha continuidade e que no próximo (que poderia ser realizado em Recife, PE) sejam promovidas reuniões estendidas aos professores, em todos os níveis, em termos de participação na exposição.

Sub-grupo 3

O grupo constatou expressiva representatividade nacional neste Seminário. O anúncio e a realização deste Seminário geraram expectativas na sociedade e no próprio seminário. Ele sucede a eleições gerais que levantaram muitos problemas nacionais e regionais; sucede a uma pletera de reivindicações sociais em todo o país, principalmente evidenciadas por operários, trabalhadores rurais, bancários, estudantes, professores, artistas, advogados, médicos e outras classes e categorias sociais; sucede ao importante trabalho intelectual de professores e es-

3.

tudantes na procura do esclarecimento das questões fundamentais da relação cultura-educação-sociedade, do qual, temos aqui um exemplo, na organização do Seminário e na participação dos presentes.

Consideramos que a abertura incisiva do fluxo e das relações escola-sociedade, educador, pedagogo e sociedade (não como conceito genérico, mas como realidade de classes e sistema produtivo concretos) é o não decisivo para a melhor formação, empenho e desempenho dos educadores e pedagogos. O pouco tempo dedicado neste Seminário ao tratamento desta tarefa faz supor nova etapa próxima para o confronto com um problema premente para toda a sociedade brasileira.

Sub-grupo 4

Com relação ao tema do grupo ("alternativas para a formação do educador"), os seus membros detiveram-se na análise das evidências emanadas da situação atual desta formação, percebidas em suas respectivas vivências. Como não se pode ou não se deve discutir alternativas de ação antes do conhecimento sistemático da realidade - sem o qual as alternativas são meras especulações despreocupadas com a verdade -, os membros do grupo, desnutridos desse conhecimento sistemático, decidiram apresentar os seus pontos-de-vistas, em vez de "propostas alternativas", à luz da sua própria experiência.

1. Há necessidade de aprofundamento da reflexão crítica em educação. "Aprofundamento" no sentido de uma caracterização e vinculação cada vez maior dos problemas da educação com a estrutura econômica, social e política. O esboço de alternativas deve ser combinado com este processo de aprofundamento, para não se correr o risco de se pensar em soluções que não representam verdadeiramente as necessidades da educação do povo brasileiro. Neste sentido parece importante destacar dois pontos: (a) o fato de que as alternativas de formação do educador se relacionam sempre e claramente com uma preocupação com a educação popular; (b) o fato de que as alternativas que podem ser criadas, devem sempre respeitar as situações peculiares de cada realidade regional.
2. Sabendo-se que o professor não possui poder de decisão sobre aquilo que acredita ser o melhor para a educação, propõe-se uma conscientização das realidades globais por parte dos professores e daqueles a quem cabe as decisões nos planos federal, estadual e municipal. Nesse sentido há necessidade de etapas de transição para desvincular a formação dos educadores dos centros de decisão alheios às realidades das experiências ora levantadas.
3. Os maiores problemas levantados na formação de professores educadores: (a) a alienação em relação ao contexto dos problemas nacionais ou mundiais; (b) a-

4.

cademismo que cultiva o mito do alto nível - alto nível este que acaba por não produzir nada; (c) atrofia da iniciativa através de método expositivos de ensino.

4. A relação teoria e prática. Foi ressaltado que o educador deve estar preparado para examinar criticamente pontos específicos de sua prática e extrair dela princípios gerais que o ajudem a tomar decisões coerentes. É importante alertá-lo para a necessidade de uma filosofia ou conjunto de valores e conceitos que orientem suas decisões e lhe sirvam de referenciais. Essa filosofia não deve ser exclusivamente pessoal, mas deve estar correlacionada com a realidade e com os valores sociais do meio em que atua o educador.
5. O grupo entende que o pedagogo não deve ser consumidor de informações, mas produtor criativo de uma nova realidade. Nesse sentido devem ser preparados pedagogos capazes de pesquisar as realidades regionais e locais em que vivem, antes de se lançarem à interpretação e crítica casuística de realidades que desconhecem pessoalmente e que não vivenciam; devem ser preparados pedagogos interessados em analisar, antes de consumir, as experiências de alhures, dentro ou fora do País; que saibam catalizar os modelos alheios em proveito das suas realidades mais próximas.

Grupo 2: Reforma pedagógica através da alteração das habilitações e dos currículos

Com relação à alteração das atuais habilitações e respectivos currículos, o grupo chegou às seguintes conclusões:

1. Estudar um processo de trabalho para renovações curriculares em que se busque atender as manifestações das necessidades da comunidade. O currículo deve ser uma resposta às necessidades constatadas.
2. Analisar criticamente e fazer constantes avaliações do tipo de profissional que está sendo formado, em correspondência às expectativas da comunidade.
3. Exigir que a Lei seja cumprida no sentido de dar ao Pedagogo a oportunidade de exercer plenamente a sua função.
4. Para a criação de novas habilitações, pensar primeiro em cursos de especialização e não abrir imediatamente habilitações cobaias.

Grupo 3: Reforma pedagógica através da alteração dos conteúdos programáticos

As discussões do grupo foram direcionadas no sentido de uma melhor percepção daquilo que se pretende de um pedagogo. Ou seja: que praxis social espera-se

5.

de um pedagogo? Qual a sua função social?

A visualização desta expectativa, ou seja, as "respostas" a estas preocupações, vão dar direção à mudança nos conteúdos. E, então, no nível da veiculação do conteúdo e de toda ideologia que ele carrega (e não apenas na estrutura do currículo ou nome das disciplinas) que se torna possível atuar na formação do educador. Se ele vai trabalhar na linha da "pedagogia da obediência", isto é, no sentido da não-transformação das circunstâncias sociais, provavelmente ele não encontrará grandes problemas em relação ao conteúdo do curso que fez: as técnicas que recebe no curso ajudam-no a adquirir outras. Mas, se o educador vai desenvolver uma prática transformadora, os problemas que encontrará certamente serão outros e ele precisa ter instrumentos diferentes para superá-los, para ser mais consistente em suas opções de trabalho (que ele saiba porque utiliza uma técnica e não outra, por que dá certas respostas e não outras). É preciso que ele conheça a real fundamentação teórica, crítica, do conteúdo programático de seu curso e das "inovações pedagógicas" (em todos os sentidos) que ele recebe.

Enfim, é preciso ter em mente a função distorcida que o pedagogo desempenha hoje para que sua função social "desejável" seja delineada.

O grupo acha que é a partir dessas considerações que poder-se-á e dever-se-á dar a "reforma pedagógica através da alteração do conteúdo programático", através de um referencial teórico que visa informar melhor essa prática.

Grupo 4: A legislação e sua influência na formação do educador

1. Proposta do grupo em relação à legislação: descentralização em 2 níveis: a nível de decisão e a nível de execução. Esta descentralização se concretizaria através da auto-gestão. Para viabilizá-la, foi proposta a criação de uma associação de classe, como veículo dos interesses gerais dos educadores e ou pedagogos. Os associados contribuiriam através de elementos representativos que veiculariam os seus projetos.
2. Problemas levantados:
 - existência de cursos "vagos" ou de "fim de semana" e suas consequências;
 - Incoerência entre as exigências para a formação do pedagogo e para o exercício da profissão;
 - a legislação atual estimula, por um lado, a existência de cursos de pedagogia e o conseqüente aumento de clientela, e, por outro, reduz o mercado de trabalho;
3. Sugestão: continuidade deste movimento de estudos para que se consiga atingir os objetivos deste Seminário.

6.

Grupo 5: Qualidade do ensino nos cursos de pedagogia

Houve concordância em aceitar o fato da desorganização dos cursos de pedagogia que se traduz entre outras coisas pela falta de uma reflexão filosófica sobre a realidade brasileira e pela desvinculação da Teoria e Prática.

Alternativas de solução:

1. Organizar, em nível da instituição formadora (Universidades e Faculdades), discussões que visem conceituar mais precisamente o que é o licenciado em Pedagogia. O grupo levantou alguns pontos sobre isso. Seriam: o profissional orgânico e crítico da organização escolar; o profissional capaz de entender de ensino, de aprendizagem, de desenvolvimento humano e social, etc.;
2. Organização dos cursos de pedagogia de tal forma que, desde o início, haja vinculação entre a parte prática (Estágios, Pesquisa de campo, etc.) e as teorias que se aprendem na instituição;
3. Organizar, em nível local, regional e nacional, entidades de classe atuantes, que teriam entre outras funções as de: incentivar a realização e a difusão de seminários, encontros, painéis para discutir os problemas pedagógicos; fomentar a integração da documentação existente no Brasil, como resultado desses encontros, das Secretarias de Educação, dos Ministérios, do Conselho de Reitores e todos os eventos de interesse pedagógico.

Grupo 6: Estrutura e contra-estrutura pedagógica

As discussões desse grupo chegaram a um "beco sem saída" no que diz respeito à alternativas válidas de contra-estrutura pedagógica, visto que estas são inviáveis dentro do atual sistema político. Uma mudança fundamental da estrutura pedagógica atual deve ser precedida por uma mudança política também fundamental. Para sair do impasse o grupo propõe:

1. Conscientização dos educadores em torno da necessidade de se sindicalizarem;
2. Aproveitar decididamente das "brechas" abertas em cada instituição;
3. Apesar dos problemas e das dificuldades que acarreta a descentralização em matéria de estrutura do ensino, esta parece ser um caminho válido.

Grupo 7: Pedagogia, ação cultural e educação permanente

Sub-grupo 1

O ponto de partida do grupo foi a experiência de cada um, ligada à educa-

7.

ção. Surgiram trabalhos de vários níveis: ligados à escola formal, alfabetização de adultos; ligados à outras instituições que não a escola (indústria, p. ex.); ligados à "trabalhos de periferia" (custo de vida, grupo de Jovens, paróquias). Tudo isso foi caracterizado como "educação popular". O grupo trabalhou, então, esse conceito: o que é educação popular?

O grupo chegou à conclusão de que seria o comprometimento político que iria definir se um trabalho é ou não é educação popular. Não seria o local ou a estrutura formal do trabalho, ou mesmo o público que está sendo atingido. Se fosse dessa maneira, o trabalho do Mobral, o projeto Minerva e outros, seria considerado um trabalho de educação popular. Diante dessa colocação, surgiu uma série de questões sobre a prática de cada um.

O grupo levantou dois problemas sérios que um trabalho, dito popular, pode ocasionar:

1. A pessoa que vai fazer um trabalho de educação popular partindo de seu ponto de vista e de sua visão da realidade, não do da comunidade ou grupo com o qual se trabalha. E de uma maneira bastante sutil, o agente leva toda a população a achar aquilo que ele acha, de acordo com os seus valores. Esse trabalho pode dar um resultado imediato, mas cai por terra com o tempo porque não é um trabalho de base, assumido pela própria comunidade;
2. O outro extremo, também é tão perigoso quanto o primeiro: "se você não pode manipular e massificar, você não faz trabalho algum". Na convicção de que tudo deve partir da comunidade, não se faz nada e a comunidade não descobre caminhos para sair de sua situação de opressão. O agente não tem trabalho nenhum. O que então ele foi fazer lá?

A partir desses dois pontos, surgiu a questão: como você vai saber se está manipulando ou não?

Não foram dadas propriamente "respostas" a esta questão. Frisou-se que o caminho vai ser descoberto através da prática, da experiência concreta, dos erros e dos acertos. Não existe nenhuma receita para se chegar aos resultados do trabalho conforme foram propostos. Quando você vê a educação popular num nível de duas culturas distintas que se chocam e que uma invade a outra, fica realmente difícil entrever uma "solução". Todavia, se você encarar o trabalho de educação popular como projeto político que vai se viabilizar através do comprometimento político do agente e da população, esse trabalho de educação popular fica bem mais claro e sai das amarras de uma alfabetização formal em escolas.

Explicando melhor o ponto de vista do grupo: qualquer trabalho que se pretenda popular, deve partir de perspectivas políticas das classes populares. Entendendo estas perspectivas como as verdadeiras da mudança do sistema vigente no Brasil. Acreditamos que somente dessa forma, nós, que, de modo geral não somos classe oprimida, poderemos assumir o trabalho de educação popular como projeto político das classes que historicamente têm o poder de transformação da sociedade

opressora que é a sociedade capitalista.

Sub-grupo 2

Como contribuição à temática central do Seminário, apontamos a necessidade e importância fundamental da educação feita fora da escola, a nível de educação popular e ação cultural, para a reformulação da Educação Formal. Toda relação informal de ação cultural e educação popular deve, junto com a comunidade, pressionar a escola para que esta mude (funcionando como trabalho de base).

Considerando-se que a Educação Formal "está aí", ela deve ser mais explorada, buscando "desconstruí-la", desestruturá-la, para atingir a sua otimização, sem deixar de avaliar as condições específicas em que ela se dá, para evitar incorrer no erro de reforçar o sistema que "está aí".

Sub-grupo 3

O grupo chegou à conclusão de que o conceito de "educação permanente" deve ser "denunciado" pelas seguintes razões: é um conceito "importado" que não diz respeito à nossa realidade; esse conceito está sendo apropriado pelas instituições educacionais mascarando uma política que não corresponde às necessidades das classes trabalhadoras (e muito menos de suas "culturas"). Denunciou-se a importação de técnicos estrangeiros "entendidos" em educação permanente para orientar instituições educacionais brasileiras e seus próprios educandos (caso concreto: USP). Frisou-se a necessidade de se buscar nosso próprio conceito, a partir do conhecimento da realidade e de experiências concretas.

Outras conclusões:

1. A "ação cultural" deve ser entendida análise e trabalho sobre a realidade brasileira tendo em vista a superação do sistema capitalista e ideologização de uma nova estrutura política explicitamente democrática;
2. A falta de canais de participação da classe dos educadores constitui uma das grandes dificuldades para garantir um nível de atuação mais amplo no sentido de provocar mudanças na situação existente no ensino. Propõe-se a organização dos educadores através de uma comissão representativa que tenha como função a organização da classe.
3. A Universidade tende a burocratizar e tecnicizar seus cursos, despolitizando seus espaços; a educação permanente e ou ação cultural tendem a ter como objeto as populações desfavorecidas, reforçando o messianismo pedagógico e o voluntarismo que a vem caracterizando via de regra. Propomos:
 - pensar sobre a necessidade de criar um espaço para um debate amplo e contínuo, visando politizar a educação através do fortalecimento de associações,

sindicatos, etc.;

- através desses movimentos, fortalecer a educação popular no sentido de que essas ações pedagógicas possam ter um suporte político;
- criação de um Centro Brasileiro de Estudos de Educação com sedes estaduais e regionais, tendo como veículo a Revista Educação & Sociedade.

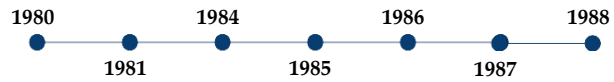
Grupo 8: Extinção do curso de pedagogia

Observou-se que todos os participantes deste grupo reuniram-se com o mesmo propósito: opor-se às propostas de extinção do curso de pedagogia e posicionarem-se em relação a elas.

Conclusões gerais: dizendo "não" à extinção, o grupo defende a redefinição do espaço da pedagogia na educação brasileira. Diretrizes para esta redefinição:

1. Elaboração da teoria da educação a partir da realidade existente;
2. Estruturação do curso de pedagogia, fundado na ação pedagógica;
3. Conexão da formação básica do pedagogo com as Ciências Sociais (sociologia, política, economia e outras, antes da aplicação à área específica), possibilitando um estudo mais concreto da realidade brasileira;
4. Redefinição do número de horas do curso, considerando a importância da formação do educador;
5. Estimulação de experiências concretas e de troca de experiências, tendo em vista o fortalecimento do curso na estrutura universitária ou nas faculdades;
6. Desenvolvimento de esforços no sentido de as associações de classe existentes e das que vierem a existir, lutarem pela não extinção do curso e por melhores condições de trabalho para o pedagogo;
7. Exigências no sentido de serem feitas consultas e encaminhadas propostas de debate aos pedagogos, quando da perspectiva de quaisquer alterações ou reformulações do curso de pedagogia.

Década de 1980



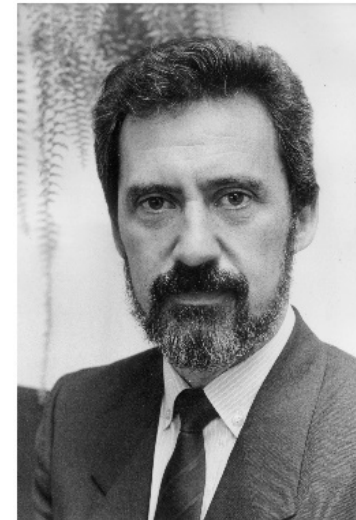
1980 Início do Doutorado em Educação.

Abril de 1980 O Prof. Dr. Eduardo Oscar de Campos Chaves, novo Diretor da FE até 1984, como Diretor Associado o Prof. Dr. Pedro Laudinor Goergen.

Fonte: Faculdade de Educação CME/FE



Eduardo Chaves



Pedro Goergen

13 de novembro de 1981 A Faculdade de Educação da UNICAMP promove o 3º Congresso de Leitura – COLE, cujo tema geral **“Lutas pela Democratização da Leitura no Brasil”**, com abertura de Paulo Freire e apoio do Centro de Estudos e Sociedade e da Secretaria Municipal de Cultura de Campinas. Foi realizado de 13 a 15 de novembro de 1981.

Fontes: Acervo Histórico do Arquivo Central da Unicamp - SIARQ
Jornal Folha de São Paulo, 13/11/1981

O 3.º Congresso de Leitura será iniciado hoje

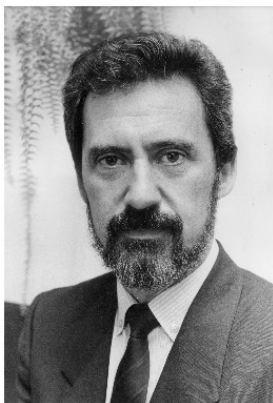
CAMPINAS (Sucursal) — O educador Paulo Freire falará sobre a “importância da leitura”, abrindo oficialmente hoje, às 9 horas, o 3.º Congresso de Leitura do Brasil. O congresso será desenvolvido no Centro de Convivência de Campinas e este ano não fará parte da Feira do Livro, não programada pela Secretaria Municipal de Cultura, que alegou falta de tempo para a preparação, em virtude da mudança de secretários verificada há meses. Com a promoção da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), do Centro de Estudos Educação e Sociedade e da Secretaria Municipal de Cultura, o congresso vai até domingo, constando de comunicações e mesas-redondas.

O tema geral do Congresso de Leitura deste ano é “Lutas pela Democratização da Leitura no Brasil”, tendo como subtemas: “Leitura e Realidade Brasileira”, “Leitura Escolar”, “Leitura e Literatura”, “Leitura e Cultura Popular”, “O Livro e as Bibliotecas”. Hoje, logo após a palestra de Paulo Freire, haverá mesa-redonda sobre o tema “Em busca de uma política concreta para o desenvolvimento da leitura no Brasil” e um painel sobre “Centro de Leitura: proposta de democratização do ato de ler”.

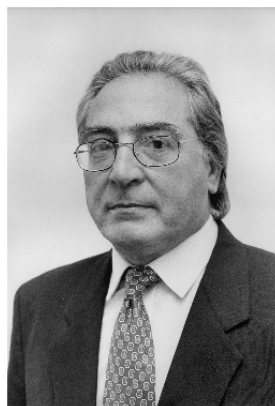
À noite haverá também um encontro dos congressistas para discutir as bases de uma associação de leitura. Durante o dia todo, os temas das comunicações serão: “Leitura no Brasil — seus problemas fundamentais”; “Leitura e realidade brasileira e suas consequências na leitura escolar”; “Considerações sobre a leitura em sala de aula”; “Leitura escolar: pesquisa sobre metodologia de ensino integrado de leitura — produção de textos teóricos em área específica de conhecimento”; “O signo linguístico V/R e a interpretação de textos no ensino de 1.º e 3.º graus”; “Leitura: fatores que interferem na compreensão de textos do ensino de 1.º grau”; “Construindo a capacidade de produzir e compreender a linguagem”; “Prática de leitura extensiva em escolas”; “Leitura e leituras de um texto”; “Leitura: relações textuais e intertextuais”; “Lecto-escritura” e “Bilinguismo marginalizado”; e “Leitura recreativa na escola de 1.º grau”.

Amanhã, o Congresso prossegue com comunicações e mesas-redondas das 9 às 19 horas; à noite, nova reunião para discutir o projeto de estatuto para a Associação de Leitura. No domingo, o encerramento será feito depois de uma mesa-redonda sobre “Leitura e Classes Trabalhadoras”, que terá a coordenação do professor Moacir Gadotti, da Faculdade de Educação da Unicamp, e participação de Alvaro Caropreso (Jornal Movimento), Fernando Moraes (escritor e jornalista), Jacob Bitar (presidente do Sindicato dos Feteiros de Campinas e secretário-geral do PT), Luis Shwartz (editor), Moacir Felix (editor), Olívio Yane (pesquisador da FUC-São Paulo) e Sérgio Caparelli (escritor e jornalista).

1984 O Prof. Dr. Pedro Laudinor Goergen assume a diretoria da FE até o ano de 1988 cujo Diretor Associado foi o Dr. José Dias Sobrinho.



Pedro Goergen

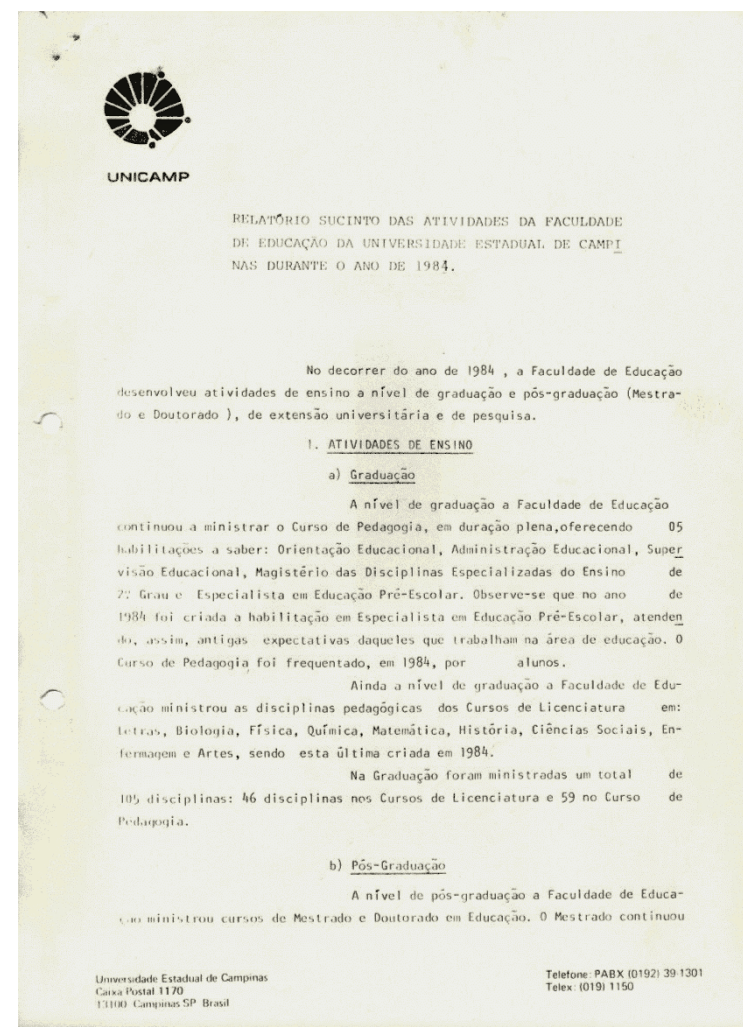


José Dias Sobrinho

Fontes: Faculdade de Educação – FE

20 de dezembro de 1984 Relatório sucinto das Atividades da FE durante o ano de 1984 de autoria do Prof. Dr. Pedro Laudinor Goergen.

Fonte: Faculdade de Educação – FE





UNICAMP

sendo ministrado em 5 áreas de concentração: Filosofia e História da Educação, Psicologia Educacional, Administração e Supervisão Educacional, Metodologia de Ensino e Ciências Sociais Aplicadas à Educação. Atualmente o Curso de Mestrado é frequentado por 333 alunos regulares e 44 especiais. Como foi observado no último relatório, o número de alunos especiais, bem como o número de vagas, foram significativamente reduzidas no ano de 1984. Esta medida decorreu da existência do grande número de alunos matriculados nos anos anteriores e da não existência de recursos humanos (apenas metade dos docentes desta Faculdade estão em RDIDP) e da necessária infraestrutura. Durante o ano de 1984 foram defendidas 21 teses de mestrado e 3 de doutorado. Foi aprovada, também, neste ano, a abertura da área de concentração em Psicologia Educacional em nível de doutorado. Docentes da Faculdade de Educação ministraram, em colaboração com o Instituto de Geociências, Curso de Especialização em Ensino de Geologia.

Vale lembrar, também, que a partir de 1984 teve início o Mestrado em Educação - área de concentração de Ciências Sociais Aplicadas à Educação.

Houve uma demanda de 250 candidatos aos exames seletivos do Curso de Pós-Graduação, tendo sido aprovados 30 para mestrado e 09 para doutorado.

O Curso de Pós-Graduação vem sendo apoiado atualmente por órgãos financiadores (FAPESP, CNPq e CAPES) através da concessão de 30 bolsas de estudos e outras formas de apoio à pesquisa.

2. ATIVIDADES DE PESQUISA

As atividades de pesquisa realizadas ou concluídas em 1984 resultaram em inúmeras publicações na forma de artigos em revistas nacionais e internacionais, e livros com edições nacionais e estrangeiras.

Observou-se ao longo de 1984 um crescimento no volume de apoio financeiro recebido de órgãos como o CNPq, INEP, FINEP, FAPESP etc. Este fato decorre de uma política mais dinâmica de procura de recursos adotada pela atual direção da Faculdade de Educação.

Universidade Estadual de Campinas
Caixa Postal 1170
13100 Campinas SP Brasil

Telefone: PABX (0192) 39 1301
Telex: (019) 1150



UNICAMP

É necessário ainda salientar o grande engajamento de muitos professores da Faculdade de Educação na reflexão das mais importantes questões educacionais, políticas e sociais do país através dos mais importantes órgãos de imprensa.

Além das inúmeras pesquisas individuais, concluídas ou em curso, vem sendo realizadas pesquisas de grupo em convênio com a Prefeitura Municipal de Campinas e relacionadas, sobretudo, ao ensino de pré-escola, 1º e 2º Graus. Há também vários professores realizando pesquisas no exterior.

3. ATIVIDADES DE PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS À COMUNIDADE

A Faculdade de Educação vem colocando grande empenho no setor de prestação de serviços à comunidade, na forma de programas de estágio, de assessoramento e desenvolvimento de estudos da realidade regional, oferecimento de cursos de extensão universitária aos educadores de 1º e 2º Graus, correspondendo, desta forma, às diretrizes da política maior da Universidade no que diz respeito ao interrelacionamento comunidade-universidade.

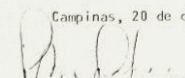
Neste setor é necessário destacar a continuidade de dois importantes programas de extensão de serviços, mantidos pela Faculdade, nos últimos dois anos: PROEPRE - Programa de Educação Pré-Escolar, originalmente desenvolvido nesta Faculdade e já difundido em várias Unidades Federativas do país; Curso de Treinamento para Diretores da Rede Estadual de 1º e 2º Graus. Este último programa já atingiu a quase totalidade dos diretores de escolas do Estado de São Paulo. Também foram oferecidos cursos de extensão universitária e realizados encontros para professores de 1º e 2º Graus.

Deve ser destacado que, ao longo deste ano, os professores desta Faculdade participaram de inúmeros Congressos, Simpósios, Seminários, Encontros - nacionais e internacionais - proferindo palestras e conferências ou ministrando cursos. A Faculdade mantém, também, convênios com várias instituições universitárias do Brasil, Estados Unidos e Chile e oferece assessoramento à instalação de novas áreas de concentração, cursos e implantação de Universidades.

Campinas, 20 de dezembro de 1984

Universidade Estadual de Campinas
Caixa Postal 1170
13100 Campinas SP Brasil

Telefone: PABX (0192) 39 1301
Telex: (019) 1150


Prof. Dr. Pedro L. Górgens
PROFESSOR
Faculdade de Educação - UNICAMP

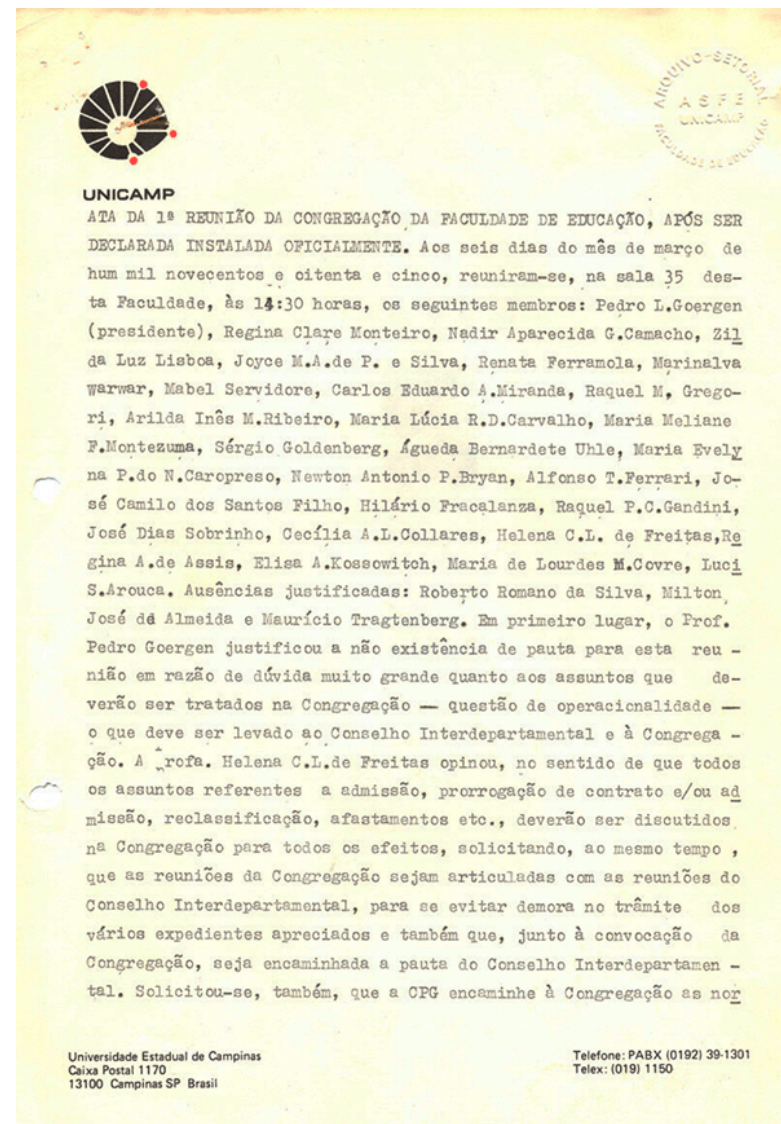
1984 - 1985 Vista Panorâmica das fases de construção dos prédios da FE.



Fotos: Prof. Dr. Pedro Laudinor Goergen (1985)

06 de março de 1985 Ata da 1ª Reunião Ordinária da Congregação da Faculdade de Educação, após ser declarada oficialmente.

Fonte: Faculdade de Educação – FE





UNICAMP



-2-

mas que regem a Convalidação de Créditos, bem como as que regem a composição de Comissão Julgadora para o Mestrado e o Doutorado, para que a Congregação, e também o Conselho Interdepartamental, possam apenas homologar expedientes, evitando, assim, atrasos no encaminhamento. A seguir, foi lida a pauta da última reunião do Conselho Interdepartamental de 12/3/85, para conhecimento da Congregação (pauta em anexo). Na leitura da pauta, houve os seguintes pedidos de destaque: 1) Águeda Bernardete Uhle - a) pedidos de afastamentos com e sem vencimentos; 2) Renata Ferramola - a) Cursos de Especialização - Regimento "Interno" - DASE; 3) Elisa A. Kossowitch, José Camilo dos Santos Filho e Renata Ferramola - a) indicação de Coordenador de Convênios; 4) José Camilo dos Santos Filho - a) aula inaugural. Após a leitura da Pauta, passou-se aos destaques solicitados, com os devidos esclarecimentos por parte do Prof. Pedro Goergen: 1) pedidos de afastamentos com e sem vencimentos - existem normas? Diante desta pergunta, esclareceu-se que não existem normas claras, definidas, sobre afastamentos com vencimentos. Normalmente é concedido para prestar colaboração junto a outros órgãos do Estado, para cursar doutorado ou pós-doutorado no exterior, tendo o Prof. Pedro dito que acha oportuno se a Congregação pudesse, para o futuro, estabelecer normas. No caso de afastamentos sem vencimentos, explicou que é um direito do funcionário público afastar-se por até 02 anos. Na oportunidade, a Profa. Helena lembrou que, juntamente com a discussão dos critérios para afastamentos com vencimentos, deveriam ser discutidos os critérios para reclassificação, prorrogação de contrato e/ou admissão, o que foi acatado, devendo o Senhor Diretor encaminhar esses assuntos aos Departamentos, estabelecendo prazo para essas definições. 2) Regimento "Interno" dos Cursos de Especialização - DASE. o Prof. Pedro,

Universidade Estadual de Campinas
Caixa Postal 1170
13100 Campinas SP Brasil

Telefone: PABX (0192) 39-1301
Telex: (019) 1150



UNICAMP

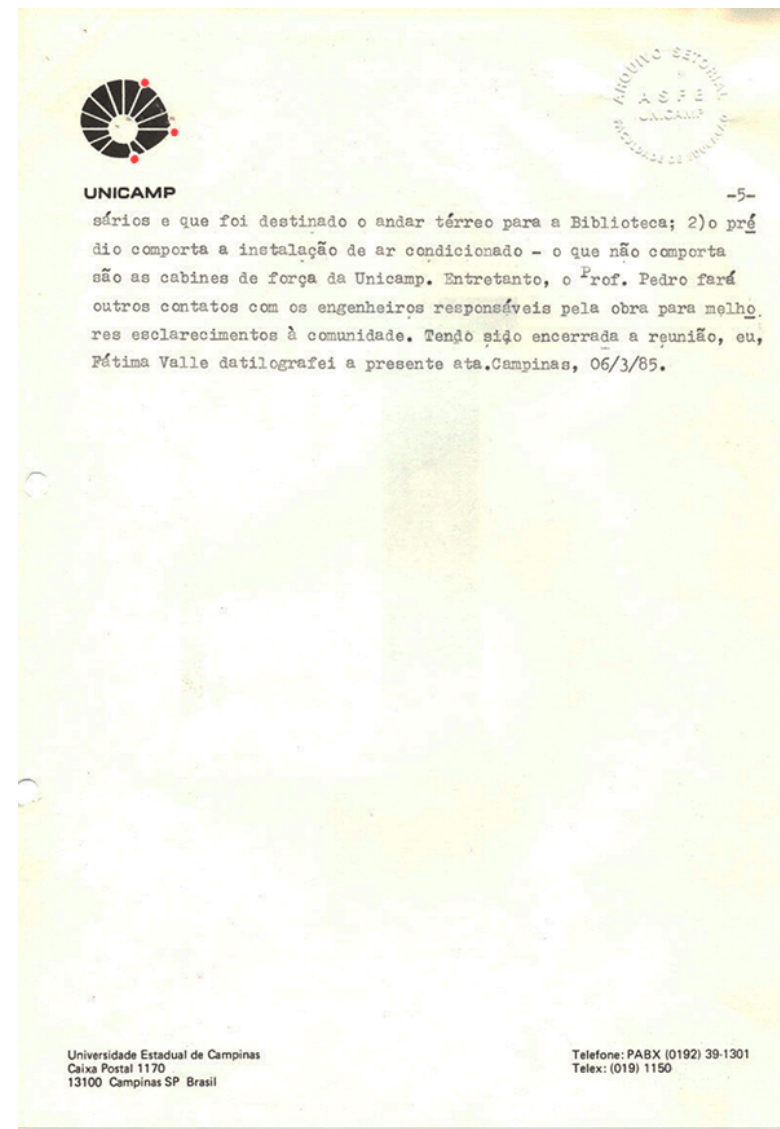
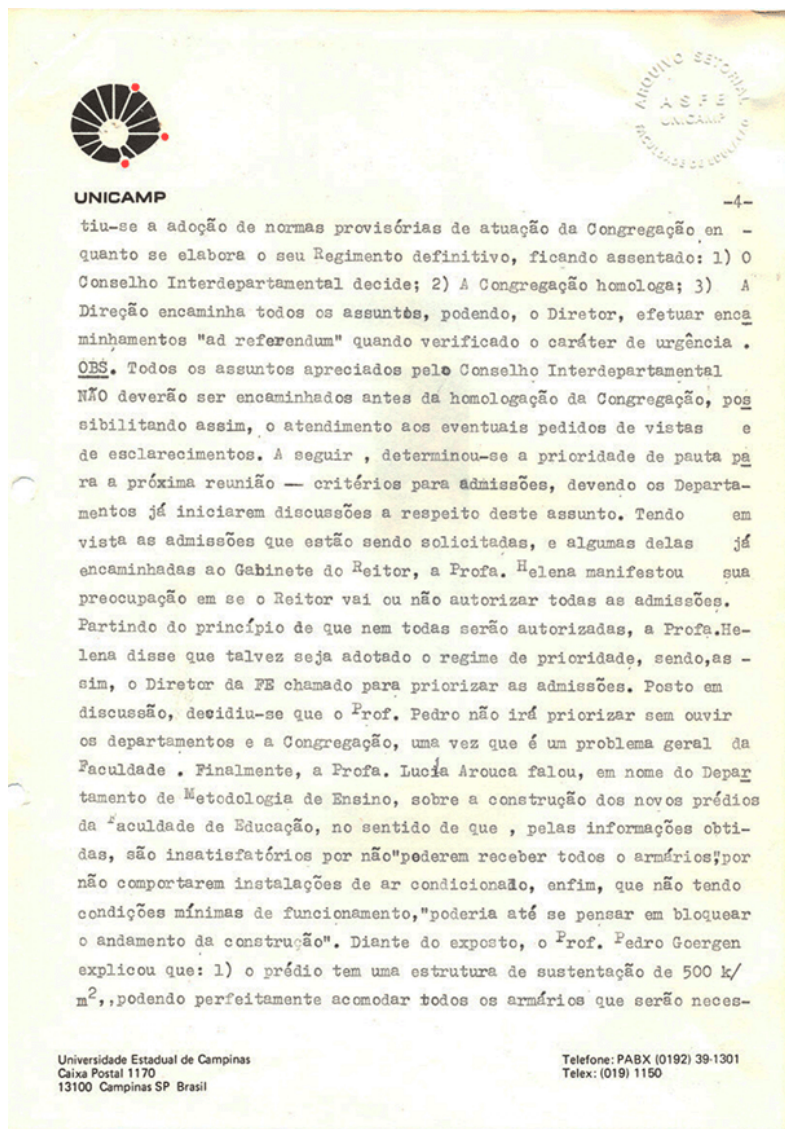


-3-

ao ser indagado pela aluna Renata Ferramola, se cada Departamento elaboraria o seu Regimento, disse que poderia ser estudado este assunto, no sentido de haver um só regimento na Unidade para todos os cursos de especialização, tendo o Prof. José Dias Sobrinho sugerido que, por enquanto, os departamentos, ao proporem um Curso de Especialização, colocassem uma "folha de rosto" especificando os dados gerais do curso, deixando, para uma outra oportunidade, o Regimento Geral dos Cursos de Especialização. 3) Indicação de Coordenador de Convênios. O Prof. Pedro Goergen fez alguns esclarecimentos sobre as atribuições de coordenador, ou seja, ele deverá, entre outras, manter contato com órgãos financiadores, ficando a parte burocrática a cargo de um funcionário a ser admitido. O Prof. Newton Antonio P. Bryan disse que foi elaborado, por uma Comissão nomeada pelo Diretor, um organograma da Faculdade, em que a Coordenação de Convênios estava no mesmo nível das outras Coordenações. Solicitou-se, então, que se distribuisse para os membros da congregação uma cópia do organograma para uma melhor visão a nível técnico. O Prof. Pedro informou também que na reunião anterior do Conselho Interdepartamental o assunto já foi encaminhado aos Departamentos, salientando que até o momento, como a Profa. Orly Z.M. de Assis não pode mais se responsabilizar pelos convênios da FE, devido à sua sobrecarga de trabalho, está com essa incumbência de iniciar contatos com alguns órgãos financiadores, o Prof. Roberto R. da Silva. 4) Aula inaugural. O Prof. Pedro informou que pensou em promover, semestralmente, uma aula inaugural para os alunos da Faculdade, convidando pessoas de outras instituições e também da própria Unicamp a fim de explanarem sobre temas realmente de interesse da comunidade. Esclareceu que a primeira aula inaugural será convidado o Prof. Luiz Eduardo W. Wanderley, Reitor da FUC-SP, que falará sobre "A Universidade e a Constituinte". A seguir, por sugestão da Congregação, discu -

Universidade Estadual de Campinas
Caixa Postal 1170
13100 Campinas SP Brasil

Telefone: PABX (0192) 39-1301
Telex: (019) 1150



1986 Inauguração do Prédio da Faculdade de Educação da UNICAMP (clique [aqui](#) para visualizar).

Fonte: Acervo Histórico do Arquivo Central da Unicamp – SIARQ

12 de setembro de 1986 Resolução CC Nº 85/1986, 12/9/1986 - aprova o parecer do relator Prof. Adalberto Bono Maurício Sacchi Bassi, favorável à implantação definitiva dos departamentos da Faculdade de Educação (FE). **Processo Nº 4.474/1986, fl.119.**

Fonte: Acervo Histórico do Arquivo Central da Unicamp – SIARQ

Agosto de 1987 “Da arte de formar educadores”. Aos 13 anos a FE reflete criticamente o processo educacional brasileiro. Pedro Goergen, o diretor: “Pesquisadores tem a capacidade de influir nos rumos do pensamento educacional”.

Fontes: Acervo Histórico do Arquivo Central da Unicamp – SIARQ
Jornal da Unicamp, JU, agosto 1987

Página 12
Jornal da UNICAMP
Campus, agosto de 1987

Aos 13 anos, a Escola de Educação da Unicamp tem refletido criticamente o processo educacional brasileiro.

Faculdade de Educação

Da arte de formar educadores

A Faculdade de Educação da Unicamp nasceu com um propósito: formar professores para as escolas de 1.º e 2.º graus da rede estadual de ensino. Treze anos depois, a ideia original do prof. Zefertino Vaz não só está plenamente consolidada como ganhou muito maior amplitude: seus formandos são altamente requisitados por outras universidades do país e a Faculdade, além disso, tem cumprido papel fundamental na prestação de serviços e nas atividades de extensão; e — principalmente — sua abrangente linha de pesquisas tem refletido criticamente o desenvolvimento da educação nacional.

A pesquisa é, de fato, o principal responsável pela projeção da Unidade dentro e fora do país. “Somos reconhecidos como uma escola que abriga hoje um considerável número de pesquisadores de potencial crítico marcante, capazes de influir nos rumos do pensamento educacional brasileiro”, diz o prof. Pedro Goergen, diretor da Faculdade.

Há, segundo ele, três caminhos através dos quais esse “pensamento” é manifestado: por intermédio dos cursos ministrados, das publicações — de livros e artigos em revistas especializadas — e, finalmente, através de cursos e conferências realizados pelos professores. Além, é evidente, da pesquisa desenvolvida pelos alunos, “materializada nos teses de mestrado”, explica Pedro.

Influência direta

A FE foi criada em 1974, com a função inicial de ministrar as disciplinas pedagógicas dos cursos de licenciatura. No mesmo ano criou-se o curso de pedagogia, que é onde e formam os professores que vão atuar no ensino de 1.º e 2.º graus. O curso de graduação só veio a funcionar um ano mais tarde, em '75.

Sua 110 professores — 70 dos quais com título de doutor —, estão alocados em cinco departamentos: Filosofia e História da Educação, Metodologia e Ensino, Psicologia Educacional, Ciências Sociais Aplicadas à Educação e Administração e Supervisão Educacional. O curso de Pedagogia é o mais procurado: 260 alunos; outros 700 frequentam os doze cursos de Licenciatura; o curso de mestrado, com cinco áreas de concentração, reúne 296 pós-graduados e o de doutorado, em três áreas de concentração, 130.

Segundo o prof. José Dias Sobrinho, diretor associado da Unidade, não é pequena hoje a contribuição da política didático-educacional do país, não apenas no que diz respeito à formação de professores a nível de 1.º e 2.º graus, mas também no que se refere às discussões sobre mudanças de currículo, métodos de ensino, política e planejamento da educação. Onde essa participação mais se configura é na produção de livros didáticos, que vão do ensino de Ciências aos Estudos Sociais, da Língua Portuguesa à Matemática — voltados principalmente para o 1.º grau — além de obras destinadas integralmente a professores, dentro do chamado “Projeto Magistério”.

Para se ter uma ideia da produção intelectual dos professores da FE, são lançados, em média, de 12 a 15 livros por ano. Quanto às teses — da educação sexual à educação nas comunidades de base, da excepcionalidade às metodologias do ensino de ciências, da burocracia à ideologia educacional, dos problemas de descentralização ao ensino de Português, entre inúmeros outros temas — a média anual é de 40 dissertações. Só este ano já foram defendidas 13 — dez a nível de mestrado e três a nível de doutorado.

Entretanto, segundo observações do prof. James Maher, coordenador de pós-graduação da FE desde '76, a produção de teses, até recentemente, não vinha sendo desenvolvida de maneira adequada e eficaz. Ele observa, porém, que “agora sim estamos tomando ritmo e adotando uma política mais adequada à elaboração de dissertações, com o intuito de mestrado como de doutorado. Com isso, nota-se uma melhora considerável na produtividade dos alunos, sem prejuízo de qualidade”.

Mercado de trabalho

É fato que a educação atravessa no país uma crise bastante séria. Mas o fenômeno não é novo e começa já nos bancos do primeiro e segundo graus, com ressonâncias óbvias no recreio.

Pedro Goergen, o diretor, acha que o problema é decorrente sobretudo da degradação a que são submetidos pelo governo os alunos dos primeiros ciclos. “Nunca houve — diz ele — uma decisão política clara que incentivasse as escolas de 1.º e 2.º graus, o que se manifesta também nos níveis salariais, baixíssimos, dos professores de quase todas as regiões do País”. E como se isso não bastasse, segundo Pedro, há ainda o problema das péssimas condições de trabalho do professor de escolas periferias: “Além de mal remunerado, o professor tem que enfrentar, por exemplo, salas de aula mal equipadas e indesejáveis dificuldades de trabalho, o que influi, muito naturalmente, em seu estado de ânimo. Desestimula. E uma profissão desprestigiada, quando deveria ser das mais prestigiosas”.

Para o diretor, esse quadro só será revertido “quando houver uma tomada de decisão política que priorize a educação de 1.º e 2.º graus, com refre-

to orçamentário condutante”. E salienta: “Continuamos a ter projetos faroênicos, políticos, com o dispendioso de grandes somas de dinheiro que poderiam ser direcionadas para a educação, que é de maior interesse para a população. Sabemos que a educação não é a solução para todos os problemas, mas sem ela o país jamais estará preparado para o salto qualitativo que se espera dele”.

Os departamentos

Sendo hoje um dos principais objetivos da FE a formação de professores para atuar no ensino superior, impõe-se, aos poucos, a necessidade de ampliar o programa de pós-graduação da Unidade que, entre mestrados e doutorandos, somam 400 alunos matriculados nas cinco áreas de concentração, correspondendo, em termos de áreas de conhecimento, aos cinco Departamentos.

Departamento de Administração e Supervisão Educacional — O trabalho desenvolvido por esse departamento visa, em síntese, a reflexão para a criação de novos conhecimentos na área de administração e supervisão educacional, com a finalidade de ultrapassar os limites de uma capacitação técnica voltada apenas para a atuação na rede de escolas públicas. O DASE, chefiado pela profa. Leticia B. Cabêdo, “tem alcançado resultados consideráveis, principalmente quanto à produção de trabalhos voltados tanto para questões mais críticas ligadas à área de planejamento e política educacional, quanto para reflexões sobre organizações burocráticas, que também exercem uma função educativa direta, como sindicatos, partidos políticos e clubes de serviço”.

Departamento de Psicologia Educacional — Chefiado pelo prof. Angel Pina Siqueira, este como campo específico de ação (pesquisa, docência e serviço à comunidade) a problemática psicológica inerente ao fenômeno educacional. De acordo com o prof. Angel, esse Departamento atua nas áreas de desenvolvimento humano do educando, envolvendo a natureza dos processos de aprendizagem, as condições de sua otimização e a complexa rede de relações que se estabelece no ato educativo.

Departamento de Metodologia de Ensino — Cabe a esse Departamento a articulação entre Ciências da Educação, o conteúdo específico e as práticas de ensino. Dessa forma, mantém estreita relação com o ensino de 1.º e 2.º graus, “os quais constituem o objetivo de investigação e reflexões dos docentes”, de acordo com o prof. Dulce Paumotu de Camargo, chefe do Departamento. É nele que se concentra a busca de tentativas para integrar efetivamente o conhecimento específico e a prática pedagógica, visando propiciar condições de aprofundamento dos conhecimentos sobre a realidade educacional, o ensino e a sociedade; e a buscar alternativas de transformação da escola.

Departamento de Ciências Sociais Aplicadas à Educação — Sua função básica é, através do ensino e da pesquisa, refletir sobre o relacionamento entre as ciências humanas e a educação, no Brasil e na América Latina. As formas das macro e microinstituições (Estado, política, educação, Igreja, família, escola, partido, sindicato) e seus mecanismos pedagógicos constituem seus principais objetos de análise. Esse Departamento, chefiado pela prof.ª Lucia M. de Azevedo, foi implantado na década de '70 como o objetivo de se estudar a Sociologia da educação. Em 80 ampliou-se para as Ciências Sociais Aplicadas à Educação, com “atenção maior voltada para a produção teórica e a investigação empírica da educação em suas múltiplas relações com as instituições sociais e políticas do país”, explica Lucia Azevedo.

Departamento de Filosofia e História da Educação — Organizado em 1975 e hoje chefiado pelo prof. Augustus C. Novatski, esse Departamento desenvolve atividades de pesquisa, docência e serviço à comunidade, visando a realização de estudos críticos dos fundamentos filosóficos e históricos da questão educacional. “Todas as atividades do nosso Departamento — diz o prof. Novatski —, têm como objetivo primordial a educação brasileira, não só através da reflexão teórica mas principalmente da formulação prática de propostas que sejam adequadas ao contexto nacional”. O Departamento firmou recentemente convênios com a Universidade Federal de Mato Grosso do Sul e com a Universidade Estadual de Maringá, visando a implantação de um curso de Mestrado nas mesmas instituições.

Biblioteca

A FE/Unicamp possui uma bem montada biblioteca com cerca de 13.500 livros, 470 títulos de periódicos estrangeiros e 90 nacionais. Além disso, tem 950 teses publicadas, sendo que 282 delas de professores da própria Faculdade. Mantém ainda um serviço de consulta firmado entre o MEC e o “Education Resources Information” (ERIC), com aproximadamente 150 mil fichas de teses não publicadas nos Estados Unidos, que trazem uma gama variada de trabalhos sobre literatura educacional. Atualmente, na biblioteca da FE, são feitas por dia de 150 a 200 consultas a livros, periódicos e microfichas.

José Dias: “A contribuição não é pequena.”

10 de novembro de 1987 A UNICAMP, por meio da Faculdade de Educação, integra a Rede Regional para Capacitação, Inovação e Pesquisa nos Campos do Planejamento e Administração Básica e dos Programas de Alfabetização (REPLAD), criada e coordenada pela UNESCO.

Unicamp integra rede contra analfabetismo

A Unicamp, através da Faculdade de Educação, já faz parte da Replad-Rede Regional para capacitação, inovação e pesquisa nos campos do planejamento e administração básica e dos programas de alfabetização - criada e coordenada pela Unesco, e composta além do Brasil, por mais 11 países da América Latina e Caribe. A Replad é um dos organismos viabilizadores de um grande projeto, também elaborado pela Unesco, que pretende universalizar a educação básica, erradicar o analfabetismo e elevar a qualidade da educação até o ano 2.000 nos países da América Latina e no Caribe.

Para a efetivação deste projeto está sendo realizada, na Unicamp, uma discussão sobre como formar administradores de planejamento educacional. "É uma maneira de procurar um intercâmbio entre diversas instituições de educação da América Latina e também de constituir grupos de pessoas que coordene

em no país este projeto de erradicação do analfabetismo", explica Raquel Gandini, professora do Departamento de Educação da Unicamp e coordenadora da discussão.

De acordo com dados da Unesco, existem atualmente 47 milhões de analfabetos na América Latina além de 12 milhões de crianças que não frequentam escolas. "Os números parecem bastante absurdos, por isso devemos assegurar a escolaridade e eliminar o analfabetismo, que hoje se relaciona intimamente com a marginalidade social", diz o especialista regional em Planejamento e Administração de Educação para a América Latina e Caribe, Jesus Gurriaran.

"Atualmente temos, no mundo, mais de 500 mil pesquisadores trabalhando com analfabetismo, o que representa 40% do total. Sendo assim, faltam elementos que viabilizem este projeto e transformem a realidade educacional da América Latina", explica.

Unicamp reúne especialistas em Educação Básica

Para debater aspectos da formação de pessoal de administração e planejamento da educação básica na América Latina, reúnem-se na Unicamp ao longo desta semana, cerca de 50 representantes da Replad - órgão da Unesco que trata do assunto - de 11 países latino-americanos: Argentina, Colômbia, Costa Rica, Chile, Equador, Haiti, México, Panamá, Uruguai, Venezuela e Brasil. Participam também especialistas da Unesco em Paris com atuação no Caribe.

Para que a reunião se realizasse este ano na Unicamp - a última realizou-se na Costa Rica, no ano passado - o reitor Paulo Renato Souza assinou com a Unesco um convênio que prevê, para os próximos anos, mútua colaboração entre ambas as instituições. Segundo a professora da Faculdade de Educação da Unicamp, Raquel Chaim Gandini, o objetivo do encontro é chegar a pontos comuns quanto a problemas como a "eliminação do analfabetismo no Continente e as alternativas para melhoria de educação básica de um modo geral".

Serão apresentados durante o encontro cerca de 25 trabalhos originais, alguns de especialistas da própria Unicamp. No temário geral da reunião, que é fechada, constam a análise de programas de formação de capacitação educacional, as relações entre educação e demanda escolar e as estratégias regionais de formação de educadores.

Fontes: Acervo Histórico do Arquivo Central da Unicamp – SIARQ
Jornal Correio Popular, 10/11/1987

1988 Prof. Dr. José Dias Sobrinho (*in memoriam*), Diretor da Faculdade de Educação, gestão 1988 a 1990 com o Diretor Associado Prof. Dr. José Luiz Sanfelice (*in memoriam*).



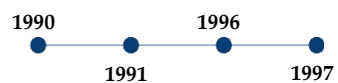
José Dias Sobrinho



José Sanfelice

Fonte: Faculdade de Educação – FE

Década de 1990



1990 O Prof. Dr. José Luís Sanfelice, Diretor da Faculdade de Educação de 1990 a 1996 com o Diretor Associado Prof. Dr. Dermeval Saviani.



José Sanfelice




Dermeval Saviani

Fonte: Faculdade de Educação – FE

04 de janeiro de 1990 Convite OF. FE. Nº 06/90 para membro e termo de compromisso do Quadro de Colaboradores para a Revista Pró-Posições.

Fonte: Faculdade de Educação – FE



UNICAMP
Campinas, 04 de Janeiro de 1990.
OF.FE. Nº 06/90
JDS/sabd

Prezado (a) Colega


Ainda no 1º semestre deste ano, a Faculdade de Educação fará o lançamento do número zero da Revista PRO-POSIÇÕES, em periodicidade quadrimestral.

Para que a Revista se transforme numa obra coletiva, pensamos em convidá-lo para membro do Quadro de Colaboradores, figurando na página de apresentação dos responsáveis pelo veículo.

Além das contribuições esporádicas (artigos, resenhas, relatos de experiências, etc.), produzidas ao longo do tempo, a função do "colaborador" exigirá que você, vez ou outra, forneça pareceres (04 ao ano, no máximo) sobre trabalhos submetidos à Revista.

Caso você esteja de acordo com este convite e desejando que o seu nome figure no Quadro de Colaboradores, pedimos que preencha e assine o termo de compromisso em anexo, entregando-o, o mais rapidamente possível, à Sueli, Secretária da Direção.


Atenciosamente.



Prof. Dr. José Dias Sobrinho
DIRETOR
Faculdade de Educação - UNICAMP

Universidade Estadual de Campinas
Caixa Postal 1170
13100 Campinas SP Brasil

Telefone: PABX (0192) 39-1301
Telex: (019) 1150



UNICAMP PRO-POSIÇÕES - REVISTA DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO

TERMO DE COMPROMISSO

Eu, Professo(a), lotado no Departamento de desta Faculdade, aceito as condições estabelecidas para colaborador da PRO-POSIÇÕES, autorizando que o meu nome figure no Quadro de Colaboradores, a ser publicado na ficha técnica da Revista.

Campinas, de de 1990

.....

Universidade Estadual de Campinas
Caixa Postal 1170
13100 Campinas SP Brasil

Telefone: PABX (0192) 39-1301
Telex: (019) 1150

CARTA CONVITE PARA A CERIMÔNIA DE LANÇAMENTO DA PRO-POSIÇÕES



Campinas, 13 de junho de 1990.

DF.FE. 194/90
JLS/smmr.

Prezado(a) Senhor(a)

A Faculdade de Educação da UNICAMP tem a grata satisfação de convidar Vossa Senhoria para a cerimônia oficial de lançamento de sua Revista "PRO-POSIÇÕES", a se realizar no Auditório da Faculdade de Educação no dia 19/06/90, às 10:00 horas.

Contando com sua honrosa presença, agradecemos antecipadamente.

OBS: ORIGINAL ASSINADO PELO PROF. DR. JOSÉ LUIS SANFELICE
DIRETOR ASSOCIADO DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO
RESP. P/ DIREÇÃO

13 e 19 de junho de 1990 Carta Convite para Cerimônia oficial de lançamento da **Revista da FE "Pró-Posições"** e Ata da 21ª Reunião Extraordinária da Congregação da FE com discurso da cerimônia de lançamento oficial da Revista Pró-Posições da FE.

Fonte: Faculdade de Educação – FE

ATA DA 21ª REUNIÃO EXTRAORDINÁRIA DA CONGREGAÇÃO

01-ATA DA VIGÉSIMA PRIMEIRA REUNIÃO EXTRAORDINÁRIA DA CONGREGAÇÃO
 02-DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO. Aos dezoito dias do mês de junho de
 03-um mil novecentos e noventa, reuniu-se no Salão Nobre da Fa-
 04-culdade de Educação, no Bloco E, 1º andar a Congregação da Fa-
 05-culdade de Educação, com a presença dos seguintes membros:
 06-Admir Canôas, Amauri Fernandes, Arilda Inês Miranda Ribeiro,
 07-Dermeval Saviani, Dulce Maria Pompeo de Camargo, Elizabeth S.
 08-Pompeo de Camargo, Hermas Gonçalves Arana, Jacy Darcy Salgado,
 09-James Patrick Maher, José Camilo dos Santos Filho, José Luís
 10-Sanfelice, José Luiz Sigrist, Lucila D. Tolaine Fini, Márcia
 11-Regina Ferreira de Brito, Maria Christina Malta Pretti, Maria
 12-Inês Fini, Newton Aquiles von Zuben e Olinda Maria Noronha.
 13-O Professor José Luís deu início a reunião: "Magnífico Reitor,
 14-Senhores Pró-Reitores, Senhores Diretores e Diretores Associa-
 15-dos, Senhor Isolino, responsável pela revista, Membros da Con-
 16-gregação, professores, alunos e servidores desta Faculdade a-
 17-qui presente. A Congregação desta Faculdade de Educação reuni-
 18-se hoje, 19/06/90, em sua 21ª Reunião Extraordinária para lan-
 19-çar oficialmente sua Revista "Pro-Posições". É desnecessário
 20-referir o longo percurso que seguimos para chegarmos a este
 21-momento, mas é com extrema alegria de todos nós que, hoje pas-
 22-samos às mãos de Vossa Magnificência, representante de toda a
 23-comunidade desta Universidade, a Revista da Faculdade de Edu-
 24-cação. Peço licença ao Senhor Pró-Reitor de Pós-Graduação,
 25-Professor José Dias Sobrinho, para neste ato fazer de todos
 26-nós da Faculdade de Educação a apresentação do Editorial por
 27-ele redigido para o primeiro número de nossa Revista: "PRO-
 28-POSIÇÕES: mais um canal de debates sobre questões educa-
 29-cionais. Pro-Posições, em grande parte, terá a cara e o jeito
 30-da Faculdade que a propõe como Revista. Quer ser prospectiva,
 31-quer (a) firmar suas posições, quer propor forma de interve-
 32-niência na prática social educativa. Mostra (e camufla) as
 33-contradições vividas, marca de um tempo, pelo conjunto daque-
 34-les que a produzem. A Revista põe a público as divergências no
 35-campo da ciência, a pluralidade nos modos e nos lugares da
 36-prática política, as distintas concepções educacionais. Pro-
 37-Posições vai aos poucos expondo as dificuldades e as riquezas
 38-dessas diferenças. Difícil avaliar o efeito multiplicador dos
 39-trabalhos científicos tornados públicos. Sua realização repre-
 40-senta um dos momentos mais férteis de um mais ou menos longo
 41-e difícil processo de reflexão, discussões e intercâmbios. An-
 42-tes mesmo de atingir os setores da sociedade a que se dirigem,
 43-os trabalhos científicos cumprem importante papel na organiza-
 44-ção das discussões e das pesquisas que dão forma aos pólos de
 45-produção intelectual. Depois, a Revista realiza-se com meca-
 46-nismo importante de articulação da universidade com as diver-
 47-sas instituições culturais em seus variados graus e tipos. Por
 48-ela pode realizar-se, de modo privilegiado, o necessário diá-
 49-logo da universidade com setores diferenciados da sociedade
 50-civil. Constitui a Revista também uma forma de a universidade
 51-prestar contas de seu trabalho à sociedade. Ouvindo a comuni-
 52-dade científica, atenta às práticas dos diversos processos
 53-educacionais e em contato com os movimentos sociais, Pro-Posi-
 54-ções estará facilitando o enraizamento da universidade na rea-

01-idade social e histórica. A Faculdade de Educação da UNICAMP
 02-vai empenhar-se fortemente para que Pro-Posições cumpra bem
 03-seu papel. Para isso, ela precisa do apoio de todos os leito-
 04-res. Desejamos receber colaborações, textos para publicações,
 05-críticas, sugestões etc. Reconhecimento público aos profes-
 06-res Ezequiel Theodoro da Silva, Hilton José de Almeida, José
 07-Camilo dos Santos Filho, Márcia Regina Ferreira de Brito,
 08-Lúcia Mercês de Avelar e Newton Aquiles von Zuben, que prepa-
 09-raram o terreno para o lançamento desse número. Antecipadamen-
 10-te, agradecemos a todos os que vierem a contribuir para a ela-
 11-boração e fortalecimento desta Revista, nosso patrimônio co-
 12-mum. José Dias Sobrinho, Diretor da Faculdade de Educação".
 13-"Magnífico Reitor, e com este espírito, e com esta vontade que
 14-a Faculdade de Educação pretende dar a sua colaboração para
 15-que esta Universidade cada vez mais se afirme na grandeza da
 16-prática acadêmica democrática, na grandeza da qualidade coti-
 17-diana e, por que não, na grandeza da modernidade. Ficam aqui
 18-os agradecimentos que não serão nominais, mas a todos aqueles
 19-que colaboraram com este longo percurso para que chegassemos
 20-a esta revista que pretende ser a primeira de muitas outras.
 21-A revista é realizada em convênio entre a Universidade e a
 22-Editora Cortez que está aqui representada pelo Senhor Cortez.
 23-Também um agradecimento ao Senhor Francisco Isolino Siqueira,
 24-jornalista responsável pela revista. Muito obrigado. Com a pa-
 25-lavra o Magnífico Reitor: "Meu caro Professor José Luís
 26-Sanfelice (Diretor em exercício da Faculdade de Educação),
 27-Professor José Dias Sobrinho (Pró-Reitor de Pós-Graduação),
 28-Professor Adalberto B. M. Sacchi Bassi (Pró-Reitor de Gradua-
 29-ção), Professor José Camilo dos Santos Filho (Professor desta
 30-casa) responsável aqui por um artigo cujo tema é pendente aqui
 31-no Brasil, meu caro Isolino Procurador e Jornalista responsá-
 32-vel pela Revista, professores, estudantes e funcionários. A
 33-satisfação de poder mais do que participar de um ritual de
 34-lançamento da Revista da Faculdade de Educação é o de sentir
 35-que a Unicamp cada vez mais procura afirmar os caminhos que a
 36-levarão necessariamente à afirmação daquilo que é a sua voca-
 37-ção, que deveria ser a vocação de toda as Universidades Públi-
 38-cas do País que é a formação de uma estrutura de profissionais
 39-competentes, e a formação de pesquisadores competentes, e a
 40-capacidade de produção de bens científicos, tecnológicos que
 41-tem o alcance social. Hoje nós reconhecemos, e de maneira
 42-absolutamente não tímida, que não é apenas mais um ensino de
 43-19 e 29 Graus que estão comprometidos no País. O que se com-
 44-prometeu no País ao longo desses anos todos foi todo um pro-
 45-jeto que nasceu sobre a bandeira da democratização do ensino e
 46-que na verdade o que conseguiu fazer foi massificar o ensino,
 47-desqualificar a pesquisa e consequentemente destruir todo um
 48-projeto de sistema universitário que se quer conseguiu organi-
 49-zar-se. Hoje, no momento em que o País resolve através de me-
 50-didas provisórias retomar a estabilidade econômica como garan-
 51-tia do seu desenvolvimento social, do seu desenvolvimento po-
 52-lítico, do seu desenvolvimento cultural, nós assistimos, tam-
 53-bém, a um desfilar de facilidades e simplismos de medidas no
 54-que diz respeito a questão de ensino. Saúde e ensino são no



01-Pais questões de tal natureza complexa, de tal natureza tão
 02-desprestigiadas que não são com soluções simplistas, sejam
 03-elas demissionárias, sejam elas de outro tipo que nós vamos
 04-conseguir resolver um problema que hoje, como eu disse, é bas-
 05-tante grave. Pela Unicamp, em particular, o nosso compromisso
 06-que aqui é importante nesta pequena cerimônia de lançamento da
 07-Revista da Faculdade de Educação, é o de insistirmos e privi-
 08-legiarmos o desenvolvimento em qualidade das nossas atividades
 09-fins que são o Ensino, a Pesquisa e a face social destas duas
 10-coisas, que aqui a gente chamou de Extensão, e assim ficou
 11-consagrado na instituição. Há todo um trabalho que começa a
 12-se realizar, há toda uma discussão que começa a ser feita a
 13-nível do Conselho Universitário, a nível das Pró-Reitorias de
 14-Graduação, de Pós-Graduação, das Câmaras de Ensino, das Câma-
 15-ras do Conselho das Comissões Centrais de Graduação e Pós-Gra-
 16-duação, entre os professores, e que nós teremos, certamente,
 17-para mais que produzir, digamos apenas idéias ou conceitos ou
 18-debates, colocar em prática para mudar definitivamente a linha
 19-de seus pólos de atração de investimento dentro da Universida-
 20-de. A Unicamp tem um projeto que a caracteriza com a vocação
 21-desde o seu nascimento nós temos que dar sequência a esse pro-
 22-jeto, nós temos que retomar aquilo que é fundamental e privi-
 23-legiarmos aspectos que são fundamentais para que numa Univer-
 24-sidade se identifique como tal. A Universidade não é, embora
 25-seja um serviço público não é passível de confusão com outros
 26-serviços públicos. Ela tem sua própria identidade, ela tem
 27-suas finalidades, é preciso ter com clareza para que é que se
 28-cria uma Universidade, para que é que trabalhamos numa Univer-
 29-sidade, o que é que nós queremos de uma Universidade? que ela
 30-produza pesquisas com qualidade, que ela produza ensino com
 31-qualidade, por distinção realize esta atividade social que es-
 32-tabelece sua integração com a sociedade no sentido mais amplo.
 33-A Revista que a Faculdade lança e como o próprio nome sugere,
 34-é uma revista que, ao mesmo tempo que se propõe fazer propos-
 35-tas, se propõe fazer propostas que sejam postas de maneira a-
 36-vançada de maneira moderna, porisso Pro-Posições. De qualquer
 37-maneira, olhando o texto, olhando sua arte, encontramos ques-
 38-tões que são questões atuais e que são questões humanas. Sem
 39-a discussão destas questões, sem uma discussão mais ampla des-
 40-te tipo de problemas que hoje nós enfrentamos; nós entendemos
 41-que o fato, condições de chegar àquilo que é fundamental pa-
 42-ra a Universidade, que é um sistema de avaliação objetiva da
 43-qualidade das nossas atividades. Se nós não caminhamos obje-
 44-tivamente, seriamente, pragmaticamente para constituição de
 45-um sistema de avaliação do ensino, da pesquisa dentro de uma
 46-Universidade; um sistema que seja não só de avaliação interna,
 47-mas de avaliação externa também, nós nunca teremos condição de
 48-transformar, como disse o professor Sanfelice, a qualidade no
 49-cotidiano de nossas práticas. Na verdade a qualidade será sem-
 50-pre vista como uma exceção, como excepcionalidade e cada vez
 51-que tivermos que contratar, cada vez que tivermos que levar a
 52-diante um projeto, nós consideraremos o projeto excepcional,
 53-quando que na verdade deveria ser parte de um comportamento
 54-que é cotidiano dentro de uma instituição com o nível e o



01-prestígio da Universidade. Essas coisas estão muito ligadas,
 02-o nosso projeto é efetivamente um projeto que hoje integrado
 03-com as Pró-Reitorias, busca essa integração entre os níveis de
 04-graduação, pós-graduação, do ensino, da pesquisa, da formação,
 05-da informação de modo que possamos, procurando a integração da
 06-Universidade com outros níveis de ensino do País, mostrarmos
 07-antes de tudo que as nossas atividades são integradas no inte-
 08-rior da própria instituição; que nós não somos estrangeiros
 09-uns em relação aos outros; que nós aqui, embora evidentemente,
 10-dentro do exercício das atividades específicas nós falamos e
 11-nos integramos dentro de um projeto comum que é, como eu dis-
 12-se, não só a formação de profissionais competentes, mas a for-
 13-mação integral dos nossos estudantes. Uma Universidade se faz
 14-para o estudante e é pelo estudante que ela também tem que ser
 15-avaliada. Acho que nós temos que ter a coragem de integrarmos
 16-os estudantes neste processo e neste momento de transformação,
 17-de crítica da Universidade, no sentido de assumir de fato um
 18-projeto de qualidade definitivamente, que nós estamos, a Re-
 19-vista da Faculdade de Educação, nesse sentido, é um veículo
 20-que vem possibilitar a discussão de temas que são hoje não só
 21-importantes com a da sociedade como um todo: a questão da edu-
 22-cação, a questão do ensino, mas que é fundamental, também para
 23-o desenvolvimento da Unicamp e o seu destino, digamos como U-
 24-niversidade, que tem uma liderança de exercer esse papel não
 25-só em relação a si mesmo mas com relação ao ensino de 39 grau
 26-no País. Eu quero parabenizar a Faculdade de Educação, e aos
 27-responsáveis pelo projeto aqui presentes, ao Professor José
 28-Dias, a Diretoria da Faculdade, aos colaboradores e também a
 29-iniciativa da Editora Cortez, no sentido de que é desta manei-
 30-ra que se dá de fato uma integração que é benéfica tanto para
 31-a instituição quanto para o público interessado e para a so-
 32-ciedade que se preocupa com temas desta natureza, e uma revis-
 33-ta que custa à instituição o trabalho de seus pesquisadores e
 34-dos seus professores e que tem um retorno de forma de um per-
 35-centual que volta para a instituição e que a instituição faça
 36-o seu meio da sua divulgação. Parabéns, portanto a Faculdade
 37-de Educação e a seus professores. Muito obrigado". Com a
 38-palavra, agora, o Professor José Camilo: "Eu vou ser breve: a
 39-primeira coisa é quase reiterar o que o Professor José Luís
 40-colocou. Esta Revista representa a realização de um sonho da
 41-Faculdade de Educação praticamente há mais de onze anos
 42-Este é o fato que tem que se registrar hoje é a concreti-
 43-zação desse sonho que durou bastante tempo antes de se
 44-realizar. O segundo ponto é o título da Revista. Foi feito um
 45-concurso interno na Faculdade de Educação e o título que
 46-ganhou e está aí foi sugerido pelo Professor Ezequiel. Eu que-
 47-realçar esse fato aqui no momento. A terceira coisa é que nós
 48-temos aí uma exposição de um certo número de revistas e elas
 49-vão ser doadas aos Diretores de Unidades e aos Pró-Reitores,
 50-vão receber o 19 número em homenagem a festa de hoje. Em nome
 51-dos colegas da Comissão da Revista eu queria lembrar que não
 52-esqueçam de enviar artigos, resenhas para os próximos números
 53-da revista. E por último, o Magnífico Reitor falou que a Fa-
 54-culdade recebe um percentual de números, e esse percentual vai



01-ser dedicado ao sistema de permuta, especialmente com revistas do exterior. Além eu queria dizer que esta é uma grande coisa que a revista vai nos proporcionar, possivelmente uma boa coleção de periódicos adquiridos simplesmente pela permuta com revistas do exterior. Eu agradeço aos colegas da Comissão. Muito obrigado". A seguir o Senhor Diretor agradeceu em nome da Faculdade de Educação a presença do Magnífico Reitor, dos Senhores Pró-Reitores do Senhor Isolino, jornalista responsável pela Revista, os Senhores Diretores e de todos os que prestigiaram a Reunião Extraordinária da Congregação da Faculdade de Educação. Nada mais havendo a tratar, eu Sueli Ap Bonatto Dalmolin, redigi a presente ata que assino e submeto à apreciação dos Senhores Membros. Campinas, dezoito de junho de mil novecentos e noventa.

OBS: ORIGINAL ASSINADO PELA SECRETÁRIA DA CONGREGAÇÃO.

05 de junho de 1991 Deliberação Consu A 08/91, assinado pelo Exmo. Reitor Carlos Vogt e pelo Secretário Geral Irineu Ribeiro dos Santos – Implantação do **Curso Noturno de Graduação em Pedagogia**, junto à Faculdade de Educação.

Fonte: Faculdade de Educação – FE



DELIBERAÇÃO CONSU-A-08/91

Dispõe sobre a Implantação do Curso Noturno de Graduação em Pedagogia

O Reitor da Universidade Estadual de Campinas, na qualidade de Presidente do Conselho Universitário, tendo em vista o decidido na sua 22ª Sessão Ordinária, realizada em 04.06.91, baixa a seguinte Deliberação:

Artigo 1º - Fica implantado, a partir de 1991, o Curso Noturno de Graduação em Pedagogia, junto à Faculdade de Educação.

Artigo 2º - Esta deliberação entrará em vigor na data de sua publicação.

Cidade Universitária "Zeferino Vaz",
05 de junho de 1991

CV
CARLOS VOGT
Reitor

IRINEU
IRINEU RIBEIRO DOS SANTOS
Secretário Geral

IRINEU

1996 O Prof. Dr. Luiz Carlos de Freitas, diretor da Faculdade de Educação de 1996 a 2000 com a Diretora Associada Profa. Dra. Ana Luiza Bustamante Smolka.



Luiz Freitas e Ana Smolka

Fonte: Faculdade de Educação – FE

05 de maio de 1997 A Unicamp participa do Programa de Reciclagem e Aperfeiçoamento de Professores da Rede Pública Estadual de 1ª a 8ª Séries da Região de Campinas, desenvolvido em parceria com a Secretaria da Educação, com o objetivo de capacitar os professores e recuperar a qualidade do ensino público. A coordenação é do professor Sérgio Antonio da Silva Leite, da Faculdade de Educação.

EDUCAÇÃO *Universidade faz treinamento com 6.000 professores da rede estadual de ensino* Unicamp treina professor do Estado

Projeto leva diretores às aulas

da Reportagem Local

Além de professores da rede pública estadual, o projeto deve levar às aulas diretores, supervisores de ensino e assistentes de planejamento de escolas estaduais de nove cidades da região.

Segundo o pró-reitor de extensão e assuntos comunitários da

Unicamp, Archimedes Perez Filho, os cursos focalizam o papel da administração escolar na qualidade do ensino.

"Achamos importante não ter apenas professores, mas também quem dirige as escolas no programa", disse.

Segundo ele, os cursos para os professores têm como base os currículos do 1º grau, definidos pela Secretaria de Estado da Educação.

"Os professores aprofundam

assuntos nas disciplinas de português, matemática, história, geografia, física, química e biologia, por exemplo", afirmou.

Segundo ele, a idéia de aprofundamento e discussão do currículo serve para que as aulas dos docentes da Unicamp atinjam, indiretamente, também os alunos da rede pública.

Para o professor da Faculdade de Educação da Unicamp e um dos coordenadores do projeto, Sérgio Antonio da Silva Leite, o diferencial desse para outros cursos que a Unicamp já fez com professores é justamente a "continuidade".

"Não são cursos isolados, nos quais o docente dá as aulas, viram as costas e nunca mais encontram com os professores. Nesse projeto, há um acompanhamento da evolução do professor", afirmou.

da Reportagem Local

A Unicamp (Universidade Estadual de Campinas) vai retomar, a partir do dia 12, um programa de reciclagem e aperfeiçoamento com cerca de 6.000 professores da rede pública estadual de 1ª a 8ª série da região de Campinas.

Ao todo, 170 professores da Unicamp estão envolvidos no projeto, desenvolvido em parceria entre a universidade e a Secretaria de Estado da Educação.

De acordo com o pró-reitor de extensão e assuntos comunitários da Unicamp, Archimedes Perez Filho, este vai ser o segundo módulo do projeto Educação Continuada, que até o final do primeiro semestre de 98 vai somar cerca de 17 mil horas de aulas simultâneas nas escolas.

Segundo Sérgio Antonio da Silva Leite, professor da Faculdade de Educação da Unicamp e um dos coordenadores do projeto, no segundo módulo os professores vão receber cerca de 4.000 horas/aula.

"São professores de 13 delegacias de ensino da região de Campinas, nas cidades de Campinas, Jundiaí,

Bragança Paulista, Piracicaba, Itu, Capivari, Sumaré, Mogi Mirim e Amparo", disse Leite.

Segundo ele, a Unicamp tem um limite de investimento de cerca de R\$ 1,5 milhão para viabilizar o segundo módulo. "Pagamos os professores, compramos materiais e apostilas", disse.

De acordo com Leite, o projeto é dividido em quatro módulos de ensino. " Fizemos o primeiro módulo em fevereiro, março e abril. O segundo vai ser em maio, junho e julho. O terceiro, agosto, setembro, outubro, e, finalmente, o quarto vai ser no primeiro semestre de 98", disse.

Segundo ele, a idéia é que o projeto prossiga também durante todo o ano de 98.

"Queremos dar uma continuidade de no contato entre professores da rede estadual e os docentes da Unicamp. É uma forma fácil e inteligente de otimizar a qualificação profissional", afirmou.

De acordo com Leite, além de capacitar os professores, o projeto tem por objetivo atingir o aluno.

"No fundo, queremos recuperar o ensino público", disse.

1997 Foto no Salão Nobre da FE de seus ex-diretores e associados nas festividades do **25º aniversário da Faculdade de Educação da Unicamp**. Da esquerda para a direita os docentes: José Luiz Sanfelice, Pedro Laudinor Goergen, Luiza Carlos de Freitas, Ana Bustamante Smolka, Antonio Muniz de Rezende, Eduardo Oscar de Campos Chaves e José Dias Sobrinho.



Ex-diretores e associados da Faculdade de Educação (1997)

Fonte: Faculdade de Educação – FE

Junho de 1997 Inaugurado o **Centro de Vivência** que está interligado ao prédio principal da Faculdade de Educação. O novo espaço abriga o Centro Acadêmico de Pedagogia, livraria e cantina.

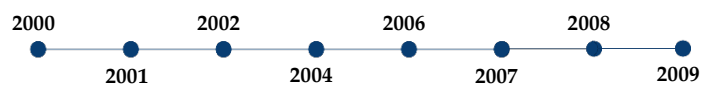


Centro de Vivência FE (cantina)

Foto: Wilson Guedes

Fonte: Acervo Histórico do Arquivo Central da Unicamp – SIARQ

Década de 2000



2000 A Profa. Dra. Águeda Bernardete Bittencourt, diretora da Faculdade de Educação de 2000 a 2004 com o Diretor Associado Prof. Dr. Jorge Megid Neto.



Jorge Megid e Águeda Bittencourt

Fonte: Faculdade de Educação – FE

Setembro de 2000 A Faculdade de Educação organiza a **III Conferência de Perspectiva Sociocultural** — “Novas Condições de Produção do Conhecimento: Globalização e Práticas Sociais”, convocada pela Society for Socio-Cultural Studies, reunindo cerca de mil participantes e 600 pesquisadores brasileiros e de mais 36 países.

Fontes: Acervo Histórico do Arquivo Central da Unicamp – SIARQ
Jornal da Unicamp, JU, setembro 2000

Universidade Estadual de Campinas
Setembro de 2000
Jornal da Unicamp

HUMANAS
HUMANAS

Globalização e práticas sociais

Estudiosos discutem novas condições para a produção do conhecimento

ANTONIO ROBERTO FAVA
fava@unicamp.br

Foram cinco dias de discussões, análises, debates e conferências com os mais renomados especialistas nas áreas das ciências humanas. O objetivo traçar uma perspectiva histórico-cultural do desenvolvimento humano. Convocada pela Society for Socio-Cultural Studies, a III Conferência de Perspectiva Sociocultural — Novas Condições de Produção do Conhecimento: Globalização e Práticas Sociais, realizada no Centro de Convenções e salas de aulas da Faculdade de Educação (FE) da Unicamp, reuniu 800 participantes, 200 convidados e 600 pesquisadores brasileiros e estrangeiros de 36 países. Foram mais de 70 horas de trabalho.

A temática da condição humana no mundo moderno permitiu o intercâmbio de ideias em todas as investigações relacionadas às ciências humanas. Além disso, o encontro se propôs a promover novos diálogos científicos históricos e culturais sobre diferentes formas de pensar e de trabalhar as pesquisas voltadas a questões atuais como globalização e pós-modernidade.

Segundo a professora Ana Luiza Smolka, da FE, organizadora da conferência, o evento centrou-se na questão da linguagem, da cultura e do conhecimento, embora tanto outros temas tenham sido tratados. O que reuniu os pesquisadores nesse encontro científico foram os fundamentos de uma psicologia insuflada no início do século, a partir de uma força materialista-histórica formulada pelos psicólogos Vygotski, Lurii e Leontiev. “A raiz dessa III Conferência está, portanto, na psicologia, ciência não se restringe a ela e articula várias áreas de conhecimentos como a antropologia, a filosofia, a literatura, a linguística e a medicina”.

Os trabalhos apresentados pelos participantes tiveram basicamente dois eixos temáticos: a produção do conhecimento e a elaboração da cultura, destacando as análises das condições de vida dos indivíduos e as possibilidades de transformação dessas mesmas con-

dições. “É nesse sentido que se dá a intervenção educacional de um povo”, salienta a pesquisadora da Unicamp. A transformação de uma sociedade, em seus mais diversos sentidos, pode ocorrer tanto dentro da escola como fora dela. O que está acontecendo não apenas no Brasil mas em todo o mundo, é a emergência de muitos instrumentos técnicos e novos modos e relações — cultura, programas educacionais, as relações de trabalho — que vão interferindo e afetando o próprio processo educativo.

Definindo prioridades — “A exemplo de escola, essa transformação se verifica na análise de como agem os professores com relação à produção do conhecimento e da cultura, como é o que cristalizam”, explica Ana Luiza. Por outro lado, observa que quando se coloca em um mesmo evento, como esse da Unicamp, pesquisadores de 36 nações, certamente eles vão apresentar estudos ou análises diferenciadas sobre o que está acontecendo em seus respectivos países. “Verifica-se que aparecem fórmulas ou questões mais urgentes do que aquelas tematizadas. Por exemplo, na Escandinávia ou na Índia há uma questão de valores e relações familiares está sendo muito discutida”.

A migração de asiáticos para os países nórdicos e a guerra na Iugoslávia também vão se constituindo em objetos de pesquisa. Concomitantemente foram poucos os trabalhos apresentados na conferência que tratavam da questão básica do ensino da língua e da alfabetização. Refletindo sobre a produção de conhecimento no Brasil, Ana Luiza mencionou, entre outros aspectos, as dificuldades com relação à definição de políticas e prioridades econômicas e educacionais — do país. Por exemplo, a política do governo tem sido de redirecionar a verba destinada ao desenvolvimento de pesquisas nas universidades. Quando isso acontece, acaba se privilegiando outras formas de produção, ameaçando seriamente as condições internas de geração de conhecimentos, sobretudo na área das ciências humanas.

Novos desafios para as ciências humanas e as artes

Vive-se num mundo onde tipos e ritmos são transformados em momentos para a realização pessoal do indivíduo, que reflete sua necessidade de ser e sobreviver no fragmento. São alternativas que podem servir de modelo para a análise de novas formas de educação e, consequentemente, para o desenvolvimento de ideias que permitam construir novas formas de sociedade.

“Esta reflexão sobre tipos e ritmos do mundo moderno, além de revelar diferentes configurações e momentos de processo, permite analisar e que se passa a ser cada dia no presente. Mas, há reflexão sobre a participação de indivíduos e do que se chama”, afirma o professor e filósofo Osmar Lima, da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras (FFCL) da Unicamp, durante a III Conferência de Perspectiva Sociocultural.

Ele afirma, a respeito da modernidade, que um “desenvolvimento real” das ciências sociais, na filosofia e das artes. Em virtude disso, afirma Lima, as artes e a literatura devem ser consideradas e trabalhadas de modo a desenvolver o modo de vida do indivíduo, a partir de suas condições e necessidades, e a serem trabalhadas de modo a desenvolver o modo de vida do indivíduo, a partir de suas condições e necessi-

dades, como fundamento para o desenvolvimento econômico da sociedade. Ffo de afirmado recentemente o grande teórico da literatura, Walter Benjamin, *A obra de arte na era da reprodução técnica*, e o filósofo de Capitalismo, vinculado ao pensamento de Karl Marx, os valores de vida do indivíduo na prática, para a sociedade moderna e o ser humano.

“Podemos dizer que a filosofia, a ciência e as artes de linguagem que nos permitem observar novas formas de conhecimento. Verifica-se também a importância da literatura de desenvolvimento humano, que nos faz voltar as antigas ideias para as novas condições e que se materializa cada vez mais, até ao fim de história humana. Quem, sempre, não está lutando com os valores de modernidade, seja contra ou a favor”, questionou.

Novos desafios — O filósofo também afirmou a grande ruptura histórica e epistemológica provocada pelo iluminismo e o progresso contra a superstição e a teologia, da luz contra as trevas. Apesar disso, que muitas nações industriais e em

condições transformaram no mundo. As primeiras manifestações ocorreram na Inglaterra e na Holanda, e começaram a aparecer em França, com a consolidação e a justiça social. É importante ressaltar que o primeiro movimento de século 18, já sendo um processo de globalização.

“Oliveira teve a iniciativa de criar a cultura e a sociedade, assim, ele não só criou a cultura, mas também a sociedade, desde antes as grandes potências, não se desenvolveu, mas sim a sociedade, que se criou em decorrência da cultura do iluminismo e da filosofia, mas isso não aconteceu em todos os países”.

“Então, pensando de que, nesse momento, a cultura e a sociedade estão sendo criadas, há que muitas figuras de cultura que não de momento empacotando, que se trata a mudança de que tudo está se tornando. Na verdade, está se criando desafios para as ciências, para a filosofia e para as artes. Então, há que se pensar em novos desafios, novas maneiras de desenvolver uma reflexão sobre a situação em que estamos vivendo”, concluiu Lima.



Ana Smolka: questões mais urgentes que as tematizadas



Lima: Enjuncos que não de importante está acontecendo



Conferência na Unicamp: mais das ciências humanas

2001 O **Centro de Memória da Educação (CME)**, foi criado em 2001, órgão científico da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP e tem por finalidade captar, promover e disponibilizar fontes documentais relativas à memória da educação brasileira, de maneira a estimular pesquisas relativas às memórias e histórias da educação nas diversas áreas do conhecimento. Seu acervo atualmente é composto por três fundos (conjuntos documentais arquivísticos) a seguir: MALBA TAHAN - MT (Júlio César de Mello e Souza); RBHE (Revista Brasileira de História da Educação e COLE (Congresso de Leitura do Brasil). O CME vem preservando essa documentação e fazem parte desses conjuntos documentais, documentos textuais, iconográficos, sonoros e tridimensionais, cujo sistema de arranjo está sendo tratado e organizado, conforme os padrões arquivísticos e abertos para consulta, com agendamentos.

Visite nosso site: <https://cmefeunicamp.wordpress.com/>

Fonte: <https://www.fe.unicamp.br/a-fe/institucional/centro-de-memoria-da-educacao>

2002 Unicamp, em parceria com prefeituras, leva **Programa de Formação de Professores do ensino básico para 20 cidades da Região Metropolitana de Campinas**. Coordenado pela Faculdade de Educação (FE) e destinado aos professores de Educação Infantil e Ensino Fundamental de 20 cidades da região, o programa atende aos requisitos da Lei de Diretrizes e Bases, que determina a formação superior para os professores das séries iniciais do ensino fundamental e estabelece um prazo de dez anos para a adequação dos professores não graduados.

Fonte: Acervo Histórico do Arquivo Central da Unicamp – SIARQ

07 de março de 2002 Inauguração do novo prédio da Biblioteca Prof. Joel Martins da Faculdade de Educação¹. Ocorreu na mesma data e local a comemoração da doação do acervo especial Maurício Tragtenberg².

Fonte: <https://www.fe.unicamp.br/a-fe/biblioteca/a-biblioteca>



Imagens da inauguração e comemoração com muitos apreciadores.

Na primeira foto, da esquerda para a direita, estão os professores Jorge Megid, Luiza Smolka, Águeda Bitencourt, o ex-reitor Hermano Tavares e o ex-diretor da Biblioteca Gilденir Santos

Fotos: Faculdade de Educação - FE

¹ Fundada em 1972, cuja localização era no Ciclo Básico da Unicamp. Recebeu o nome de "Biblioteca Prof. Joel Martins" no ano de 1994, por ocasião da cerimônia de Homenagem Póstuma ao professor e pesquisador Joel Martins pelo reconhecimento de relevantes contribuições na constituição da pós-graduação em Educação, no país.

² Seu acervo bibliográfico (livros e obras raras), tratam dos seguintes assuntos: Anarquismo, Sociologia, Maxismo, Fascismo, Socialismo e Grandes Guerras. falecido em 1998.

Outubro de 2002 Exposição 30 anos da FE. Vista da área externa.



Águeda B. Bitencourt, Maria do Carmo Martins e
Reitor Carlos H. B. Cruz

Fonte: Faculdade de Educação – FE

2004 O Prof. Dr. Jorge Megid Neto, diretor da Faculdade de Educação de 2004 a 2008 e Diretora Associada Profa. Dra. Regina Maria de Souza.



Jorge Megid



Regina de Souza

Fonte: Faculdade de Educação – FE

30 de abril de 2004 Inauguração da sala da videoconferência da Faculdade de Educação.



Fonte: Faculdade de Educação – FE

7 a 21 de junho de 2004 Curso de formação de professores tem aprovação de 98,4% dos alunos. Processo seletivo para terceira turma do curso destinado à formação de professores acontece no dia 4 de julho".

Fonte: Jornal da Unicamp, JU, 7 a 21 de junho de 2004

Universidade Estadual de Campinas – 7 a 21 de junho de 2004

JORNAL DA UNICAMP

Processo seletivo para terceira turma do curso destinado à formação de professores acontece no dia 4 de julho



Calendário do Proesf

Inscrição:
19 de junho: Inscrição para o curso de formação de professores em 10 municípios de Campinas.

Local da prova:
A prova será realizada no prédio de Ciências da Educação da Unicamp.

Data da prova:
4 de julho: Prova de seleção.

Convocação para a prova:
22 de julho: Convocação para a prova de seleção.

Primeira matrícula:
7 de julho: Matrícula dos alunos.

Curso de formação de professores tem aprovação de 98,4% dos alunos

Alunos via Proesf
2 de agosto

Professores Sérgio Leite e Eliabete Pereira

Resumo do artigo:
O curso de formação de professores em Campinas, destinado a formar professores para atuar em 10 municípios, teve uma taxa de aprovação de 98,4% dos alunos. O processo seletivo para a terceira turma ocorreu no dia 4 de julho. O curso é oferecido pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) em parceria com o Conselho Municipal de Educação (CME) de Campinas. O curso tem duração de 18 meses e prepara os alunos para atuar em escolas públicas e privadas. O curso é dividido em três etapas: seleção, formação e prática. A seleção ocorreu em 4 de julho e contou com a participação de 100 candidatos. O curso de formação tem duração de 18 meses e é dividido em três etapas: formação teórica, prática pedagógica e estágio. O curso é oferecido em 10 municípios: Campinas, São Carlos, Aracatuba, Jundiaí, Sorocaba, Ribeirão Preto, Marília, Baurópolis, São João do Rio Preto Preto e São João do Rio Preto Preto. O curso é oferecido em 10 municípios: Campinas, São Carlos, Aracatuba, Jundiaí, Sorocaba, Ribeirão Preto, Marília, Baurópolis, São João do Rio Preto Preto e São João do Rio Preto Preto.

Novembro de 2005 Em parceria com a Secretaria de Educação do Estado, a Unicamp implementou e realizou um curso de pós-graduação em Gestão Educacional, através de sua Faculdade de Educação, para 6.021 gestores da rede pública de São Paulo – diretores, coordenadores, supervisores e dirigentes regionais de ensino. Desses, 4,2 mil foram aprovados e diplomados em março de 2007. O curso, iniciado em novembro de 2005 e com duração de 16 meses, teve carga de 360 horas-aulas e incluiu aulas presenciais e por teleconferência a 89 diretorias regionais de ensino. Na organização e ministração do curso estiveram envolvidas cerca de 300 pessoas, entre professores, alunos de pós-graduação e técnicos do Centro de Computação da Universidade. O curso é pioneiro no país.

Fontes: Acervo Histórico do Arquivo Central da Unicamp – SIARQ
Relatório da Gestão 2005-2009 da UNICAMP

31 de julho a 6 de agosto de 2006 “A Faculdade de Educação e seu papel na Universidade”. Faculdade de Educação é desafiada a justificar sua própria implantação, em relação aos cursos de licenciatura.

Fontes: Acervo Histórico do Arquivo Central da Unicamp – SIARQ
Jornal da Unicamp, JU, julho e agosto 2006

Universidade Estadual de Campinas – 31 de julho a 6 de agosto de 2006

Desde sua criação com os cursos de Licenciatura, unidade foi desafiada a justificar a própria implantação

LUZ SUGIMOTO
sugimoto@reitoria.unicamp.br

Qual é o papel de uma faculdade de educação dentro da universidade? O professor de matemática deve ter formação em educação? O bacharel em matemática e, depois, querendo, se preparar para ensinar matemática? Tantas são as questões de fundo, até hoje não resolvidas satisfatoriamente, inclusive entre os educadores. Criada oficialmente em 1972, a partir da necessidade de formar professores em Licenciatura, a Faculdade de Educação da Unicamp já nasceu desafiada a justificar a própria implantação. Em relação à Licenciatura, sempre houve quem argumentasse que a metodologia de ensino de Física, por exemplo, deveria ser de responsabilidade do Instituto de Física, e assim por diante. E a criação do curso de Pedagogia, em 1974, fez aflorar certa desconfiança em relação ao pedagogo, como se exercesse atividade de segundo nível quando a vocação da universidade seriam as pesquisas de ponta.

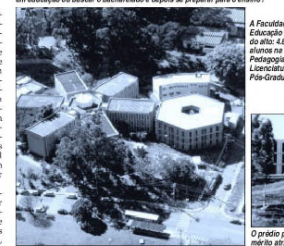
A história da Faculdade de Educação da Unicamp é contada pelos professores Antônio Mariz de Rezende, Eduardo Chaves e Carlos de Moraes, Luiz Carlos de Freitas e Jorge Megid Neto, cada qual falando de seu tempo e destacando suas posições. Rezende e Chaves contam que Montezuma, ex-padrão, tentou imprimir uma linha mais humanística e menos profissionalizante à faculdade. As cargas horárias de disciplinas como Filosofia e História da Educação não foram além da mínima exigida pelo MEC, o que não deu certo porque alguns estudantes já a período integral, tinham ingressado no curso justamente porque precisavam trabalhar.

Diretor de 1972 a 1976, Montezuma pôs em permanente discussão o curso, pois a indicação era prerrogativa do reitor. No entanto, havia insatisfação interna com sua maneira de administrar, fida como autoridade e centralizadora – ele argumentava que a experiência pessoal o autorizava a agir assim. Decidiu sua saída e o reitor escolheu sucessor na unidade por Antônio Mariz de Rezende, que voltava do exterior com um doutorado em teologia (em Roma) e outro em filosofia (em Luu-vian). Embora esse escolho não tenha sido aprovado pelo professor Newton Aquiles von Zabern, para lecionar Filosofia da Cultura na Unicamp.

A Faculdade de Educação e seu papel na Universidade



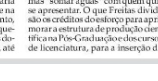
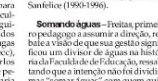
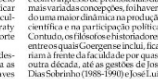
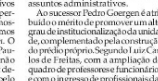
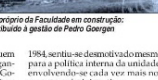
A professora, em atividade e a quando: o professor deve ter formação em educação ou buscar o bacharelado e depois se preparar para o ensino?



A Faculdade de Educação visita o ato 4871 de Pedagogia, Licenciatura e Pós-Graduação



O prédio próprio da Faculdade em construção: então, atribuiu a gestão ao Pedro George



faculdade no âmbito das novas tecnologias, e pela abertura dada aos funcionários administrativos em termos de participação e crescimento profissional. Cita exemplos como Arnaldo Szpilka, Angel Pina Stragdo, Helena Lopes de Freitas, Elizabeth Meryny, Juary Rodrigues Pina, entre outros.

Com Freitas assumiram a Faculdade profissionais que defendem, como base dos cursos de Pedagogia, a formação do professor – e não as competências habilitadas em diferentes áreas fragmentadas. Esta ótica se justifica com uma comparação: assim como a Faculdade de Medicina tem seu campo de atuação pela responsabilidade social que lhe compete em relação à sociedade, a Faculdade de Educação tem seu âmbito definido pela sua responsabilidade social em relação à educação dentro do âmbito social. Daí, o papel central da unidade de formar profissionais para a educação, ainda que isso não deva ser entendido de forma restritiva.

Nesse sentido, Luiz Carlos de Freitas faz severa crítica à Universidade, que nos últimos anos passou por sucessora Aguiar Bernardete Bittencourt (2003-2004) reitoria da Faculdade de Educação a responsabilidade de pela licenciatura e entregou-a aos Institutos. Crítica, acertada em sua comparação, não se formam profissionais habilitados em Pedagogia, apesar da importância da biologia na formação do médico.

O atual diretor Jorge Megid Neto, que se tornou o primeiro diretor assessor da Agência de Gestão de Recursos Humanos, observa que esse preconceito visto na universidade reflete a importância da educação e a importância de por um lado reconhecer a importância da licenciatura e a importância de um profissional com naturalidade de um habilitado a ensinar dentro do sistema de educação básica aos filhos. Assim, embora todos exerçam atividades de ensino universidade, nem por isso devem se achar entendedores de educação. Graduação em Física pela Unicamp, Megid Neto fez a licenciatura, mas tem mestrado e doutorado na área de educação, tendo trabalhado por 16 anos no ensino médio. Apesar de físico, ressalta que sua formação profissional é como educador.

A FE hoje – Em 2005 frequentaram os cursos de Pedagogia, Licenciatura e de Pós-Graduação, 4.871 estudantes, sendo 450 nos períodos diurnos e noturnos do curso regular de Pedagogia. A Pós-Graduação recebeu 700 alunos – nos programas em Educação e Gerontologia já foram defendidas 970 dissertações de mestrado e 92 teses de doutorado. A Faculdade vem oferecendo há alguns anos um curso de Pedagogia, dentro do Programa Especial de Formação de Professores em Educação (Profepe), que inclui a matrícula em não passados 100 inscritos e em ingresso de professores nas mais variadas áreas de atuação, envolvendo uma maior mudança na produção científica e na participação pública. Contudo, os filósofos historiadores, entre os quais os professores de licenciatura a frente da faculdade por quase meio século, até os gestores de José Dias Sobrinho (1988-1990) e José Luiz Santiburi (1990-1996).

Somando iguais – Freitas primeiro pedagogo a assumir a direção, ressalta a visão de que sua gestão privilegiou um divisor de águas na história da Faculdade de Educação, ao resultando que a intenção não foi dividir, mas “somar iguais” com quem quis se apresentar. O que Freitas diz não são créditos do curso, para aprimorar a estrutura de produção científica, a Pós-Graduação dos cursos de licenciatura, para a inserção da

2007 Centro de Memória - Unicamp (CMU) e o Centro de Memória da Faculdade de Educação (CME/FE) da Unicamp promovem o **Seminário Nacional “Memória, ciência e arte razão e sensibilidade na produção do conhecimento”**. O evento faz parte do calendário de comemorações dos 35 anos da FE.

Fontes: Acervo Histórico do Arquivo Central da Unicamp – SIARQ



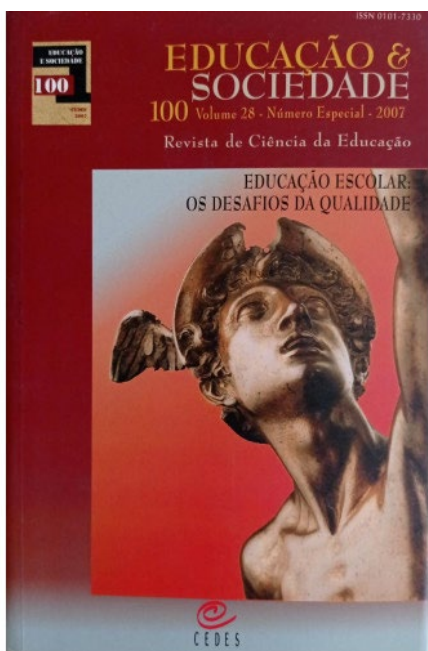
Da esquerda para direita: Maria Do Carmo Martins,
Olga Von Sinson e Jorge Megid Neto

Foto: Antonio Scarpinetti

Em 2007, 507 alunos concluíram os cursos de graduação – o maior número de formandos entre todas as unidades da Unicamp. Nesse mesmo ano, a FE contava com 2.519 alunos matriculados, sendo 1.431 na graduação, 305 no mestrado, 396 no doutorado e 387 nos cursos de especialização. É a unidade que apresenta o segundo maior contingente de alunos da Universidade.

Fontes: Acervo Histórico do Arquivo Central da Unicamp – SIARQ
Relatório de Gestão 2005-2009 da Unicamp

2007 'Educação & Sociedade' chega ao nº 100. “A Revista Educação & Sociedade, considerada a mais influente publicação científica brasileira na área da Educação, chega ao número 100. É um marco que oferece a oportunidade de resgatar a história da revista e também do Centro de Estudos Educação e Sociedade (CEDES), criado para abrigá-la e que está alocado num espaço dentro da Unicamp” (clique <aqui> para saber mais).



Capa da Revista Educação & Sociedade 100, volume 28, número especial, 2007



Profa. Dra. Ivany Pino e o Prof. Dr. Pedro Goergen

Fonte: Jornal da Unicamp, JU, 26/11 a 02/12/2007, ed. 381

2008 Prof. Dr. Sérgio Antonio da Silva Leite, nomeado diretor da Faculdade de Educação para o quadriênio 2008-2012, juntamente com a Diretora Associada Profa. Dra. Márcia Maria Strazzacappa Hernandez.

Fonte: Faculdade de Educação – FE



Sérgio Leite



Márcia Strazzacappa

2009 Faculdade de Educação (FE) e Prefeitura Municipal de Campinas inauguram **Laboratório Interativo de Ciências na Escola Municipal de Ensino Fundamental Vicente Ráo.**

Fonte: Acervo Histórico do Arquivo Central da Unicamp – SIARQ



Paulo Fracalanza, Márcio Andrade e Pedro Ganzeli descerram a placa de inauguração do Labi

Foto: Antonio Scarpinetti

Década de 2010



2011 A Faculdade de Educação (FE) forma educadores no Programa de Pós-Graduação Multiunidades em Ensino de Ciências e Matemática (Pecim), executado em cooperação com os institutos de Física, Química e Geociências da Unicamp. Um novo prédio foi erguido em 2011, que ampliará o espaço em mais, pelo menos, 1.200m² quando estiver concluído.

Fontes: Acervo Histórico do Arquivo Central da Unicamp – SIARQ
Relatório da Gestão 2009-2013 da UNICAMP

2012 Novamente, o Prof. Dr. Luiz Carlos de Freitas e a Profa. Dra. Ana Luiza Bustamante Smolka assumem a direção da FE, no período de 2012 a 2016. O Prof. Dr. Luiz Carlos de Freitas incentiva gestão compartilhada com a comunidade e enfatiza que o novo contexto educacional brasileiro deve mudar também as formas de encarar a educação.



Luiz Carlos de Freitas



Ana Smolka

Fontes: Faculdade de Educação – FE
Acervo Histórico do Arquivo Central da Unicamp – SIARQ

Novembro de 2012 “Faculdade de Educação comemora 40 anos promovendo um encontro de gerações, com a participação de diversos docentes e funcionários já aposentados, dentre eles, os ex-diretores da Faculdade de Educação (FE) Pedro Laudinor Goergen, José Dias Sobrinho, José Luis Sanfelice, Jorge Megid Neto e Sérgio Antonio da Silva Leite. O encontro também serviu para homenagear os docentes e funcionários aposentados e ingressantes do último ano. Na ocasião, foi lançado selo comemorativo do aniversário da FE, feito pelos Correios, que foi apresentado a todos os participantes”.



Mesa composta por ex-diretores da Faculdade de Educação - 40 anos da FE

Foto: Isaias Teixeira



Selo Comemorativo dos 40 anos da FE

Fonte: Acervo Histórico do Arquivo Central da Unicamp – SIARQ

16 a 22 de setembro de 2013 “Estudo analisa impactos da digitalização de documentos: pesquisa desenvolvida na FE conclui que internet aproxima arquivos públicos de estudantes e da população”.

Fontes: Acervo Histórico do Arquivo Central da Unicamp – SIARQ
Jornal da Unicamp, JU, setembro 2013

4 **Jornal da Unicamp** Campinas, 16 a 22 de setembro de 2013

Estudo analisa impactos da digitalização de documentos

Pesquisa desenvolvida na FE conclui que internet aproxima arquivos públicos de estudantes e da população

ISABEL GARDINERIL
isg@unicamp.br

Um fracionamento vem ocorrendo mundialmente e afetando sua maior vitalidade nos arquivos públicos, na esfera da expansão dos movimentos de participação da sociedade. Essa como distância está mudando o seu status. Antes disto, como lugares empastados onde a pesquisa ia, hoje vem se tornando cada vez mais objeto de pesquisas de elite da população. Tais de um movimento social e cultural, observando, não só na educação formal, como também na educação informal, um novo aproximação entre a população e a sociedade civil e os arquivos.

Use movimento ganha mais impulso com a digitalização de documentos e sua publicação online. Os muitos arquivos mobilizam áreas exclusivamente dedicadas ao ensino. “Como não seria uma necessidade da memória para o cidadão e a sua cidadania, os arquivos precisam mudar enfoque e planejar os passos para responder com seriedade e responsabilidade a pesquisa histórica e as suas demandas.” Foi o que concluiu a historiadora Adriana Carvalho Koyama em sua tese de doutorado defendida na Faculdade de Educação (FE), orientada pela docente Maria Carolina Boviato Galvani.

As publicações, salienta Adriana, dão acesso imediato a documentos que de outra forma não seriam conseguidos facilmente. É o caso do site do arquivo nacional inglês (The National Archives - <http://www.nationalarchives.gov.uk/education/eng/uk/>), que dá acesso a um mapa de Londres após um incêndio do século 17 que se tornou emblemático. “Uma atividade educativa se torna o registro de uma do passado onde o campo o fogu, além de uma série de documentos de época que ficaram de pé. Tem a vantagem de se ter a maior documentação que, para cobri-los, seria necessário viajar até lá.”

Essa são outras possibilidades, aquelas digitais e ficam como novos, dando a impressão de que não se afastam com a ação de tempo, o que não é verdade, desorienta a pesquisadora. O documento original sofre também com o pó e com os animais. Mas suas dificuldades, em uma página, desaparecem na consulta on-line.

ENSINO
Nas décadas de 1980 e 1990, em um movimento de renovação no ensino de História com o novo currículo, a escola pensava a ser como pesquisa e trabalho com fontes para o ensino de História, desde o ensino fundamental. Este foi um movimento que já teve como indicadores de aproximação, mas pouco um motor concreto depois da década de 1990, quando vários países da Europa e da América iniciaram sua construção e passaram a pensar a possibilidade que o ensino de História tivesse um novo formato documental.

O contato com essas fontes, críticas e análises, passa a ser pensado como importante desde as séries iniciais. E no segundo ano, as crianças começaram ler documentos, entre os impressos e até no máximo no terceiro ano podem ser usados em atividades de pesquisa. Para isso, basta qualquer lugar que dê acesso à internet, principalmente com a expansão da educação tecnológica nos escolas, hoje sobre os telas de sala e dos laboratórios de informática na rede pública.

Um momento recente de aproximação ocorreu no final da década de 2010, quando pesquisas revelaram uma renovação do ensino de História. Ela foi incorporada nos currículos das décadas depois, ficando com o que se aquece a busca on-line.

“Os documentos reproduzidos têm entrado no fluxo mediático”

com o poder escolar. Foi um movimento de aproximação com dois sentidos: tanto os arquivos se aproximaram das escolas, com a criação de serviços educativos, como começaram a ser pensados por professores e pesquisadores do ensino de História como espaços de educação, contextualizada e pesquisável.

Essa ideia que começou sua pesquisa através do levantamento de sites de arquivos. Pesquisou os arquivos nacionais de língua inglesa, portuguesa, francesa, italiana e espanhola. Também se deteve nos arquivos ingleses e americanos (National Archives and Records Administration), os quais têm a ação de educação on-line mais antiga e o maior número de documentos digitalizados.

Na conclusão com outros arquivos, salienta o trabalho de campo. A maior parte da pesquisa de literatura (a feita nos períodos eletrônicos) se apresenta nos livros de classe que a Unicamp possui. Observando de perto, as referências específicas sobre a educação em arquivos on-line são basicamente papéis e sites.

Mas Adriana também trouxe os valores de sua experiência de literatura na direção de um arquivo público, a cidade de Indaiatuba, de 2008 a 2012. Foi igualmente responsável pelo serviço educativo e trabalhou com o ensino de História por anos e foi usando fontes documentais. De acordo com ela, o primeiro vestibular no Brasil com o uso de documentos (na década de 1990) foi o da Unicamp, observando a questão no movimento de renovação do ensino de História.

REFLEXÃO
A historiadora comenta que, nas visitas aos arquivos, há sempre um serviço educativo que seleciona fragmentos de sites documentais para serem mostrados. Nesse caso, a experiência presencial não é diferente da experiência on-line. Porém Adriana reconhece que visita on-line parece ser um caminho de uma experiência relevante para os estudantes, e um de disseminação de documentação que é construída pelos arquivos.

De acordo com ela, muitas vezes visitas como se um risco muito comum de desvalorização o arquivo, porque, apesar de um trabalho de pesquisa, a maioria é orientada a ler, e não a fazer uma pesquisa de campo. “O que gera uma espécie de educação das sensibilidades que não é o arquivo como o lugar da história, da memória – um sentimento.”

Compre que essas visitas resultam em um arquivo presencial, porém não permitem que os alunos tenham de fato acesso à experiência de pesquisa com as fontes documentais. Seria preciso encontrar formas para ampliar as possibilidades de pesquisa e produção de conhecimento histórico-educacional nos arquivos. “O aluno como pesquisador seria capaz de criar seu conhecimento a partir das fontes, criando por isso uma sua base de pesquisa”, afirma.

Como os arquivos são sendo usados por esse discurso de que são lugares de memória, essa é uma percepção que por um lado tem validade e que tem inclusive uma finalidade. Logo, os arquivos seriam no decorrer das culturas da memória. Entretanto, eles tendem a ser vistos como um espaço de documento custodiado. “O que fazemos nos arquivos é somente o registro de procedimentos do Estado na relação com os cidadãos. Os arquivos são muito importantes, contudo não são a memória social, posto que geram a construção dos espaços sociais, de formas discursivas, contradições e sempre plural”, ressalta Adriana.

A pesquisa, diz ela, naturalmente os arquivos nacionalizados, cada vez mais em um estagnado em suas páginas estáticas que não são os lugares de memória. Isso é parte de sua proposta e fazenda como uma justificação do valor dos arquivos, porém.

SÉRIES
Adriana conta que um grupo de pesquisadores do ensino de História da Universidade de Indiana, há, em suas experiências com sites documentais inter-relacionados, não com documentos analise, selecionada a partir de um fundo de arquivo com milhares de documentos.

Dentre dessas séries, os alunos podem fazer suas pesquisas com o Brasil. Mas, no Brasil, há ainda sites inter-relacionados. “Aquelas que cobrem o trabalho de pesquisa”, relata.

Na tese, ela analisa a chance de trabalhar com esses documentos e contrapõe, por a forma como eles são lidos e fundamentados. Tem que dialogar com os sujeitos da pesquisa, seja os alunos ou os professores, com suas próprias experiências de forma a deslizar as experiências momentâneas, as quais são que eles já têm sobre o passado e o próprio presente.

Deve promover uma experiência significativa e menos essencialista. Na perspectiva da educação, às vezes, experiências significativas envolvem a pessoa, as memórias e o ritmo da memória de emergir o mundo, refletir e interpretar da sobre o pensamento de Vignoli.

Porém é necessário trabalhar com seleções de documentos que estimulam alunos e professores a viver esta experiência de pesquisa que conecta o presente e o passado. Tais a fundamentos, toda cidade que tem um arquivo e um serviço educativo ligado a ele é privilegiada, porque não possui um arquivo on-line que tem essas condições se relacionar a disposição dos usuários.



Permite que o acesso a arquivos online seja mais imediato e acessível

Desde o final do século XIX, o mundo tem recebido, fragmentadamente, informações militares notórias, com as quais são propostas significativas sobre o passado, primeiro nos almanques, nos jornais e nos jornais, depois na rádio, na imprensa, na TV e agora, na internet. “Cada vez mais acesso a imagens sobre o passado, e os documentos reproduzidos têm entrado no fluxo mediático”, afirma Adriana.

Sem perder de vista os pontos em contato com documentos de arquivos de um modo pouco reflexivo. O Henry Charles, um canal de televisão americano que programou a focalização em unidades de história e identidade, sua documentação de arquivo como atividade. Como eles se apresentam antes de documentos, o resultado é que muitos conteúdos de fundamentação teórica não são lidos, mas que parecem ganhar um ar de verdade porque se apresentam imediatamente em documentos públicos.

Esses documentos estão on-line e estão sendo visualizados pela mídia, causando preocupação para os arquivos, que não estão pensando sobre como lidar com esse fluxo de documentos, pois os arquivos sempre foram pensados por garantir a integridade dos seus próprios documentos. Do modo como estão sendo mostrados na mídia, podem facilmente entrar em contato com seu conteúdo de produção original.

“Temos pensado como e possível, a partir dos documentos e condições de contemporaneidade, trabalhar com a educação patrimonial em conexão a essas tecnologias”, sugere a historiadora em conexão com o período de 2008 a 2013, que teve como referências notórias na educação Vignoli e Habermas, e nos projetos históricos-educacionais Edward Palmer Thompson, Peter Gay, Walter Benjamin e Carlo Ginzburg.

Atualmente, o autor do estudo faz parte de dois grupos de pesquisa: do Núcleo Educação das Sensibilidades, História e Memória do Centro de Memória Unicamp e do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Continuada (Gepoc) da FE.

Publicação
Tese: “Ocupação e práticas de memória. O ensino de História e da educação das sensibilidades”
Autora: Adriana Carvalho Koyama
Orientadora: Maria Carolina Boviato Galvani
Unidade: Faculdade de Educação (FE)

Novembro de 2014 Faculdade de Educação promove evento que discute **Base Nacional Comum Curricular do Ensino Médio**. Trata-se de um ciclo de palestras que compõe série sobre o Ensino Médio organizada ao longo de todo o ano pela Faculdade. Na foto, especialistas envolvidos na organização do evento sobre a Base Nacional Curricular.

Fonte: Acervo Histórico do Arquivo Central da Unicamp – SIARQ



Profa. Dra. Dirce Zan (camiseta branca) e Profa. Dra. Nora Krawczyk (blusa estampada), dentre outros participantes do evento

Foto: Antoninho Perri

2015 Unicamp sedia a quinta edição do **Seminário de Educação Brasileira**, com o tema “Mudanças atuais na sociedade brasileira e o sistema nacional de educação”. Na foto, Profa. Dra. Ivany Pino, presidente do Centro de Estudos Educação e Sociedade (CEDES).

Fonte: Acervo Histórico do Arquivo Central da Unicamp – SIARQ



Profa. Dra. Ivany Pino

Foto: Antoninho Perri

2016 Nova diretoria da FE. A Profa. Dra. Dirce Djanira Pacheco e Zan, é eleita Diretora da Faculdade de Educação para a gestão de 2016 a 2020, juntamente com a Diretora Associada Profa. Dra. Débora Mazza.



Débora Mazza e Dirce Pacheco e Zan

Fonte: Faculdade de Educação – FE

30 de outubro de 2017 Faculdade de Educação comemora seus 45 anos de fundação (clique [aqui](#) para ver as fotos).



Selo comemorativo 45 anos FE



Débora Mazza e Dirce Pacheco e Zan



Nora Krawzick, Débora Mazza e Adriana Varani

Fonte: Faculdade de Educação – FE

12 de dezembro de 2018 VI Seminário da Educação Brasileira.

Seminário debate os rumos da educação brasileira, realizado pelo CEDES em parceria com a Faculdade de Educação da Unicamp nos dias 10, 11 e 12 de dezembro. Na ocasião, a cerimônia homenageou os 40 anos da Revista Educação & Sociedade, publicação mais importante da área, e os professores Ivany Pino e Pedro Goergen (para saber mais clique <aqui>).



Pedro Goergen, professor do FE e coordenador do evento



Convidados, Ivany e Pedro ao centro da mesa



Dirce Zan, diretora da Faculdade de Educação. À esquerda, vereador Thiago Ferrari. À direita, Antonio Carlos de Amorim, Pedro Goergen

Fotos: Antonio Jose Scarpinetti
Edição de imagem: Paulo José Cavalheri

Fonte: www.unicamp.br/unicamp/noticias

Década de 2020



2020 Direção Atual da FE - O Prof. Dr. Renê José Trentin Silveira, eleito Diretor da Faculdade de Educação para o quadriênio 2020 a 2024, juntamente com o Diretor Associado Prof. Dr. Alexandro Henrique Paixão. (Clique [<aqui>](#) ou [<aqui>](#) para visualizar a cerimônia virtual de posse, ocorrida durante a pandemia da Covid-19, em 30 de junho de 2020).

Fonte: Faculdade de Educação – FE



Renê Silveira



Alexandro Paixão

14 de outubro de 2022 Faculdade de Educação comemora seus 50 anos de fundação. Evento realizado no Ginásio de Esportes da Unicamp e na Faculdade de Educação. As comemorações continuarão durante o primeiro semestre de 2023 com diversas atividades. (Clique [<aqui>](#), [<aqui>](#) e [<aqui>](#) para saber mais).



Selo comemorativo dos 50 anos da Faculdade de Educação da Unicamp
Wilson Florio e Ana Maria Tagliari Florio



Mesa solene composta por professores convidados e atual diretor da FE, no Centro de Convenções da Unicamp, na **Abertura das Comemorações dos “50 anos FE”**, em 14 de outubro de 2022. Da esquerda para direita estão: Sr. Luiz Carlos Fernandes Junior (Coordenador do GGBS); Prof. Dr. Arnaldo Pinto Jr (Coordenador do EA2 e representando o Pró-Reitor de Graduação Prof. Dr. Ivan F. Toro); Profa Dra. Raquel Meneghel (Pró-Reitora de Pós-Graduação); Prof. Dr. Antonio José de Almeida Meirelles (Reitor da Unicamp); Prof. Dr. João Marcos Travassos Romano (Pró-Reitor de Pesquisa); Prof. Dr. Fernando Santos Coelho (Pró-Reitor de Extensão e Cultura) e Prof. Dr. René José Trentin Silveira (Diretor da FE).



Mesa composta por ex-diretores e diretores atuais da Faculdade de Educação, no Salão Nobre da FE em **comemoração aos “50 anos FE”**, em 14 de outubro de 2022. Da esquerda para a direita estão: Prof. Dr. Alexandro Henrique Paixão e Prof. Dr. René José Trentin Silveira (diretores atuais); Profa. Dra. Ana Luiza Bustamante Smolka; Prof. Dr. Luiz Carlos de Freitas; Prof. Dr. Pedro Laudinor Goergen; Prof. Dr. Eduardo Oscar de Campos Chaves; Prof. Dr. Antonio Muniz de Rezende; Profa. Dra. Dirce Pacheco e Zan; Profa. Dra. Débora Mazza; Profa. Dra. Águeda B. Bitencourt; Prof. Dr. Jorge Megid Neto e Profa. Dra. Márcia Regina Strazzacappa.

Fotos: Gabriela Vignola e Gabrielle Melo

Fonte: Faculdade de Educação – FE

31 de maio de 2023 Abertura da exposição **FE/UNICAMP 50 ANOS: memórias e histórias de formação** realizada pelo Centro de Memória da Educação da Faculdade de Educação da Unicamp - CME/FE.



EXPOSIÇÃO
FE/Unicamp 50 anos:
memórias e histórias de formação

Biblioteca da FE "Prof. Joel Martins"
31/05 a 30/06/2023

Visita guiada dia 13/06 às 14hs

EQUIPE ORGANIZADORA

Curadores:
Inês Ferreira de Souza Bragança
Adriana Varani
André Luiz Paulilo
Maria Alice Giannoni
Simone Lucas Gonçalves de Oliveira
Roberta Rabello Fiolo Pozzuto
Juliana Marques Lourenço

Apoio executivo:
Aline Bilharinho
Eduarda Iris Guedes Ferreira
Julia Muniz Moreira
Luis Gustavo Inacio de Jesus
Ubirajara Rodrigues

Realização:
CME - Centro de Memória da Educação (FE/Unicamp)
Biblioteca Prof. Joel Martins
Secretaria de Publicações

Apoio:
LABACES - Laboratório de Acessibilidade da Unicamp





A Faculdade de Educação

Cinquentenário da FE/UNICAMP, tempo de celebrar a trajetória de luta pela educação pública e pela formação de professores, em tantos e múltiplos movimentos de ensino, pesquisa e extensão.

O Centro de Memória da Educação (CME), por meio do seu Conselho Científico, juntamente com a Biblioteca, o Setor de Publicações e o Setor de Eventos apresentam a exposição FE/UNICAMP 50 anos: memórias e histórias de formação.

Além de uma seleção de documentos e de uma mostra de cada um dos fundos do CME - Malba Tahan (MT), Congresso de Leitura do Brasil (COLE) e Revista Brasileira de História da Educação (RBHE) - fazemos um chamamento à comunidade da FE a participar, contando, por meio de seus acervos pessoais, histórias coletivas.



Fundos do CME

Malba Tahan

Contém o arquivo pessoal do matemático e escritor Julio César de Mello e Souza e conta a trajetória biográfica do mais célebre escritor de contos árabes e professor de matemática do Brasil, assim como a história da misteriosa criação de seu personagem Malba Tahan.

COLE

Abrange o fundo do Congresso de Leitura do Brasil (COLE), doado pela Associação de Leitura do Brasil (ALB) em 2017, reúne diversos tipos de documentos como vídeos, áudios, fotografias, textos, notícias, catálogos e outros, somando mais de 4 mil itens.

RBHE

Integra a Revista Brasileira de História da Educação (RBHE), publicação oficial da Sociedade Brasileira de História da Educação (SBHE). A primeira edição foi em 2001 e, a partir de 2018, a Revista alterou seu projeto editorial, tornando-se exclusivamente digital.

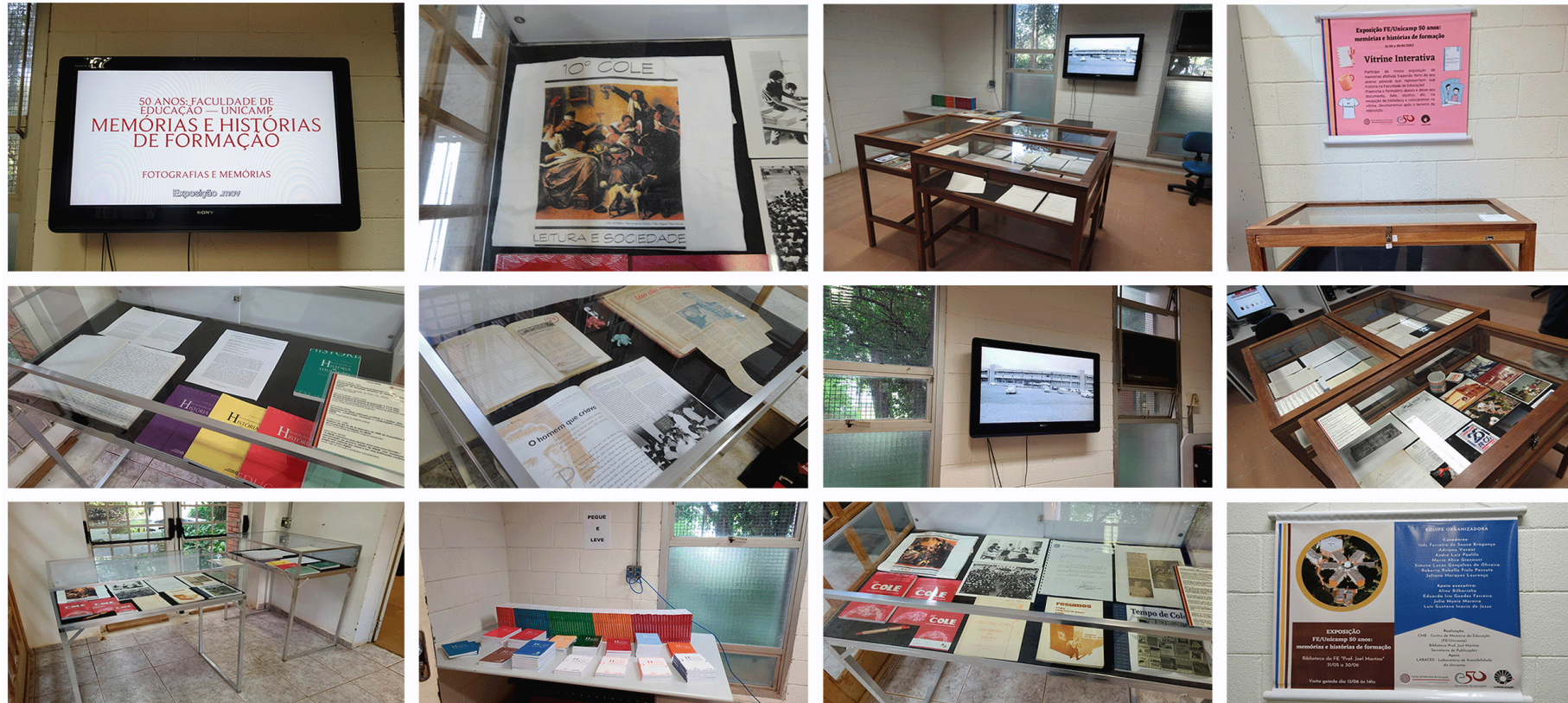
Para mais informações acesse nosso site:
cmfeunicamp.wordpress.com





Folder da exposição FE/UNICAMP 50 ANOS: memórias e histórias de formação

Fonte: Centro de Memória da Educação - CME/FE
Site: <https://cmfeunicamp.wordpress.com/publications/>



Fotos da exposição FE/UNICAMP 50 ANOS: memórias e histórias de formação

Fonte: Centro de Memória da Educação CME/FE

EXPOSIÇÃO COMEMORATIVA

FE/UNICAMP 50 ANOS: memórias e histórias de formação

31 de maio a 30 de junho de 2023

Horário: 08h30 às 22h30

Local: Biblioteca "Prof. Joel Martins"

Visite guiado dia 13/06 às 14hs

Cinquentenário da FE/UNICAMP, tempo de celebrar a trajetória de luta pela educação pública e pela formação de professores, em tantos e múltiplos movimentos de ensino, pesquisa e extensão.

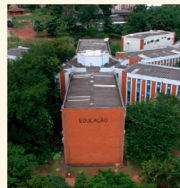
O Centro de Memória da Educação (CME), por meio do seu Conselho Científico, juntamente com a Biblioteca, o Setor de Publicações e o Setor de Eventos apresentam a exposição FE/UNICAMP 50 anos: memórias e histórias de formação.

Além de uma seleção de documentos e de uma mostra de cada um dos fundos do CME - Malba Tahan (MT), Congresso de Leitura do Brasil (COLE) e Revista Brasileira de História da Educação (RBHE) - fazemos um chamamento à comunidade da FE a participar, contando, por meio de seu acervo pessoal, histórias coletivas.

Profª Drª Inês Ferreira de Souza Bragança
Profª Drª Adriana Varani



Memórias da Faculdade de Educação da Unicamp



"...um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que um acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo que veio antes e depois..." (BENJAMIN, 1993, p. 37)

Apresentamos documentos que foram armazenados no antigo Arquivo Setorial (ASFE), cuidadosamente tratados e preservados pelas funcionárias Maria Alice Giannoni e Sônia Campos. Nestas vitrines temos apenas uma pequena mostra de um conjunto arquivístico riquíssimo produzido pela unidade e que representa parte de sua história institucional.

Aguardem o lançamento do BOLETIM DO CENTRO DE MEMÓRIA DA EDUCAÇÃO - Edição Especial Cinquentenário da Faculdade de Educação (1972-2022) com textos, documentos e imagens sobre a história da FE.

Itens da Vitrine 1

RELATÓRIO - 1974
"Organização e Atividades da Faculdade Distância - Pesquisa - Administração" da FE/Unicamp, referente ao ano letivo de 1974. Rubricado pelo Prof. Dr. Marconi Freire Montezuma. (24 págs.)
Fonte: FE/Unicamp (original)

RELATÓRIO - 1978
Relatório de atividades do Departamento de Psicologia Educacional da FE/Unicamp, referente ao ano de 1978. Assinado pelo Prof. Dr. Sérgio Goldberg. (15 págs.)
Fonte: FE/Unicamp (original)

RELATÓRIO - 1982
Relatório de atividades do Departamento de Filosofia e História da Educação da FE/Unicamp, referente ao ano de 1982. (4 págs.)
Fonte: FE/Unicamp (original)

RELATÓRIO - 1985
Relatório do Departamento de Administração e Supervisão Educacional da FE/Unicamp, referente ao ano de 1985. Assinado pelo Diretor do Depto. Prof. Dr. Charles Richard Lyndaker em 02 de Dezembro de 1985. (17 págs.)
Fonte: FE/Unicamp (original)

RELATÓRIO - 1988
Relatório Geral de Atividades do Departamento de Ciências Sociais Aplicadas à Educação da Faculdade de Educação da Unicamp, referente ao ano de 1988. Assinado pelo Diretor do Depto. Profª Dr. Liliana Noffzen Petrucci Seghini. (33 págs.)
Fonte: FE/Unicamp (original)

LIVRO ATA - 1980
Registro de ata, de 30 de Outubro de 1980 a 06 de Março de 1982, das reuniões do Departamento de Metodologia de Ensino da FE/Unicamp.
Fonte: FE/Unicamp (original manuscrito)

Itens da Vitrine 2

VESTIBULAR - 1974
Concurso Vestibular para o Curso de Pedagogia - Orientações ao candidato: "MAIS UM CURSO DE PEDAGOGIA? PARA QUE?"
Fonte: Unicamp - Arquivo Central/SIARQ (cópia)

BOLETIM - 1981
Boletim de Educação sobre a Assembleia Geral Extraordinária de 21 de Outubro de 1981.
Fonte: Unicamp - Arquivo Central/SIARQ (cópia 1/1)

SOLICITAÇÃO - 1987
Solicitação enviada em 20 de Setembro de 1987 pelos alunos do IEE "Carlos Gomes" de Campinas ao Vereador Lindenberg da Silva Pereira em apoio ao abate-acusado pela criação da Faculdade de Educação na Unicamp.
Fonte: Unicamp - Arquivo Central/SIARQ (cópia)

CADERNO Nº 1 - 1992
"Caderno Laboratório" de janeiro de 1992 contendo objetivos e normas para utilização das laboratórias da FE/Unicamp. Direção associada Prof. Dr. José Luis Santelme.
Fonte: FE/Unicamp (original)

CADERNO Nº 6 - 1992
"Caderno Auto-avaliação da Unidade" - FE/Unicamp - 20 anos. Diretor da FE Prof. Dr. José Luis Santelme.
Fonte: FE/Unicamp (original)

ATA - 1985
Ata de 04 de março de 1985 da 1ª reunião da Congregação da Faculdade de Educação, após ser declarada oficialmente instalada.
Fonte: FE/Unicamp (cópia)

REPORTAGEM - 1982
"Após os mais votados", publicada no jornal Correio Popular em 24 de outubro de 1982 sobre os resultados das eleições diretas para a lista suplente.
Fonte: Unicamp - Arquivo Central/SIARQ (cópia)

RELATÓRIO - 1974
Relatório de 15 de Fevereiro de 1974 do primeiro concurso vestibular do Curso de Pedagogia da Unicamp, assinado pelo responsável pela Direção Prof. Dr. Marconi Freire Montezuma.
Fonte: FE/Unicamp (original)



Malba Tahan - Prof. Julio Cesar de Mello e Souza Acervo do CME



O acervo do Malba Tahan foi o primeiro a ser acolhido pelo CME.

Em 2008 foram iniciadas tratativas entre o Instituto Malba Tahan, a Prefeitura de Queluz e a Unicamp, para a transferência do acervo para o Centro de Memória da Educação da Faculdade de Educação/Unicamp. [...]

Uma vez na Unicamp, os documentos foram alocados no Centro de Memória da Educação da Faculdade de Educação (CME/FE), que os mantém sob sua custódia.

Quase toda a documentação foi analisada, classificada e está disponível para pesquisas. Algumas dissertações e teses foram produzidas, mas, com certeza, muito ainda será revelado por meio de futuras pesquisas, pois o acervo é imenso e diversificado.

Assim como Malba Tahan se tornou um marco histórico no ensino da Matemática, o inestimável valor do Acervo Malba Tahan tornou a Faculdade de Educação/Unicamp e seu Centro de Memória da Educação um ponto de referência singular de uma importante página da história da Educação Matemática brasileira.

Prof. Dr. Sérgio Aparecido Lorenzato



Segundo diferentes relatos, o menino Julinho, como era chamado, era uma criança de muita vitalidade e imaginação. Inventivo e travesso, seu brinquedo preferido eram os sapos do quintal e da beira do Rio Paraíba. Aos sapos mais bonitos dava nomes solenes de "Monsenhô" e "Imbatissímo Senhôr". Pequeninô, brincava de dar aula a uma turma de sapos e de combaterlos com uma varinha. A lembrança da alegria com os sapos de sua infância tornou-se cêfêbe. Quando adulto, muitos amigos e admiradores passaram a presentear-lo com réplicas de sapos em louça, madeira, ferro, jade e cristal. Certa vez, perguntaram ao ilustre professor Mello e Souza, porque ele gostava tanto dos sapos. Omitindo sua diversão de criança, respondeu: "Gosto dos sapos porque são discretos e bondosos. Por de trás daquela feia caranica, daquele corpo frio e repelente, são criaturas verdadeiramente úteis e inteligentes".

Fonte: <https://malbatahan.com.br/biografias/1895-1906/>

Vitrine 1

COLEÇÃO

Sapos coloridos em louça colecionados pelo Prof. Julio Cesar de Mello e Souza (Malba Tahan)
Fonte: Fundo Malba Tahan do CME/FE (original)

Itens da Vitrine 2

ÁLBUM DE RECORTES - 1963
Coluna de jornal "Matemática divertida e pitoresca" - Malba Tahan: A numeração dos Carajás" de 24 de Julho de 1963.
Fonte: Fundo Malba Tahan do CME/FE (original)

REVISTA - 2012

Artigo da Revista de História da Biblioteca Nacional: "O homem que criava", escrito por André de Faria Pereira Neto e Pedro Paulo Salles, publicado em Setembro de 2012, p. 66.
Fonte: Fundo Malba Tahan do CME/FE (original)

CADERNO DE ARQUIVO GERAL - 1940 a 1941
Artigo do Jornal Gazeta Magazine: "Um dia com Malba Tahan", escrito por Silveira Peixoto, publicado em 09 de Novembro de 1941, p. 03.
Fonte: Fundo Malba Tahan do CME/FE (original)



Cartazes da Exposição

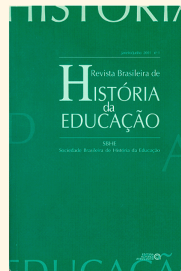
Fonte: Centro de Memória da Educação CME/FE

Revista Brasileira de História da Educação - RBHE Acervo do CME

O segundo acervo recebido e organizado no Centro de Memória da Educação foi o fundo de documentos da Revista Brasileira de História da Educação (RBHE). Em novembro de 2012, a Profa. Dra. Heloisa Helena Pimenta Rocha, então Presidente da Comissão Editorial e Editora Chefe da RBHE, apresentou Plano de Trabalho a fim de construir e organizar arquivos documentais produzidos pela citada revista, publicação oficial da Sociedade Brasileira de História da Educação (SBHE). Na ocasião, a RBHE, sua secretaria editorial e uma grande quantidade de documentos pertencentes à Revista, desde sua criação em 2001, estavam alocados na secretaria da Revista cuja sede era a Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas. O Plano foi submetido e aprovado pela então Diretora da SBHE e em 2013 iniciaram-se os trabalhos. [...]

Em 2015 o acervo foi transferido para o Centro de Memória da Educação. Nessa etapa os documentos foram arranjados, classificados, higienizados e acondicionados.

Prof. Dr. André Luiz Paulilo



Primeira Edição da RBHE de 2001



Itens da Vitrine

REVISTA RBHE - 2001
Revista Brasileira de História da Educação nº 1, 2001
Publicação da Sociedade Brasileira de História da Educação (SBHE)
Fonte: Exemplar particular da Profa. Dra. Heloisa Pimenta Rocha da FE/Unicamp (original)

REVISTA RBHE - 2003 e 2004
Revista Brasileira de História da Educação nº 5 e 6, 2003
Revista Brasileira de História da Educação nº 7 e 8, 2004
Publicação da Sociedade Brasileira de História da Educação (SBHE)
Fonte: Fundo RBHE do CME/FE (original)

EDITORIAL [2001]
Da Diretoria da SBHE, publicado na RBHE nº 1 (jan./jun. 2001)
Objetivos, composição, formação e colaborações referentes à RBHE
Fonte: Fundo RBHE do CME/FE (cópia)

LIVRO ATA - 1999
Registro de ata de 28 de Setembro de 1999 da Assembleia Geral da constituição e fundação da SBHE
Fonte: Fundo RBHE do CME/FE (original manuscrito)

EDITORIAL [2018]
"A RBHE comemora seus dezesseis anos com novo formato."
Apresentação da primeira edição da RBHE com mudanças em seu projeto editorial que passa a ser uma publicação contínua de artigos por meio digital.
Fonte: <http://dx.doi.org/10.4025/rbhe.v18i2018.011>



Congresso de Leitura do Brasil - COLE Acervo do CME



O acervo do Congresso de Leitura do Brasil foi o terceiro a ser acolhido pelo CME e inclui documentos do 1º ao 20º COLE. [...] Em novembro de 2017, a Associação de Leitura do Brasil (ALB) doou oficialmente ao CME a massa documental referente ao Congresso de Leitura do Brasil - Cole, uma de suas principais ações em favor da leitura e de sua democratização no Brasil. Eram cerca de 3500 documentos de variados tipos (fotos, ofícios, boletins, cartazes, registros sonoros, camisetas, material promocional, pastas para os congressistas, e muitos outros), gerados por ocasião da realização de cada edição do evento, iniciado em 1978 e atualmente em sua 23ª edição.

Prof. Dra. Lillian Lopes Martin da Silva



Itens da Vitrine

CAMISETA - 1º COLE - 1978
Camiseta distribuída no 1º COLE, realizado no período de 17 a 21 de junho de 1978.
Fonte: Fundo COLE do CME/FE (original)

FOTOGRAFIA - 1º COLE - 1978 (18x24cm - a/v)
Equipe de organização no preparo de material para distribuição aos congressistas. O Congresso foi realizado em Campinas, entre os dias 17 e 21 de setembro de 1978. De esquerda para a direita e de frente, estão os professores Guilherme de Sá Teófilo (FE), Ezequiel Theodoro da Silva (FE), João Wanderley Duarte (FE), Ricardo Sáenz Fiala (FE) e Ana Lúcia Simões (FE). De costas, está Mabel Servadei (Instituto Municipal de Campinas - IMC) e outra pessoa não identificada.
Fonte: Fundo COLE do CME/FE (original)

FOTOGRAFIA - 1º COLE - 1978 (18x24cm - a/v)
Vista da plateia no grande auditório da Unicamp, durante o 1º COLE realizado entre 22 e 28 de Junho de 1978.
Patrocinada pelo Centro Universitário Franciscano, Ampa e Empreendimentos (FAE).
Fonte: Fundo COLE do CME/FE (original)

OFÍCIO - 1978
Ofício de 12 de Abril de 1978 da Prefeitura Municipal de Campinas comunicado ao Prof. Antonio Muniz de Razzano, diretor da Faculdade de Educação da Unicamp, que o Projeto "Festa do Livro", elaborado pelo Prof. Ezequiel Theodoro da Silva foi aceito pela Secretaria Municipal de Campinas. Assinado pelo então, Secretário de OCP, José Roberto Magalhães Teixeira.
Fonte: Fundo COLE do CME/FE (original)

REPORTAGEM - 3º COLE - 1981
"Associação Nacional de Incentivo à Leitura, 4.º plano", publicada no jornal Correio Popular de Campinas em 14 de novembro de 1981 sobre o 3º COLE.
Fonte: Fundo COLE do CME/FE (original)

PROGRAMAÇÃO - 20º COLE - 2016
Programação e caderno de resumos do 20º COLE "nas dobras do Gênesis"
Acompanha portfólio, vista e conteúdo distribuídos no evento
Fonte: Fundo COLE do CME/FE (original)

PROGRAMAÇÃO GERAL - 1º COLE - 1978
Caderno de Programação Geral da Festa do Livro, 1º Congresso de Leitura (COLE) e Conferências para Bibliotecários (1º COB) realizado entre 18 e 24 de Setembro de 1978.
Fonte: Fundo COLE do CME/FE (original)

CADEIRO DE RESUMOS - 1º COLE - 1978
Caderno de resumos do 1º Congresso de Leitura (COLE) e Conferências para Bibliotecários (1º COB) realizado entre 18 e 24 de Setembro de 1978.
Fonte: Fundo COLE do CME/FE (original)

LIVRO Tempo de Cole - 2014
Informações gerais, fotos, cartazes e trechos dos cadernos de resumos do 1º ao 19º COLE (1978 a 2014).
Projeto "ALB: memória" Grupo de pesquisa "Militância, Leitura e Escrita" (ALB) - FE/Unicamp.
Fonte: Fundo COLE do CME/FE (original)



FE/UNICAMP 50 anos: memórias afetivas

Além de ser referência em ações de ensino, pesquisa e extensão, desde 1972, a FE é também lugar de encontros, conversações, amizades, deslocamentos, (trans)formações...

A vitrine memórias afetivas que compõe a exposição FE/UNICAMP 50 anos: memórias e histórias de formação é aberta e, como produção coletiva, vai se fazendo aos poucos... Venha compartilhar narrativas que dizem de nossas itinerâncias, levando ao Centro de Memória da Educação algum dos seus guardados pessoais que contam histórias da FE.

Prof.ª Dra. Inês Ferreira de Souza Bragança
Prof.ª Dr.ª Adriana Varani

Itens da Vitrine

TRANSPARENCIA (20x20cm - a/v)
Transparência colada em uma pasta pelo Prof.ª Dr.ª Maristela Machado de Oliveira Junior, Quadrinho de Lata Pretas de Tênis de Cartolina Leerte, publicado no Furo de São Paulo em 28 de Novembro de 1984.
Fonte: Prof.ª Dr.ª Maristela Machado de Oliveira Junior do DepoFE

HEMIFRUTO - 1989
Proposta de Oficina para o Centro Acadêmico (CAP) da Faculdade de Educação da Unicamp para a gestão do FURB.
Fonte: Prof.ª Dr.ª Ana Lúcia Gusões Pinto do DepoFE

FOTOGRAFIA - 1972 e atual (15,5x20cm - colorida)
Programa da Faculdade de Educação em sua sede no Cota Bólido e atualmente, desde 1986, em seu prédio próprio localizado no Rua Bertoldo Russow 887 - Cidade Universitária.
Fonte: FE/Unicamp

FOTOGRAFIA - 1972 (12,5x18cm - colorida)
Sala da Secretaria de Ciências da Pedagogia
Fonte: FE/Unicamp

CURRÍCULO DE FICHAZINHA - 1976
Currículo de disciplina oferecida pelo Prof.ª Dr.ª Corine Derardi "Construção de um caminho de ensino-aprendizagem do conhecimento" - 12ª edição.
Fonte: Arquivo pessoal do Prof.ª Dr.ª Adriana Varani

FICHA DE BIBLIOTECA - 1992
Cartão de ficha de Biblioteca da Faculdade de Educação da Prof.ª Dr.ª Adriana Varani em sua época de graduação.
Fonte: Arquivo pessoal do Prof.ª Dr.ª Adriana Varani

CARTÃO - 1998
Identidade Nacional de Professora Associada da FE do Prof.ª Dr.ª Ana Lúcia Gusões Pinto
Fonte: Prof.ª Dr.ª Ana Lúcia Gusões Pinto do DepoFE

FOTOGRAFIA - 1991
Atividade de comemoração dos 20 anos de Unicamp
Fonte: Prof.ª Dr.ª Ana Lúcia Gusões Pinto do DepoFE

FOTOGRAFIA - 2022 (14x14cm - colorida)
FICHA de ficha de Biblioteca de Biblioteca, 17 de novembro de 2022. Já 1986, sala do período noturno, existe uma pessoa na fotografia, não reconhecida, que está fazendo o telefonema.
Fonte: Cópia manuscrita - livro de publicação de publicação

FOTOGRAFIA - 1984 (12,4x19cm - colorida)
Imagem "X" que surgiu após a exposição realizada pelo Prof.ª Corine Derardi, gerando debates de visões de classificações e muitas associações de trabalhos.
Fonte: Prof.ª Dr.ª Ana Lúcia Gusões Pinto do DepoFE

FOTOGRAFIA - 1984 (12,4x19cm - colorida)
Dispositivo de Viduete entre alunos e professores, na foto podemos ver os professores Pedro Bergam, Sérgio Strohberg e Valério. Momento de interação entre docentes, alunos e funcionários.
Fonte: Prof.ª Dr.ª Ana Lúcia Gusões Pinto do DepoFE

CANICA - 2017
Proposta da FE em homenagem aos novos docentes e funcionários ingressos em 2017. Acompanha cartão personalizado de recepção.
Fonte: Arquivo pessoal do Prof.ª Dr.ª Corine Derardi, Faculdade de Souza Bragança

BONICA ABAVON - 2016
Conferência em vídeo realizada pelo Prof.ª Inês Bragança, com temas de ensino.
Fonte: Arquivo pessoal do Prof.ª Dr.ª Corine Derardi, Faculdade de Souza Bragança



Foto diversas de eventos da FE



Cartazes da Exposição

Fonte: Centro de Memória da Educação CME/FE

30 de junho de 2023 Ao término das comemorações dos 50 anos da Faculdade de Educação da Unicamp, o **Grupo de Pesquisa Pensamento e Linguagem (GPPL)** da FE realizou uma **homenagem à Professora Dra. Gilberta Sampaio De Martino Jannuzzi**, que foi docente nesta casa, no Departamento de Filosofia e História da Educação, nas décadas de 1980-90 e veio a falecer em fevereiro de 2023, aos 94 anos de idade. Professora, pesquisadora, historiadora, educadora, a Profa. Gilberta foi pioneira nos estudos da História da Educação Especial no Brasil, trazendo uma inestimável contribuição às investigações e formas de atuação no campo. A Homenagem reuniu amigos da “velha guarda”, ex-alunos, colegas de trabalho e companheiras de labuta, cujos relatos e depoimentos colocaram em perspectiva o legado que a Professora Gilberta nos deixou, fazendo ecoar sua voz insistente e persistente sobre a “paciência histórica”, o “viável histórico”, as condições e as possibilidades de transformação, propiciando, assim, elementos para projetarmos o futuro. O encontro teve um caráter de celebração da vida e rememoração festiva, no qual pudemos brindar a incansável luta da Professora Gilberta pela educação de qualidade para todos. Seu trabalho deixou marcas importantes, tanto para a formação de professores quanto para a atuação pedagógica com todas e cada criança. Na vivência da

rememoração conjunta, fomos contando histórias. E nas histórias narradas de tantos pontos de vista, puxamos mais um fio na tecitura da História da FE Unicamp.



Na foto: Ana Luiza (FE Unicamp), Renê (FE Unicamp), Dermeval (FE Unicamp), Enicéia Mendes (UFSCar), Décio Guimarães (IFF) (esses dois atualmente no MEC) e Gilberto Jannuzzi (filho).

Realização: GPPL - Grupo de Pesquisa Pensamento e Linguagem – FE
Fonte: Profa. Dra. Ana Luiza Bustamante Smolka – FE

Foto: Gabrielle Melo da Silva

O educador Paulo Freire

CEM ANOS DE PAULO FREIRE - FE/UNICAMP

Prof. Dr. Antônio Muniz de Rezende
Ex-Diretor da Faculdade de Educação da Unicamp
(Gestão 1976 – 1980)

Cem anos de Paulo Freire: em diálogo com Renê e Alexandro, na FE - UNICAMP

Renê e Alexandro, bastante sensibilizado, quero, desde logo, agradecer o convite que me fizeram para participar desse encontro em que a Faculdade de Educação comemora o centenário de Paulo Freire. Aliás, vou começar chamando a atenção para os termos em que o Renê abriu os trabalhos, falando de um CÍRCULO DE *CULTURA*. Também eu gostaria de comentar agora o tema da *CULTURA*, do ponto de vista de Paulo Freire.

Evidentemente, meu enfoque inicial situa-se um pouco distante, cronologicamente, uma vez que fui diretor da

Faculdade de Educação nos anos de 76 a 80. De lá para cá, são decorridas quatro décadas, durante as quais muita coisa relevante aconteceu tanto na Faculdade de Educação como no País e no mundo.

“Na história da cultura brasileira”

Outro aspecto importante que quero valorizar desde logo é a influência que Paulo Freire teve em nossa Faculdade, no mesmo ambiente em que eu mesmo tentei trabalhar como professor e diretor. E vou exagerar um pouco do ponto de vista histórico: cheguei à Faculdade de Educação em 1975, vindo do Canadá Francês. E lá, no Quebec, tinha havido uma revolução que ficou conhecida como REVOLUÇÃO TRANQUILA. Esta expressão não deixava de ser uma referência ao que tinha acontecido também na França com o nome de REVOLUÇÃO CULTURAL. Revolução **tranquila** no Quebec, revolução **cultural** na França. Mas no Brasil... foi uma REVOLUÇÃO MILITAR.

Este foi o contexto sociocultural em que, também nós, da Faculdade de Educação da Unicamp entramos em contato com

Paulo Freire. Eu ainda era diretor quando tivemos a oportunidade de fazer-lhe um primeiro convite para que viesse trabalhar conosco. E o contexto local foi mais ou menos o seguinte: quando fui eleito diretor, o Reitor Prof. Zeferino Vaz me chamou e disse: “Rezende, será que a Faculdade de Educação poderá manter o mesmo nível qualitativo do Instituto de Física?”. Eu não deixei de ficar um pouco incomodado e perguntei em que sentido. E o Zeferino continuou desafiadoramente: “No Instituto de Física da Unicamp nós contamos com a colaboração de Cesar Lattes, reconhecidamente um dos melhores físicos do mundo. E na Faculdade de Educação ... como é que vai ser?”. Foi então que pensei comigo mesmo: nós poderíamos contratar Paulo Freire, um dos

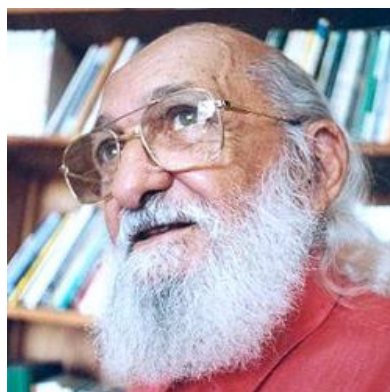


Paulo Freire

melhores educadores em nosso país, reconhecido também em outros países por esse mundo afora. Cesar Lattes na física, Paulo Freire na educação! E fizemos um primeiro convite. Esta é uma primeira lembrança que tenho e queria compartilhar com vocês.



Fotos do Arquivo do Jornal Correio Popular de Campinas.
Pesquisa CME/FE (2022)



Fonte da imagem: Cátedra Paulo Freire

O LEGADO DE ELZA FREIRE

Pesquisa mostra contribuição da educadora para teorias formuladas por Paulo Freire. Profa. Nima Imaculada Spigolon, autora da pesquisa “Elza é o meu projeto de vida no âmbito acadêmico (clique <aqui> para saber mais).



A educadora Nima Imaculada Spigolon



O casal Elza e Paulo Freire

Fonte: Jornal da Unicamp, JU, 13/07 a 02/08/2009

**CENTRO DE
MEMÓRIA DA
EDUCAÇÃO**

3

Sobre o CME

CENTRO DE MEMÓRIA DA EDUCAÇÃO, UM DEPOIMENTO

Profa. Dra. Agueda Bernardete Bittencourt

Docente e ex-diretora da Faculdade de Educação da Unicamp
(Gestão 2000-2004)

Como surgiu em 2000 e de onde veio a ideia do Centro de Memória da Educação? As ideias estão no mundo, só temos que ter olhos para ver e atenção para reconhecer.

Naqueles idos de 2000, tendo chegado de um período de estudos fora do País - com tempo para ver, ouvir, perguntar e opinar – vi-me, com o colega Jorge Megid, diante do desafio de preparar um programa para a Direção da Faculdade de Educação, gestão 2000/2004. Eu havia estudado sobre a necessidade de produzir, arquivar e preservar documentos históricos; tinha acompanhado um grupo de pesquisa sobre História do Tempo Presente onde se discutia, se ouvia e

gravava depoimentos de sobreviventes de campo de concentração nazistas. Lá também um outro grupo estava ocupado da produção de documentos para os pesquisadores do futuro. Esse grupo experimentava gerar documentos por meio de entrevistas a ex-dirigentes da educação nacional. Essas experiências me inspiravam.

Quando escrevemos a Carta Programa, há não sei quantas mãos, nos servíamos dos saberes e curiosidades de todos, éramos um grande grupo. Foi um período muito especial da minha vida profissional. Eu não sabia o quanto eu desconhecia a Faculdade de Educação.

O primeiro momento foi destinado a ouvir todos os segmentos da comunidade: professores, estudantes, funcionários. Aí encontramos muitas queixas, e outras tantas propostas. A confiança, assim como a desconfiança permeavam esses encontros. Ao final dessa primeira etapa, com mais conhecimento desse espaço de trabalho, nos reunimos em um pequeno comitê para redigir a Carta Programa, para a qual o ponto de partida acordado foi: *Articular a participação de docentes*

e estudantes nos movimentos que traçam os rumos da história e da política da educação brasileira contemporânea.

Tomamos como objeto de pensamento e análise os nossos espaços de atuação e onde se deveria aportar mais esforços para alcançar um melhor desempenho tanto no campo da educação como para a sociedade em geral. Elegemos cinco novos projetos com a finalidade de expandir ou aprofundar a atuação da Faculdade de Educação, projetos esses articulados às finalidades tradicionais da universidade: ensino, pesquisa e extensão. É aqui que entra a criação do Centro de Memória da Educação, um espaço de pesquisa para a pesquisa, como também para o ensino e a extensão. Implementá-lo exigiu aprender e criar metodologias de recepção, formação e conservação de acervos de interesse da área.

Para coordenar e estruturar o novo centro não bastava: uma ideia, vontade política para tratar o assunto e algumas salas com mobiliário apropriado, era necessário contar com docentes do campo da História que detivessem o conhecimento sobre arquivo, acervo, documentos... Convidamos um grupo

de professoras dessa área que já trabalhavam com História tendo como objeto a Educação e a Escola: Maria do Carmo Martins, Heloisa Pimenta, Maria Carolina Galzzerani e Maria Cristina Menêzes e Ana Almeida que viriam a compor o grupo de trabalho encarregado de elaborar um projeto para o Centro de Memória da Educação.

A partir dessa base, a Direção procurou garantir outros elementos necessários à existência e continuidade do novo órgão: sua institucionalidade, configurada em um Regimento Interno; um lugar no organograma da FE; acervos; estudantes bolsistas e docentes interessados em fazê-lo funcionar.

Eis que entre estudos, cooperação interna e externa à Faculdade, disputas e embates o projeto se institucionalizou e hoje alcança maioria, com autonomia.

O CENTRO DE MEMÓRIA DA EDUCAÇÃO DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO – UNICAMP: UM PROJETO, MUITOS DESAFIOS

Profa. Dra. Maria do Carmo Martins¹

Docente Associada, colaboradora da Faculdade de Educação da Unicamp e ex-coordenadora do CME (Gestões 2001- 2010)

A memória é composta de muitas camadas que se interconectam: existe um aspecto dela que é cumulativo (que armazena fatos), mas ela é também responsável por cimentar os grupos. A memória nos vincula. Ao compartilhar memórias, construímos um bem comum, que nos une. Toda memória, já dizia Maurice Halbwachs, é de algum modo coletiva. Toda memória é vicária, ‘dos outros’, pois somos animais sociais, e nossas memórias nos constituem enquanto tais. Isso tem a ver com o fato de que somos seres políticos, vivemos em sociedade, e as memórias fornecem nossos dados, que estão na base dos pactos morais e dos nossos hábitos.

(SELIGMANN-SILVA, 2022, p. 16).

Por ocasião do quinquagésimo aniversário da Faculdade de Educação da Unicamp me foi solicitado um relato, em formato livre, sobre o período em que coordenei os trabalhos no Comitê Gestor do Centro de Memória da Educação, da Faculdade de Educação- Unicamp.

O período em que estive vinculado a ele (2001 - 2010), havia sido analisado, de modo parcial, em algumas publicações (Martins, Rocha: 2005; Martins: 2006), nas quais refletia sobre os sentidos e os significados de construir um espaço dedicado à memória (e à história) da educação, em meio a tantas outras iniciativas congêneres que ocorriam no Brasil no mesmo período. Ao retomá-las como fontes de consulta e também como gatilhos para minhas lembranças, me dei conta que foram relatos que se inscreveram na busca por uma virada mnemônica ética, como nos alerta o autor inserido na epígrafe do texto, uma agência intelectual e acadêmica que se volta para a reverberação da memória como uma prática política.

¹ Historiadora, com mestrado e doutorado em Educação. Professora Associada, Colaboradora, Faculdade de Educação – Unicamp.

Nos trabalhos, destacava-se a importância e a responsabilidade social das Universidades públicas na salvaguarda dos bens culturais, ao mesmo tempo, enfatizava-se o compromisso de problematizar a construção social e política de uma visão patrimonialista da cultura, com ênfase na materialidade da educação. É justamente com esse compromisso que me reencontro com o CME, após a retomada dos artigos e do Relatório de Gestão, que me permitiram decidir por quais caminhos valeria a pena seguir com vistas a produzir esse relato². Assim, em função da efeméride, me dedico a rememorar, assumindo, portanto, um lugar de testemunha, dedicando-me à narrativa sobre dinâmica de criação do CME e seus primeiros elementos de construção coletiva. Pelas circunstâncias e o fato de relato dever ser breve, procuro não incorrer em um corolário das produções

² Faculdade de Educação – CME – Relatório de Gestão, mimeo, 97 p. Este documento foi entregue à direção da FE em maio de 2010, ocasião na qual eu e a Profa. Dra. Heloisa Helena Pimenta Rocha encerramos nossa participação no Comitê Gestor do CME.

resultantes das distintas ações realizadas, mesmo que, por vezes, tocar nelas seja necessário.

Criado em 2001 como órgão de caráter científico que tinha por objetivos receber, organizar, preservar e disponibilizar fontes que subsidiem a realização de estudos de caráter histórico acerca da educação na região de Campinas e no país, o CME foi concebido concomitantemente ao processo que definiu a organização do Arquivo Setorial da unidade, ambos pensados como espaços de guarda documental mas, também, como lugares voltados à valorização da memória educacional que se avolumava em discussões na comunidade de historiadores da educação à época³. No que tange à organização do CME, o projeto insere-se em um movimento mais amplo, traduzido nas preocupações em relação à preservação do patrimônio histórico educativo, notadamente

³ As atividades do Arquivo Setorial da FE visavam a organização das memórias acadêmicas desta unidade, indo além da proposta do Sistema de Arquivos - SIARQ/UNICAMP, que construiu sua tabela de temporalidade e política de definição dos fundos e coleções a partir de regras administrativas.

de parte dos estudiosos dedicados às instituições escolares, culturas da escola, educação em espaços não-escolares, formação de professores, memórias da escolarização.

Tal criação foi impulsionada também por mudanças que, tanto na FE quanto em outras instâncias da universidade, buscavam incrementar outras/novas ações nos âmbitos da divulgação científica, da extensão universitária e da reorganização institucional de centros e núcleos de pesquisa. O CME foi, portanto, um projeto gestado em dinâmica institucional e científica renovadoras, que também se expressaram no plano de gestão da faculdade, no período em que os diretores da unidade foram a Profa. Dra. Agueda Bernardete Bittencourt e o Prof. Dr. Jorge Megid Neto⁴.

Os movimentos realizados para a criação do CME,

⁴ Como registrado no relatório de gestão, no processo de constituição do CME/FE foi decisivo o diálogo com o Centro de Memória da UNICAMP, que afirmava a existência de um conjunto de documentos que permitiam a constituição de um fundo específico sobre a memória das escolas da região, os quais não cabiam em suas linhas de pesquisa à época. Essencial também foi a emergência de um significativo conjunto de trabalhos sobre as escolas da região de Campinas, que denunciavam as precárias condições em que se encontravam os documentos produzidos nessas instituições,

pautaram-se em assegurar que tal renovação ocorresse como uma prática coletiva, democrática e legitimada nas diferentes instâncias normatizadoras e reguladoras da FE. Nesse contexto, no ano 2000, desencadeou-se um processo de consulta às áreas de pesquisa, por meio do qual se solicitou a manifestação do interesse da comunidade em constituir tal órgão. A partir daí, uma comissão de especialistas foi instalada, com a função de redigir o documento preliminar, que foi denominado *Projeto em construção: Centro de Memória da Educação*⁵. O documento com a proposta foi entregue à direção no mês de janeiro de 2001 e, uma vez que o projeto foi aprovado na congregação da unidade, passou-se ao movimento seguinte, que foi o de nomear seu comitê gestor, asseverando a responsabilidade deste comitê em desenvolver o projeto,

assim como a ausência de políticas de preservação documental e patrimonial das escolas.

⁵ Portaria FE n.03/2000 definiu a comissão formada Profas. Dras. Maria do Carmo Martins (presidente), Ana Maria Fonseca de Almeida, Maria Carolina Bovério Galzerani, que atuaram como autoras do projeto, contando ainda com a colaboração da Profa. Dra. Maria Cristina Menezes e da servidora não docente, Magali Reis.

baseado na caracterização do referido espaço como centro de referência e documentação da educação⁶.

No que se refere à sua configuração como centro de referência, considerou-se que o Centro deveria atuar na parceria de construção de projetos acadêmicos e culturais que contribuíssem para a valorização do patrimônio educativo, fomentando ações voltadas para a memória educacional; mobilizar os pesquisadores para atuarem na construção do CME; articular os objetivos do CME à dinâmica de formação de professores e vincular o Centro de Memória às instâncias dedicadas às políticas de preservação documental em órgãos congêneres já existentes na universidade.

No que tange à segunda dimensão, como centro de documentação, levou-se em conta as possibilidades de atuação na organização de fundos e coleções documentais para a preservação do patrimônio educativo do país, de modo a

assegurar a ampliação dos suportes para a pesquisa no campo educacional, além de incrementar projetos em parceria com outras instituições que possuíssem sob sua guarda fundos documentais. Tal papel incluía ações para a ampla divulgação dos fundos, a participação dos membros do comitê gestor e dos pesquisadores vinculados em eventos acadêmicos voltados para as políticas de arquivos, museus e outros centros de memória que também se consolidavam na época.

Definida, portanto, a sua caracterização, o CME/FE assumiu como objetivos:

- i. Promover e integrar estudos e pesquisas sobre a memória e a história educacional;
- ii. Constituir fundos documentais e constituir projetos para organização, restauro, conservação, indexação e divulgação desses fundos;

⁶ Portaria FE n. 03/2001, que nomeou as Profas. Dras. Maria do Carmo Martins (presidente do Comitê Gestor), Ana Maria Fonseca de Almeida e Heloísa Helena Pimenta Rocha. A Profa. Ana Maria precisou afastar-se do comitê após um ano, mas

ressalta-se aqui sua valiosa colaboração o projeto, tanto em sua escrita, quanto nos primórdios de nossas ações para criar o centro.

- iii. Desenvolver projetos em parcerias com instituições escolares e universitárias, tornando-se um centro de referência para organização, nos locais de origem, de arquivos e coleções de documentos, visando a instrumentalização para o trabalho do pesquisador;
- iv. Propor a celebração de convênios com instituições públicas e privadas, dentro das normas gerais da UNICAMP;
- v. Apoiar nos programas de graduação e pós-graduação, as iniciativas em pesquisa que se desenvolvam na UNICAMP ou outras entidades com as quais estabeleça convênios;
- vi. Organizar cursos, seminários, oficinas, congressos sobre a memória educacional e particularmente, a escolar, bem como participar de eventos dessa natureza patrocinados por outras instituições no campo de suas áreas temáticas;
- vii. Desenvolver projetos para publicação de guias e inventários, livros, revistas, boletins impressos e *on-line*

sobre materiais depositados, projetos de pesquisa e eventos científicos de acordo com sua natureza.

Estabeleceu-se também em seu caráter institucional, que o CME ficaria diretamente subordinado à Direção da Faculdade de Educação e seria constituído, naquele momento, além do Comitê Gestor, por um Conselho Científico, de função assessora ao Comitê Gestor. Estabelecer qual seria a composição deste conselho, suas atribuições; como seria a busca por recursos para dar existência material ao CME; conceber, projetar e definir um espaço para sua localização na faculdade; definir as regras para funcionamento e, a mão de obra necessária para sua efetivação, foram, seguramente os primeiros desafios enfrentados no início dos trabalhos nos anos de 2001 e 2004.

A definição dos membros participantes no Conselho Científico foi realizada com nova consulta às áreas de pesquisa. Era fundamental que se considerasse, já naquele momento, que o Conselho pudesse contar com pesquisadores interessados em

vincular pesquisas aos objetivos do CME⁷. Projetava-se ainda a vinculação de estudantes de graduação e pós-graduação que pudessem desenvolver suas atividades em consonância com os objetivos do Centro. Ao Comitê Gestor foi atribuída, além da responsabilidade pelo estabelecimento de parcerias com outras instituições e centros de documentação, a definição da contratação dos serviços que se fizessem necessários, de modo a assegurar a paulatina implementação do CME/FE. A atuação conjunta de ambas as instâncias deveria se orientar no sentido de incentivar e definir as linhas de pesquisa do Centro. No que tange ao financiamento, o projeto inicial previu que os recursos para a manutenção e desenvolvimento dos trabalhos do CME/FE fossem originários de projetos de pesquisa⁸.

⁷ A composição do primeiro Conselho Científico contou com a participação dos Profa. Dra. Águeda Bernardete Bittencourt (Diretora da FE), e as representantes das áreas de pesquisa: Profas. Dras. Afira Viana Ripper, Ediógenes Aragão Santos, Maria Ângela Miorim, Maria Cristina Menezes, Olga Rodrigues de Moraes von Simson, Selma de Cássia Martinelli e os Profs. Drs. Milton José de Almeida e Zacarias Pereira Borges.

⁸ Quanto aos recursos humanos, no projeto solicitava-se a contratação de um estagiário e, posteriormente, no momento de instalação do centro de documentação, de um historiógrafo. As dificuldades com a contratação de pessoas dedicadas

No início de suas atividades, o Centro de Memória da Educação foi instalado, em caráter provisório, no mesmo espaço em que já funcionava o Arquivo Setorial. Entretanto, a situação era precária, sendo necessário definir um espaço que abarcasse melhor as necessidades do centro. Com auxílio de verba da FINEP em projeto para infraestrutura, sob responsabilidade da diretoria da FE, foi possível realizar a reforma de um pequeno espaço físico, além da aquisição de mobiliário oferecendo as condições materiais para o início dos trabalhos. A partir de então, o CME foi alocado em uma sala própria no prédio anexo 2 da Faculdade de Educação, com uma área total de aproximadamente 60 m², sendo 23 m² destinados à guarda de materiais necessários para suas atividades e a

exclusivamente ao CME resultaram durante todos os anos em que estive à frente do Comitê Gestor, em atividades realizadas com apoio bolsistas Auxílio Social (antes denominada Bolsa Trabalho- SAE, Unicamp). Cabe aqui ressaltar a participação de Rayane Jéssica Aranha da Silva, Flávio Margarito Martins de Barros, Diogo Fernandes Goncalves Martins, Thiago Rodrigues Bueno, que nos auxiliaram na organização das atividades acadêmicas e com a construção da página web do centro, alojada na página da Faculdade e na qual as atividades eram apresentadas e dava-se visibilidade aos resultados dos trabalhos que eram realizados.

recolha de documentação, no caso de vir a constituir algum arquivo.

Como todo projeto inicial de instalação de um centro de pesquisa, foi extenso o esforço dedicado para que o Comitê Gestor, juntamente com o Conselho Científico, delineassem as linhas-mestras da atuação do CME/FE, considerando, sobretudo, a concepção de um Centro de Memória como local de guarda de documentos. Em princípio havia forte demanda para que em seu espaço fossem recolhidos coleções e/ou documentos esparsos que eram utilizados em pesquisas realizadas em diferentes grupos de pesquisa na unidade. Entretanto, por não haver condições para organização de arquivos e, por não contarmos com pessoal técnico para o devido tratamento documental, o CME passou a atuar muito mais como um centro de referência, tal como previsto em seus objetivos.

Assim, as duas ações definidas pelo Comitê Gestor e

⁹ Não é possível elencar todos, mas o relatório final da gestão, em 2010, elenca 14 atividades entre seminários, congressos, exposições, oficinas, realizadas pelo CME,

pelo Conselho Científico e, que marcaram fortemente sua primeira década de existência foram o incentivo a projetos com instituições escolares e universitárias, cuja dinâmica era a constituição de fundos documentais nos locais de origem (escolas, preferencialmente) e, o apoio aos Programas de Graduação e Pós-Graduação, quanto à organização de cursos, seminários, oficinas, exposições, congressos, particularmente voltados à história da educação, com destaque para a construção dos espaços de memória. Dentre as atividades, destaco apenas duas, com a finalidade de ilustrar a função referenciadora do CME: em 2001, organizamos, juntamente com o Centro de Memória da Unicamp, o *III Seminário de Pesquisas – As múltiplas faces da Memória*; em 2009 organizamos, em parceria com a Associação de Leitura do Brasil-ALB, por ocasião do seu 17º Congresso de Leitura - COLE, a exposição *Memórias da Escola: em arquivos e imagens*⁹.

Tais ações, que não caberão em breve relato, resultaram

tanto como organizador principal, quanto como parceiro de demais órgãos e instituições.

em maior divulgação da existência do CME no meio acadêmico brasileiro, bem como sua articulação à projetos que estavam sendo desenvolvidos em instituições internacionais, em países como Argentina, Colômbia, Espanha, Portugal.

Com vistas a desenvolver projetos específicos, em consonância com as missões estabelecidas naquele período, pleiteamos via Edital Universal do CNPq, recursos para a organização de dois arquivos escolares na cidade de Campinas. O projeto denominado ‘Memórias da Educação Escolar: cultura material e organização de arquivos escolares’, foi coordenado por mim, em parceria com a Profa. Dra. Heloisa Helena Pimenta Rocha, sendo desenvolvido entre os anos de 2005 e 2008. Com ele, pudemos estabelecer a matriz do que seria a competência do Centro de Memória da Educação da FE-Unicamp ao estabelecer parcerias com escolas para organização

dos seus arquivos históricos, tendo em vista também aprofundar, por meio de uma equipe multidisciplinar algumas das capacidades acadêmicas para o trabalho com arquivos¹⁰. Foi com ele também que pudemos dimensionar os desafios para o trabalho com fundos documentais e a posterior constituição do centro de documentação no CME.

O financiamento deste projeto garantiu ao CME a compra de alguns de seus equipamentos tecnológicos para o trabalho de pesquisa como computadores, scanners, bem como suprimentos para uso no trabalho de higienização, armazenamento e referência aos fundos. Com esse projeto, além do trabalho com a escolas, o CME pode inserir dados sobre os fundos documentais criados nas escolas, em uma plataforma piloto, que o Sistema de Arquivos da Unicamp (Siarq) estava organizando naquele momento, congregando

¹⁰ CNPQ – Edital Universal, Processo n. 473772/2004-3. O projeto contou com a participação de diferentes profissionais, como historiadores, arquivista, arquiteto, pedagogos, estudantes de graduação e colaboradores das escolas, mostrando uma das dimensões do enorme esforço intelectual e a grandiosidade de investimentos necessários para cumprir a missão do CME que é a parceria com as escolas. Também

foram fundamentais as participações de bolsistas de iniciação científica, cujos projetos se desenvolveram na dinâmica da organização do CME. Destaco aqui Priscila Kaufamnn Corrêa, Bianca Juriollo Caetano, Carla Carolina Tortorelli Bizarro, Rosangela Gomes.

todos os centros de documentação e arquivos da Unicamp em um mesmo sistema de busca¹¹.

A Profa. Dra. Heloísa Helena Pimenta Rocha foi responsável ainda pelo projeto intitulado “Higienismo e cultura escolar: um estudo sobre a Inspeção Médica Escolar em São Paulo”, aprovado no Edital CNPq Ciências Humanas, Sociais e Sociais Aplicadas/2004, que se realizou entre os anos de 2005 a 2007 e foi vinculado ao CME, especialmente por ter entre seus objetivos o levantamento e a catalogação da documentação, favorecendo o acesso à documentação que passava por digitalização e foi disponibilizado nos anos de sua realização em espaço de consulta específico, acessível na página web do centro. Com este projeto, outros equipamentos foram adquiridos e outras bolsas de iniciação científica foram orientadas¹². É seguro afirmar, portanto, que como Centro de

Referenciação, o CME cumpriu e sua primeira década, um papel essencial para movimentar tanto as pesquisas, quanto os debates sobre o campo histórico da educação na FE.

Apesar das dificuldades que já sabíamos existir na organização de um novo centro de documentação na Unicamp, tanto do ponto de vista jurídico em função dos trâmites legais para o recebimento de bens culturais, quanto do ponto de vista técnico, pela exigência de uma permanente inovação, o CME passava, no ano de 2009, pelo desafio de definir-se em relação à sua função como espaço arquivístico permanente, especialmente considerando que a recolha, a guarda e o armazenamento de materiais, majoritariamente documentos impressos ou manuscritos, em suas instalações, exigiriam outros investimentos.

Nesse mesmo ano, entretanto, a direção da FE foi

¹¹ O sistema foi concretizado recentemente, tornando-se o Repositório Digital de Documentos Arquivísticos Permanentes e Sistema Informatizado dos Acervos Permanentes da Unicamp. A participação no piloto do projeto encerrou-se após o final do trabalho com os arquivos escolares, no ano de 2010.

¹² Os projetos de iniciação científica foram desenvolvidos pelas estudantes Carolina Toshie Kinoshita, Marisa da Silva Cunha e Patrícia Pinto Braga.

consultada sobre a possibilidade de recebimento do acervo do Prof. Júlio César de Mello e Souza, conhecido escritor que publicava sob pseudônimo de Malba Tahan. Tal acervo, já constituído em fundo documental na cidade de Queluz, estava em litígio entre a família do autor e a prefeitura da cidade e requeria uma intervenção para um tratamento arquivístico mais acurado e competente, com vistas à sua preservação. A possibilidade de recebimento do fundo na Unicamp, em guarda temporária, foi uma das soluções encontradas para salvaguardar os documentos e impulsionou a transformação do Centro de Memória em Centro de documentação, atendendo a outros de seus objetivos previstos no projeto inicial.

Após encaminhamentos administrativos entre a FE e a reitoria da Universidade, constituiu-se uma comissão que deveria fazer um parecer técnico sobre as condições em que se encontrava o acervo, os riscos de sua deterioração e a

possibilidade de abrigar o conjunto documental em suas instalações. A comissão foi composta por mim, como gestora do CME e pela Doutora Marli Marcondes, especialista em acervos fotográficos do Centro de Memória da Unicamp, resultando em recomendação para o acolhimento do acervo na Unicamp. Após alguns trâmites legais, no início do ano de 2010 o acervo foi recebido na Faculdade de Educação e o comitê gestor do CME, justamente com o Prof. Dr. Sérgio Lorenzatto, que intermediou os contatos entre a faculdade e a família do escritor, organizou um seminário e uma exposição sobre ele, nas instalações da faculdade¹³.

Deste modo, além de inaugurar uma nova fase no Centro de Memória, o acolhimento do acervo Malba Tahan produziu uma demanda para reconfigurar regimentalmente o centro, tornando-o um órgão com reponsabilidade arquivística, definindo suas competências e responsabilidades como Centro de Documentação. Foi com participação nesta etapa de

¹³ Portaria FE 05/2010. Estabeleceu a comissão de recebimento de acervo e sua divulgação inicial pelas Profas. Dras. Maria do Carmo Martins, Heloísa Helena

Pimenta Rocha, Prof. Dr. Sérgio Lorenzatto (executor do convênio), e pela Dra. Marli Marcondes, do CMU.

construção do regimento que finalizei minha atuação no Comitê Gestor.

Considero que a criação do projeto, a constituição do centro de referência e, a etapa final, com sua função como centro de documentação, foram processos instigantes e muito desafiadores, especialmente no que diz respeito à construção de um espaço de memória em uma faculdade que possui diversas formas de pensar o saber histórico e a memória da educação. E, após mais de uma década de encerramento de minha participação nele, fico satisfeita que ele siga proporcionando oportunidades a outros pesquisadores dedicarem-se a essa tarefa. No contexto da celebração dos 50 anos da faculdade, congratulo todas e todos os colegas que foram mobilizados por produzir e incrementar o CME em seus 21 anos de existência.

Referências Bibliográficas

MARTINS, M. C.; ROCHA, H. H. P; Lugares de memória: sedução, armadilhas, esquecimentos e incômodos. **Revista Horizontes**, v. 7, n. 1 e 2, Editora Universitária São Francisco. Bragança Paulista: Julho/Dezembro de 2005 (pp. 91-99).

MARTINS, M. C. En busca del tiempo perdido: la memoria de la educación. **Revista Educación y Ciudad**. Bogotá, 1 sem. 2006. p. 43 - 61.

SELIGMANN- SILVA, M. **A virada testemunhal e decolonial do saber histórico**. Campinas: Editora da Unicamp, 2022.

O CENTRO DE MEMÓRIA DA EDUCAÇÃO ENTRE 2012 E 2016

Prof. Dr. André Luiz Paulilo

Docente da Faculdade de Educação e ex-coordenador do CME
(Gestões 2012 – 2016)

Criado em 2001 como um órgão da Faculdade de Educação da Unicamp, do Centro de Memória da Educação mostrou-se um espaço profícuo de pesquisa e organização de acervos. Coordenei seus trabalhos entre 2012 e 2016. Foram dois períodos de gestão. No primeiro biênio atuei em conjunto com a Profa. Dra. Débora Mazza e, no segundo período, com o Prof. Dr. Alexandro Paixão. Nesse período, tanto colaborei com o desenvolvimento do Programa de Estudos e Pesquisas em História da Educação quanto com a organização dos acervos Malba Tahan e da *Revista Brasileira de História da Educação* no CME-FE/UNICAMP.

Por um lado, para fomentar investigações em torno da história da educação e da cultura escolar foi organizado um

Programa de Estudos e Pesquisas em História da Educação no CME/Unicamp. A proposta então prosperou no sentido de articular este Centro ao Programa de Pós-Graduação em Educação e, sobretudo, à época pode-se consolidar em estreita parceria com a Linha de Pesquisa Educação e História Cultural. Criado em outubro de 2013, atualmente, o PROEPHE/CME-FE/UNICAMP reúne teses e dissertações sobre a história das reformas do ensino público, das instituições educativas, e das políticas públicas de escolarização e suas práticas e sujeitos.

Por outro lado, o trabalho com os acervos exigiu redefinir o escopo de atuação do CME/Unicamp que se voltou também para o processamento de documentação permanente em seu espaço físico. Foi então pensado uma forma de organização compartilhada do trabalho de conservação e restauro de documentos e livros que resultou na criação do atual espaço de arquivamento e preservação de documentos e a mudança do Centro de Memória da Educação para o último piso da Biblioteca Prof. Joel Martins. A transferência, sem prejuízo da autonomia administrativa do CME/FE/Unicamp, se

deu em 15 de outubro de 2015 e mudou as condições técnicas de preservação e de atendimento ao pesquisador.

O planejamento do novo espaço envolveu então um projeto de organização integrado que hoje permite compartilhar os espaços de triagem, de higienização, de tratamento e restauro, de digitalização e de acervo documental e de coleções especiais. Assim, a partir de uma concepção integrada de conservação do patrimônio acadêmico-científico da Faculdade de Educação conseguiu-se ampliar as áreas técnicas de trabalho do CME-FE/Unicamp e da Biblioteca. Essa organização do CME-FE/Unicamp foi pensada em três áreas distintas. A primeira, a área de atendimento e pesquisa é composta pelo setor de atendimento, a sala de consulta e os terminais de pesquisa. Depois, segue a área de processamento técnico, composta pela sala de triagem, o setor de higienização, a área de trabalho e processamento e, por fim, o setor de digitalização. A terceira área é composta do próprio acervo de que se compõe o arquivo do CME-FE/Unicamp.

A realização desse projeto também significou a ampliação do espaço de arquivamento e conferiu capacidade

de ampliação do acervo. Nesse sentido, conseguiu-se junto à Sociedade Brasileira de História da Educação a custódia do acervo da *Revista Brasileira de História da Educação* (RBHE). O acervo pessoal de Malba Tahan e o arquivo da RBHE são os dois primeiros conjuntos documentais de um órgão de pesquisa que, sem abrir mão das suas prerrogativas históricas, agora se organiza para também atuar na preservação do patrimônio acadêmico-científico da FE/Unicamp.

A mudança de escopo do CME então produzida no interior dos colegiados da sua gestão, transpôs para a discussão da história do preparo docente na FE/Unicamp questões debatidas pela historiografia a propósito dos registros das práticas de formação e ensino escolar. Favorecida pela mudança dos nossos quadros de docentes e pelas discussões que levaram à reestruturação do PPGE da FE/Unicamp, a renovação da agenda de pesquisas do CME teve a ver, sobretudo, com o modo de percebermos as mudanças na forma como aqui preparamos para a docência e a pesquisa em educação.

Como resultado da discussão que se seguiu após a

mudança de escopo então conduzida e das articulações do Centro de Memória da Educação com a Biblioteca da Faculdade de Educação, para compartilhar espaços comuns de trabalho, obteve-se uma política de desenvolvimento de coleções articulada, tendo em vista consolidar um acervo histórico útil à formação docente. No esforço conjunto, chegou-se a compreensão de que a aproximação das coleções de teses e de livros didático sobre o ensino de ciências, reunidas pelo Cedoc/FE/Unicamp e de matemática, reunidas pelo CEMPEM, da Biblioteca Prof. Joel Martins com o acervo Malba Tahan do Centro de Memória da Educação conferia características próprias ao conjunto. Nesse sentido, foi desenvolvido um plano de coleção que aproxima fisicamente no último piso da Biblioteca da Faculdade de Educação todo esse material com o objetivo de desenvolver um espaço de pesquisa especializado em ensino de matemática e ciências. Na interface da história e da didática, a reunião do patrimônio acadêmico-científico da Faculdade de Educação sobre essa área de estudos encontrou-se uma vocação para o Centro de Memória da Educação.

Retrospectivamente e em reconhecimento à continuidade das mudanças então iniciadas, penso que a insistência de muitas pessoas em fazer das instalações do CME-FE/UNICAMP um espaço para diferentes propostas de trabalho e investigação contribuiu para os tantos avanços na sua organização institucional, no desenvolvimento das suas coleções e nas pesquisas que ali se realizam. O redesenho institucional resultou da mudança de compreensão das exigências da pesquisa com a memória e fundamentou programas e laboratórios de pesquisa amparado por um colegiado comprometido em dar condições práticas para a preservação documental da educação e o seu estudo. Pensando nos esforços à época, não só se trabalhou para fortalecer o *Centro de Memória da Educação* enquanto espaço de pesquisa e organização de acervos como também para articular apoios e parcerias com vistas a ampliar seu horizonte de atuação.

CENTRO DE MEMÓRIA DA EDUCAÇÃO (GESTÃO 2018-2021)

Prof. Dr. Arnaldo Pinto Junior

Docente da Faculdade de Educação e ex-coordenador do CME
(Gestões 2018 – 2021)

O Centro de Memória da Educação (CME), órgão criado no ano de 2001 a Faculdade de Educação (FE) da Unicamp, é um espaço institucional que vem diversificando suas ações com o desenvolvimento de projetos de pesquisa, ensino e extensão. Tive a honra de ser escolhido pela comunidade da FE para coordenar seus trabalhos em dois períodos de gestão. O primeiro ocorreu entre janeiro de 2018 e dezembro de 2019, quando o Prof. Dr. Anderson Ricardo Trevisan foi meu companheiro de coordenação. O segundo período acabou sendo um pouco mais curto, entre janeiro de 2020 e junho de 2021, no qual atuei em parceria com a Profa. Dra. Heloísa Helena Pimenta Rocha.

Em três anos e meio vivenciei, com satisfação, o

andamento de projetos acadêmicos e administrativos do CME. Por outro lado, também fui o responsável por acompanhar a manutenção de seus patrimônios e instalações durante o fechamento temporário devido à pandemia da Covid-19. Acostumado com um lugar que era frequentado cotidianamente por pesquisadoras/es, servidoras/es, professoras/es e estudantes, inúmeras vezes experimentei as sensações de incerteza e desalento ao entrar em suas dependências sem nenhuma pessoa, sem saber quando efetivamente suas portas seriam reabertas.

Superada a fase mais restritiva da pandemia, a qual incluía o distanciamento social preventivo, escrevo este texto para destacar os horizontes formativos que o órgão traz à nossa universidade. Como professor pesquisador formado no campo da História, tenho apreço aos acervos documentais em geral. Nesse sentido, o CME me contempla com seus valiosos fundos: Malba Tahan, Revista Brasileira de História da Educação (RBHE) e Congresso de Leitura do Brasil (COLE). A partir dos arranjos arquivísticos disponíveis, as pessoas interessadas

podem consultar distintas fontes e elaborar projetos de pesquisa, ensino e extensão. Um exemplo – dentre tantos outros – tem relação com o projeto de extensão comunitária intitulado *Patrimônio, memória e educação: outros olhares para o estudo da história local*, uma iniciativa realizada pelo CME e Centro de Memória-Unicamp (CMU) de forma colaborativa. Aprovado no 12º edital PEC PROEC (2018), o projeto coordenado pela pesquisadora Dra. Maria Sílvia Duarte Hadler (CMU) e por mim potencializou os diálogos entre os referidos órgãos e procurou trabalhar com escolas públicas destinadas aos anos iniciais do Ensino Fundamental para discutir temáticas relativas ao patrimônio cultural (material e imaterial), a memória e a história local. Buscando viabilizar a produção de conhecimentos históricos escolares, docentes e discentes da Educação Básica puderam analisar determinadas fontes documentais com o intuito de refletirem sobre outros tempos, espaços e sujeitos.

Apoiados pelo Conselho Científico do órgão, durante as duas gestões avançamos consideravelmente nas seguintes

frentes de trabalho: a) desenvolvimento institucional; b) difusão cultural, participação e organização de eventos acadêmicos; c) continuidade da organização e gestão dos acervos documentais; d) manutenção das instalações e gestão do patrimônio. Dessa forma, tratamos de ações que resultaram em novas rotinas de trabalho, parcerias acadêmicas, diversas demandas e encaminhamentos necessários para que CME desenvolvesse suas funções de órgão público destinado tanto às investigações científicas quanto aos processos de formação docente e interação com a comunidade.

No âmbito do desenvolvimento institucional, ampliamos a parceria com a equipe da Biblioteca Prof. Joel Martins, principalmente no compartilhamento dos espaços de triagem, higienização, tratamento, restauro e digitalização. Devido à carência de pessoal dedicado ao desenvolvimento das atividades técnicas e administrativas, solicitamos à Direção da FE servidores técnicos que trariam um ganho qualitativo ao órgão. Em resposta à solicitação, em novembro de 2018 a Direção da FE comunicou à coordenação que as servidoras

Maria Alice Giannoni e Sonia Aparecida Ferraz de Campos poderiam ser transferidas do Arquivo Setorial da Faculdade de Educação (ASFE). Acompanhamos todo o processo de transferência, participando de reuniões administrativas e de acolhimento das novas servidoras. A transferência foi efetivada no mês de fevereiro de 2019, quando as citadas servidoras passaram a trabalhar diariamente no CME, trazendo os conhecimentos e a qualificação tão desejados pelo órgão na área arquivística.

Outro ponto importante teve relação com o estabelecimento de um aporte de recursos financeiros destinados ao CME, pois até o início de nossa gestão o órgão não tinha dotação orçamentária própria. Por meio de diálogos com a Direção, representantes da Congregação e de Comissão de Orçamento da FE, sensibilizamos a comunidade e recebemos uma dotação anual. Assim, avaliamos nossas demandas e começamos a utilizar uma parte dos recursos na substituição de equipamentos de informática obsoletos, ação voltada tanto para o bom atendimento do público em geral

como para as atividades administrativas.

Durante nossa gestão, a difusão cultural recebeu atenção especial por meio da promoção e/ou apoio a eventos acadêmicos de diferentes modalidades e finalidades. Por isso, o CME esteve representado em exposições, reuniões científicas e afins com o intuito de divulgar as produções realizadas em seu escopo de atuação.

A organização e gestão dos acervos documentais avançou com as novas condições descritas anteriormente. As parcerias acadêmicas, a chegada das servidoras, o apoio institucional e os recursos próprios impulsionaram os trabalhos nos fundos Malba Tahan e RBHE. Em outra frente, o estreitamento da parceria com a equipe do projeto “ALB: memórias” acelerou o processamento arquivístico do fundo COLE. Com o empenho do grupo liderado pela Profa. Dra. Lilian Lopes Martin da Silva, inúmeras reuniões de trabalho foram realizadas para a discussão do arranjo de classificação da documentação do acervo e de sua organização.

Em suma, durante nossa gestão o CME recebeu a

colaboração de pessoas comprometidas com a qualidade de suas funções sociais. Mesmo diante do intenso e desafiador trabalho, conseguimos construir projetos coletivos capazes de potencializar novas parcerias e produções acadêmicas. A todas as pessoas que participaram dessas atividades, deixo meus sinceros agradecimentos. Considerando a riqueza das experiências acumuladas junto à comunidade da Unicamp, quero continuar participando dos projetos realizados pelo CME.

Acervo do CME

FUNDOS: MT – RBHE – COLE

O Centro de Memória da Educação (CME) foi criado em 2001, órgão científico da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP e tem por finalidade captar, promover e disponibilizar fontes documentais relativas à memória da educação brasileira, de maneira a estimular pesquisas relativas às memórias e histórias da educação nas diversas áreas do conhecimento¹.



Sala do Centro de Memória da Educação

Fonte: CME/FE

¹ Fonte: <https://malbatahan.com.br/centro-de-memoria-da-educacao-feunicamp/>

Suas gestões foram compostas pelos docentes, a seguir:

Maria do Carmo Martins e Heloisa Helena Rocha Pimenta (2001 – 2010)

Maria Angela Miorim (*pro tempore*) (2011 – 2012)

André Luiz Paulilo e Débora Mazza (2012 – 2014)

André Luiz Paulilo e Alexandro Henrique Paixão (2014 – 2016)

Alexandro Henrique Paixão e Silvia Mendonça de F. Figueirôa (2016 – 2017)

Arnaldo Pinto Junior e Anderson Ricardo Trevisan (2018 – 2020)

Arnaldo Pinto Junior e Heloisa Helena Rocha Pimenta (2020 – 2021)

André Luiz Correia Gonçalves e Cláudia Ometto (2021 – 2022)

Atualmente as docentes:

Inês Ferreira de Souza Bragança e Adriana Varani (2022 – 2024)

Seu acervo atualmente é composto por três fundos (conjuntos documentais arquivísticos) a seguir: **MALBA TAHAN** (*Júlio César de Mello e Souza*); **COLE** (*Congresso de Leitura do Brasil*) e **RBHE** (*Revista Brasileira de História da Educação*), de guarda permanente, em função do seu valor, constituindo assim este Guia, um instrumento de divulgação de seu acervo, de forma sumária e genérica. O CME vem preservando essa documentação e fazem parte desses conjuntos documentais, documentos textuais, iconográficos, sonoros e tridimensionais, cujo sistema de arranjo está sendo tratado e organizado, conforme os padrões arquivísticos e abertos para consulta.

IMPORTÂNCIA DO ACERVO MALBA TAHAN PARA A PESQUISA EM EDUCAÇÃO MATEMÁTICA

Prof. Dr. Sérgio Aparecido Lorenzato
Docente Colaborador da Faculdade de Educação da Unicamp

No Brasil, não temos a cultura de valorizar nossos expoentes. Mesmo quando cercados por grades, muitas vezes vemos que nossos monumentos ou estátuas são pichados, destruídos ou roubados, o que não acontece em outros países, que reverenciam seus heróis, programando visitas com preleções ao lado de seus principais monumentos.

É comum ouvirmos relatos de pessoas que estiveram em Buenos Aires, por exemplo, e que lá compraram um *tour* pela cidade, no qual estava incluída, entre outros monumentos históricos, a visita ao túmulo de Evita Peron, com preleção

sobre quem foi ela e o que fez e legou aos argentinos.

Diante disso, temos algumas indagações: Quais foram nossos expoentes, benfeitores ou heróis? O que eles nos legaram? Como os reverenciamos?

Na sala de aula, os alunos também nos questionam: Por que gastar tempo com o passado, se o importante é o futuro? Por que guardar papéis e livros velhos se os novos são coloridos e mais bonitos? Quem garante a veracidade das histórias que são divulgadas a respeito do passado do Brasil? Por que comemorar na data 6 de maio o Dia Nacional da Matemática? Quem foi Malba Tahan?

É justamente a preservação dos documentos que compõem os acervos que nos garante o registro de nossa história; portanto, seu valor é simplesmente inestimável.

É o caso dos milhares de documentos que constituem o Acervo Malba Tahan do Centro de Memória da Educação, da Faculdade de Educação da Unicamp.

Para termos uma melhor compreensão do valor desses

documentos, é preciso considerar algumas características que predominavam no ensino brasileiro na época em que Malba Tahan viveu (1895 /1974), como aluno e como professor (de Matemática):

- A Matemática era um conjunto de procedimentos sobre as quatro operações aritméticas; a geometria consistia em demonstrações de teoremas; a Álgebra foi transformada em algebrismos;
- O professor era a autoridade única e inquestionável na sala de aula, apesar de, quase sempre, não ter formação em Matemática nem na arte de ensinar, pois ele era escolhido entre profissionais de outras áreas, tais como, engenheiros, contadores, guarda-livros, desenhistas;
- A aprendizagem era concebida como sendo a capacidade de memorização de regras, de teoremas, de fórmulas e de definições. Não se falava em aprendizagem, mas somente em ensino, assim como não se falava em Educação Matemática, mas somente em Matemática;

- As aulas consistiam em apresentações orais, com apoio do quadro-negro e de “chamadas” orais para atribuir notas individuais pelo “desempenho” dos alunos.

Assim sendo, torna-se fácil compreender o motivo da matemática escolar ter se transformado na disciplina mais temida pelos alunos e na causa maior das reprovações.

Foi em defesa dos alunos e da própria Matemática que Malba Tahan se dispôs a mostrar a existência de novas, diferentes e melhores maneiras para aprender Matemática. No entanto, essa rebeldia ao estado de coisas custou a ele não ser convidado para participar dos Congressos Brasileiros de Matemática realizados nas décadas de 50, 60 e 70.

Mas, afinal, **quem foi Malba Tahan**, isto é, Julio Cesar de Mello e Souza, um dos precursores da Educação Matemática nas Américas?

Ele nasceu no Rio de Janeiro e passou a infância com seus 8 irmãos na pequena cidade paulista de Queluz, onde sua mãe era a única professora na cidade.

As aulas eram ministradas na sala da residência da família, de modo simultâneo para alunos do 1º ao 4º ano e, às vezes, elas eram interrompidas por um menino de 5 anos de idade, que invadia a sala para contar a todos alguma história: era o Julio Cesar, mostrando a que veio.

Com muito estudo e a ajuda do irmão mais velho (João Batista), Julio foi aprovado no exame de admissão e, aos 11 anos, mudou-se para o Rio de Janeiro, passando a morar como estudante interno no Colégio Militar (1906), lá permanecendo por três anos.

Em 1909, após novo exame de admissão, Julio foi estudar no Colégio Pedro II, uma das mais importantes escolas da capital da República.

Em 1913 iniciou o curso superior de Engenharia Civil na antiga Escola Politécnica da Universidade do Brasil. Ao mesmo tempo, era aluno do curso noturno da Escola Normal, depois chamado Instituto de Educação.

Em 1921, já formado professor, assumiu na Escola

Normal o cargo de professor substituto. Dois anos depois, ingressou como professor na mesma escola, por concurso público, onde lecionou durante 40 anos Matemática, Geografia, Literatura Infantil, Folclore e a Arte de Ler e Contar Histórias, tornando-se professor catedrático.

Foi como professor na Escola Normal que ele conheceu a aluna Nair da Costa Marques, com quem se casou em 1925, e tiveram 3 filhos.

Julio Cesar foi também professor de Matemática do Colégio Pedro II, juntamente com Cecil Thiré e Euclides Roxo; e de Análise Matemática, da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Apesar de sua bem-sucedida trajetória no ensino de Matemática, desde pequeno a literatura sempre exerceu um fascínio muito grande sobre Julio Cesar.

Aos 12 anos, ele criou sua primeira obra literária, a revista “Erre”, de tiragem única e quinzenal. Ela era assinada por “Salomão IV”, o primeiro pseudônimo criado por Julio. A

coleção de 25 exemplares (produzidos em 1907 e 1908) é uma preciosidade que faz parte do “Acervo Malba Tahan” do Centro de Memória da Faculdade de Educação/Unicamp.

Aos 23 anos, apesar de já possuir seu “Diário”, Julio Cesar decidiu criar o “Archivo”, com a seguinte justificativa:

O arquivo tem por fim conservar muitos papeis, cartas, retratos, cartões etc. que não poderiam ficar no Diário. Será, portanto, um auxiliar magnífico e indispensável. Todo e qualquer documento da minha história será conservado de agora em diante no Archivo. 1918 – 17 de novembro. (PAULILO, 2018).

Em 1925, aos 30 anos, o professor Julio Cesar tentou publicar 5 artigos seus por um jornal de grande circulação no Rio de Janeiro, “O Imparcial”. Mas, seus originais ficaram esquecidos sobre a mesa do editor-chefe do jornal.

Cansado de esperar, Julio Cesar retornou ao editor-chefe e propôs substituir aqueles originais por outros, de autoria de R. S. Slady¹, um importante escritor americano. Na verdade, os

artigos eram os mesmos, porém, logo eles foram publicados pelo jornal e Julio Cesar aprendeu a lição.

Assim estimulado, ele criou dois personagens. Um deles é Beremiz Samir, um homem que ele conheceu numa viagem a Bagdá, e que gostava de contar ovelhas, pássaros, formigas, galhos, e de resolver problemas aritméticos com soluções surpreendentes. E, para contar as proezas matemáticas de Beremiz, Julio Cesar criou um outro personagem, Malba Tahan, pseudônimo que o acompanharia pelo resto da vida.

E assim nasceu o livro “O Homem que Calculava”, cuja primeira edição foi em 1937.

Dispondo de apenas uma máquina de escrever, Julio Cesar, isto é, Malba Tahan escreveu para 18 jornais e 8 revistas, e publicou cerca de 120 títulos, de 1925 a 1974², cuja maioria deles enriquece o “Acervo Malba Tahan” do Centro de Memória da Educação da Faculdade de Educação/Unicamp,

¹ Segundo áudio de Malba Tahan ao Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro. Disponível em www.malbatahan.com.br.

² Segundo o site www.malbatahan.com.br.

além dos seus “Cadernos de Viagem”, nos quais ele registrava suas inúmeras conferências e cursos ministrados no Brasil, Argentina e Uruguai, sempre encantando a todos.

Em 1958, Malba Tahan ministrou na cidade de São Carlos (SP) dois cursos, “Metodologia do ensino da Matemática” e “A arte de contar histórias”, dos quais tive oportunidade de participar como professor de Matemática do Ginásio Estadual Jesuíno de Arruda.

Como sempre, o *showman* Julio Cesar conquistou a todos que o assistiam, tendo sido demoradamente aplaudido pela plateia que lotava o auditório do Instituto de Educação Álvaro Guião.

Em decorrência desses dois cursos, fui agraciado com um exemplar de “O Homem que Calculava”, com dedicatória do autor. Uma outra preciosidade que conservo comigo até hoje é o “Caderno de Curso”, com carimbo e assinatura de Malba Tahan. Esse caderno era exigência dele como parte da metodologia de ensino que ele propunha a todos os professores

de Matemática.

Uma das inúmeras modificações por ele propostas no curso se referia à famosa chamada oral da tabuada. Ele dizia que tal prática se resumia em cobrança de memorização, mas que gerava fortes tensões nos alunos e aversão à Matemática. Em vez disso, ele propunha que fossem dados aos alunos desafios cujas soluções exigem a utilização da tabuada. Por exemplo, a construção de um mostrador de relógio no qual os números de 1 a 12 sejam resultados de operações aritméticas, utilizando apenas um mesmo algarismo de 2 a 9. Ou então, propunha que os alunos construíssem quadrados mágicos.

Ao término do curso decidi ser professor “dessa matemática” simples, compreensível e agradável.

Em relação à enorme quantidade de obras produzidas por Malba Tahan, seria impossível tecer comentários sobre todas elas, mas três delas merecem um especial destaque.

A primeira é “O Homem que Calculava”, por ser o livro de maior sucesso editorial no tempo e no espaço, pois, lançado

em 1937, já ultrapassou a sua centésima edição. Nele, o autor Malba Tahan relata cerca de 30 situações enigmáticas e cativantes para as quais seu companheiro de viagem Beremiz (o homem que calculava) sempre encontrava soluções matemáticas. E tudo em meio a um cenário composto por vizires, dervixes, princesas, dançarinas, xeiques e rajás.

Sobre essa obra, Monteiro Lobato assim escreveu em carta a Malba Tahan, em 1939:

O Homem que Calculava já me encantou duas vezes e ocupa lugar de honra entre os livros que conservo... Só Malba Tahan faria obra assim... obra alta, das mais altas, e só necessita de um país que devidamente a admire; obra que ficará a salvo das vassouradas do Tempo... (FARIA, 2004, p.116)

O segundo destaque é para “Didática da Matemática” (2 volumes), obra fenomenal publicada em 1961 e direcionada aos profissionais brasileiros responsáveis pelo ensino da Matemática. É um livro reformista, que provoca muitas reflexões sobre programas de ensino, livros didáticos, formação de professores, metodologia de ensino, avaliação de aprendizagem.

Nesta obra, Malba Tahan cita 532 autores nacionais e internacionais e suas 278 diferentes produções. Com 525 páginas (2 volumes), o “Didática da Matemática” tem 721 notas de rodapé e uma linguagem suave quando propõe novos caminhos para a Educação Matemática, tais como:

- envolver os alunos na construção de Laboratório de Ensino de Matemática;
- ministrar aulas com alegria, diversão, enigmas, jogos e descobertas;
- conceber os erros dos alunos como algo natural e positivo para o professor;
- iniciar o ensino pelo que é real; pelo que é da vivência e do interesse dos alunos; pelo visual ou manipulativo;
- utilizar histórias, lendas, história da Matemática, desafios, falácias, paradoxos, adivinhações;
- integrar o ensino da Matemática com o de outras disciplinas.

No entanto, quando Malba Tahan aborda o que deve ser banido do ensino de Matemática, sua linguagem se torna pesada e contundente. Por exemplo, para questões do tipo “*Dona Rosinha comprou 5 milésimos de tonelada de manteiga a 6 cruzeiros cada meio hectograma. Quanto gastou?*”, ou então, “*Quantos kl são 1200 litros de chumbo com 7 800 000 cm³ de algodão e com 500 kg de água destilada?*”, Malba Tahan citava o nome do autor, da escola e do exame em que questões deste tipo apareciam, e assim se referia a elas: uma “pateguice cabalística”, uma “imbecilidade”, uma “besteira”, uma “assombrosa idiotice”.

Malba Tahan também recomendava que fossem retirados dos programas escolares oficiais (e foi ouvido) o que ele chamava de inutilidades da Matemática: prova dos nove; raiz cúbica; divisibilidade por 7, 13, 17 e 23; demonstração de teoremas; equação biquadrada; cálculo com radicais.

Apesar da obra ter sido publicada há cerca de 60 anos, as propostas contidas nos dois volumes continuam apropriadas

para muitas escolas de nossos dias.

O terceiro destaque é para “A sombra do arco-íris”, obra preferida por ele, publicada em 1940, e que mostra uma faceta diferente, forte e profunda da personalidade de Malba Tahan. É uma antologia da literatura brasileira sob a forma de contos, que se compõe de 750 páginas, 47 capítulos e cerca de 2400 versos de mais de 1000 diferentes poetas brasileiros. São abordados temas como amizade, caridade, sabedoria, esperança, amor, inveja, perdão, entre muitos outros, mostrando assim que os horizontes de Malba Tahan iam muito além das atividades de um simples professor de Matemática.

Outros livros dele que todo professor que ensina Matemática deveria conhecer são:

- Matemática divertida e curiosa (37^a edição);
- A arte de ler e contar histórias;
- O mundo precisa de ti, professor;
- A arte de ser um perfeito mau professor.

Merecem destaque as 3 revistas criadas por Malba Tahan (Lilaváti, Al-Karismi e Damião), e o fato de seu nome estar entre os maiores divulgadores da Matemática no mundo, ao lado de Sam Loyd, Martin Gardner, Yakov Perelman, Henry Dudeney e Lancelot T. Hogben.

Pelo que aqui foi apresentado, fica evidente o motivo pelo qual a data de nascimento do professor Julio Cesar de Mello e Souza Malba Tahan é o **“Dia Nacional da Matemática”** no Brasil, instituído pela Lei 12 835/2013.

Mas, por que ao nome de batismo de Julio Cesar de Mello e Souza foi acrescentado o pseudônimo Malba Tahan? Porque o sucesso de seus cursos/conferências e das publicações em revistas, jornais e editoras tornou-o mais conhecido pelo seu pseudônimo do que pelo seu nome de batismo. Mas, como havia quatro homônimos no Brasil, por um decreto especial do Ministério da Justiça em 1954, o presidente Getúlio Vargas autorizou a inserção do pseudônimo Malba Tahan na carteira de identidade de Julio Cesar de Mello e Souza.

O Brasil tem o privilégio de ser o berço de Malba Tahan, e o Centro de Memória da Educação da Faculdade de Educação da Unicamp tem a honra de possuir o Acervo Malba Tahan.

Este se compõe da maioria dos livros publicados por Malba Tahan (de sua autoria ou em parceria), como também de seus 63 cadernos de viagem (2974 documentos); 56 cadernos de arquivo (4007 documentos); 29 cadernos de anotação (461 documentos); 90 cadernos de aulas, conferências e palestras (151 documentos); 1287 cartas; 41 telegramas; pastas de obras; pasta de estudos; pasta de clichês; pasta de textos das críticas, homenagens e biografias; álbuns de fotografia; álbuns de desenhos; álbuns de recortes.

Esse tesouro foi doado à Unicamp pela família de Malba Tahan, mais especificamente pela filha Sonia Maria e pelo genro Hélio Marcial de Faria Pereira, e pelo empenho da neta, a arquiteta Renata de Faria Pereira.

Mas, qual foi a trajetória do acervo antes dele chegar na Unicamp?

Malba Tahan morreu em 19 de junho de 1974, na cidade de Recife/PE, local em que ministrava um curso para professores. Em 1985, todo o material produzido por ele foi doado por sua filha Sonia à Prefeitura Municipal de Queluz/SP, uma pequena cidade onde Julio Cesar passou sua infância.

Em 18/09/2004, em Queluz/SP, foi fundado por sua neta Renata de Faria Pereira, o Instituto Malba Tahan, uma entidade sem fins lucrativos, com o objetivo de preservar a documentação e de divulgar o legado de Malba Tahan. Para tanto, foi estabelecido um convênio entre a Prefeitura de Queluz e o Instituto Malba Tahan.

No entanto, o tempo mostrou que a preservação de documentos exige cuidados especiais que a Prefeitura não podia dispensar, e então, os documentos retornaram provisoriamente para o Rio de Janeiro (24/07/2007), sob a guarda da família de Malba Tahan e aos cuidados do Instituto.

Uma nova negociação de doação do acervo foi tentada com uma instituição de ensino superior do Rio de Janeiro, a

UNIRIO, mas não teve sucesso.

Em 2008 foram iniciadas tratativas entre o Instituto Malba Tahan, a Prefeitura de Queluz e a Unicamp, para a transferência do acervo para o Centro de Memória da Educação da Faculdade de Educação/Unicamp.

O reitor da época (2008), professor José Tadeu Jorge, e o diretor da Faculdade de Educação, professor Jorge Megid Neto, não mediram esforços para que a doação pudesse ser concluída. Foi, então, designada uma comissão, que se deslocou ao Rio de Janeiro para avaliar os documentos do acervo e, assim, o processo de doação foi aprovado em fins de 2009.

É curioso observar que a transportadora rodoviária contratada para trazer o acervo à Unicamp programou para dia 4 de maio de 2010 a entrega de 8 enormes e pesadas caixas. A Faculdade de Educação preparou uma equipe para a recepção do acervo, mas o caminhão quebrou na saída do Rio de Janeiro, e o acervo somente chegou na Faculdade de Educação

justamente em dia 6 de maio, data de nascimento de Malba Tahan.

Assim, tivemos uma dupla alegria, pois a data 6 de maio já havia sido escolhida pela Sociedade Brasileira de Educação Matemática (SBEM) para ser o Dia Nacional da Matemática. A data foi oficializada em 27/06/2013, com a publicação da Lei 12 835 no Diário Oficial da União, após o correspondente processo perambular pelo Congresso Nacional por cerca de 10 anos.

Uma vez na Unicamp, os documentos foram alocados no Centro de Memória da Educação da Faculdade de Educação (CME/FE), que os mantém sob sua custódia.

Quase toda a documentação foi analisada, classificada e está disponível para pesquisas. Algumas dissertações e teses foram produzidas, mas, com certeza, muito ainda será revelado por meio de futuras pesquisas, pois o acervo é imenso e diversificado.

Assim como Malba Tahan se tornou um marco histórico no nosso ensino da Matemática, o incomensurável valor do

Acervo Malba Tahan tornou a Faculdade de Educação/Unicamp e seu Centro de Memória da Educação um ponto de referência singular de uma importante página da história da Educação Matemática brasileira.

Referências Bibliográficas

FARIA, J. C. **A prática educativa de Júlio César de Mello e Souza Malba Tahan: um olhar a partir da concepção de interdisciplinaridade de Ivani Fazenda.** 2004. Dissertação (mestrado) – Faculdade de Educação e Letras, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2004.

MORAIS, C. R. S. **Registros do acervo de Júlio César de Mello e Souza: rede de contatos em fundos de documentação pessoal.** 2017. Dissertação (mestrado) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2017.

PAULILO, A. L. Malba Tahan e sua memória: a organização do arquivo do Prof. Júlio César de Mello e Souza. **Revista da Sociedade Brasileira de Educação Matemática.** Regional São Paulo, v. 15, n. 19, p. 173-187, mai./ago.2018. Disponível em: <https://www.revistasbemsp.com.br/index.php/REMat-SP/issue/view/9>. Acesso em: 23 jun. 2022.

REMAT. Revista da Sociedade Brasileira de Educação Matemática – Regional São Paulo, v.15, n.19, mai./ago.2018. Disponível em: <https://www.revistasbemsp.com.br/index.php/REMat-SP/issue/view/9>. Acesso em: 23 jun. 2022.

SALLES, P. P.; PEREIRA NETO, A. Malba Tahan: muito além do pseudônimo. 2015, São Paulo. **Anais** da Mostra do CAEM – Centro de Aperfeiçoamento do Ensino de Matemática. São Paulo: IME/USP, 2015. Palestra 3. Disponível em: <https://www.ime.usp.br/caem/publicacoes.php>. Acesso em: 20 jun. 2022.

SIQUEIRA FILHO, M. G. O “arquivo” de Malba Tahan: uma memória de si a posteriori. 1, 2012, Bahia. **Anais** do ENAPHEM - I Encontro Nacional de Pesquisa em História da Educação Matemática. Vitória da Conquista (BA): [s.n.], 2012. Disponível em <https://desafioonline.ufms.br/index.php/ENAPHEM/article/view/15031>. Acesso em: 18 jun. 2022.

SIQUEIRA FILHO, M. G. **Ali Iezid Izz-Edim IBN Salim Hank Malba Tahan**: episódios do nascimento e manutenção de um autor-personagem. Tese (doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

SITE MALBA TAHAN. Disponível em: <https://malbatahan.com.br>. Acesso em: 15 jun. 2022.

TAHAN, M. **Didática da Matemática**. São Paulo: Saraiva, 1965. v. 1-2.

TAHAN, M. **O Homem que Calculava**. Rio de Janeiro: Record, 2022.

ORGANIZAÇÃO DO ACERVO DA REVISTA BRASILEIRA DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

Prof. Dr. André Luiz Paulilo

Docente da Faculdade de Educação e ex-coordenador do CME
(Gestões 2012 – 2016)

O segundo acervo recebido e organizado no Centro de Memória da Educação foi o fundo de documentos da Revista Brasileira de História da Educação (RBHE). Em novembro de 2012, a Profa. Dra. Heloísa Helena Pimenta Rocha, então Presidente da Comissão Editorial e Editora Chefe da RBHE, apresentou Plano de Trabalho a fim de construir e organizar arquivos documentais produzidos pela citada revista, publicação oficial da Sociedade Brasileira de História da Educação (SBHE).

Na ocasião, a RBHE, sua secretaria editorial e uma grande quantidade de documentos pertencentes à Revista,

desde sua criação em 2001, estavam alocados na secretaria da Revista cuja sede era a Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas. O Plano foi submetido e aprovado pela então Diretoria da SBHE e em 2013 iniciaram-se os trabalhos.

O acervo (impresso e digital) encontrava-se acondicionado provisoriamente em sete caixas de papelão, seis envelopes pardos e duas pastas plásticas. Estavam organizados de forma extremamente variada e, além disso, não havia normatização para o descarte de materiais. Isso acontecia também com os documentos digitais.

Numa primeira etapa de trabalho, a documentação foi inventariada. Após inventário foram elaboradas normas para descarte de material, aprovadas pela então Diretoria da SBHE. Foram descartados os documentos duplicados e cópias idênticas de artigos aprovados e já publicados na RBHE. Após essa etapa foram elaborados arranjo e tombamento.

Em 2015 o acervo foi transferido para o Centro de Memória da Educação. Nessa etapa os documentos foram arranjados, classificados, higienizados e acondicionados.

O acervo impresso, composto por 1609 documentos, foi acondicionado em 10 caixas de papel, do tipo arquivo. O acervo digital, composto originalmente de disquetes, CDs e DVDs, foi transferido para HD externo (M3Portable 1TB). Com a transferência, o acervo foi classificado de acordo com um quadro de arranjo que o organizou em um Fundo composto de dois Grupos e 9 (nove) subgrupos com suas respectivas séries de documentos.

Os trabalhos de classificação dos documentos físicos foram finalizados em dezembro de 2015. O processo de classificação da parte digital do acervo foi concluído no ano seguinte.

Esquemáticamente, trata-se do seguinte arranjo:

Fundo	Fundo RBHE								
Grupos	Grupo Acadêmico					Grupo Administrativo			
Subgrupos	Artigos Publicados	Artigos não publicados	Coleções	Fluxos	Gestão	Financeiro	Circulação	Editoria	Secretaria
Séries	Série 01	Série 02	Série 03	Série 04	Série 05	Série 06	Série 07	Série 08	Série 09

SÉRIE 01	SÉRIE 02	SÉRIE 03
Avaliação de artigo	Artigos recusados	Documentos da Educação Brasileira
Comunicação	Artigos retirados	
	Artigos retidos	
SÉRIE 04	SÉRIE 05	SÉRIE 06
Mapas de avaliação de artigo	Atas	Orçamentos
	Relatórios Pauta	Recibos
	Correspondência	Contratos
	Avaliação RBHE	
SÉRIE 07	SÉRIE 08	SÉRIE 09
Distribuição	Normatizações	Contatos
Vendas	Correspondência	Orientações
Estoques	Direitos Autorais	Atividades
Revistas Doadas		
Revistas Recebidas		
Permutas		

Referências Bibliográficas

PAULILO, André Luiz. **Centro de Memória da Educação da Faculdade de Educação/Unicamp**: Memorial de Gestão e Atividades. Campinas: 2012-2016. 139 p.

O ACERVO DO CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL NO CENTRO DE MEMÓRIA DA EDUCAÇÃO

Profa. Dra. Lilian Lopes Martin da Silva

Docente Colaboradora da Faculdade de Educação da Unicamp
Grupo de Pesquisa “Alfabetização, leitura e escrita/Trabalho docente e formação inicial” ALLEAULA - Pesquisa “ALB: memórias”

Captar, conservar e divulgar a memória da educação brasileira por meio da preservação documental, da pesquisa, do ensino, da extensão e da difusão.... é o propósito do Centro de Memória da Educação.

Sendo assim, em novembro de 2017, a Associação de Leitura do Brasil (ALB) doou oficialmente ao CME a massa documental referente ao Congresso de Leitura do Brasil – Cole, uma de suas principais ações em favor da leitura e de sua democratização no Brasil¹. Eram cerca de 3500 documentos de

¹ Assista ao vídeo da doação: <https://www.alleaula.fe.unicamp.br/grupos-de-pesquisas/pesquisa-alb-memorias/porque-pesquisar-a-alb>

variados tipos (fotos, ofícios, boletins, cartazes, registros sonoros, camisetas, material promocional, pastas para os congressistas, e muitos outros), gerados por ocasião da realização de cada edição do evento, iniciado em 1978 e atualmente em sua 23ª edição.

O acervo do COLE vinha sendo explorado e pesquisado desde 2009 sob a coordenação das Professoras Lilian L. M. Silva e Luciane M. de Oliveira junto ao Grupo de Pesquisa ‘Alfabetização, leitura, escrita/Trabalho docente e formação inicial’ - ALLEAULA, onde estava reunido. Essa frente de pesquisa foi denominada **ALB: memórias**.

Trata-se de um vasto tecido discursivo materializado em diferentes dispositivos, nos quais se articulam vozes e posições que se tornaram referências significativas sobre a leitura e que circulam em diferentes esferas de comunicação, não podendo ser ignoradas na composição de uma história da leitura no Brasil².

² Disponível em Dossiê ALB: Memórias - <https://ltp.emnuvens.com.br/ltp/article/view/841>

Uma vez no CME, pudemos contar com instalações adequadas, maior e melhor espaço de trabalho, materiais de apoio e a supervisão da coordenação, a cooperação das funcionárias e uma consultoria³. A equipe da pesquisa⁴ pode aprender e realizar um conjunto de práticas de preservação, seguindo as orientações arquivísticas, como a higienização do material e seu acondicionamento adequado.

Iniciou, ainda, estudos e discussões sobre organização e catalogação dos materiais, buscando a partir desse trabalho, a proposição de um padrão não apenas para o acervo do COLE, mas para os demais acervos do CME, tornando possível a futura digitalização, disponibilização e recuperação dos documentos. Esse propósito tornou possível a interação de toda a equipe com outros centros e o planejamento de encontros com profissionais que, estando mais adiantados nesse desafio,

pudessem contribuir com nossos desafios.

Infelizmente, o trabalho coletivo nas instalações do CME foi interrompido pela pandemia, que impossibilitou, até esse momento, o reencontro de todos os integrantes, a realização de reuniões e a retomada do trabalho.

Há, entretanto, que destacar as contribuições do CME para com o trabalho, que como se pode ver, foram muitas. Não só em termos de oferta de recursos e condições materiais, como espaços, ferramentas e equipamentos, mas também e sobretudo, as contribuições oriundas das pessoas, sua competência, capacidade de acolhimento e generosidade.

³ Nessa ocasião, os coordenadores eram os professores Arnaldo Pinto Junior e Anderson Ricardo Trevisan; as funcionárias eram e são: Maria Alice Giannoni e Sonia Aparecida Ferraz de Campos. A consultoria está sendo realizada por Marli Marcondes

⁴ Além das coordenadoras: Sonia M. Takamatsu, Larissa de Souza Oliveira, Renata Aliaga e dois alunos de graduação como bolsistas.

GUIA DO ACERVO CME

2ª. edição revisada e ampliada

Guia do Acervo Centro de Memória da Educação

CME/FE
UNICAMP

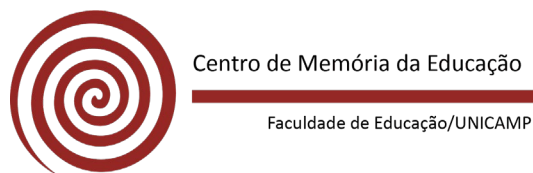


Centro de Memória da Educação

Faculdade de Educação/UNICAMP

cmefe@unicamp.br

© 2022 CME/FE UNICAMP
(2ª. edição revisada e ampliada)

**Realização:**

Centro de Memória da Educação CME – FE

Coordenadora

Profa. Dra. Inês Ferreira de Souza Bragança

Coordenadora Associada

Profa. Dra. Adriana Varani

CONSELHO CIENTÍFICO

Profa. Dra. Inês Ferreira de Souza Bragança (coordenadora CME)

Profa. Dra. Adriana Varani (coordenadora associada CME)

Prof. Dr. André Luiz Paulilo (representante da FE - Unicamp)

Ana Cláudia Cermaria Berto (representante do Centro de Memória - Unicamp)

Telma Maria Murari (representante do Sistema de Arquivos da Unicamp)

Renata Oriole (representante da Biblioteca Prof. Joel Martins)

Maria Alice Giannoni (representante de conservação do CME)

FUNCIONÁRIA

Maria Alice Giannoni (Bibliotecária e Espec. Organização de Arquivos)

BOLSISTAS

Julia Muniz Moreira

Luis Gustavo Inácio de Jesus

Eduarda Iris Guedes Ferreira



Centro de Memória da Educação

Faculdade de Educação/UNICAMP

PRODUÇÃO

Maria Alice Giannoni

Sonia Ap. Ferraz de Campos

ENDEREÇO

Rua Bertrand Russel, 801 — Cidade Universitária — Barão Geraldo — Campinas/SP

Faculdade de Educação - FE — Universidade Estadual de Campinas

<https://www.fe.unicamp.br/institucional/centro-de-memoria-da-educacao>

<https://cmefeunicamp.wordpress.com/publications/>

Fone 3521-5692

© 2022 CME - FE / UNICAMP

APRESENTAÇÃO

O *Centro de Memória da Educação* (CME) foi criado em 2001, órgão científico da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP e tem por finalidade captar, promover e disponibilizar fontes documentais relativas à memória da educação brasileira, de maneira a estimular pesquisas relativas às memórias e histórias da educação nas diversas áreas do conhecimento.

Seu acervo atualmente é composto por três fundos (conjuntos documentais arquivísticos) a seguir: **MALBA TAHAN** (Júlio César de Mello e Souza); **COLE** (Congresso de Leitura do Brasil) e **RBHE** (Revista Brasileira de História da Educação), de guarda permanente, em função do seu valor, constituindo assim este Guia, um instrumento de difusão de seu acervo, de forma sumária e genérica. O CME vem preservando essa documentação e fazem parte desses conjuntos documentais, documentos textuais, iconográficos, sonoros e tridimensionais, cujo sistema de arranjo está sendo tratado e organizado, conforme os padrões arquivísticos e abertos para consulta, com agendamentos.

FUNDOS

FUNDO MALBA TAHAN O Arquivo pessoal do matemático e escritor **Júlio César de Mello e Souza**, conhecido pelo pseudônimo de Malba Tahan, é formado por suas principais espécies, tipologias e formas documentais assim descritas: arte-final, bilhete, carta, cartão de visita, cartão postal, circular, conferencia, convite, diploma, folheto, ofício, oração, programa, prospecto, requerimento, telegrama, desenho, fotografia, quadro, matéria jornalística (artigo, coluna, entrevista e notícia), poema, conto, livro (impresso ou manuscrito), revista e objeto. Seu volume compreende 215 caixas-arquivos do período entre 1907 e 1974, aproximadamente e foi doado pela família do escritor em 18 de janeiro de 2010, sendo um importante conjunto documental para pesquisa nas áreas de Educação, História, Literatura, Pedagogia, Ensino da Matemática e Cultura Árabe.


FUNDO ABERTO COLE Um conjunto de aproximadamente 4.000 documentos, registram os processos de organização e realização dos congressos, bem como os discursos sobre a leitura em seus aspectos em produção e circulação no Brasil desde 1978, sua 1ª. Edição. Sua doação foi feita no final de 2017 (abrangendo o período de 1978 a 2016 – da 1ª. a 20ª. edição), pela Associação de Leitura do Brasil (ALB), entidade responsável pela realização dos Congressos de Leitura do Brasil (COLES), há mais de 40 anos.

FUNDO RBHE A **Revista Brasileira de História da Educação (RBHE)** é a publicação oficial da Sociedade Brasileira de História da Educação (SBHE). A primeira edição foi em 2001 e a partir de 2018 a Revista apresenta novidades em seu projeto editorial cuja versão, exclusivamente digital, de acesso aberto, indexada em importantes bases nacionais e internacionais e com parte dos artigos em versão bilíngue. A RBHE atinge sua fase de maioridade, tanto do ponto de vista do seu conteúdo, como da perspectiva gráfica, com a publicação contínua de artigos, visando mais uma boa prática de comunicação da ciência aberta e de alta credibilidade acadêmica. Em 2015, o CME recebe como doação o arquivo documental produzido por esta Revista.

MALBA TAHAN



Pseudônimo de
Júlio César de Mello e Souza
06/05/1895 – 18/06/1974

www.malbatahan.com.br
Visite Malba Tahan no [Facebook!](#) 

Momentos especiais na vida de Júlio César de Mello e Souza



www.malbatahan.com.br

RESUMO BIOGRÁFICO

Infância em Queluz | 1895 – 1906

- A casa: a escola
- Brincando com sapos
- Revista ERRE e Salomão IV

Rio de Janeiro: estudo e trabalho | 1906 – 1925

- Acordaram-me de madrugada
- Redações à venda
- Aulas e cursos
- Golpe perfeito!

Malba Tahan entra em cena | 1925 – 1937

- Primeiro livro e muitos outros
- O misterioso árabe dos jornais

Popularização da matemática | 1937 – 1957

- “O homem que calculava”
- “Conto dos 35 camelos”
- Dom da palavra!
- Muito além das salas de aula

Educação matemática | 1957 – 1974

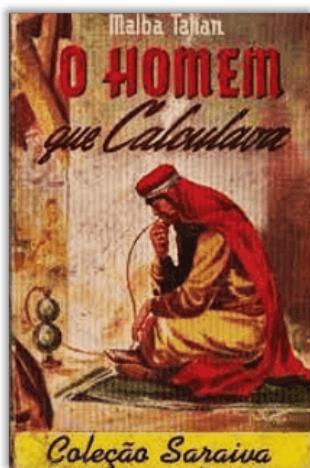
- Arauto e Precursor
- Etnomatemática
- Altruísmo e outras obras

Morte e memória | 1974

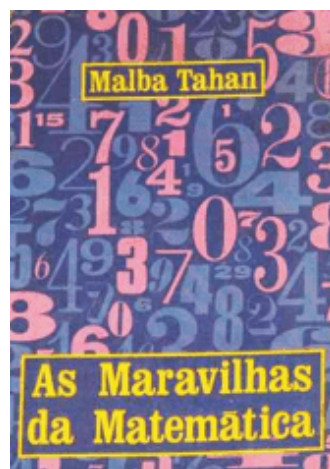
- Rua Arthur Araripe
- Morte e memória

OBRAS TEMÁTICAS

Malba Tahan “deixou-nos mais de uma centena de títulos inspirados na cultura árabe e sobre o ensino da Matemática”. Suas obras abrangem as seguintes temáticas: Obras Infanto-Juvenil, Didática, Livros Escolares, Matemática Recreativa, Literatura Oriental, Periódicos e Diversos.



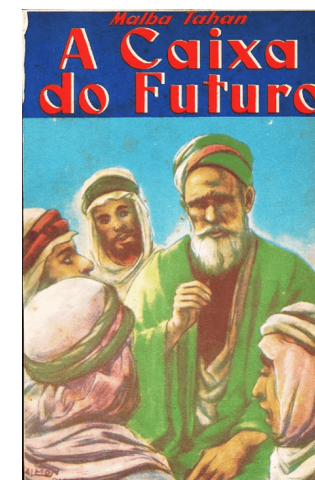
Literatura Oriental
1ª Edição: 1937



Matemática Recreativa
3ª Edição: 1974



Livros Escolares
1ª Edição: 1938



Obras Infanto-juvenis
1ª Edição: 1958

COLE (1978-2016)

CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL



Teoria: Leitura no Brasil | 1º COLE
23 e 24 de setembro de 1978



- Logotipo
- 30 anos de ALB – 2012
- <https://alb.org.br/>



Nas Dobras do Impossível | 20º COLE
11 a 15 de julho de 2016
<https://alb.org.br/20o-cole/>
<https://www.youtube.com/watch?v=SIZoA6aruok>



Painel "Tempos de Cole" produzido para a comemoração aos 30 anos da ALB no 19º Cole, 2014. Criação de Bia Cavani.

<https://alb.org.br/>
Visite ALB no Facebook!



COLE: DOAÇÃO DO ACERVO

O Fundo do **Congresso de Leitura do Brasil (COLE)** reúne diversos tipos de documentos como vídeos, áudios, fotografias, textos, notícias, catálogos e outros, somando mais de 4 mil itens. Está em fase de organização e sob a guarda deste Centro de Memória da Educação e pode ser consultado por pesquisadores. (Para assistir ao vídeo clique <aqui>).



COLE: MEMÓRIAS DA LEITURA NO BRASIL

PROJETO DE PESQUISA

ALB: MÉMORIAS

- Produções e Publicações

ALB Memórias.

- Produções Digitais

ALB 30 Anos – blog comemorativo

Cartografias da Memória – site comemorativo

- Catálogos

Fontes dos Congressos de Leitura do Brasil (1978–1995)

Tempo de Cole



ALLE/AULA Grupo de Pesquisa
Alfabetização, Leitura e Escrita e Trabalho
Docente na Formação de Professores

Faculdade de Educação – UNICAMP

RBHE: 2001-2018

REVISTA BRASILEIRA DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO



A **Revista Brasileira de História da Educação (RBHE)** foi criada pela **Sociedade Brasileira de História da Educação (SBHE)**, após o *I Congresso Brasileiro de História da Educação*, realizado no Rio de Janeiro, em novembro de 2000. Sediada desde 2014 na Universidade Estadual de Maringá percorre academicamente tanto na esfera nacional quanto internacional desde junho de 2001, seu primeiro número e de periodicidade semestral. No ano de 2007, passou a ser quadrimestral. Em 2015 passa a ser apenas digital, e não mais impressa. No ano seguinte, passou a ser trimestral e, a partir de 2018, a revista adota a publicação contínua de artigos inéditos oriundos de pesquisas relacionados à História e à Historiografia da Educação. Essa modificação aponta um importante indicativo da relevância assumida pelo periódico entre os historiadores da educação e constitui-se em um veículo de divulgação de toda produção científica ligada à área de pesquisa e ensino da Educação. O periódico publica, também, documentos, resenhas e notas de leitura, assim como entrevistas com personalidades nacionais e estrangeiras. Seu Fundo (arquivo documental produzido pela Revista), é constituído por um arranjo de 2 grupos principais: Acadêmico e Administrativo. Após, seguem 9 subgrupos e suas séries respectivas com documentos impressos (1609 unidades) e digitais (disquetes, CDs e DVDs), e está acessível para consulta presencial. A Rev. Bras. Hist. Educ. é a abreviação utilizada em referências bibliográficas. **Link do acervo.**

“Fundada em setembro de 1999, a **Sociedade Brasileira de História da Educação (SBHE)** é parte do processo de institucionalização da área de História da Educação no país.”

Versão on-line ISSN: 2238-0094
Versão impressa ISSN: 1519-5902

INCLUSÃO EM INDEX/BASE DE DADOS



A **RBHE** foi aceita para indexação e já está disponível na coleção de periódicos **REDIB** (Red Iberoamericana de Innovación y Conocimiento Científico).



A **RBHE** foi aceita para indexação e já está disponível na coleção de periódicos **SciELO Brasil**.

“O **Educ@** está disponível on-line. Trata-se de um indexador que objetiva proporcionar um amplo acesso a coleções de periódicos científicos na área da educação.



O **Educ@** foi implementado em 2010, por iniciativa da **Fundação Carlos Chagas (FCC)**. Utilizando-se da metodologia SciELO para publicação em acesso aberto de periódicos científicos on-line, tem o propósito de ampliar a divulgação da produção acadêmica e científica da área de educação”.



v. 18, 2018
Publicação contínua

A **RBHE** comemora seus dezoito anos com novo formato.



v. 22 (52), 2022
Publicação contínua

SITES CONSULTADOS

SITE OFICIAL DA FAMÍLIA E DOS ADMIRADORES DE MALBA TAHAN

<https://malbatahan.com.br/>

ACERVO DOS CONGRESSOS DE LEITURA DO BRASIL (COLE) NO CENTRO DE MEMÓRIA DA EDUCAÇÃO – FE/UNICAMP

<https://www.youtube.com/watch?v=1uwQikGkHnE>

GRUPOS DE PESQUISA ALFABETIZAÇÃO, LEITURA E ESCRITA E TRABALHO DOCENTE NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES – ALLE/AULA

<https://www.alleaula.fe.unicamp.br/>

ASSOCIAÇÃO DE LEITURA DO BRASIL

<https://alb.org.br/>

PORTAL DE PERIÓDICOS DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ

<https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/issue/archive>

SOCIEDADE BRASILEIRA DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

<https://sbhe.org.br/>

Colaboradoras

O ACERVO MALBA TAHAN – *MINHAS MEMÓRIAS...*

Profa. Marli Marcondes
Consultora, Restauradora e Voluntária do CME/FE
Ex-Restauradora do CMU/UNICAMP

Logo nos primeiros anos de criação do Centro de Memória da Educação - CME, professores e pesquisadores do Centro calculavam a possibilidade de aquisição de acervos que fossem representativos da história da educação no Brasil, mesmo havendo discordância entre alguns professores sobre a efetiva missão que teria o recém-criado centro. Deveria ser um Centro exclusivo para o desenvolvimento de pesquisas em educação? Ou um centro de documentação em educação? Por fim, o Centro se tornou um espaço de pesquisa e de documentação, sempre relacionados à educação.

Apesar da existência desse debate e, sobretudo por não contar com uma infraestrutura funcional adequada, como laboratório de conservação, de processamento técnico e especialistas em arquivologia e conservação, o CME encarou o desafio de receber um dos acervos mais significativos da história da educação no Brasil, o fundo Malba Tahan.

Esse desafio se concretizou quando a família do escritor e professor Júlio César de Mello e Souza (1895-1974), pseudônimo Malba Tahan, resolveu transferir o acervo para a Unicamp. A mediação foi feita pela neta do escritor, Sra. Renata de Faria Pereira, residente no Rio de Janeiro e representante legal da documentação. A ideia inicial era abrigar o acervo na biblioteca Joel Martins - FE, que já contava com a Coleção Especial Maurício Tragtenberg, composta essencialmente por livros. Já o conjunto Malba Tahan era composto por diferentes espécies documentais, como fotografias, documentos textuais manuscritos, datiloscritos e impressos, hemeroteca, objetos tridimensionais, fitas cassetes e alguns poucos materiais bibliográficos. Diante dessa complexidade de suportes e da

falta de recursos materiais e humanos para tratamento da coleção pela biblioteca, optou-se por abrigá-lo no CME.

Segundo relatos da Sra. Renata, o acervo havia estado no Instituto Malba Tahan, órgão ligado à Prefeitura Municipal de Queluz e, posteriormente, havia sido transferido para a Unirio. Tendo em vista a dificuldade que essas instituições encontraram para garantir o tratamento arquivístico adequado para o conjunto, a família de Júlio Cesar optou por transferi-lo para a Unicamp, já que a universidade acumulava experiência nesse campo devido ao trabalho realizado pelos centros de documentação



e pesquisa, como o Centro de Memória-Unicamp, Arquivo Edgard Leuenroth e Centro de Documentação Alexandre Eulálio. Com isso, deu-se início ao processo formal de aquisição

do acervo, seguindo as normas estabelecidas pela universidade por meio da Portaria No. 51, que estabelece procedimentos legais para a aquisição de coleções. Primeiramente foi designada pela Faculdade de Educação uma Comissão de



Trabalho (Portaria FE – 05/2010), cuja função era avaliar o acervo e dar encaminhamento ao processo de doação, caso a avaliação fosse positiva. Foram

designados os seguintes membros: Profa. Dra. Maria do Carmo Martins (presidente), Profa. Dra. Heloísa Helena Pimenta Rocha, Prof. Dr. Sérgio Lorenzato e eu, Marli Marcondes, na época conservadora e restauradora de documentos fotográficos do Centro de Memória-Unicamp. O trabalho teve início com a visita de dois membros da comissão à residência da Sra. Renata, no dia 13 de janeiro de 2009, no bairro do Leme, Rio de Janeiro, em cujo local se encontrava o acervo.

Foram avaliados os documentos que se encontravam acondicionados em nove caixas, cada qual medindo (1,6m x 0,68m x 0,66m). Coube à professora Maria do Carmo a avaliação sobre o conteúdo da coleção e sua importância para a pesquisa em educação. Coube a mim a tarefa de identificar os materiais e avaliar seu estado de conservação.

Foi a partir desse trabalho, realizado em 2010, que teve início minha relação com a coleção Malba Tahan, e que permanece até hoje.

A avaliação do estado de conservação seguiu o princípio da identificação dos suportes, o diagnóstico e a separação dos itens, uma vez que materiais degradados ao permanecerem em contato com os demais, potencializam a degradação do conjunto como um todo. Verificou-se que, na tentativa de organizar seu próprio acervo, Malba Tahan tomou algumas medidas que, a longo prazo, poderiam danificar ainda mais os documentos, tal como ocorreu com algumas preciosidades do acervo, como a revista Cesar, escrita e ilustrada por Malba em 1905, e a revista ERRE, no mesmo estilo da anterior. Ambas

vinham se degradando devido ao equivocado acondicionamento, tornando-se amareladas, oxidadas e quebradiças.

Imbuído de um espírito preservacionista e consciente da importância de seu papel na educação, Malba produziu inúmeros cadernos onde documentou suas viagens ou, simplesmente, arquivou suas realizações no campo de ensino da matemática. Esse curioso material se constitui em fonte de pesquisa de grande valor, tanto por seu conteúdo, quanto pelas imagens que foram agregadas, além de se revelar como um desafio para a conservação e o restauro, já que agrega diferentes tipos documentais em um único documento.

Também foram avaliados os documentos constituintes da hemeroteca, composto por um conjunto de recortes de jornais que tratam das realizações e publicações de Malba Tahan. Por se tratar de um documento em suporte de papel-jornal, seu estado de conservação foi considerado ruim, já que esse tipo de papel é de baixa qualidade e não foi idealizado para ser arquivado, mas sim, para ser descartado. Esse tipo de

suporte rapidamente se torna oxidado e quebradiço. Nesse conjunto de documentos estão também as fotografias, consideradas como estando em bom estado de conservação, apesar das fraturas existentes nas impressões sobre papel resinado que, felizmente, não apresentam outros sinais de degradação, tais como o espelhamento, oxidação, foxing, rasgos, cortes, manchas ou fungos.

Outras espécies documentais que compõem o conjunto Malba Tahan possuem um caráter museológico, como as placas, medalhas, comendas e objetos tridimensionais. Todos foram considerados em bom estado de conservação.

Portanto, no conjunto como um todo, o estado de conservação foi considerado bom, à exceção das fitas cassetes que se encontravam em processo de degradação e, por consequência, estavam se desmagnetizando.

Por fim, com base nesse diagnóstico e na análise positiva sobre a documentação, a coleção foi finalmente transferida para a Universidade e abrigada no Centro de Memória da Educação, em 2010.

Para marcar esse momento e divulgar aos pesquisadores potenciais o mais recente patrimônio adquirido pela universidade, foi organizado pela Faculdade de Educação/CME o Seminário “Memória da Educação: jornada sobre o patrimônio educativo, arquivos pessoais e imagens”, no dia 10 de agosto de 2010, com a participação de especialistas em Educação, Arquivos, Matemática e Preservação. Nesse evento participei como especialista em conservação e preservação de acervos, compondo a mesa junto com as professoras Diana Vidal (**USP**) e Verena Alberti (**UFRJ**), o professor Sergio Lorenzato (**FE**) e a Profa. Maria do Carmo Martins, diretora do CME. Também participaram do evento os familiares de Malba Tahan.

Uma vez transferido o acervo deu-se início ao tratamento técnico arquivístico do conjunto, tanto o processamento técnico-arquivístico quanto a conservação e preservação. Com a participação de alunos bolsistas da universidade os documentos puderam ser higienizados e as embalagens substituídas. Coube a mim a tarefa de orientar e

treinar os bolsistas nas práticas de conservação e preservação.

Apesar de o acervo ter sido completamente higienizado, a conservação preventiva e curativa dos documentos danificados ficou suspensa, já que o centro não contava com profissionais especializados nessa tarefa. Em 2012 a documentação passou a ser organizada, ordenada e catalogada pelo então diretor do Centro, professor André Paulilo. Muitos pesquisadores passaram a consultar o conjunto e inúmeros trabalhos científicos foram publicados desde a aquisição do acervo.

Nessa época comecei a me distanciar gradativamente do CME e, conseqüentemente, do acervo Malba Tahan, já que minhas atividades no Centro de Memória-Unicamp não permitiam que eu me envolvesse com outras tarefas, embora o acervo me despertasse um desejo enorme de tratá-lo pois, a cada página restaurada, a cada informação revivida nos papéis amassados e acidificados, um universo fantástico se revelava e alimentava o desejo cada vez maior de desvendá-lo.

Mas, eis que em 2019 me vejo aposentada da Unicamp,



após 33 anos de muitos restauros concluídos e muitos ainda por concluir. Um tempo que não vi passar. E eis que em 2019, a convite dos professores André e Arnaldo, retornei ao CME, não mais como funcionária da Unicamp, mas como voluntária. Inicialmente participei da organização do acervo COLE, junto com as pesquisadoras do COLE e as funcionárias do CME, até sermos surpreendidas pela pandemia. Antes mesmo de a pandemia arrefecer retomamos as atividades no CME no início de 2022, quando, uma vez mais, passei a me dedicar à conservação e preservação do acervo Malba Tahan.

Durante os anos em que estive distante muitas mudanças aconteceram no Centro, como a mudança de prédio, a aquisição de equipamentos, instrumentos e ferramentas de restauro, de materiais para acondicionamento, scanners etc., propiciando o desenvolvimento das atividades de forma adequada e eficiente.

Portanto, é com imensa satisfação que me dedico atualmente ao tratamento de conservação do acervo Malba Tahan, e é com muito prazer que compartilho com as funcionárias do CME todo conhecimento que adquiri na área de conservação e restauro para que essa prática se torne contínua no CME. A cada novo documento restaurado que recupera sua fruição, uma surpresa nos é revelada por Malba Tahan. Emocionante!



Documentação do acervo Malba Tahan recebida pelo CME/FE no ano de 2010

Fonte: www.malbatahan.com.br

O CENTRO DE MEMÓRIA DA EDUCAÇÃO NOS 50 ANOS DA FE

Maria Alice Giannoni

Bibliotecária e Especialista em Organização de Arquivos - FE

Sônia Ap. Ferraz de Campos

Auxiliar em Organização de Arquivos (aposentada) - FE

A história de um povo se conhece por meio do resgate e da preservação de seus feitos que, se mantidos sob guarda, são recuperados a qualquer tempo e lugar, recorrendo-se a seus registros, seja em que suporte for, de todas as espécies - os chamados documentos.

Sabemos de tudo, ou de quase tudo que aconteceu desde as épocas mais remotas, graças aos documentos que, ainda hoje, surgem nas diversas partes do mundo, revelando tudo sobre o que não se tinha clareza ou que era mistério até então, trazendo à luz do conhecimento "fatos" e "feitos" da maior importância para a humanidade. Se milhares de documentos

não tivessem sido resgatados (embora outros tantos tenham se perdido), e devidamente restaurados e conservados, uma grande "lacuna" estaria instalada na História, em todos os tempos.

Criar espaços para tratar, conservar e guardar documentos para sua sobrevivência, sejam eles, pessoais, culturais ou institucionais, é um dever de toda e qualquer instituição, seja ela pública ou privada, de pequeno, médio ou grande porte, pois são eles que garantem a ação comprobatória destas instituições.

Aprofundando nosso tema, pesquisadores e especialistas nas áreas da arqueologia, da museologia, assim como em outras, têm descobertos e resgatam a memória e a história, identificando povos e suas culturas e a época em que os acontecimentos se deram, pois são ciências que trabalham na busca de resultados históricos, de milhares de anos atrás, na identificação de nossos antepassados sempre através de suas análises e trabalhos metodológicos, utilizando-se, como por exemplo: de ossadas, cidades soterradas, peças de arte, entre

outros, constituindo-os assim, como objetos de estudo ou “documentos próprios” de cada área específica, e que são utilizadas em suas pesquisas científicas.

Em uma instituição pública, onde os alvos principais são o ensino, a pesquisa científica e a cultura em seus mais diversos segmentos, circulam informações da mais alta importância para o enriquecimento do "saber" e para o desenvolvimento das nações.

Foi com este entendimento e olhar futurista, mas também focado no passado, que os Centros de Memória, Arquivos Centrais e Instituições afins foram criados e estruturados em todas as partes do mundo, mais acentuados a partir da década de 70. Estes Centros condensadores e difusores do saber das universidades viabilizam meios para que estes recebessem um tratamento adequado, moderno e seguro, para garantir sua existência. Assim, assegurarão a história e a memória de qualquer instituição garantindo a segurança do patrimônio ali contido, suportes e infraestrutura adequados e com profissionais da área. Neste contexto de

gestão trata-se de uma tarefa multidisciplinar, além do arquivista, outros especialistas nas áreas de ciência e tecnologia da informação, documental, história, biblioteconomia etc., se juntam salvaguardando todos os fundos documentais existentes em seus mais diferentes polos de informações.

É notório que todos os centros de documentação em suas especificidades, institucionais e/ou pessoais, objetivos e sistemas organizacionais, são cada vez mais indispensáveis na recuperação da memória e história de seus acervos, resgatando o passado e delineando os caminhos para o futuro. No Brasil, o espaço universitário foi precursor no desenvolvimento de planejamentos e/ou programas em busca de recuperar as memórias institucionais e conseqüentemente, preservar suas histórias.

Como foi muito bem colocado pelas historiadoras Ana Maria Camargo e Silvana Goulart, a importância de se dedicar a cultura da memória.

Nos dias atuais, quando a velocidade do mundo contemporâneo nos dá a impressão de que o tempo escapa à percepção humana, o cultivo da memória assume

importância capital (CAMARGO; GOULART, 2014).

Na Unicamp existem Arquivos e Centros de Memória¹ que há décadas vêm se dedicando ao trabalho incessante de gestão documental (série de atividades orientadas), uma ferramenta importante que garantirá seu gerenciamento dando segurança a todas as informações existentes em seus mais variados fundos e coleções, proporcionando acesso seja ele no formato físico ou digital.

O Centro de Memória da Educação – CME foi criado em 2001, órgão científico da **Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas – FE/UNICAMP** e tem por finalidade captar, promover e disponibilizar fontes documentais relativas à memória da educação brasileira, de maneira a estimular pesquisas relativas às memórias e histórias da educação nas diversas áreas do conhecimento. Quando aprovado seu Regimento, não foi somente pensando em uma

política de acervo, mas também para situar o Centro, dentro da Faculdade, enquanto um lugar de pesquisa da memória.

O espaço físico do CME é composto de três ambientes, o primeiro com os equipamentos (terminais de pesquisa), que, com assistência do setor de Informática da FE, receberam adequações referentes às vistorias e instalações necessárias e móveis, para o funcionamento propriamente dito de atendimento, pesquisa, parte do processamento técnico e secretaria, sendo o segundo ocupado pelo setor de higienização e restauro e digitalização, compartilhado com a Biblioteca da FE e o terceiro é composto pela área de seu acervo.

Seu acervo atualmente é composto por três fundos (conjuntos documentais arquivísticos), a seguir: **MALBA TAHAN** (*Júlio César de Mello e Souza*), **COLE** (*Congressos de Leitura do Brasil*) e **RBHE** (*Revista Brasileira de História da Educação*). Fazem parte desses conjuntos documentais,

¹ Centro de Memória da Unicamp (CMU), Centro de Documentação Alexandre Eulálio (CEDAE), Centro de Memória e Arquivo (CMA), Arquivo Edgard Leuenroth (AEL) e Sistema de Arquivos da Unicamp (SIARQ).

documentos textuais, iconográficos, sonoros e tridimensionais, que estão sendo tratados conforme os padrões arquivísticos.

O Arquivo pessoal do matemático e escritor **Júlio César de Mello e Souza**, conhecido pelo pseudônimo de **Malba Tahan**², é formado de suas principais espécies, tipologias e formas documentais assim descritas: arte-final, bilhete, carta, cartão de visita, cartão postal, circular, conferência, convite, diploma, folheto, ofício, oração, programa, prospecto, requerimento, telegrama, desenho, fotografia, quadro, matéria jornalística (artigo, coluna, entrevista e notícia), poema, conto, livro (impresso ou manuscrito), revista e objeto. Seu volume compreende 215 caixas-arquivos do período entre 1907 e 1974, aproximadamente e foi doado pela família do escritor em 18 de janeiro de 2010, sendo um importante conjunto documental para pesquisa nas áreas de Educação, História, Literatura, Pedagogia, Ensino da Matemática e Cultura Árabe.

² Pseudônimo de Júlio Cesar de Mello e Souza – Professor de Matemática e Escritor do Rio de Janeiro, ensinando a matemática e seus cálculos, sua prática educativa e interdisciplinar, seu legado-pedagógico, de forma muito mais dinâmica.

Os **Congressos de Leitura do Brasil – COLE** trata-se de um *Fundo Aberto*³, com um conjunto de aproximadamente 4.000 documentos que registram os processos de organização e realização dos congressos, bem como os discursos sobre a leitura em seus inúmeros aspectos em produção e circulação no Brasil desde 1978 (1^a. Edição), até o atual em sua 22^a. Edição. Percebeu-se através de seus pesquisadores a necessidade deste material documental ser organizado e tratado com normas mais apropriadas, abrindo possibilidades para que este fundo viesse a fazer parte do acervo do CME e, de acordo com negociações desses pesquisadores com a diretoria da ALB abrangendo a 1^a edição (1978) até a 20^a edição (2016), concretizou-se a doação em 2017. Técnicos e coordenadores do CME, pesquisadores do Projeto ALB: memórias⁴, direção da Faculdade de Educação e presidência da ALB, participaram de

³ Fundo ao qual podem ser acrescentados novos documentos em função do fato de a entidade produtora continuar em atividade.

⁴ <https://www.alleaula.fe.unicamp.br/projetos-de-pesquisa>.

todo este processo que foi divulgado pelo site da FE com um vídeo comemorativo⁵.

A **Revista Brasileira de História da Educação – RBHE** é a publicação oficial da **Sociedade Brasileira de História da Educação – SBHE**. A primeira edição foi em 2001 e a partir de 2018 a Revista apresenta novidades em seu projeto editorial cuja versão, exclusivamente digital, de acesso aberto, indexada em importantes bases nacionais e internacionais. A RBHE chega a sua maioria com a publicação contínua de artigos, visando mais uma boa prática de comunicação da ciência aberta. Sua transferência para o CME foi realizada no ano de 2015 e sua documentação foi primeiramente inventariada e organizada de acordo com seu quadro de arranjo, além de higienizada e acondicionada.

Desde sua implantação, o CME sempre desenvolveu suas atividades com a colaboração de estagiários, voluntários, pesquisadores, pós-graduandos, além de docentes também

envolvidos em sua organização e na participação como coordenadores e coordenadores associados através de eleições bienais, e somente a partir de março de 2019, vem contando conosco (servidoras da FE), de forma efetiva.

O CME conta com a Coordenação da Profa. Dra. Inês Ferreira de Souza Bragança e Coordenação Associada da Profa. Dra. Adriana Varani, no biênio 2022-2024. Possui também um Conselho Científico que auxilia estabelecendo as diretrizes de trabalho a serem realizadas constituído assim pelas seguintes representações: Coordenador e Coordenador Associado do CME, representante da FE, do Centro de Memória da Unicamp – CMU, do Sistema de Arquivos da Unicamp – SIARQ, da Biblioteca Prof. Joel Martins da Faculdade de Educação e representante de conservação e restauro. Como uma das políticas do Regimento⁶ é que todo pedido de doação precise obrigatoriamente passar pelo Conselho Científico, tão importante é também a presença técnica de parte de seus

⁵ <https://www.youtube.com/watch?v=1uwQikGkHnE&t=6s>.

⁶ Novo regimento aprovado pela Congregação da FE, em 29 de março de 2017.

integrantes, para assim melhor avaliar e auxiliar na construção das decisões em relação aos acervos.

Várias questões foram decididas pela Comissão e, dentre elas, a de trabalharmos a partir da organização do Fundo COLE. Parte deste fundo estava previamente organizado, que contou com uma equipe de pesquisadores formada por docentes, alunos de mestrado e doutorado e bolsistas de graduação, cujo método de arranjo utilizado foi baseado em suas tipologias e espécies documentais (textuais, iconográficos, sonoros/audiovisuais, tridimensionais e digitais), com bases cronológicas e com códigos que pudessem seus itens e/ou unidades serem todos identificados.

Depois de algumas discussões com o grupo que já atuava neste acervo, juntamente com a atual equipe técnica do CME e mais uma voluntária conservadora/restauradora e, mediante avaliações do sistema adotado, chegamos ao consenso de aplicar o método baseado na **ISAD (G)** – Norma Geral Internacional de Descrição Arquivística, que estabelece diretrizes gerais para a preparação de descrições arquivísticas

que vão identificar e explicitar o contexto e o conteúdo de documentos a fim de promover o acesso ao mesmo e, na **NOBRADE** – Norma Brasileira de Descrição Arquivística, cujo objetivo é o de adaptar as normas internacionais à realidade brasileira. Estas normas são adotadas por toda Universidade em seus arquivos, centros e núcleos.

Se fez necessário também pensar que uma diretriz normativa internacional como a ISAD(G) e a NOBRADE para a comunidade arquivística é muito importante, ou seja, falar a mesma língua para que todas as atividades se coadunam abrindo portas especialmente pelo avanço da informática fortalecendo um objetivo democrático de acesso as informações em nível mundial. A exemplo disso, futuramente, a ideia é utilizarmos o sistema ICA-AtoM (software de descrição desenvolvido com base nas normas do Conselho Internacional de Arquivos - CIA), pois esta Universidade já está experienciando, fazendo uso desse sistema que vem sendo adaptado à nossa realidade.

Na organização arquivística, principalmente quando os

documentos passam a integrar o acervo e serem considerados um patrimônio da instituição, em virtude de seu valor permanente, é de suma importância salientar as atividades de *descrição*, pois garantem amplamente os significados e conteúdo dos documentos, destacando-se também o *quadro de arranjo* e a *conservação* dos conjuntos documentais.

No quadro de arranjo arquivístico (organização física dos documentos), do Fundo Aberto COLE, procuramos dar mais ênfase à *estrutura/método funcional* (fator de recuperação mais importante das informações), do que *tipológica*. Até o momento, o trabalho foi dividido em 20 grupos, cronologicamente. Dentre esses grupos, cinco séries foram criadas as quais subdividimos em mais 15 subséries, dando sequência às suas unidades e/ou itens documentais. Destacamos que o quadro de arranjo só se define quando finalizamos todo o processo de trabalho do fundo documental,

uma vez que através da própria documentação encontramos novos assuntos e informações que o deixam cada vez mais completo e fidedigno em seu conteúdo.

Construímos também um **Guia do Acervo**⁷ de forma resumida e atualizado neste ano, com suas principais informações a respeito deste Centro que está disponível neste próprio *Boletim em comemoração aos 50 anos da FE*.

Nesta fase de trabalho, fomos acometidos pela pandemia interrompendo então nossas atividades que vínhamos desenvolvendo no CME. No retorno, que se deu em outubro de 2021, paralelo ao desenvolvimento da organização do Fundo COLE, começamos no acervo Malba Tahan o processo de higienização e restauro considerando que boa parte de sua documentação já está catalogada, trabalho este realizado com bolsistas e orientandos do Prof. Dr. André Luiz Paulilo, responsável por este processo de gestão organizacional da

⁷ Instrumento de pesquisa que oferece informações gerais sobre fundos e coleções existentes em um ou mais arquivos.

massa documental deste Fundo⁸.

Muito trabalho tem-se pela frente tanto a médio e longo prazo mas todas as etapas de suas atividades serão seguidas com uma metodologia dinâmica e sequencial dando continuidade às nossas *atividades-meio* (planejamento, pessoal, material, orçamentos, projetos, coordenação), incluindo restauro e conservação dos documentos (proteção e longevidade de toda documentação nos mais diversos suportes); sua reprodução digital e participação efetiva no sistema de bases de dados e dar acesso pleno das informações contidas nos documentos para fins de atingir a principal *atividade-fim* desta organização.

Referências Bibliográficas

ARQUIVO NACIONAL. **Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística**. Rio de Janeiro: 2005. 231p. Disponível em https://www.gov.br/arquivonacional/pt-br/servicos/gestao-de-documentos/orientacao-tecnica-1/publicacoes-tecnicas-de-referencia/copy_of_dicionario_de_terminologia_arquivistica.pdf. Acesso em: 02 ago. 2022.

CAMARGO, Ana Maria; GOULART, Silvana. **Centros de Memória**: uma proposta de definição. São Paulo: Edições Sesc, 2014. 112 p.

PAULILO, André Luiz. **Centro de Memória da Educação da Faculdade de Educação/Unicamp**: Memorial de Gestão e Atividades. Campinas: 2012-2016. 139 p.

⁸ Um dos projetos realizados foi “Memória da Educação e Arquivo: preservação/conservação do acervo de Malba Tahan” que auxiliou o aprendizado a aumentar a vida útil dessa documentação histórica.

GALERIA DE IMAGENS

4

Fotografias

PARA ALÉM DA CÂMERA ESCURA

Profa. Marli Marcondes
Conservadora e Restauradora
Ex-funcionária do CMU (Centro de Memória da Unicamp)

Atualmente chamamos de imagens a esses espectros binários de informação que se traduzem por representações imagéticas, em substituição às antigas fotografias em papel. À primeira vista os meios digitais parecem ter nos afastado dos referentes fotográficos, dos indivíduos retratados, dos lugares de ação e do tempo vivido. Mas o meio digital não é suficientemente capaz de dirimir a relação secular entre o sujeito e a representação que resultam do ato fotográfico. Portanto, a Galeria de Imagens aqui apresentada é composta por fotografias que, por meio dos dispositivos técnicos congelaram um tempo, uma ação e, ao recordarmos esses momentos exibidos digitalmente, novamente nos emocionamos, sentimos saudades e nostalgia.

Apesar de toda tecnologia digital presente no processo de registro, essas imagens nos garantem que aquele momento mágico tenha de fato ocorrido, que no momento da mais pura autonomia do dispositivo, a emanção luminescente do indivíduo se impressionou no suporte da imagem, que no passado era a película e hoje são as fotocélulas. Dessa forma a imagem se inscreve no suporte como se fosse uma pegada, uma marca, um traço, atestando a existência do referente naquele instante. Logo, a galeria que se apresenta nos proporcionará revisitar lugares e pessoas, tempos vividos e sentimentos experimentados, ou seja, tudo aquilo que o dispositivo democraticamente permite, ressignificando ou reconstruindo a memória dos 50 Anos da Faculdade de Educação da Unicamp.

FACULDADE DE EDUCAÇÃO NO CICLO BÁSICO
INAUGURADO EM JULHO DE 1972, UMA DAS PRINCIPAIS
REFERÊNCIAS DA UNIVERSIDADE



Hall Principal do Ciclo Básico



Vista do Edifício dos Cursos Básicos



Interior da Sala de Aula



Conjunto de Anfiteatros



Acesso às Salas de Aula



Salas de Aula/Pátio Interno



Sala da Diretoria



Sala dos Docentes



Sala do Secretário



Vista da fachada do prédio do Ciclo Básico, instalada a Faculdade de Educação (FE) na década de 70.

Fonte: Faculdade de Educação - FE

VISTA DA ENTRADA E LATERAL DO PRÉDIO DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO (1999)



Fotos: Luciano Coutinho

Fonte: Faculdade de Educação - FE

EXPOSIÇÃO 30 ANOS FACULDADE DE EDUCAÇÃO (2002)



Mostra interna de vitrines na Faculdade de Educação – 30 anos

Fonte: Faculdade de Educação - FE



Mostra externa na Faculdade de Educação – 30 anos.

Fonte: Faculdade de Educação - FE



Evento 30 anos FE 2002: Reitor Prof. Dr. Carlos Henrique de Brito Cruz, diretores FE Profa. Dra. Águeda Bitencourt e Prof. Dr. Jorge Megid, docentes FE Maria do Carmos Martins, Heloisa Helena Pimenta Rocha, Olga von Simson, Ivany Pino, Pedro Goergen e servidores da Faculdade

Fonte: Faculdade de Educação - FE

RECUPERANDO AS OBRAS DE MALBA TAHAN (2022)

Conservadora e restauradora Profa. Marli Marcondes - CME/FE 2022

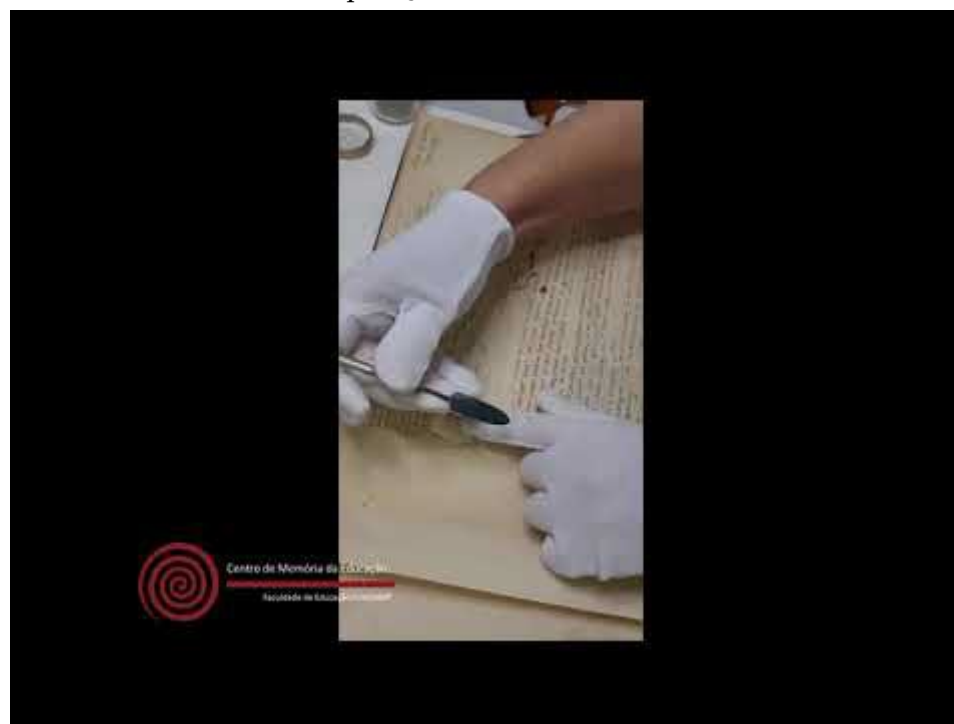


Sonia e Maria Alice - CME/FE 2022

Fonte: Faculdade de Educação - FE

Veja o vídeo do processo a seguir:

Vídeo: Recuperação das obras de Malba Tahan

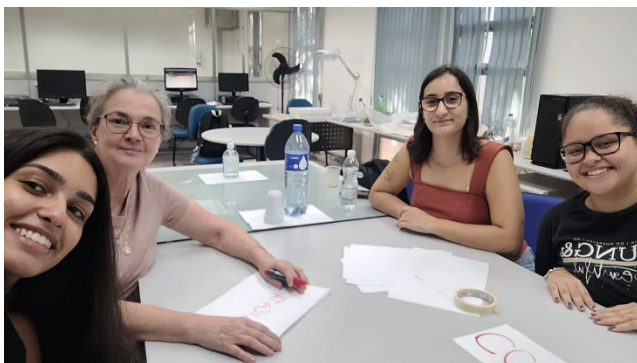


Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=17iRCWR61Zo>

EQUIPE DE TRABALHO DO CENTRO DE MEMÓRIA DA EDUCAÇÃO (2023)



Equipe do CME em dia de abertura da exposição FE UNICAMP 50 anos: memórias e histórias de formação. Da esquerda para a direita estão: Julia Muniz Moreira (bolsista), Luiz Gustavo Inácio de Jesus (bolsista), Adriana Varani, (docente), Aline Bilharinho (estagiária), Inês Bragança (docente), Maria Alice Giannoni (bibliotecária) e Marli Marcondes (restauradora).



Da esquerda para direita estão os bolsistas e funcionária do CME: Julia Muniz Moreira (bolsista), Maria Alice Giannoni (bibliotecária), Aline Bilharinho (estagiária) e Eduarda Iris Guedes Ferreira (bolsista).



Bolsistas: Denilson Lopes M. Filho e Júlia Muniz Moreira, Maria Alice Giannoni (bibliotecária) e Inês Bragança (docente e coordenadora), no CME/FE



Novembro de 2022 na sala do CME/FE, reunião do Conselho Científico e convidadas. Da esquerda para a direita estão: Profa. Inês Bragança (FE/Unicamp), Ana Gomes Porto (pesquisadora), Telma Maria Muraro (SIARQ/Unicamp), Renata Oriole (FE/Unicamp), Profas. Ângela Loureiro Junquer, Márcia de Godoi Camargo e Elizena Cortez (convidadas), Prof. Ezequiel Theodoro da Silva (FE/Unicamp), Ana Cláudia Cermaria Berto (CMU/Unicamp), Profa. Adriana Varani (FE/Unicamp) e Prof. André Luiz Paulilo (FE e CMU/Unicamp).

Fonte: Centro de Memória da Educação da FE – CME/FE

HOMENAGEM

(in memoriam)

5

**AUTOBIOGRAFIA DE ANTÔNIO MUNIZ DE REZENDE
(1928-2023)**

Leia a seguir a transcrição da autobiografia do prof. Antônio Muniz de Rezende, ex-diretor da Faculdade de Educação da Unicamp entre 1976 e 1980.

ANTONIO MUNIZ DE REZENDE

livro

GRAÇAS A DEUS!

POR ESSE MUNDO AFORA

COM MUDANÇA DE NÍVEL E DE VÉRTICE

1928-2018

INTRODUÇÃO

Ao iniciar minha *autobiografia*, penso espontaneamente em Bion e Fernando Pessoa.

Este último escreveu um livro precioso com o título: *O eu profundo e os outros eus*. Dessa forma, sugeriu ao mesmo tempo uma delicada distinção entre *personalidade* e *personagens*, como assunto inevitável em toda biografia.

Por seu lado, Bion, em vários textos, discorreu a respeito de uma *existência temporal*, no *passado* (sem memória), no *futuro* (sem desejo), e no *presente* (sem compreensão). Especialmente na TRILOGIA FANTÁSTICA, tentou vivenciar *oniricamente* essas três dimensões, que também eu me permito, agora, comentar um pouco mais.

O primeiro volume da *Trilogia* é intitulado “*O passado no presente*”, o segundo “*Memória do futuro*”, o terceiro “*Aurora do esquecimento*”. Usando a linguagem gramatical a respeito do primeiro volume, perguntamos o que é o *presente* e respondemos dizendo que “é o *futuro* do passado”. A respeito do segundo volume, o presente é “o *passado* do futuro”. A respeito do terceiro volume, o presente é “um *instante* da eternidade”.

Isso ajuda-nos a entender um pouco melhor o que Bion queria

dizer com o aforisma: “*sem memória*” em relação ao passado; “*sem desejo*” em relação ao futuro; “*sem compreensão*” em relação ao eterno presente. Evidentemente, trata-se de uma memória *saturada*, em que o passado impediria o presente; um desejo *saturado*, em que o futuro comprometeria o presente; e um presente *saturado*, em que a imanência dispensaria a transcendência, e a transcendência ignoraria a imanência.

Lacan é quem melhor ajuda-nos a entender o que seja um desejo saturado, como *falta*, na insatisfação com o presente, e sem garantia de êxito no futuro. Por outro lado, Bion ajuda-nos a reconhecer o *dinamismo* do presente tanto em relação ao passado como ao futuro, e à própria eternidade. Um dinamismo, que se torna ainda mais manifesto na distinção entre *chronos* e *kairos*.

O que é *chronos*? Uma sequência homogênea de momentos iguais, (como o tique-taque do relógio). E o que é *kairos*? Um momento diferente na sequência temporal. A tal ponto que não deixamos de identificar *grandes* acontecimentos, a começar pelo nascimento. A este propósito, Bion serve-se da palavra “*Cesura*”, para indicar “*momentos*” vitais que separam o que vem “*antes*” e o que vem “*depois*”.

No meu caso, vou identificar *dez momentos cairóticos*, que me permitirão distinguir capítulos diferentes em minha

autobiografia, do nascimento aos dias de hoje, bem como vários aspectos na história de minha *personalidade*, em confronto com meus personagens.

Até porque, também no caso de Bion, a *Trilogia Fantástica* pode ser considerada belo exemplo de psicanálise cairótica, do *eu profundo*, sustentando a psicanálise dos *outros eus*. O *Somito Bion, Myself, o Psicanalista, o Médico, o Sacerdote, o Advogado...* além dos personagens de uma vida familiar movimentada. No meu caso, a infância, a adolescência, a maturidade, a velhice; no Brasil, na Europa, na América do Norte... aqui

agora. Resumidamente:

Capítulo Primeiro: Tupaciguara, de 1928 a 1939

Capítulo Segundo: Uberaba, de 1939 a 1945

Capítulo Terceiro: São Paulo, de 1945 a 1948

Capítulo Quarto: França, de 1948 a 1952

Capítulo Quinto: Roma, de 1952 a 1954

Capítulo Sexto: De 1954 a 1968: em vários estados do Brasil

Capítulo Sétimo: Bélgica, de 1969 a 1971

Capítulo Oitavo: Canadá, de 1971 a 1975

Capítulo Nono: Campinas, de 1975 a 1985

Capítulo Décimo: Psicanálise, de 1985 aos dias de hoje

CAPÍTULO PRIMEIRO

TUPACIGUARA de 1928 a 1939

Nasci no dia 15 de março de 1928, na cidade de Tupaciguara, no Triângulo Mineiro. Meu pai chamava-se: Áureo Muniz de Rezende, minha mãe Georgeta Carvalho de Rezende.

Com esta simples frase, estou evocando um determinado contexto sociocultural, a começar pela palavra *Tupaciguara*. *Tupá* ou *Tupã*, em tupi-guarani, significa Deus. *Ci* é mãe. *Guara* é terra. Tupaciguara é a ***Terra da Mãe de Deus***.

A esse propósito, há mais uma brincadeira de mineiro. Dom Carlos Carmelo de Vasconcelos Motta, de Caeté, brincava assim: lá no Rio Grande do Sul há uma cidade chamada *Tupanciretã*, que significa “A mãe de Deus passou por aqui”. E Dom Carmelo concluía: “Passou por aqui e foi morar no Triângulo Mineiro”! Uma brincadeira que me marcou desde o início.

Tupaciguara veio a ser, em 1922, o nome definitivo do vilarejo

fundado por dona Maria Teixeira por volta de 1841.

De viagem de Santa Rita do Paranaíba rumo a São Pedro d'Uberabinha, ela trazia em sua bagagem uma imagem de Nossa Senhora d'Abadia. Ao atravessarem um ribeirão, no município de Monte Alegre, o carro de bois tombou e as malas caíram dentro d'água. Todos gritaram: "Valha-me Nossa Senhora d'Abadia!". Ninguém se machucou, e principalmente a imagem não sofreu um arranhão sequer. Foi um "verdadeiro milagre"!

Para comemorar, dona Maria Teixeira mandou construir uma capela em honra de "Nossa Senhora d'Abadia do Bom Sucesso", e o lugarejo ficou conhecido como Abadia do Bom Sucesso. Em 1912 emancipou-se de Monte Alegre, com o nome de *Abadia*. Finalmente em 1922 passou a chamar-se *Tupaciguara*, no contexto do movimento indigenista que propunha a adoção de nomes indígenas para os povoados da região. A título de exemplo, Santa Rita do Paranaíba passou a ser *Itumbiara*, Monte Alegre seria *Toribaté*, e Abadia passou a ser *Tupaciguara*.

Como é sabido, Bion distingue três modelos epistemológicos: filosófico-científico, estético-artístico e místico-espiritual. Levando em conta o modelo místico espiritual, eu diria que o nome de minha cidade influenciou meu inconsciente desde a primeira

infância. Até porque, numa cidade pequena... o que acontecia com poucos, era do conhecimento de todo mundo.

Quais os grandes acontecimentos em nossa cidade? As festas religiosas e algumas festas cívicas, com detalhes importantes para minha família. Por exemplo... nas festas religiosas havia as barraquinhas. E elas aconteciam na Praça da Matriz, com um coreto bem no meio. (Agora me veio à lembrança o Chico Buarque cantando ... "No coreto do jardim").

Nas barraquinhas... churrasco e leilões. O encarregado do churrasco era papai. E no coreto, quem fazia os anúncios do leilão, era tio Laerte, irmão de mamãe.

Aliás, isso me permite contar mais uma história que faz muito sentido para mim. Mamãe casou-se com papai. Tia Orminda, irmã de papai, casou-se com tio Laerte, irmão da mamãe. Tia Niquinha, irmã de papai, casou-se com tio Ademar. Papai, tia Orminda, tia Niquinha eram irmãos, e se casaram no mesmo dia, numa festa com muitos convidados!

Digo isso para mostrar a importância das famílias na cidade. Ou melhor: a própria cidade apresentava-se com as marcas de suas famílias. Por exemplo: os *Marques da Silva*, os *Rodrigues*

da Cunha, os Guimarães, os Teixeira, os Barros, os do Vale ... eram e continuam sendo importantes até hoje.

O que estou querendo dizer é que nasci num ambiente notadamente familiar, numa cidade cujos acontecimentos principais eram as festas *religiosas* e algumas comemorações *cívicas*.

Vou agora mencionar outro contexto relevante ... a partir do casamento de papai com mamãe, e da tia Orminda com tio Laerte. Naquela região do Triângulo, também a política era praticada em torno de dois partidos: *Lavoura* e *Comércio*. *Lavoura*, o partido dos fazendeiros, *Comércio*, o da cidade. (Um pequeno detalhe, para não me esquecer: em Uberaba havia um jornal que se chamava “*Lavoura e Comércio*”).

O que aconteceu com meus pais? Papai era da *Lavoura*, mamãe do *Comércio*. Por assim dizer, tivemos que viver um inevitável conflito entre a mentalidade do campo e a da cidade. (Em linguagem antropológica, papai representava a *Natureza*, mamãe representava a *Cultura*).

Do lado da mamãe, vovô Christiano era tabelião do Primeiro *Ofício*, tio Laerte professor e escrivão, mamãe secretária. E muitos negócios eram registrados no cartório do vovô, com a presença de proprietários, parentes e amigos.

Do lado do papai... a família era da fazenda. Meu bisavô era

dono de uma grande fazenda que ficava entre o município de Araguari e Monte Carmelo. Ela se chamava *Fortaleza*. (Parece que até hoje lá existe uma fazenda com esse nome). E a cidadezinha onde papai obteve certidão de nascimento chamava-se *Bagagem*, hoje, *Estrela do Sul*.

(A mudança de nome deveu-se à descoberta do maior diamante da região, que ganhou o nome de *Estrela do Sul*. Esse diamante encontra-se nos guardados da Rainha da Inglaterra!).

Quando meu bisavô faleceu, os filhos resolveram lotear e vender a fazenda. Meu avô Joaquim ficou com a parte dele, e foi morar com tio Chiquinho no município de Piracaíba.

Estou mencionando os nomes, porque é mais uma maneira de enfatizar a dimensão histórica regional.

Papai, tia Orminda, tia Niquinha, tia Cotinha foram morar em Tupaciguara. Papai casou se com mamãe, e a primeira filha foi a Teresa que nasceu em 1925. Eu nasci em 28, e meu irmão José em 32.

Logo após o casamento, as diferenças culturais começaram a aparecer. Papai era “da roça”, como a gente costumava dizer. Mamãe, “da cidade”.

Uma dificuldade que sinto ter vivido na infância foi bem essa:

como conciliar *campo* e *cidade*, em ambiente familiar? Um exemplo de que me lembro ainda hoje, eu devia ter 3 ou 4 anos. Papai foi contratado como administrador de uma fazenda ... embaixo da serra conhecida como “Serra da Confusão”!

Tenho poucas lembranças dessa época. A lembrança mais íntima é a do vovô Christiano agachado como um cavaliño, na sede da fazenda, e eu montado em suas costas. Vovô era muito espontâneo e de bom humor.

Só que, lá pelas tantas, tive minha primeira doença mais séria: crupe! Por esse motivo, vovô acabou proibindo papai de continuar morando na fazenda, sem a possibilidade de um atendimento médico de urgência.

A esse propósito, deixem-me fazer mais um comentário anedótico. Um bom médico de Tupaciguara era o Dr. José Guimarães. Ele tinha excelentes qualidades médicas e era um dos únicos a possuir um automóvel, com o qual ia às fazendas atender os pacientes.

Um detalhe de que nunca me esqueço... é que na nossa rua, Coronel Joaquim Mendes, havia uma sorveteria, “Confeitaria e Sorveteria Glória” ... do Abdallah. Mais precisamente Abdallah José da Silva, sírio-tupaciguarense.

Naquele tempo, a gente distinguia turco, sírio e libanês.

Turco é como eles chegavam, geralmente pobres. E aí começavam a trabalhar, como mascates, vendendo roupa na rua... E ficavam ricos depressa, virando *sírios*. E quando ficavam mais ricos ainda, viravam *Libaneses*.

Na sorveteria do Abdallah, era onde a gente se reunia com mais frequência. Dr. José Guimarães pegava uma carabina... e do outro lado ficava o Terêncio fumando cigarro. Zé Guimarães atirava para derrubar a cinza do cigarro na boca do Terêncio! Aquilo para mim era um absurdo. Se ele errasse... matava o Terêncio. Em todo caso, a sorveteria do Abdallah tinha grande importância para mim, e estas são algumas lembranças de minha infância mais antiga.

E já que falei em doença, meu irmão, nasceu em 1932, e aos dois anos de idade teve um sério problema de pulmão, e não havia como tratá-lo em Tupaciguara. Por sugestão dos irmãos de papai que moravam em Araguari, tia Ladica e tia Orlandina, nossa família preferiu mudar-se para Araguari, onde havia um médico competente, por nome Dr. Jeová, que se prontificou em operar meu irmão.

Por outro lado, vovó Henriqueta era devota de nossa Senhora de Fátima, em cuja capela, em Araguari, havia muitos ex-votos comemorativos de milagres alcançados com sua ajuda.

Fomos morar em Araguari durante certo tempo. Mas uma das lembranças mais comoventes para mim foi a viagem que fiz em companhia de meu pai, durante dois dias, levando nossa mudança de uma cidade para a outra. Fomos de carro de bois, e às vezes eu ia andando, às vezes encarapitado em cima das bagagens.

E o mais constrangedor era o boato de que havia onças naquela região. Papai e eu fizemos a viagem com receio de algum ataque inesperado. Felizmente não aconteceu nada.

E pudemos passar a noite tranquilamente na casa de meu tio Osvaldo, casado com a Dodô. Eles moravam junto à ponte Melo Viana, onde mantinham uma loja à disposição dos viajantes, e era também a parada obrigatória da jardineira de Tupaciguara a Araguari. Posteriormente tio Osvaldo foi morar em Goiânia.

Agora vou falar do clima cultural em Tupaciguara, com especial referência ao Grupo Escolar “Arthur Bernardes”.

Os donos de fazendas eram ricos e inteligentes. Mandavam os filhos estudar fora, seja em Belo Horizonte no Instituto de Educação, seja em São Paulo na Caetano de Campos.

Em Tupaciguara, tive professoras formadas na Caetano de Campos e no Instituto de Educação. Como exemplo, posso mencionar o fato de ainda hoje eu citar poesias que aprendi no curso primário. Poesias de Gonçalves Dias, Castro Alves, Casemiro

de Abreu, Olavo Bilac. Por exemplo:

*“Última flor do Lácio, inculta e bela
És a um tempo esplendor e sepultura,
Ouro nativo que na ganga impura
A bruta mina entre cascalhos vela”*

Ou então:

*“A vida é combate
que os fracos abate
que os fortes, os bravos
só pode exaltar”*

Um grupo escolar de alto nível! Tanto assim que, especialmente as meninas, quando iam estudar fora, eram sempre bem colocadas no exame de admissão. E eu aprendi bastante, especialmente com dona Lourdes Mendes de Carvalho, a quem presto aqui minha sincera homenagem. Além dela, Adélia de Melo, Jandira Prado, Ana Esterlita, Nenê da Benvinda....

As principais festas cívicas de que me lembro eram especialmente comemoradas por iniciativa da prefeitura e do

grupo escolar. Uma delas que me tocava especialmente era a de **Tiradentes**, mártir da Inconfidência Mineira. De alguma forma, ele passou a ser o grande modelo de patriotismo na minha infância. Um exemplo de amor à pátria, em contexto mineiro. O governo central cobrava impostos dos mineiros para pagar a dívida que Portugal ainda tinha com a Inglaterra. Um quinto da produção das minas tinha que ser pago ao governo central. Os inconfidentes se rebelaram, e Tiradentes foi um mártir da Inconfidência Mineira!

Uma brincadeira que ainda hoje costumamos fazer é lembrando o jeito de falar dos mineiros, especialmente com a expressão *UAI*. Fiquei agradavelmente surpreso quando alguém me informou que essa palavra era o código usado pelos inconfidentes para se fazerem reconhecer: *UAI* quer dizer *Um Amigo da Inconfidência!* Daí o costume de nos apresentarmos assim: “*Sou Mineiro, Uai!*”

E como prova de nossa fidelidade, proclamávamos a riqueza das Minas Gerais, de Ouro Preto e Sabará até a Serra da Canastra e o rio São Francisco, como indiscutíveis sinais da grandeza de Minas. E ficávamos indignados com a perspectiva de sermos explorados pelo governo federal, da maneira como havia feito no tempo do Império.

Uma maneira bem simples de comemorar as festas era com bailes

e desfiles. A respeito dos bailes, lembro-me com certo orgulho do tio Laerte dançando tango com dona Luiza Ribeiro. A tal ponto que todo mundo parava de dançar para assistir ao belo espetáculo dos dois dançando sozinhos.

E os desfiles ... Em vez de desfile em ambiente formal, tínhamos o “*vai-vem*” da rua, bem em frente à casa do vovô. A rua chamava-se Coronel Joaquim Mendes e era a principal da cidade. E nós ficávamos no alpendre, assistindo ao desfile, antes da hora do cinema.

Era muito interessante observar o *vai-vem*: os meninos numa direção e as meninas em sentido contrário. Na hora em que se cruzavam é que trocavam os olhares. E a gente, do alpendre, ficava observando: “Fulana está olhando para sicrano”! E assim acompanhávamos as etapas do namoro.

Outro detalhe que não posso deixar de mencionar... muito importante no meu inconsciente, é a respeito do “esporte”, mais precisamente a natação, e como aprendi a nadar. A cidade tinha dois bairros: o *Lado de Cá* e o *Lado de Lá*. O lado de cá a gente dizia que era *Minas*, o lado de lá era *Goiás*. No meio, havia um ribeirão, que a gente chamava **Córrego do Poção**.

Foi nesse córrego que aprendi a nadar. Os meninos iam nadar, mas as meninas não iam. E não havia nenhuma piscina na cidade.

(Os mais ricos iam a Uberlândia frequentar o *Praia Clube*). Os meninos não obtinham facilmente licença para nadar, mas a gente ia escondido. E quando queria nadar, e se encontrava na rua, a gente fazia um sinal com o dedo indicador e médio, imitando duas pernas nadando ... e todo mundo entendia.

Uma vez, choveu muito na cabeceira... e o córrego encheu... com perigo de vida para os meninos que ainda não sabiam nadar. Os pais ficaram preocupadíssimos!

Outro contexto sociocultural, importante para mim desde a infância, foi a política nacional e sua repercussão no interior de Minas.

Em 1928, ano de meu nascimento, Getúlio Vargas assumiu o governo do Rio Grande do Sul. Durante seu mandato, procurou acordo com a oposição, conseguindo pôr fim a quase 30 anos de violentas lutas interpartidárias em seu estado.

Em 1929, tornou-se candidato às eleições presidenciais de 1930, representando a Aliança Liberal, que nasceu de um acordo entre o Rio Grande do Sul, Minas Gerais e a Paraíba, marcando assim um rompimento com o Governo Federal.

Em 1930, Getúlio concorreu à presidência da República, ao lado de João Pessoa, mas foi derrotado pela chapa situacionista apoiada pelo então presidente Washington Luís. Logo depois,

João Pessoa foi assassinado em um crime passional.

Os “aliancistas” atribuíram motivos políticos para o crime e deflagraram uma rebelião político-militar contra a Velha República. Em 10 de outubro desse ano, unidades do exército se rebelaram em todo o país, e impediram a posse de Júlio Prestes. Por esse e outros motivos os paulistas tomaram posição contra Getúlio e seus aliados, a começar por Minas Gerais, o estado vizinho mais comprometido. Ousadamente, declararam “guerra” e começaram a *revolução paulista*.

Uma de minhas lembranças mais antigas tem a ver com a *revolução paulista* e o perigo que corríamos caso os revolucionários conseguissem invadir o Triângulo Mineiro, atirando e matando quem se opusesse a eles.

Eu devia ter no máximo quatro anos (em 1932) quando meus parentes decidiram levar nos para a fazenda da Cachoeirinha, de propriedade de tio Doutor do Vale, onde provavelmente os paulistas não chegariam. Tudo isso porque corria o boato de que eles haviam atravessado o Rio Grande, na divisa dos dois estados, e estavam a caminho de Uberaba.

Na minha memória mais antiga, ficou a lembrança da fazenda, misturando o prazer dos banhos na cachoeira e o medo de uma eventual invasão dos paulistas.

De fato, Getúlio Vargas saiu vitorioso e passou a governar, de 1930 a 1945. Isto significa, entre outras coisas, que era presidente do Brasil quando estourou a guerra mundial em 1939, por iniciativa de Hitler na Alemanha nazista. (Vou comentar esse período no capítulo segundo de minha biografia, correspondendo a minha ida para Uberaba).

Em todo caso, posso dizer que minha infância, de 28 a 39, foi marcada, politicamente, pela atuação de Getúlio Vargas com o apoio do governo de Minas Gerais.

Preparando minha mudança para Uberaba, frequentei o grupo escolar Arthur Bernardes, fazendo o curso primário de 35 a 38. Estimulado também por minha irmã, que era excelente aluna, consegui um bom aproveitamento, permitindo-me concluir sem nunca repetir de ano. Tirava boas notas, e resolvia minhas dificuldades com a ajuda de mamãe e Teresa. Até os onze anos, vivi assim: em casa, na rua, na escola... e na paróquia onde fui coroinha, frequentando o catecismo e ajudando nas missas.

CAPÍTULO SEGUNDO

UBERABA de 1939 a 1945

Terminei o curso primário no final de 38, e no começo de 39

fui fazer o ginásial em Uberaba, onde completei 11 anos. A escolha da cidade e da escola se deu de maneira espontânea, levando em conta minha família e nossos melhores interlocutores.

Por exemplo: no cartório do vovô, às 2 h. da tarde... vovó servia um café. “O café das duas” ... ponto de encontro para amigos e fregueses... Inclusive o vigário da paróquia, Padre Simeão Janet, que ia quase sempre tomar o *café das duas* no cartório do vovô.

Numa tarde dessas, todo mundo reunido... com certa solenidade eu disse ao vigário que, já tendo sido seu coroinha, quando crescesse, ia ser também seu colega.

Isso foi levado muito a sério, e a vovó foi logo dizendo: “Então vamos encaminhá-lo”. Para onde? Havia duas hipóteses: uma seria o seminário diocesano, a outra o seminário dos dominicanos, ambos em Uberaba.

Vovó e tia Gelita eram “terceiras” da ordem dominicana, e por isso vovó preferiu orientar-me para os dominicanos em Uberaba: “Rua Lauro Borges, 50”, ao lado da Igreja São Domingos. (Nessa mesma rua, mais embaixo, moravam tia Nica e tia Antoninha, bem como o Elviro e a Nenzinha filhos de tia Nica. A Nenzinha era casada com o Orlando Bruno que ficou muito meu amigo. E o

Elviro era proprietário de uma fábrica de fumo, conhecida como “31” - *Fábrica de Fumo 31*, com tabaco vindo de Goiás).

Em fevereiro de 1939 fui para Uberaba começar o curso ginasial.

Hoje, reconheço que o mais importante nessa ida para Uberaba foi o fato de se tratar dos *dominicanos franceses*. Eles vieram da França como missionários para trabalhar no interior de Goiás e Pará. Foram eles que fundaram a cidade de Conceição do Araguaia. E trabalhavam em Porto Nacional às margens do Rio Tocantins.

Aliás, os rios Tocantins e Araguaia também eram uma espécie de símbolo para meu patriotismo infantil. A ilha do Bananal uma das maiores ilhas fluviais do mundo, mais um sinal da riqueza do Brasil!

Os dominicanos franceses, da província de Toulouse, vieram como missionários ... desembarcaram no Rio... fundaram um convento no Leme... e de lá, vieram para Uberaba, e de Uberaba para o interior do sertão.

Um detalhe delicado é que mais tarde eles passaram a viajar de avião, do Rio e de Uberaba para Porto Nacional e Conceição do Araguaia. Iam no avião do Correio Aéreo Militar. Por esse

motivo, os dominicanos tornaram-se amigos do Comandante da Força Aérea Brasileira (FAB), Brigadeiro Eduardo Gomes, fundador do Correio Aéreo. Evidentemente isto teve consequências políticas, principalmente quando o Brigadeiro se apresentou como candidato da UDN. Oportunamente, houve consequências também na forma de um conflito, relativamente à UDN e o PT: de que lado os dominicanos socializados iriam ficar?

Uberaba era a cidade mais importante antes das missões. Contava com duas estradas de ferro: a Rede Mineira de Viação em direção a Belo Horizonte, e a Mogiana em direção a São Paulo. Por vários motivos a Mogiana era considerada melhor que a Rede Mineira, a cujo respeito a brincadeira começava, mineiramente, com a interpretação das letras RMV: *ruim, mas vai!* Em Araguari, havia a Estrada de Ferro Goiás, em direção à capital goiana.

No passado, a cidade de Uberaba foi considerada *Princesa do Sertão da Farinha Podre* levando em conta outros detalhes da história da região, no tempo do Império, principalmente com a memória de Dona Beja em Araxá.

Tudo isso, com uma característica importante da parte dos dominicanos: levando muito a sério o aspecto estético-artístico, eles mandaram construir em Uberaba uma igreja com

as melhores características das belas catedrais da Europa. Mas com um detalhe regional surpreendente, isto é: usando o material característico da região, especialmente a pedra *tapiocanga*. Uma pedra vermelha, bastante resistente. Uma igreja de pedra tapiocanga, no melhor estilo europeu!

Além da arquitetura, havia também um belo órgão em que o maestro Renato Frateschi tocava músicas clássicas de Beethoven e Bach, além do acompanhamento das músicas sacras em canto gregoriano. Foi onde eu tive minhas primeiras lições como organista.

Ao mesmo tempo que cuidavam da arte, os dominicanos cuidavam também da parte cultural dos paroquianos. Uma das melhores bibliotecas da cidade... era a do convento. E foi ali que aprendi francês. Com 14 anos eu já falava francês. Eles eram excelentes professores... e dispunham de excelentes recursos didáticos para nos ensinar.

Na biblioteca, comecei a ler os melhores livros clássicos da literatura francesa. E mesmo durante as refeições, havia uma leitura. No almoço em português, no jantar em francês. E nós alunos é que líamos. Com muita facilidade, aprendi a ler, falar e escrever em francês.

O importante para mim, nessa época, é que o “programa” de

ensino era brasileiro... mas a qualidade europeia. E foi assim que, além do francês, estudei latim traduzindo obras escolhidas de Cesar, Cícero, Virgílio, Ovídio, e Horácio.

Fiquei em Uberaba fazendo o curso ginásial e clássico até o ano de 1945.

Por que cito essa data com alguma ênfase? Porque em 45 foi o fim da guerra que havia começado em 39. Uma segunda *grande guerra*, de 39 a 45 (a primeira tendo sido de 1914 a 1918).

Não por mera coincidência, durante o ano de 45 fiz o serviço militar. E o que circulava entre nós é que uma vez terminado o serviço militar, poderíamos ser convocados para a guerra na condição de *pracinhas*. Não fui convocado... mas meu primo Alaerte foi.

Nosso comandante chamava-se Tenente Lamounier. Sabendo que eu era aluno dos dominicanos, ele me prestigiava muito. E fui escolhido para saudar os *pracinhas* de volta ao Brasil depois do fim da guerra. Lembro-me muito bem: foi na Praça da Catedral. O Tiro de Guerra perfilado de um lado, os *pracinhas* de outro, e eu fazendo meu discurso. Breve, mas entusiasmado, e muito aplaudido.

Esse período de minha vida também ele foi profundamente

marcado pela atuação do Presidente Getúlio Vargas. De maneira sutil, ele chegou a ser considerado possível aliado de Hitler, na formação de um *Eixo Nazista*, contrário ao projeto comunista da Rússia soviética. Na Europa, Hitler pretendia ter o apoio de Mussolini na Itália, de Franco na Espanha, de Salazar em Portugal; e na América Latina de Peron na Argentina e Getúlio Vargas no Brasil, além do apoio que de fato recebeu de Hiroito do Japão.

Por isso mesmo, os Estados Unidos olhavam o Brasil com maus olhos e chegaram a ameaçar um ataque aos principais portos brasileiros. E nós, jovens estudantes e reservistas, acompanhávamos tudo isso, sem perceber ainda a gravidade da situação política nacional e internacional.

Em 1945 terminei meus estudos em Uberaba... fiz o serviço militar... fui para São Paulo fazer o noviciado e começar meu curso de filosofia.

Em Uberaba tive bons colegas dentre os quais alguns que se tornaram grandes amigos para o resto da vida. Um deles foi Paulo Balduino Ortiz de Souza Décio, que terminou sua vida como arcebispo de Goiás e Presidente da Pastoral da Terra - Dom Tomás Balduino. Outro foi o Oris Oliveira com quem convivi também em São Paulo.

CAPÍTULO TERCEIRO

São Paulo de 1946 a 1948

O convento dos dominicanos ficava na rua Caiubi, número 126. E a gente chegava lá pegando o bonde *Perdizes*, número 19, que saía da Praça do Correio, no centro de São Paulo, vinha pela avenida São João, e subia a rua Cardoso de Almeida... Lá em cima, ele manobrava, exatamente na esquina da rua Caiubi, e voltava.

Duas quadras à direita é a atual PUC de São Paulo... que na época era o convento das Carmelitas.

Nas Perdizes, fiz o curso de filosofia com uma característica circunstancial: nós estávamos colhendo os frutos de uma tradição social e filosófica, ao mesmo tempo da parte da Igreja e dos movimentos sociais.

Lá no Rio, o Cardeal Leme tentava pôr em prática a doutrina social da igreja, e o Dr. Alceu de Amoroso Lima declarava-se amigo pessoal de Jacques Maritain e Emmanuel Mounier, na prática de um *Humanismo Integral*.

Os dominicanos exerciam alguma liderança intelectual no Rio e em São Paulo, em diálogo com líderes locais. No Rio, Alceu de Amoroso Lima; em São Paulo, André Franco Montoro, Paulo de

Tarso, Plínio de Arruda Sampaio entre outros. Eram considerados *Homens da Ação Católica*, tendo frei Rosário Joffily como assistente. (Posteriormente ele foi para a Serra da Piedade, perto de Belo Horizonte, onde viveu como eremita e fundou um observatório astronômico).

Aos poucos, os dominicanos “franceses” foram ficando sob suspeita, como se estivessem deixando-se influenciar pelo pensamento marxista. De fato, havia mais que simples simpatia. E na França, o Padre Lebret fundou o movimento *Economia e Humanismo*, o padre Loeuw tornou-se padre operário; no Brasil, frei João Batista fez-se padre operário, com a fundação da *Unilabor*, e frei Benevenuto Santa Cruz fundou a livraria *Dois Cidades*.

Foi nesse contexto que alguns leigos católicos assumiram uma liderança política, inspirados no pensamento social cristão em diálogo com pensadores de esquerda. Oportunamente o convento dos dominicanos em São Paulo tornou-se também sede do *Jornal Brasil Urgente* sob a direção de Frei Carlos Josaphat Pinto de Oliveira. *Brasil Urgente* veículo político de católicos engajados. Aliás a palavra “engajamento” era uma característica dos movimentos da ação Católica, em diálogo com o existencialismo francês. (Eu mesmo, oportunamente, fundei o movimento da *CJC* “comunidades de jovens cristãos”).

Do ponto de vista da formação religiosa, de acordo com a constituição da Ordem Dominicana, no dia 11 de fevereiro de 1946 recebi o hábito com o nome de frei André, fiz o noviciado durante um ano e a profissão simples em seguida.

Fiquei em São Paulo... até 48, fazendo o curso de filosofia. No meio do ano fui para a França fazer o ano letivo... que lá começa em setembro.

CAPÍTULO QUARTO

FRANÇA de 1948 a 1952

Cheguei à França em agosto de 48. Lá, de novo, tive a sorte de morar num lugar privilegiado, junto à Basílica de Santa Maria Madalena, em Saint Maximin, na Provença, não longe da região em que também morou Van Gogh. Os quadros que ele pintou eram daquela região, que eu também via da janela do meu quarto, na direção de Aix e Arles...

Aliás, por comparação com o Brasil, a gente tinha a impressão de que as distâncias entre cidades importantes eram bem mais curtas que aqui. E havia a facilidade dos meios de transporte, de ônibus e trem. E foi assim que frequentemente fui a Marselha

(Rue de La Glacière) e de vez em quando a Nice. Visitei a Côte d'Azur, Avignon, o Palácio dos Papas, os Alpes franceses, chegando também a Montpellier e Toulouse, sem deixar de visitar Carcassonne, como exemplo de uma cidade fortificada.

Mais que tudo, em Saint Maximin, havia a proximidade da gruta da Sainte Baume onde, segundo a tradição, teria vivido Santa Maria Madalena. Vivido na Sainte Baume, mas seu corpo teria sido guardado na cripta da igreja de Saint Maximin.

Por outro lado, na basílica de Saint Maximin havia um órgão que se tornou referência nacional, pelo fato de o organista Frère Isnard ter tido a feliz ideia de tocar a Marselheza quando os soldados da Revolução Francesa invadiram o local, ameaçando tudo destruir. Ao ouvir a *Marseillaise*, o general comandante mandou que todo mundo fizesse continência, e não tocasse em nada. “Aqui vai ser nosso quartel general”. Desde então, é nessa basílica e com este órgão que a França realiza o *festival da primavera*, com concertos de música da mais alta qualidade. Tive a sorte de tocar nesse órgão, acompanhando ofícios e missas celebradas na basílica.

Um detalhe importante é que cheguei à França em 48... pouco depois do fim da guerra em 45. E havia algumas situações típicas do pós-guerra, entre as quais a restrição de alimentos.

Eu e dois colegas viajamos de navio, durante doze dias, do Rio a Marselha. Ao desembarcar, recebemos tíquetes dando direito a algumas porções de alimento, nos primeiros dias... Era uma garantia de boa alimentação para quem desembarcasse em território francês.

Um dos aspectos mais importantes dessa época foi a reação francesa à ocupação nazista. Em 48, depois da guerra, os franceses estavam ainda muito humilhados. Até porque, Hitler, tendo invadido a França, fez questão de ver seu exército desfilando vitoriosamente em frente ao Arco do Triunfo.

Imaginem: na avenida principal de Paris... o exército alemão desfilando “triumfalmente”! Que humilhação para os franceses!

Só que, em seguida, veio a vitória dos aliados, com um clima favorável à recuperação do orgulho pela identidade nacional. Foi então que Sartre... e outros filósofos... passaram a expressar seu pensamento filosófico revolucionário-libertador...

Nesse contexto, o pensamento francês, que já era considerado líder na Europa, tornou se ainda mais importante, principalmente do ponto de vista sociopolítico.

Também do ponto de vista teológico os dominicanos franceses

desempenharam papel importante no desenvolvimento de um pensamento teológico atualizado.

Em Saint Maximin, principalmente os padres Labourdette, M.J. Nicolas, Henri Rousseau, Leroy, tornaram-se conhecidos através da *Revue Thomiste*. E em Paris (Saulchoir), os padres Chenu e Congar com a *Revue des Sciences Philosophiques et Théologiques* (conhecida também como *RSPT*).

Como era brasileiro, meus diretores sugeriram-me que fosse passar férias em Saulchoir, na vizinhança de Paris, não só para conhecer a capital francesa, mas conviver com os dominicanos de lá, com um posicionamento filosófico mais avançado.

Além do contato com os professores dominicanos, tive a sorte de assistir às aulas de Jacques Maritain, posteriormente publicadas como *Neuf Leçons sur La morale* (na presença também de Raïssa Maritain).

Um dos pontos fortes dos dominicanos franceses era a espiritualidade. E eles publicavam também uma revista intitulada *Vie Spirituelle*, insistindo na continuidade entre o natural e o sobrenatural, entre o engajamento sociopolítico e a missão espiritual da igreja.

De Paris, tive a chance de visitar a Catedral de Chartres,

obra prima da arte sacra francesa. Só mesmo vendo, para constatar a beleza e a nobreza do local.

Em Saint Maximin, terminei o curso de filosofia e comecei o de teologia, vindo a ser ordenado sacerdote em momento oportuno. Minha ordenação sacerdotal veio intensificar a possibilidade de uma autêntica experiência do sagrado, não apenas como ministro dos sacramentos, mas como *consagração* de minha própria vida. Se os votos religiosos já significavam para mim um compromisso com a vida espiritual, o sacerdócio acrescentava uma dimensão nova como agente de uma atividade simbólica, uma vez que o próprio sacramento se define como sinal eficaz da graça, em relação com os diversos aspectos da vida humana: do nascimento-batizmal até a extrema-unção dos moribundos. Uma bela maneira de manifestar a diferença entre o sagrado e o profano.

De fato, em sentido amplo, meu sacerdócio só pôde ser exercido depois de minha volta ao Brasil, em 1954. Antes disto, como tinha sido classificado como bom aluno, em Saint Maximin, acabei sendo indicado para fazer o doutorado em teologia em Roma.

CAPÍTULO QUINTO
ROMA DE 1952 A 1954

Deixei a França no segundo semestre de 1952. Em Roma o clima era significativamente diferente. Por quê? Porque Mussolini tinha sido aliado de Hitler e os italianos estavam tentando recuperar a dignidade moral perante outros países da Europa. Era importante apagar a lembrança de Hitler apoiado por Mussolini.

Como já tive a oportunidade de dizer, o projeto de Hitler era combater o comunismo russo, instaurando uma ditadura nacionalista, com o apoio de Mussolini na Itália, eventualmente de Franco na Espanha, Salazar em Portugal, Peron na Argentina... e até mesmo Getúlio Vargas, no Brasil.

No entanto, finalmente os ALIADOS ganharam a guerra, com a participação dos Estados Unidos e da Inglaterra, fazendo um tratado em Varsóvia, com a presença da União Soviética. E agora era importante reabilitar o tradicional prestígio da civilização latina, *judaico-greco-romana*.

Uma civilização também conhecida como “dos povos do Mediterrâneo”: a começar pelo Egito, continuando com Israel, passando pela Grécia até chegar à Itália, e de lá espalhando-se pela Europa, na expansão do Império Romano.

Eu morava no *Angelicum* junto à Via Nazionale. E logo em baixo, descendo a Salita del Grillo, chegava-se facilmente ao Coliseu.

Todos os estudiosos da história da civilização reconhecem a importância do *Coliseu*, a cujo lado encontra-se o *Arco de Constantino*, primeiro imperador cristão. No século 4º, ao se converter, ele mandou construir seu Arco, ao lado do Coliseu, onde os cristãos eram martirizados.

É impressionante: de um lado o Coliseu pagão, do outro o Arco de Constantino cristão! A tal ponto que, com a conversão de Constantino, o cristianismo correu o risco de virar “religião oficial do império”. E assim começaram também as manifestações de grandeza no âmbito da comunidade religiosa.

Sem exagero, o Vaticano acabou sofrendo a influência do Império Romano, a tal ponto que também os cardeais passaram a ser considerados como Príncipes da Igreja. E o papa tornou-se *Soberano Pontífice*.

A esse propósito, podemos relembra o livro de Luc Ferry sobre “As tentações do cristianismo”. Uma delas, desde a época de Constantino, foi transformar-se em religião do Império.

Em termos culturais, morar em Roma é uma bênção, até porque

a própria cidade pode ser considerada um verdadeiro museu, com peças de arte por toda parte. Não só o Museu Nacional, mas o do Vaticano, possuem um acervo artístico a ser visitado pelos turistas e estudiosos do mundo todo.

E do ponto de vista brasileiro, foi nessa ocasião que conheci Sérgio Buarque de Holanda, pai do Chico Buarque. Ele era adido cultural em Roma, e pelo menos alguns dentre nós tivemos a honra de visitar sua casa. O Chico ainda era criança.

Aliás outro ponto de encontro para nós era a Agência da Panair, onde íamos com frequência ler os jornais brasileiros que os aviões traziam.

Pessoalmente, tive muita sorte. Fiz meu mestrado... e meu doutorado, defendendo uma tese sobre um tema que me interessa até hoje (no contexto da psicanálise bioniana). O título da tese era: “Du Désir de Sagesse à la foi théologale” (*Do desejo de sabedoria à fé teológica*). Escrevi minha tese em francês.

Aliás, gosto de lembrar uma situação que me foi especialmente favorável, no *Angelicum*. Como já falava português e francês, com facilidade para aprender italiano e espanhol... acabei, com a ajuda dos colegas, aprendendo também um pouco de inglês e alemão.

Por outro lado, como algumas aulas eram em latim, e estudávamos

grego, eu cheguei a me comunicar em sete línguas diferentes. Sem muito mérito, mas com boas consequências... A tal ponto que fui escolhido como enfermeiro... que podia conversar, na enfermaria, com *doentes* de várias nacionalidades! Costumo dizer, sorrindo, que dei injeção em grandes professores de filosofia e teologia... Uma brincadeira séria!

Fiquei em Roma até 54. E há um detalhe que gosto de contar a meus colegas universitários. Meus superiores queriam que eu voltasse em 53, para ajudar a dar aulas aqui. “Venha o quanto antes, que estamos precisando de professores”. Mas eu tive a coragem de pedir mais um ano “para fazer meu doutorado”. Eles aceitaram... e eu fiz uma coisa incrível. Como já tinha feito um bom mestrado... consegui transformar a tese de mestrado em tese de doutorado, em apenas um ano! Não é das melhores, mas tem a característica de ter sido feita em um ano.

É sobre um tema que continuo trabalhando até hoje, inclusive em meu diálogo com Bion. Por exemplo, não deixo de perguntar qual a relação entre Bion e Mestre Eckhart (um teólogo dominicano do século XIV). Qual a relação entre a filosofia e a teologia? Qual a relação entre o pensamento leigo e o pensamento religioso? Este foi meu tema de tese, desde aquela época: “*Du Désir de Sagesse à La Foi Théologale*”.

Mais um pequeno detalhe: lá no Angelicum, tive colegas do mundo inteiro: da Europa, da Ásia, da América, da Oceania. Esta foi para mim uma lição de cultura universal. Como tinha facilidade com as línguas latinas, e eles eram muito comunicativos... nas minhas últimas férias, fui passá-las na Alemanha, por sugestão de um colega da universidade de lá.

Só que ele me deu o seguinte conselho: “Rezende, não vá para uma cidade onde você possa falar outra língua. Vá para onde você tenha que falar só alemão. Se for falar inglês, francês... você não vai aprender alemão”.

E ele me deu o endereço de uma cidadezinha chamada DALEIDEN no distrito de TRIER, no norte da Alemanha, perto da Bélgica. Fui para lá sem ainda saber falar alemão.

Depois de dois meses ... cheguei a dar uma aula em alemão. Isso porque o pessoal de lá adotou comigo uma técnica extremamente simples: eu fui para o curso primário! E havia especialmente uma garota (*Mechtild*) que brincava comigo para ver quem tinha acertado mais e errado menos. Com isso... fui aprendendo tranquilamente, a ponto de conseguir dar uma aula em alemão.

CAPÍTULO SEXTO

BRASIL de 1954 a 1968

Voltei ao Brasil em 1954, indo diretamente para Belo Horizonte. Além de professor na PUC, tive também que substituir frei Mateus Rocha como assistente da JEC. E foi assim que conheci de muito perto alguns jovens que não muito tempo depois passaram a desempenhar papel relevante em Minas e outros estados. Dois deles, o Betinho e seu irmão Henfil, de cuja família me tornei amigo.

Em seguida fui transferido para Juiz de Fora onde cheguei a ser Diretor da Escola Apostólica Dominicana, exercendo também a função de professor na Escola de Serviço Social (onde fui professor da Ivany), dando ainda algumas aulas na Faculdade de Direito. Foi nessa época que Itamar Franco (futuro Presidente da República) elegeu-se prefeito da cidade, e como tal pediu minha colaboração em algumas ocasiões (principalmente a respeito do Serviço Social). Em Juiz de Fora, trabalhei intensamente junto aos casais do MFC (movimento familiar cristão), em cujo âmbito fiz muito bons amigos.

Depois de alguns anos, fui para São Paulo, como professor no *Studium de Teologia e Filosofia* dos dominicanos. Continuei

como assistente do MFC e oportunamente fundei o movimento das CJC (Comunidades de Jovens Cristãos) que se espalhou por vários outros estados, a ponto de termos um Congresso Nacional, na USP, reunindo representantes de outras regiões do país, na companhia de Dom Cândido Padim.

Voltei a Belo Horizonte, em 62, quando frei Mateus Rocha assumiu a reitoria da UNB (62-63), com o projeto de lá instalar o Instituto de Teologia. Frei Lepargneur e eu, como doutores em teologia, fomos os primeiros convocados para lecionar no futuro instituto. Fui duas vezes a Brasília para conhecer o prédio (em construção, de acordo com um projeto do Niemeyer). Nessa ocasião conversei com frei Mateus e Darcy Ribeiro, com vistas à elaboração de um projeto para o ensino da teologia que levasse em conta a doutrina social da igreja. Posteriormente, a Revolução Militar ocupou o prédio do Instituto, onde hoje funciona a Secretaria da Educação do Distrito Federal. (Na última vez que estive em Brasília, fui visitar o prédio que está praticamente irreconhecível).

Pouco antes da Revolução Militar de 64, eu era professor na PUC de Belo Horizonte juntamente com outros colegas, dentre os quais o Padre Henrique de Lima Vaz.

E especialmente com o movimento da Ação Popular, tomamos posição contra o regime militar.

Um detalhe importantíssimo de que me lembro muito bem, foi o Congresso da UNE em Belo Horizonte. Os militares haviam proibido, mas nós, professores, nos organizamos de maneira a que os universitários pudessem realizar seu congresso, apesar da interdição.

Os militares chegaram ao ponto de proibir as famílias de hospedar os congressistas que viessem de fora. A intenção deles era impedir a realização do Congresso.

Só que nós nos organizamos de tal maneira que os militares estavam pensando que o Congresso seria na Serra (no convento dos dominicanos) e de fato ele se realizou às escondidas no porão da Igreja São Francisco de Assis, por iniciativa de Frei Guido, franciscano.

Os militares estavam cantando vitória, mas no dia seguinte, na primeira página do “DIÁRIO”, saíram as atas do Congresso. Os militares ficaram furiosos... e começaram uma verdadeira inquisição militar...

Novamente, em 1968, o estudante Edson Luís foi morto no Rio de Janeiro, e a UNE manifestou-se praticamente em todos os Estados, com o apoio de seus professores. Pessoalmente, fui intimado a comparecer ao Quartel da Pampulha, para responder a um IPM (Inquérito Policial Militar).

Quem me entrevistou foi o general Euclides Figueiredo, irmão do futuro presidente (João Batista de Oliveira Figueiredo). Uma conversa bastante séria de ambas as partes. Eles fiscalizaram todos os meus guardados e pegaram meu passaporte.

E nós, professores, adotamos a seguinte estratégia: ninguém vai negar nada, nem tirar o corpo fora. Com isso, no começo, éramos cerca de trinta professores indiciados, e no fim chegamos a perto de 500! Eles, para nos condenar, teriam que condenar 500! E adiaram o julgamento.

Só que no dia 13 de dezembro de 1968, saiu o ATO INSTITUCIONAL Nº 5. E nessa ocasião... meu nome foi dos primeiros na lista de condenados à prisão.

Mas como eu tinha também a possibilidade de usufruir de uma bolsa de estudos na Bélgica... com vistas a um doutorado em filosofia, consegui recuperar meu passaporte, e viajar, no começo de 1969, com o compromisso de revelar meu endereço para que, se convocado, não fosse condenado à revelia.

Minha bolsa de estudos foi-me concedida pela CRB (Conferência dos Religiosos do Brasil) por iniciativa de Madre Dirce, missionária de Jesus Crucificado, colega de minha irmã, e que estava acompanhando de muito perto minha epopeia. (Por esse

motivo também, fiquei-lhe muito grato).

CAPÍTULO SÉTIMO

NA BÉLGICA DE 1969 A 1971

Na Bélgica, na linguagem de Elliot Jacques, vivi com muita intensidade minha “*crise da meia idade*”. E repensei tudo! Em 64, a revolução *militar* no Brasil; em maio de 68, a Revolução *Cultural* na França; em 69, minha revolução *pessoal*, “*na meia idade*”!

Chegando à Bélgica, encontrei na Universidade de Louvain um clima bastante favorável. Até porque o Cardeal Suenens, de Malines, era, na ocasião, um dos líderes católicos do pensamento avançado. E nós, “refugiados”, nos sentíamos ao mesmo tempo protegidos e reconhecidos.

Por isso mesmo tive suficiente coragem para escolher como tema de minha tese a “Crítica ao dogmatismo da Escola Superior de Guerra no Brasil”. Minha intenção era escrever cinco capítulos criticando os cinco poderes, de acordo com a Doutrina da Segurança Nacional, tal como formulada pelo General Golbery do Couto e Silva: poder político, poder econômico, poder

cultural, poder religioso, poder militar. A *segurança* seria fortemente garantida pelo poder militar controlando os outros.

Quando apresentei meu projeto, meu orientador, o Prof. De Waelhens, fez-me ver que havia assunto para cinco teses! E com isso aconselhou-me a refletir primeiramente sobre o tema englobante do *dogmatismo*. E como já estava seguindo as aulas do Prof. Vergotte, de psicologia e psicanálise, acabei *limitando-me* ao tema “*Crítica ao dogmatismo científico em psicologia, segundo Merleau-Ponty*”.

Não era propriamente uma mudança de assunto, mas uma tentativa de *fundamentação* para uma crítica a qualquer outro tipo de dogmatismo, principalmente na forma da ideologia. Inclusive do dogmatismo religioso.

Coerentemente, como já tinha resolvido mudar de vida, pedi dispensa de meus compromissos religiosos, no Brasil e em Roma, e comecei a viver como cidadão leigo, assumido e atento à evolução da história, na Europa e nas Américas.

De início, depois de desembarcar do avião, hospedei-me na casa do José de Anchieta, que tinha sido meu interlocutor em Belo Horizonte. Em seguida, fui para a casa da Teresa e do Theo, que tinham se preparado para me receber, reservando um quarto

para mim no apartamento em que moravam.

Foi um período curto, mas muito agradável, inclusive porque ajudei a montar o recinto em que seria acolhida a Luciana, primeira filha deles que ia nascer. Aliás, quando ela nasceu tive o prazer de visitá-la na maternidade, tocando no meu gravador a música “*Luciana*”. Foi tão significativo para mim, que mesmo mais tarde, ela já moça, quando nos encontrávamos eu começava a cantar “*Luciana, Luciana*”. (Inclusive foi o que aconteceu no velório dela, muito mais tarde em São Paulo) E, agora mesmo, ao escrever estas frases, comovido me ponho a cantar baixinho – *Luciana ...Luciana!*

Uma lembrança extremamente agradável é da viagem que fiz, como motorista, levando os avós da Teresa, para visitarem os diversos centros de devoção a Nossa Senhora, em vários países da Europa. Além da excelente companhia, dos avós e da tia que me contavam histórias da família, pude ser-lhes de alguma ajuda não só guiando o carro, mas conversando em várias línguas, de acordo com as circunstâncias.

Começamos na Bélgica, em seguida a Holanda, depois a França, chegamos ao norte da Espanha, voltamos à França em direção à Espanha e em seguida à Itália. Da Itália para a Áustria e a Alemanha. E, de novo, a Bélgica ... mais precisamente Louvain. Até hoje sou profundamente grato ao Theo e à Nega, pela

oportunidade que me deram de *trabalhar* na condição de motorista de seus avós.

Foi também na casa do Theo que encontrei outros colegas de Louvain a começar pelo Olinto Pegoraro e a Carmen da Poian que ficaram meus grandes amigos. E não demorei a reencontrar o Angel Pino Sirgado, meu ex-companheiro como assistente da Ação Católica. Meu primeiro encontro com ele, em Belo Horizonte, foi no elevador da Sede da Ação Católica, à rua Espírito Santo.

Em seguida, a convite dos coordenadores da Universidade, fui morar na Maison Saint Jean, dirigida por Madame Morren. Sua casa era um recanto privilegiado, feita para receber estudantes mais velhos, de outros países, e que quisessem levar uma vida quase conventual. Havia uma capela com missa semanal. Havia também uma piscina para a gente fazer um pouco de esporte. As refeições do meio-dia eram no restaurante universitário, e as da tarde na Maison Saint Jean, e os estudantes é que serviam a mesa e lavavam os pratos.

De maneira geral, o ambiente da Universidade era de bastante fraternidade, e eu fiz bons amigos tanto entre brasileiros como entre estrangeiros, principalmente no restaurante. O almoço normalmente era servido no *Alma*, restaurante universitário, com comida belga bastante simples e barata.

Bem recebido e bem instalado, pude começar minha tese fazendo ao mesmo tempo as disciplinas do curso de doutorado. Tive excelentes professores como Dondeine, Ladrière, De Waelhens. E pude contar também com os recursos de uma excelente biblioteca, conhecida como sendo a “Biblioteca Husserl”. Isto porque o Prof. Von Breda, em 1938, conseguiu salvar e remeter para Louvain os livros e os escritos de Husserl, ameaçados de serem queimados pelos nazistas.

Por outro lado, e por feliz coincidência, Sônia também foi fazer seu doutorado em Louvain. E ela é que conta como foi nosso primeiro encontro.

“O Antônio tinha ido ao aeroporto de Zaventem, Levar um colega, e eu desembarquei. Quando nos olhamos, eu disse a mim mesma: É com esse que eu vou”.

Eu senti e pensei a mesma coisa. Mas só começamos a namorar por ocasião de um passeio a Malmédy, na província de Liège. Era fim de ano e começo do ano novo. Eu dava sinais de minha intenção, mas não tinha certeza de estar sendo compreendido. Especialmente, assistimos, um ao lado do outro, à missa no dia da Sagrada Família, primeiro domingo depois do Natal.

Posteriormente, fui encontrar-me com ela em Paris e

oficializamos nosso namoro. Junto à Igreja Notre Dame tiramos fotos (que guardo até hoje em minha carteira de documentos).

Oportunamente escrevi ao pai dela, apresentando-me. Por coincidência, o professor Besselar, holandês, muito amigo de Sr. Anselmo, foi visita-lo. No avião ele tinha visto meu nome na primeira página de um jornal... como possível condenado pelo governo militar.

Chegando à casa de meu sogro, ele foi logo dizendo: “Seu futuro genro pode ir para a prisão!” Seu Anselmo ouviu aquilo e entrou em contato comigo. Eu expliquei tudo... e aproveitei para pedir a mão da Sonia em casamento.

Ele e dona Albina foram a Louvain para nosso casamento. Meu primeiro gesto como genro, foi pedir uma entrevista com Seu Anselmo. Conteí tudo, com todos os detalhes. Quando terminei, ele me disse tranquilamente: “Se fosse comigo, eu teria feito a mesma coisa”. E logo acrescentou: “Fui da Revolução Paulista. Assim como você está sendo contra os militares, eu também fui contra Getúlio Vargas”. E sentenciou: “Você pode se casar com minha filha”!

O casamento civil foi realizado na Prefeitura de Louvain. E segundo nos disseram, a mesa em que assinamos a certidão de casamento foi a mesma em que Napoleão assinou o tratado de

paz depois da batalha de Waterloo. Fizemos belas fotos na entrada da Prefeitura – no mesmo lugar em que 40 anos depois tiramos novas fotos para comemorar nossas bodas de esmeralda.

Nosso casamento religioso foi celebrado na capela do Parque de Arenberg, presidido pelo Padre Détry, com a presença de amigos brasileiros e belgas. Dentre eles o Marcelinho (do Quinteto Violado)

Depois do casamento, uma reunião festiva no Béguinage, para a qual todos os amigos quiseram colaborar levando algum prato.

Na Bélgica, consegui entrar em contato com grandes nomes do pensamento europeu da época. Na minha própria universidade, o Prof. De Waelhens... que escreveu um livro importante com o título “*Existence et Signification*”, **Existência e Significação**. Jean Ladrière que, entre outros, escreveu *sobre Os desafios da Racionalidade*. E Paul Ricoeur, entre outros, escreveu “*O percurso do reconhecimento*”.

Tudo isso no mesmo contexto em que, também na França, Merleau-Ponty havia questionado o racionalismo francês... escrevendo “*A Estrutura do Comportamento*” e “*A Fenomenologia da Percepção*”.

Assim como já havia assistido a algumas aulas de Merleau-Ponty

no Collège de France (nos anos 50), assisti pelo menos a uma conferência de Lacan em Louvain. (Aliás sempre que toco nesse assunto, gosto de informar que esta palestra de Lacan pode ser acessada na Internet, no site “*Lacan, Louvain, 72*”).

Por quê? Porque ele estava dando sua palestra no melhor estilo lacaniano, quando um rapaz se levantou, veio até à mesa, pegou um copo d’água... e jogou em cima das notas de Lacan.

Todo mundo se assustou, mas o próprio Lacan ficou tranquilo... Os organizadores queriam pegar o rapaz e chamar a polícia... Mas Lacan preferiu perguntar: “O que será que ele está querendo dizer”? Uma atitude isenta, da parte de Lacan, que não se deixou influenciar pelo gesto inesperado...

Estou dizendo que conheci De Waelhens, Merleau-Ponty, Lacan, Paul Ricoeur... E agora enfatizo principalmente o nome de Paul Ricoeur, porque foi, para mim, um dos interlocutores mais importantes, no diálogo da filosofia com a psicanálise. Especialmente em seus livros: *De L’interprétation essai sur Freud*. “*Le conflit du interprétations*” e um terceiro que já citei acima: “*Parcours de La reconnaissance*”. Percurso do Reconhecimento.

No uso da palavra “reconhecimento”, nós temos dois sentidos: como sinônimo de *verdade*; e sinônimo de *gratidão*. E é dele

essa frase que gosto de citar: “Eu só reconheço quando sou reconhecido”. Só a gratidão reconhece de verdade.

Parcours de La reconnaissance é um dos grandes textos de Paul Ricoeur relativos a “inveja e gratidão” (segundo Melanie Klein); “pensamento e gratidão” (segundo Heidegger).

A esse propósito gosto de lembrar que também começaram a aparecer as primeiras críticas a Lacan, principalmente na forma adotada por André Green, em seu livro “*O discurso vivo*”... e a vida do discurso.

Qual era o recado para Lacan? Em seu famoso *Rapport de Rome*, Lacan havia discorrido sobre “*Fonction et champ de La parole et du Langage*”. E por seu lado, no *Rapport de Paris*, André Green mostrou como não basta analisar o “discurso”, mas é preciso analisar a “*vida*” do discurso.

E como identificá-la? Vendo especialmente o emocional. Usando a mesma linguagem de Lacan: “não basta mostrar o que está sendo dito; é preciso perceber o que o sujeito quer dizer”. O “*querer dizer*” é o grande desafio. Às vezes, “quero dizer” e não consigo. Por inibição minha, ou porque não tenho palavras para dizer tudo que queria dizer.

Foi nesse contexto que vivi minha crise da meia idade! E fui morar no Canadá, pois não podia voltar ao Brasil. Casei-me

com Sonia. O pai dela acreditou em mim, apesar de eu ainda não ter nenhuma fonte de renda. Qual foi meu grande argumento? “Sr. Anselmo... atualmente, não tenho renda, mas tenho dois doutorados e não me vai faltar trabalho”.

E foi o que aconteceu inesperadamente...

CAPÍTULO OITAVO ***NO CANADA DE 1971 A 1975***

Um dia, na secretaria da Universidade de Louvain, eu vi um convite na parede: “*Venham trabalhar no Québec*”. Os *québécois* estavam convidando professores de fora... com o intuito de preparar nova fase em sua história.

Nesse contexto, foi fundada a Universidade do Québec em 1968, inclusive com a intenção de preparar um plebiscito com vistas à emancipação da Província. Enquanto no Brasil houve uma revolução *militar* pela força; na França uma revolução *cultural* com revisão de valores; no Quebec aconteceu uma... Revolução *Tranquila* por meio da conscientização política e do voto.

Quando vi aquele anúncio... falei com Sonia: “Eu vou lá”. Peguei o avião... fui ao Canadá, apresentei-me, fiz a

entrevista... e fui aprovado. Antes de nós já haviam ido a Maria Alice, o Angel Pino Sirgado e a Ivany.

Tudo isso aconteceu pouco antes de meu casamento com Sonia. Casamo-nos em julho de 1971... e já no mês de agosto mudamos para o Canadá. Maria Alice foi nos esperar no aeroporto. Pino e Ivany deram-nos hospedagem, até alugarmos nosso próprio apartamento no mesmo prédio em que moravam.

Em setembro de 71, começamos o ano letivo como professores no CEGEP de Trois Rivières.

Antes de falar sobre nosso trabalho, gostaria de explicar o nome da cidade. Chama-se Trois Rivières, ou Três Rios. Ela se situa na confluência do rio Saint Laurent com o Saint Maurice. Só que antes de se lançar no São Lourenço, o rio São Maurício contorna uma ilha, dando a impressão de serem dois rios. Os primeiros navegadores franceses que subiam o São Lourenço, pensaram que eram três rios e deram àquele porto o nome de Trois Rivières.

Minha disciplina seria *filosofia da cultura*. Combinei então com os alunos a seguinte estratégia: eu daria a parte teórica e eles trariam os exemplos de ordem histórica local.

Nesse sentido, eles aprenderam bastante comigo, e eu outro

tanto com eles. Por exemplo: um dos aspectos importantes na história contemporânea do Québec era a migração de jovens, do campo para a cidade. Com isso também eles passaram a questionar principalmente três aspectos da cultura tradicional do Quebec, a saber: a relação com a terra, o papel das mães na família, a influência dos vigários em suas respectivas paróquias. Literalmente: o *trabalho* no campo, a *educação* em família, a *ética* em contexto religioso. Tudo isso levando em conta a duração do inverno (seis meses) durante o qual os pais permaneciam em casa, e os outros meses durante os quais os maridos ficavam fora de casa, trabalhando no campo e nas florestas.

A esse respeito, já posso antecipar um assunto que vai aparecer mais à frente, a propósito de Denys Arcand, nosso colega em Trois Rivières. Como diretor de cinema, ele produziu um filme intitulado *As Invasões Bárbaras*, mostrando como o Quebec sofreu profundas mudanças culturais em tempo relativamente curto. Sonia e eu nos tornamos testemunhas de semelhantes mudanças. Até porque a Sonia foi colega do Denys na produção de filmes didáticos utilizados no CEGEP.

Em dezembro de 1971, Sonia ficou grávida. E o Cristiano nasceu em setembro de 1972. Ao batizá-lo convidamos para madrinha a Teresa Cavalcante, lá de Louvain, e como padrinho o Angel Pino

Sirgado (que já morava em Trois Rivières). Como a Teresa não pôde vir de Louvain, a Ivany a representou durante a cerimônia. Madrinha de representar, mas que assumiu papel importante ao longo da vida do Cristiano.

Morando em Trois Rivières, no entanto íamos com relativa frequência a Montréal, de carro ou de trem. E havia muita coisa interessante, a começar pelas universidades: McGill University de língua inglesa, a Universidade de Montreal, e a Universidade do Quebec de língua francesa.

Um detalhe interessante é que também Paul Ricoeur teve problemas na França... foi trabalhar nos Estados Unidos e várias vezes foi ao Canadá. Em função disso, pude encontrar-me novamente com ele... em Montreal.

Outro detalhe é que minha irmã saiu daqui do Brasil e foi ao nosso encontro para pegar os documentos que a Eni pedira, para nosso advogado Sobral Pinto fazer minha defesa. Oportunamente fomos julgados e absolvidos numa sessão havida em Juiz de Fora em 1974. Sonia tinha vindo ao Brasil para acompanhar o andamento do processo, e me telefonou comunicando o resultado. Ficamos muito felizes.

Durante a permanência de minha irmã em Trois Rivières, fiz com ela alguns passeios para lhe mostrar a paisagem nevada.

Um dos mais interessantes, para ela e para mim, foi quando fomos ver os pescadores fazendo “la Pêche aux petits poissons”. Eles armavam uma barraquinha em cima do lago congelado, faziam um buraco no gelo, e por meio dele lançavam o anzol nas águas profundas. Ficamos curiosos para ver o espetáculo. Mas aí surgiu um desafio maior. Quando perguntei onde poderia estacionar o carro, eles me disseram: Aqui mesmo, em cima do lago!

Apesar de ver outros carros já estacionados, não tive coragem de parar o meu. E pensava comigo: sei lá se esse gelo vai aguentar tanto peso! É o caso de dizer: vivendo e aprendendo! Nunca tinha visto uma cena daquelas!

Outra cena bonita é nas pistas de esqui. Tudo coberto de neve, e os esquiadores com roupa adequada, subindo e descendo mais ou menos depressa, tomando cuidado para não cair.

Outra ainda é no fim do inverno e o começo da primavera com a Cabanne à Sucre. Nas florestas cheias de *érable* (*Liquidambar* em português, *mapple tree* em inglês), eles montavam suas barracas e seguiam um verdadeiro ritual, no uso da seiva extraída das árvores. Primeiro o licor, depois o melado, depois a puxa, depois o açúcar ... E havia mesmo uma feijoada doce, temperada com melado de *érable*. A festa durava vários dias e eles ficavam hospedados nas cabanas que montavam

embaixo das árvores.

Aliás, uma das coisas mais belas no Québec é a primavera florida. Antes do inverno, o outono, com as árvores mudando de cor. Depois do inverno, a primavera, com bastante verde, e flores de cores fortes.

Devo dizer, no entanto, que minha estada no Canadá não foi tão importante quanto minha longa estada na Europa. Digo isso sem deixar de reconhecer uma característica notável do Canadá, especialmente do Canadá francês: o acolhimento aos estrangeiros. Eles convidam os estrangeiros a irem trabalhar lá e sempre os acolhem muito cordialmente.

CAPÍTULO NONO

NA UNICAMP DE 1975 A 1985

Ficamos no Quebec até 75, quando fui absolvido em julgamento havido em Juiz de fora – sede da 4ª. Região Militar. Uma vez absolvido, resolvi voltar... levando em conta mais uma coincidência.

Quando fui defender minha tese em Louvain, no ano de 74, encontrei-me com um ex colega de lá, Newton Aquiles Von Zuben.

Contei-lhe que estava no Canadá ministrando a disciplina “Filosofia da Cultura”. Ele olhou para mim, entre alegre e surpreso, e me disse: “Estou trabalhando na Faculdade de Educação da Unicamp, e o Diretor me pediu que se achasse algum bom professor para trabalhar em nossa Faculdade, não deixasse de convidar”. Ele me convidou...e eu aceitei o convite.

Semelhante convite aconteceu na hora certa, e veio mudar nossos planos de obter cidadania canadense e ficar morando definitivamente no Quebec. Quando Sonia me telefonou contando o resultado de Juiz de Fora, eu também lhe falei do convite do Aquiles. Foi uma alegria sem par.

No dia 19 de junho de 1974, defendi minha tese em Louvain, *avec la plus grande distinction*. O título da tese foi *Le structuralisme de Merleau-Ponty: “La Structure du comportement”, une critique au dogmatisme scientifique en psychologie* (320 páginas)

Sonia voltou a Trois Rivières, e desde então começamos a pensar em vir definitivamente para o Brasil. Tanto mais que nossos pais já eram idosos e precisavam de nosso amparo.

Quando voltamos, mandamos nossa mudança de navio. Inclusive um carro *Accord*, novo. Digo isso lembrando que durante quatro anos conseguimos economizar o suficiente para comprarmos, em

Trois Rivières, um apartamento (onde também morava a Maria Alice) a ser pago em vários anos. Ao voltar para o Brasil, conseguimos vender o apartamento, recebendo apenas a parte que já havíamos pago. Esse dinheiro serviu como entrada na compra da casa que adquirimos em Campinas.

Aqui chegando, apresentei-me ao Professor Zeferino. Depois de seriamente entrevistado, (pelo Rogério e o Porchat), fui contratado como professor da Faculdade de Educação.

Meu período de adaptação foi bastante delicado porque, por um lado eu ainda estava inseguro em relação a meu passado, e por outro, não confiava plenamente no Zeferino e sua equipe, uma vez que ele vinha diretamente de Brasília, onde, com o apoio dos militares, tinha sido reitor da UNB (depois do Darcy Ribeiro e frei Mateus Rocha).

Significativamente, o recepcionista da reitoria era um militar que, num dado momento, não deixou de me provocar falando de “falsidade ideológica”!

De volta ao Brasil, nossa primeira residência foi na chácara do dr. Hélio Bicudo, cujo filho tinha sido nosso colega no Canada. Ficamos com eles enquanto procurávamos uma casa para comprar nas imediações da Unicamp. Vimos várias, mas tivemos a sorte de encontrar a melhor, porque um colega da Unicamp

desistiu de comprá-la diretamente da Construtora Adalpra.

A Adalpra era uma construtora de propriedade de Ademar de Almeida Prada, proprietário da fazenda Rio das Pedras. Ele doou ao Dr. Zeferino Vaz o terreno em que seria construída a Unicamp – e loteou em volta, construindo vinte casas, para abrigar os professores, de tal sorte que o próprio bairro recebeu o nome de Cidade Universitária, e deveria servir principalmente de moradia dos professores. Nossa casa é a de número 18 do loteamento.

Com o montante obtido na venda de nossa casa no Canadá e o financiamento do BNH, comprei a casa em que moro até hoje, à rua Paulo de Camargo Ferraz 296. De início, a casa e um lote. Posteriormente consegui comprar mais um lote, e não muito tempo depois mais um. Fiquei com uma casa e três lotes, a quatro quadras da Unicamp.

De início Sonia também foi contratada na Faculdade Educação, mas em seguida, em razão de seu currículo, passou para a Faculdade de Medicina.

Trabalhei bastante como membro do Departamento de Filosofia da Educação tendo como colega o próprio Aquiles. Em minha disciplina, no Departamento, fiz uma tentativa de elaborar uma fenomenologia da educação com base em meus estudos sobre

Merleau-Ponty. Posteriormente apresentei uma tese de livre docência sintetizando meus conhecimentos. O título da tese foi *EDUCAÇÃO E SER-NO-MUNDO, um projeto de fenomenologia da educação (1978)* (Participaram da banca Rubem Alves, Oswaldo Porchat, Marilena Chauí, Carlos Guilherme Motta, e uma professora de Belo Horizonte. Entre os que assistiram, tive a honra de contar com a presença de Antonio Cândido, na época professor no Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP).

Quando fui promovido ao cargo de Diretor da Faculdade de Educação, o Prof. Zeferino me lançou um belo desafio nos seguintes termos: será que a Faculdade de Educação pode alcançar o mesmo nível científico que o Instituto de Física, por exemplo? Isto porque, também em relação ao Instituto de Física a pergunta tinha sido: qual o melhor físico brasileiro no momento. É Cesar Lattes! Onde está? Nos Estados Unidos! Pois então mandem buscá-lo. E ele veio.

Será que a Faculdade de Educação pode alcançar o mesmo nível do Instituto de Física? E perguntávamos qual o melhor educador brasileiro no momento. É Paulo Freire! Onde ele está? Na Europa. Pois então mandemos buscá-lo. Convidamos e ele veio.

Neste mesmo clima redigi um documento apresentando uma espécie de projeto maior para a faculdade de educação. O título era:

CRISE CULTURAL E SUBDESENVOLVIMENTO BRASILEIRO. Foi publicado pela Papyrus Editora, e colocado à disposição do Reitor e dos outros Diretores.

Igualmente, Paulo Freire veio trabalhar na Faculdade de Educação, mas não foi recebido, nos altos escalões, da maneira como merecia. É verdade que houve de sua parte uma infeliz tentativa de candidatar-se à reitoria. Infeliz e ingênua, porque sua competência não era na área administrativa institucional, e sim na área da educação e da cultura popular. Um conflito evidente manifestou-se nessa ocasião: será que a Unicamp estava disposta a investir na cultura popular? Investir no povo... ou nos cientistas? Na cultura popular, ou na cultura acadêmica? A dialética inevitável acabou se pronunciando a favor da ciência. Paulo Freire foi embora ... sentindo-se mais ou menos dispensado.

Em 1978 Sonia ficou grávida e oportunamente deu à luz a nosso filho André.

Ele nasceu no dia 6 de janeiro, como presente dos Reis Magos. E foi batizado na igreja dos dominicanos, à rua Caiubi, em São Paulo. Foram seus padrinhos Adélia e Willy, nossos amigos queridos, que também foram testemunhas de nosso casamento, lá em Louvain.

Morando em Campinas, durante as férias conservamos o costume de fazer longas viagens. Três delas, mais significativas, foram muito importantes para a “expansão de nosso universo mental”: visitamos o mar Mediterrâneo, o Polo Norte na Noruega, e Machu Picchu no Peru.

A primeira viagem foi um cruzeiro pelo Mediterrâneo, berço da civilização ocidental cristã. De navio, visitamos Alexandria no Egito e pudemos não só recordar a importância da Biblioteca de Alexandria como visitar as Pirâmides, inegáveis monumentos de uma cultura surpreendente.

Em seguida zarpamos para Israel, em cujo porto não pudemos atracar, porque na época havia risco de algum tumulto de ordem político-militar. E continuamos para Éfeso, na Turquia, onde além do anfiteatro dedicado a Diana dos Efésios, visitamos o túmulo de São João Evangelista, e a casa onde, segundo a tradição, teria vivido Nossa Senhora. E na Capadócia, vivemos a aventura de um passeio de balão, por sobre as montanhas em cujas grutas os cristãos construíram verdadeiras obras de arte religiosa.

Da Turquia para a Grécia, onde, além de Atenas, visitamos outras cidades com monumentos significativos da grande influência que os gregos exerceram sobre as outras nações.

Em seguida, a Itália, de onde o Império Romano se expandiu por quase toda a Europa.

A segunda viagem importante, também de navio, foi de Antuérpia até ao norte da Noruega, onde pudemos chegar ao Polo Norte, e assistir da cabine do navio, o espetáculo da aurora boreal.

A terceira viagem foi a Machu Picchu, onde pudemos ter uma amostra do desenvolvimento das culturas locais, antes de serem atacadas pelos colonizadores europeus.

Em todo caso, de volta à Unicamp, pudemos não só relativizar o desenvolvimento cultural da modernidade, como despertar em nossos alunos maior respeito para com a história de outras culturas. Como me disse um professor da Universidade do México: “Astecas, Incas e Maias, somos pré-colombianos. E a colonização europeia nem sempre foi um progresso para nós”.

A expansão do universo mental tem também uma dimensão arqueológica não desprezível. E esta foi uma de minhas preocupações como Diretor da Faculdade de Educação. Não por acaso escrevi um texto sobre a “Crise cultural e subdesenvolvimento brasileiro”.

E esta não deixou de ser uma etapa preparatória de minha passagem para a psicanálise.

CAPÍTULO DÉCIMO *COM A PSICANÁLISE, DE 85 ATÉ HOJE*

Fiquei na Unicamp até me aposentar por tempo de serviço em 1985.

Ao me aposentar, tomei uma decisão importante, coerente com meu percurso anterior: sem parar de trabalhar, passaria da filosofia para a psicanálise. E comecei minha formação na Sociedade de Psicanálise em São Paulo, à qual pertenço como membro efetivo, até os dias de hoje. Há, portanto, 33 anos.

Aliás, Sônia começou antes de mim, e muitas vezes fui levá-la de carro até à rua Sergipe. E fiquei conhecendo alguns psicanalistas de lá, a tal ponto que acabei sendo convidado a dar aulas de filosofia, para um grupo de pessoas que se reuniam no consultório da Cecília Andreucci... filha de Dona Judith Teixeira de Carvalho Andreucci.

Providencialmente, Cecília ajudou-me nessa passagem da filosofia para a psicanálise. O convite dela foi mais ou menos assim: “A Sociedade de Psicanálise precisa de um filósofo como você. Por que não vem pra cá, agora que se aposentou?”

E eu fui. Uma vez aceito como candidato no Instituto de Psicanálise, comecei análise didática com dona Judith.

Minha formação psicanalítica aconteceu em várias etapas mais ou menos significativas, de acordo com o programa do Instituto, à época, levando em conta minha própria história. O primeiro momento, naturalmente, foi com o estudo de Freud. O segundo com Lacan. O terceiro com Melanie Klein. O quarto com Bion.

As referências maiores no início de minha formação eram Freud e Lacan. Freud, lido, na época, com a ajuda de Paul-Ricoeur: “De l’interprétation, essai sur Freud”. Por outro lado, Lacan era amigo pessoal de meu orientador de tese, o Prof. De Waelhens. Por último André Green, depois de Deleuze-Guattari e Jacques Derrida.

O que estou querendo sublinhar é o fato de minha formação filosófica ter-me preparado especialmente para ler Freud... e Lacan.

Minha tese de filosofia em Louvain foi sobre a fenomenologia de Merleau-Ponty. No entanto, com a guerra de 39-45 a fenomenologia na França foi cedendo lugar ao existencialismo histórico, de tal sorte que a própria história da filosofia convidou-nos a ler Freud em “Mal-estar na civilização”.

Coerentemente, li também “Psicopatologia da Vida Cotidiana”. Dessa forma, fui percebendo a continuidade existente entre o

inconsciente coletivo e o inconsciente individual.

Mais ainda, pude perceber quase como evidente a relação estabelecida por Freud entre o ID e a natureza, o SUPEREGO e a cultura. Isso mesmo servindo de introdução às duas tópicas: Inconsciente, Pré-consciente, Consciente, por um lado; Id, Ego, Superego, por outro. E como já tinha estudado Lacan, não hesitei em falar de uma terceira tópica, com a distinção entre o Real, o Imaginário, o Simbólico.

Em qualquer hipótese, porém, reconheci facilmente como a grande intuição de Freud era mesmo a respeito da existência do Inconsciente. E com Jacques Derrida reconheci também que a filosofia depois da psicanálise não seria mais a mesma.

Entretanto, na Sociedade de Psicanálise de São Paulo, o nome mais importante veio a ser o de Melanie Klein, como uma espécie de “seio bom” maternal, para todos os psicanalistas de São Paulo.

A própria Dona Judith era uma kleiniana aberta. Vou contar um pequeno detalhe, bem significativo de seu bom humor. Numa das sessões em que estava com meu Ego bastante inflado... eu disse a ela: “Dona Judith, eu fiz uma tese de doutorado em teologia sobre Tomás de Aquino”. Ela sorriu e disse: “Eu prefiro Santo Agostinho”.

Na hora, achei uma ingenuidade da parte dela. Mas depois, com a ajuda da própria análise, fui entendendo. Era um pouco a mesma crítica que André Green fazia a Lacan: Cadê a vida do discurso? Dona Judith me dizia: Tomás de Aquino é muito racional, “aristotélico-tomista”! Santo Agostinho é mais humano, com mais afeto e sentimento.

Eu quase diria que minha análise (didática) com dona Judith foi uma experiência de passagem do racional para o emocional, de maneira serena e profunda. A tal ponto que pude lidar também com minha experiência religiosa de maneira mais tranquila, equilibrando a teologia científica de Santo Tomás, com a teologia mística de Santo Agostinho e Mestre Eckhart. Antecipadamente, isso preparou meu encontro com Bion e os místicos hindus.

Dona Judith ajudou-me a analisar minha personalidade com suas características marcantes desde o início da vida. Eram duas sessões na segunda feira e duas na terça. Com sua ajuda e a dos professores do Instituto tornei-me kleiniano, analisando minha infância e as marcas que deixou para o resto da vida. Especialmente fiquei muito impressionado com a possibilidade de memórias fetais.

Mas como era de se esperar, a própria Melanie Klein encaminhou-me para Bion. Ele se analisou com ela, mas não deixou de ir

além dela, com características que a mim me tocaram mais de perto.

Dentro mesmo da Sociedade, começaram a ficar mais claras as várias tendências, nos vários professores. E quem me ajudou muito foi o Antonio Sapienza. Uma bela cabeça, com quem fiz dois seminários sobre Bion. Depois de algumas reuniões, eu lhe disse: “Não estou entendendo nada”. Sorrindo ele me disse: “Se continuar você vai entender”. Foi o que aconteceu: continuei, confiante, e acabei reconhecendo a riqueza do pensamento de Bion.

A tal ponto que aceitei também o desafio de estudar um pouco mais a sua história. Por exemplo: na Escola Inglesa, ele fez parte do que se chamou o “Middle Group” ou “grupo do meio”. Freud emigrou para a Inglaterra com sua filha Ana Freud. Ela, representando o pai, considerava-se sua herdeira intelectual. Do outro lado, Melanie Klein e seus seguidores reivindicavam a herança freudiana. Dois grupos: Ana Freud de um lado... Melanie Klein de outro.

No entanto Bion e Winnicott ficaram no meio (no Middle Group): nem uma coisa nem outra. “Nós queremos ser nós mesmos”. A Escola Inglesa deve muito a Freud e Melanie Klein, mas também a Bion e Winnicott.

Neste contexto, passei a estudar Bion cada vez mais atentamente. E me formei. Como não estava mais na Unicamp, mas ainda era professor, passei a dar cursos sobre a obra de Bion, tanto na Sociedade psicanalítica de São Paulo como no GEP de Campinas, onde fiz grandes amigos, entre colegas e alunos.

Desde o início, adotei uma técnica que se revelou extremamente útil para mim e meus alunos: eu gravava minhas aulas, transformava o texto falado em texto escrito, e publicava. Vejam a ordem dos livros publicados

- 1º - Bion e o futuro da psicanálise
 - 2º - A meta-psicanálise de Bion além dos modelos
 - 3º - Wilfred Bion, uma psicanálise do pensamento
 - 4º - Ser e não ser sob o vértice de O
 - 5º - A questão da verdade na interpretação psicanalítica
 - 6º - A clínica de Bion na teoria e na prática
 - 7º - Metodologia da escrita psicanalítica segundo Bion
- Etc., etc.

Cerca de vinte cursos! Durante vinte anos não parei de estudar Bion. E quanto mais estudo, mais coisas descubro e admiro.

Ainda agora, no ano que vem, vou oferecer em São Paulo um curso com o seguinte título: COM BION HOJE. É Bion ajudando-nos a relê-lo à luz dos problemas atuais. De certa forma, é como se aceitássemos o convite de Bion para relermos a Trilogia Fantástica no contexto atual. “O passado no presente”, “Memória do futuro” e “Aurora do Esquecimento”.

Qual a característica desses três volumes? Eu diria que é Bion aceitando o conselho de Fernando Pessoa a respeito do “Eu Profundo e os Outros Eus”.

Paradoxal e corajosamente, nós fazemos uma releitura de BION-hoje. Por outro lado, servimo-nos de Bion para analisar o inconsciente coletivo hoje, isto é: Bion-HOJE.

E, logo-logo, começam a aparecer novos aspectos, a ponto de reconhecermos semelhanças e diferenças entre Bion e o próprio Freud. Por exemplo: onde Freud falava de Ego, Bion fala de personalidade. Onde Freud falava de sexualidade, Bion fala de verdade... em contexto edípico.

Ao mesmo tempo fui podendo reconhecer os temas maiores, que permitem a compreensão dos outros. Três principalmente: personalidade, simbolização, comunhão (At-one-ment). O que é o eu profundo? O que chamamos de PERSONALIDADE. E quais os outros eus? O que chamamos de PERSONAGENS.

No caso de Bion, quais são esses diversos personagens? O primeiro é o SOMITO BION, (*somito* é o corpinho: o feto de alguns dias). Depois MYSELF, BION ADVOGADO, BION MÉDICO, BION SACERDOTE... Todos eles, personagens com os quais Bion se identifica mais ou menos...

Por fim o ESCRITOR-BION falando de si mesmo... na terceira pessoa. E é muito interessante, como exemplo para nós: ao escrevermos nossa autobiografia... nós fazemos a mesma coisa. Toda autobiografia acaba sendo também uma autoanálise, mais ou menos exitosa. E toda autoanálise acaba sendo também uma autobiografia.

Com todo o dinamismo de uma “vivência psíquica” em seus três aspectos: *soma*, *psique*, *pneuma*. Corpo, Mente, Espírito. E Bion tem a capacidade extraordinária de sempre ter presente a riqueza desses três aspectos, inclusive para falar dos diversos modos de percepção, de três em três:

1º. Sensorial, emocional, imaginário

2º. Conhecimento, razão, pensamento

3º. Ser, Agir, At-one-ment

É o que também o leva a distinguir três modelos epistemológicos:

1º Científico-filosófico

2º. Estético-artístico

3º. Místico-religioso

A respeito do modelo místico-religioso, os bionianos tomam muito cuidado para não entender “religioso” como sinônimo de prática religiosa das diversas instituições. Por isso, eu próprio sugeri que falássemos de um modelo ético-místico, ou místico espiritual.

Isto mesmo reconhecendo que Bion valoriza bastante sua experiência na Índia, onde nasceu, e de onde recebeu preciosas contribuições, citando frequentemente o Bhagavad Gita. Pessoalmente, acho mesmo que este pode ter sido um dos motivos pelos quais ele costuma citar também Mestre Eckhart. Em todo caso, ficou famoso seu convite a mudarmos de nível e de vértice, para percebermos o que não veríamos se ficássemos num nível muito baixo. Em termos mais claros: um convite a passarmos do somático para o psíquico e do psíquico para o espiritual-pneumático.

CONCLUSÃO

TESTAMENTO, TESTEMUNHO, ACABAMENTO

Aos noventa anos, sem nenhum constrangimento, estou pensando também em meu futuro: quantos anos pela frente?

Para responder, permito-me transcrever o texto que apresentei no Congresso de Fortaleza com a seguinte pergunta: é possível elaborar em vida o luto de minha própria morte?

*Bion convida-nos a pensar sobre a morte, de maneira original. Como assim? Para responder vou mostrar o núcleo de sua contribuição, distinguindo três aspectos mais importantes: o **Testamento**, o **Testemunho**, o **Acabamento**.*

*A palavra **testamento** vem acompanhada de um comentário sobre o **Memorial**. Digo isso sem esquecer que Bion nos adverte para não ficarmos com uma memória saturada: “sem memória, sem desejo, sem compreensão”. Por outro lado, ele reconhece que somos “herdeiros da humanidade que veio antes de nós”.*

E o próprio Freud, quando lhe perguntaram se havia vida

depois da morte, respondeu de maneira extremamente simples: “Nós morremos, mas a humanidade continua”. Sua resposta explícita é mais ou menos a seguinte: “A célula germinal é imortal. Os indivíduos morrem, mas a humanidade continua. A vida continua de geração em geração”.

Isso significa, do ponto de vista genético, que nós recebemos uma herança genética. Mas não só! E aqui eu quero valorizar, também do ponto de vista de Freud, o fato de ele ser judeu.

Dei em Campinas uma palestra sobre o “velho Freud”. Ele também viveu a “angústia de morte” e não encontrou um analista à altura para analisar sua angústia, e teve que fazer uma “autoanálise”.

*O próprio Freud viveu nosso assunto e escreveu quatro textos maiores, em que trata da mesma questão. O primeiro foi *Mal Estar na Civilização*”, o segundo *Totem e Tabu*”, o terceiro *O Futuro de uma Ilusão*”, o quarto *Moisés e o monoteísmo*”.*

*O que isso significa? Significa que Freud fez também uma avaliação do **TESTAMENTO** que recebeu!*

Vocês perceberam o que quis dizer? Na Bíblia, há dois conjuntos históricos: o primeiro chama-se Antigo Testamento, o segundo Novo Testamento.

Eu diria que a ideia de “testamento” está profundamente presente na angústia de Freud... E sua catarse, pelo menos em parte, consistiu em recorrer à teoria darwiniana da Evolução ... de forma a poder dizer que a vida continua apesar de tudo.

Testamento! Tenho pelo menos três pacientes que estão fazendo seu testamento. Qual o sinal de uma boa preparação para a morte? Fazer o testamento. E a pergunta passa a ser exatamente esta: o que vou deixar para meus filhos? Não só para os filhos, mas para onetos... amigos ... alunos...colegas!

Isso é muito importante também do ponto de vista cultural. E indo um pouco mais longe... um dos grandes valores que posso deixar como testamento é “A VIDA QUE VIVI” na forma do **testemunho**.

Se o primeiro aspecto é o testamento, o segundo é o **testemunho** da vida que vivi. E com quase todos os meus pacientes, mais cedo ou mais tarde, surge a pergunta: “Você já está escrevendo sua autobiografia?”

Um exemplo que provavelmente vocês conhecem é o de Pablo Neruda. Ele escreveu um livro precioso com o título: “Confesso que vivi”. O que podemos dizer aos que ficam? “Confesso que vivi!”

E assim aparece também a questão da qualidade do texto, em função da qualidade de vida. E já que usei a expressão “confesso que vivi”, o próprio Bion cita outro grande autor, Santo Agostinho e suas **Confissões**. Confissão, não no sentido sacramental, mas no mesmo sentido de Pablo Neruda: “confesso que vivi”.

E eu quase perguntaria: qual o núcleo central de um testamento? O testemunho da vida!

O terceiro elemento nessa elaboração do luto em vida, na linguagem de Bion, é o que ele chama de **ACABAMENTO**, ou “Language of achievement”.

Fiquei muito contente quando reencontrei essa expressão em Bion: “Linguagem de acabamento” ... como Linguagem final, levando em conta o percurso anterior.

E qual a melhor imagem para o acabamento? A imagem do artista, especialmente na pintura. Antes de expor seu quadro, o pintor dá um acabamento final. E sempre que

toco neste assunto, gosto de contar que tive um amigo pintor que se chamava Emeric Marcier. Ele morava perto de Barbacena. Eu passava na casa dele, e ele estava com as mãos sujas de tinta, pintando. Olhava para mim e dizia: Rezende, deixa eu dar um acabamento aqui...

Pois bem, assim como o artista dá acabamento à sua obra antes de expô-la, Bion também nos sugere uma “linguagem de acabamento” (language of achievement) em contexto psicanalítico.

E quais seriam os “elementos” de semelhante acabamento? O primeiro é “learning from experience”. O que se espera de uma pessoa no fim da vida? Que tenha aprendido a viver ... com a experiência de vida. E a este aprendizado do sentido da vida... ao longo da vida, nós damos o nome de “sabedoria”.

E aqui vem Bion, extremamente lúcido, advertindo-nos que “o verdadeiro sábio sabe que não sabe”. Por isso, não devemos confundir o “sábio” e o “sabichão”, como dizia minha avó. Uma coisa é o sábio, outra o sabichão. O sabichão é aquele que acha que sabe tudo ... mas de fato sabe muito pouco. O verdadeiro sábio “sabe que não sabe e por quê não sabe”. Como tal, tendo aprendido com a experiência da vida, é também capaz de transmitir aos

*outros o que aprendeu. A primeira manifestação de acabamento é a **sabedoria**.*

*A segunda é a **verdade**. Já disse que uma das diferenças entre Freud e Bion é que “onde Freud insistia na sexualidade (a propósito do Édipo), Bion insiste na verdade”. A tal ponto que o grande equívoco de Édipo pode ser considerado um “erro de pessoa”, no sentido jurídico do termo. Ele não sabia quem era e de quem era filho. Neste sentido, há mais um livro meu com o título: “A questão da verdade na investigação psicanalítica”.*

Ora, segundo Bion, depois de Melanie Klein, a verdade “é uma experiência emocional compartilhada”. Nós damos testemunho a respeito do que aprendemos, ao longo da vida, a propósito da “experiência emocional compartilhada”.

*E aqui aparece uma linda definição da verdade como “concordia, concordância ou reconhecimento”. A palavra concordia significa que “os corações estão de acordo”. (**Cor** em latim significa coração). E passamos a ter uma nova definição da sabedoria como **concordância** entre pessoas experientes!*

*E assim aparece a terceira experiência como **Gratidão**.*

A própria verdade como reconhecimento se faz gratidão. Uma gratidão que nos torna reconhecidos uns aos outros. (A esse propósito, gosto de citar Paul Ricoeur e o que escreveu sobre o “Percurso do Reconhecimento”). Um reconhecimento que não é apenas acolhimento, mas retribuição generosa.

E assim aparece um desdobramento ainda maior, com a pergunta: retribuição a quem? Principalmente aos amigos, em nome da amizade.

E, desse ponto de vista, encontramos uma espécie de consonância na história da cultura, tanto da cultura ocidental cristã como da cultura oriental asiática. “Não há maior prova de amor do que dar a vida por aqueles que a gente ama”.

Só que, numa leitura psicanalítica, não se trata de morrer por aqueles que a gente ama, mas de “dar vida” àqueles que amamos. Ou melhor: “dar-se em vida àqueles que a gente ama”. Quanto mais amor, mais generosidade.

Sabedoria, verdade, gratidão, amizade ... e por último a paz.

Tendo feito assim durante a vida, no fim a pessoa fica

tranquila. Não é que elimine o sofrimento, mas fica em paz, com a consciência de ter feito o que devia ser feito.

E aí vem uma expressão típica do dia de Finados, na liturgia da morte, com as seguintes palavras: REQUIESCAT IN PACE, em português Descanse em Paz.

Uma paz que é também plenitude de vida, na consciência de que o bem faz bem, e a vida merece ser vivida.

É o que desejo a todos os meus eventuais leitores!

PERSPECTIVAS PARA O FUTURO

Só me resta dizer uma palavrinha sobre meus próximos projetos. Minha intenção é dar um curso em São Paulo, com o título **COM BION HOJE**, atualizando o tema de um volume publicado em Portugal no ano de 1998, de autoria de Carlos Amaral Dias, Antonio Muniz de Rezende, e David Zimerman, por ocasião do *I Seminário Internacional* sobre a obra de W.R.Bion, organizado pelo Centro de Psicologia Clínica e Psicoterapias de Lisboa.

Ao retomar o mesmo tema agora, num curso a ser oferecido este ano em São Paulo, minha intenção é mostrar a modificação que ambas as palavras sofreram ao longo dos últimos anos.

Nem minha leitura de Bion é a mesma de trinta anos atrás, nem a leitura dos acontecimentos atuais pode ser a mesma, à luz de um Bion atualizado. Ousadamente, minha proposta é perguntar como **Bion**-Hoje analisaria a sociedade **HOJE**. Nem Bion é o mesmo, nem a sociedade é a mesma. Mais ainda: nem eu sou o mesmo **hoje!**

Outro projeto é parecido com este, em circunstâncias mais tranquilas e provavelmente mais familiares. Estou pretendendo ministrar na Faculdade de Educação da Unicamp, um curso sobre **Psicanálise e Educação**, oferecido aos atuais e futuros professores, levando em conta a preocupação que têm com uma educação integral.

Como ex-diretor da Faculdade de Educação, tive a oportunidade de participar, recentemente, de um debate sobre esse assunto e fiquei impressionado com a quantidade de problemas comuns à educação e à psicanálise bioniana, a começar pelo desafio de uma *educação integral* da *personalidade integral* (conotando os elementos de psicanálise, a relação continente-contido, a relação Posição Esquizo-Paranóide e a Posição Depressiva).

Por último, as circunstâncias estão me encaminhando espontaneamente para um atendimento cada vez mais diversificado em meu consultório, com ênfase em pacientes adultos, idosos. Talvez seja uma maneira de valorizar não só o aprendido com a experiência, ao longo da vida, mas uma oportunidade de vivenciar com os pacientes o desafio da “elaboração, em vida, pelo luto de nossa própria vida”.

E como cristão, não deixo de rezar com mais frequência:

In manus tuas Domine commendo spiritum meum!

Nota complementar: Países por onde andei (**por esse mundo afora**): Brasil, Argentina, Paraguai, Chile, Peru, Equador, Venezuela, México, Porto Rico, Guiana Francesa, Estados Unidos, Canada, França, Inglaterra, Noruega, Holanda, Bélgica, Alemanha, Áustria, Itália, Espanha, Portugal, Grécia, Turquia, Israel, Egito...Dakar, Casablanca!

Clique <aqui> para voltar à Entrevista com o Prof. Rezende

AUTORES

6

ADRIANA VARANI

Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Estadual de Campinas (1995), mestrado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (1998), doutorado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (2005) e estágio realizado durante o doutorado na Universidade de Barcelona (2002). Atua como professora na Universidade Estadual de Campinas. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Formação de professores e práticas pedagógicas, atuando principalmente nos seguintes temas: formação de professores, trabalho coletivo, cotidiano escolar, práticas pedagógicas dos anos iniciais e avaliação da aprendizagem.

ÁGUEDA BERNARDETE BITENCOURT

Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Federal do Paraná (1973), mestrado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (1982) e doutorado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (1991). Professora associada da Universidade Estadual de Campinas. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em História da Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: cultura, política, escolarização, pesquisa, educação, cultura e política, América Latina, cultura, política, arte, circulação internacional e congregações católicas.

ANDRÉ LUIZ PAULILO

Professor de História da Educação no Departamento de Filosofia e História da Educação da Faculdade de Educação da UNICAMP. Graduado em História pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, possui mestrado e doutorado em Educação por esta mesma universidade. Foi educador do Museu de Arqueologia e Etnologia e pesquisador no Instituto de Estudos Brasileiros, também na USP. Na UNICAMP coordenou o Centro de Memória da Educação entre 2012 e 2016 e atuou como editor associado na Revista Pró-Posições (2015-2021). Atualmente, é coordenador do Centro de Memória-Unicamp. Entre 2013 e 2017 foi editor associado da Revista Brasileira de História da Educação. Tem experiência na área da Educação, com ênfase em História da Educação, estudando a história das políticas públicas de educação, a cultura escolar contemporânea e o patrimônio educativo. É autor dos livros “Políticas Públicas de Educação - a estratégia como invenção: Rio de Janeiro, 1922-1935” e “Escola Nova - políticas de reconstrução: a educação no Rio de Janeiro e em São Paulo (1927-1938)”.

ANTÔNIO MUNIZ DE REZENDE (1928 – 2023)

Doutor em Filosofia pela Universidade Católica de Louvain, na Bélgica (1946 – 1948) e doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade São Tomás de Aquino, em Roma. Era poliglota (português, francês, alemão) e intermediava as línguas: inglesa, espanhola e italiana. Professor da PUC em Belo Horizonte (1954). Em seguida, diretor da Escola Apostólica Dominicana e professor da Escola de Serviço Social em Juiz de Fora. Diretor da Faculdade de Educação da Unicamp (1976–1980); professor titular (1974) e aposentado (1985) da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Psicanalista, membro efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP), (a partir de 1985). Faleceu em 14 de maio de 2023.

ARNALDO PINTO JUNIOR

Minha educação escolar foi realizada em uma instituição pública (Escola Municipal de 1º e 2º Graus Dr. Achilles de Almeida), na qual concluí o Ensino Primário, o Ginásio e o Curso Técnico em Contabilidade. Cursei a Graduação na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), obtendo os títulos de Bacharel e Licenciado em História no ano de 1990. Pela mesma universidade, desenvolvi pesquisas junto ao programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação (FE), finalizando o Mestrado em 2003 e o Doutorado em 2010. Professor do Ensino Fundamental e Médio desde o início da década de 1990, também acumulei experiências docentes em Cursos de Formação Continuada, Especialização Lato-Sensu e Graduação. A partir do ano de 2010 comecei a trabalhar em regime de dedicação exclusiva no Ensino Superior, após aprovação em concurso na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). No mês de fevereiro de 2016 assumiu o cargo de professor na Faculdade de Educação da Unicamp, onde atuo na formação docente no curso de Pedagogia e demais curso de licenciatura atendidos pela unidade. No âmbito da gestão, coordenei o Centro de Memória da Educação entre os anos de 2018 e 2021 e atualmente sou coordenador do Espaço de Apoio ao Ensino e Aprendizagem [ea]² da PRG Unicamp. Na área da pesquisa acadêmica, desenvolvo estudos nos campos do ensino de História e história da educação, sobretudo discutindo questões relativas ao livro didático, currículo, memória, práticas culturais, sentidos e sensibilidades.

DÉBORA MAZZA

Possui pós-doutorado em Sociologia pelo Laboratoire Genre, Travail e Mobilité (GTM) - Centre de Recherche Sociologiques et Politiques (CRESPPA), (2011) e pelo Centre de Recherche sur le Brésil Contemporain (CRBC), Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales (EHESS), (2003), ambos em Paris-França. Realizou missão de trabalho em mobilidade internacional na Universidade Jean Piaget, em Praia, Cabo Verde- África (2015). Coordenada o Acordo de Cooperação Internacional entre UNICAMP e a Universidade Trás os Montes e Alto Douro (UTAD), Vila Real - Portugal (desde 2019). Possui Doutorado em Ciências Sociais pelo Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH), em (1997). Mestrado em Ciências Sociais, (1989) e Graduação em Pedagogia, Faculdade de Educação, (1984) - todos na UNICAMP. Foi do membro Diretoria do CEDES (2009 a 2015), Coordenadora do GT-14 Sociologia e Educação da ANPED (2013 a 2015), Diretora Associada da FE/UNICAMP (2016 a 2020) e é Professora Associada do Departamento de Ciências Sociais (DECISE), FE/UNICAMP. Participa do Programa de Pós-graduação em Educação, da Linha Educação e Ciências Sociais e do Grupo de Estudos e Pesquisas em Políticas, Educação e Sociedade (GPPES). É pesquisadora PQ CNPq e tem experiência na área de Sociologia e Educação, atuando principalmente nos temas: Educação e Escolarização, Florestan Fernandes, Paulo Freire e Estado e Políticas Públicas. Orcid <https://orcid.org/0000-0002-8968-4597>

DIRCE DJANIRA PACHECO E ZAN

Possui graduação em Pedagogia (1991), mestrado (1996) e doutorado (2005) em Educação pela Universidade Estadual de Campinas. Atualmente é docente do Departamento de Ciências Sociais na Educação (DECISE) da Faculdade de Educação/Unicamp. Foi diretora da FE/Unicamp no período de maio/2016 a maio/2020 e presidente do FORUMDIR (Fórum Nacional de Diretores de Faculdades, Centros de Educação ou Equivalentes das Universidades Públicas Brasileiras). Foi coordenadora de graduação (pedagogia e licenciaturas) na Unicamp e membro da diretoria do CEDES. É pesquisadora vinculada ao Grupo de Pesquisa em Políticas Públicas, Educação e Sociedade (GPPES) da FE e bolsista Produtividade-CNPq. É membro do GT Movimentos Sociais, Sujeitos e Processos da Anped, do GT Sociologia da Juventude (Sociedade Brasileira de Sociologia) e integra a Rede Brasileira de Mulheres Cientistas (<https://mulherescientistas.org/>). Desenvolve e orienta pesquisas na área de Educação focadas nas relações entre ensino médio, juventude e cultura.

EZEQUIEL TEODORO DA SILVA

Possui graduação em Língua e Literatura Inglesa pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1971), Mestrado em Educação-Leitura pela Universidade de Miami (1973) e Doutorado em Educação (Psicologia da Educação) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1979). Livre Docência em Metodologia de Ensino pela Faculdade de Educação da Unicamp (1994). Atua como professor visitante junto ao Grupo de Pesquisa ALLE-AULA (Alfabetização, Leitura e Escrita, Trabalho Docente e Formação Inicial), da Faculdade de Educação, Unicamp. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Pedagogia, Psicologia e Didática, trabalhando principalmente com os seguintes temas: leitura, formação do professor, biblioteca escolar e leitura na internet. Coordena os trabalhos da Editora Leitura Crítica, com vários títulos já editados. Mais recentemente inaugurou o site Ezequiel Oficial - <https://ezequieloficial.com.br/> no qual vem inserindo boa parte da sua obra e promovendo a formação continuada e a atualização de professores para o ensino da leitura.

INÊS FERREIRA SOUZA BRAGANÇA

Professora da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e professora colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Educação, Processos Formativos e Desigualdades Sociais da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FFP/UERJ). Pós-doutora pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), doutora em Ciências da Educação pela Universidade de Évora - Portugal e mestre em Educação e Pedagogia pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Atualmente é Coordenadora do Centro de Memória da Educação da FE/UNICAMP e Vice-Presidente da Associação Brasileira de Pesquisas (Auto)biográficas (BIOGRAPH). Coordena o Grupo Interinstitucional de Formação em Pesquisa Polifônica (<https://grupopolifonia.wordpress.com>), vinculado ao Grupo de Estudos e Pesquisas em Formação Continuada (GEPEC/UNICAMP) e ao Centro de Pesquisa e Extensão Vozes da Educação (FFP/UERJ). As suas obras tematizam a formação docente, nas suas políticas e práticas, e a abordagem da narrativa (auto)biográfica como forma de viver, pesquisar e formar na partilha. É autora do livro *Histórias de Vida e Formação de Professores: Diálogos entre Brasil e Portugal* (<https://doi.org/10.7476/9788575114698>) e de várias produções bibliográficas na área.

LILIAN LOPES MARTIN DA SILVA

Possui graduação em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (1977), mestrado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (1981) e doutorado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (1994). Atualmente é professora colaboradora (MS -5) da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, junto ao Grupo de Pesquisa? Alfabetização, leitura, escrita e trabalho docente na formação inicial? (ALLE/AULA). Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: educação, leitura, formação de professores e ensino de português.

MARIA ALICE GIANNONI

Graduada em Biblioteconomia e Documentação pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas – PUCC, (1979) e Especialista em Organização de Arquivos pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP e Universidade de São Paulo – USP (2001). Já atuou na Biblioteca do Centro de Memória da Unicamp CMU (1992 a 1997), dando ênfase na área de Catalogação Bibliográfica e Hemeroteca de João Falchi Trinca. Trabalhou na Biblioteca Prof. Joel Martins da Faculdade de Educação da Unicamp, nos setores de Referência e Processamento Técnico de Periódicos (1997 a 2000). Atuou também no Arquivo Setorial da Faculdade de Educação – ASFE (2001 a 2018), cujas atividades se deram mediante a gestão documental da produção e recebimento de documentos dos diversos setores da FE. Desde (2019), trabalha no Centro de Memória de Educação da Faculdade de Educação da Unicamp – CME/FE, Campinas/SP, na organização de seu acervo documental.

MARIA DO CARMO MARTINS

Possui graduação em História pela Universidade Estadual de Campinas (1986), mestrado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (1996) e doutorado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (2000), pós-doutorado pela University of Brighton - Reino Unido (2011) e pela Universidad del Valle, Colômbia (2018). É professora associada (livre-docente), colaboradora, da Universidade Estadual de Campinas - Unicamp. Foi coordenadora do Grupo de Pesquisa Memória, História e Educação até 2019, membro da “Red Educación, Cultura y Política en América Latina” (1999 -2013) e membro da “Red Educación, Gobierno y Instituciones en contextos diversos” (2010 -2018). Atualmente é membro do Grupo de Trabalho Permanente Autoritarismo y Educación e da Rede Iberoamericana de História da Educação em Ciências. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Currículos Específicos para Níveis e Tipos de Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: história da educação, história do currículo, formação de professores, história da escola e centro de memória da educação.

MARLI APARECIDA MARCONDES

Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Estadual Paulista UNESP; Mestre em Multimeios pelo Instituto de Artes UNICAMP. Especialista em conservação de documentos fotográficos sob orientação do CCPF-FUNARTE/RJ. Possui especialização em Análise e Perícia em Obra de Arte - Escola Templo da Arte, SP. Especialização em restauro de obras em gesso, barro, papel mâché e madeira pelo Museu de Arte Sacra de São Paulo. Especialização em restauro de tela pelo Istituto per l'arte e il restauro Palazzo Spinelli- Firenze - Itália, 2018. Especialização em restauro de pintura de cavalete pelo Museu de Arte Sacra- MAS- SP, em 2019. Foi professora da Universidade de Franca UNIFRAN (1996), Universidade Paulista UNIP (2002-2004) e PUC-Campinas (2003-2005). Responsável pela área de pesquisa História da Fotografia do Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre Etnicidade, Racismo e Discriminação LEER-USP, coordenado pelo Prof. Dr. Boris Kossoy. Coordenou o Laboratório de Conservação de Fotografias do Centro de Memória-Unicamp entre 1997 e 2015. Coordenou o Laboratório de Conservação e Restauro LCR do Centro de Memória-Unicamp entre 2015 e 2019. Atualmente é Diretora e Conservadora da Pinacoteca do Centro de Ciências Letras e Artes - CCLA-Campinas-SP.

RENÊ JOSE TRENTIN SILVEIRA

Possui Licenciatura em Pedagogia pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Moji Mirim (1983) e Licenciatura em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (1984). Em 1991 obteve o título de Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (1991), com a dissertação Ensino de filosofia no segundo grau: em busca de um sentido. Doutorou-se em Educação, em 1998, também pela Universidade Estadual de Campinas (1998), com a tese: A filosofia vai à escola: estudo do Programa de Filosofia para Crianças de Matthew Lipman. Realizou estágio de pós-doutoramento junto à Fondazione Istituto Gramsci, de Roma (nov./2009 a fev./2010) e junto à Università degli Studi di Torino, em Turim (nov./2011 a fev./2012). Foi professor de Filosofia do ensino médio na rede pública de São Paulo, de 1984 a 1989. Em 1989 ingressou como Professor no Departamento de Educação da Faculdade de Ciências e Tecnologia da UNESP, campus de Presidente Prudente/SP. Em 1997 tornou-se docente do Departamento de Filosofia e História da Educação, da Faculdade de Educação da UNICAMP. Atualmente é Professor Livre-Docente desse mesmo departamento. Participa do grupo de pesquisa SENSO, do Programa de Pós-Graduação em Educação da FE/UNICAMP, atuando nas linhas de pesquisa Pensamento filosófico e educação e Ensino de Filosofia. Principais áreas e temas de pesquisa: Antônio Gramsci, Ensino de Filosofia; História da Educação brasileira no período pós-1964; Filosofia e Educação. É Diretor da Faculdade de Educação da UNICAMP (gestão 2020-2024).

SÉRGIO APPARECIDO LORENZATO

Possui graduação em Matemática (licenciatura) pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Rio Claro (1965), mestrado em Educação pela Universidade de Brasília (1968); doutorado em Ciências Humanas pela Universidade Estadual de Campinas (1976), pós-doutorado em Educação Matemática pela Université Laval (Quebec/Canadá). Atualmente é professor colaborador da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação Matemática, atuando principalmente nos seguintes temas: educação matemática, metodologia do ensino da matemática, aprendizagem matemática, educação infantil e formação de professores de matemática.

SIMONE LUCAS GONÇALVES DE OLIVEIRA

Cursei Bacharelado em Biblioteconomia e Mestrado em Ciência da Informação na PUC-Campinas e atuei como docente universitária na mesma instituição. Atualmente, curso o doutorado em Educação e coordeno a Biblioteca da Faculdade de Educação da Unicamp.

SÔNIA APARECIDA FERRAZ DE CAMPOS

Graduada em Ciências Biológicas pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas - PUCC Campinas/SP, atuou na Universidade Estadual de Campinas em áreas técnicas e administrativas. Trabalhou também como secretária de departamento da Faculdade de Educação e no Arquivo Setorial da Faculdade de Educação ASFE (2004-2018). Nos últimos quatro anos exerceu a função de auxiliar de organização de arquivos no Centro de Memória da Educação FE/Unicamp (2019-2022). Aposentou-se em novembro de 2022.

No presente Boletim, podemos encontrar diversos textos, cujas temáticas evidenciam a história da Faculdade de Educação e a criação de seu Centro de Memória em suas mais diversas experiências e abordagens teóricas, predominantes na relação Memória, História e Educação, evidenciando alguns fatos e acontecimentos históricos da própria faculdade e a disposição peculiar e contemporânea das atividades desenvolvidas no acervo do Centro de Memória da Educação - CME/FE da Unicamp.

Maria Alice Giannoni